



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



GEAM KARLO GOMES

***ASSUNÇÃO DE SALVIANO NA ANTINOMIA COMUNISMO-
CRISTIANISMO: A BUSCA DO PARAÍSO PERDIDO***

CAMPINA GRANDE - PB

2017

GEAM KARLO GOMES

***ASSUNÇÃO DE SALVIANO NA ANTINOMIA COMUNISMO-
CRISTIANISMO: A BUSCA DO PARAÍSO PERDIDO***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura e Hermenêutica, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de doutor.

Orientadora: Dra. Maria Goretti Ribeiro

CAMPINA GRANDE - PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633a Gomes, Geam Karlo.
Assunção de Salviano na antinomia comunismo-
cristianismo [manuscrito] : a busca do paraíso perdido / Geam
Karlo Gomes. - 2017.
192 p.

Digitado.
Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Goretti
Ribeiro, Departamento de Letras e Artes -
CEDUC."

1. Mitos . 2. Arquétipos. 3. Literatura.

21. ed. CDD 410.41

GEAM KARLO GOMES

**ASSUNÇÃO DE SALVIANO NA ANTINOMIA COMUNISMO-CRISTIANISMO: A
BUSCA DO PARAÍSO PERDIDO**

Aprovada em 17/03/2017

BANCA EXAMINADORA



1º MEMBRO

Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro – UEPB
Orientadora



2º MEMBRO

Profa. Dra. Enivalda Nunes Freitas e Souza – UFU
Examinadora



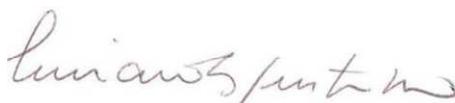
3º MEMBRO

Profa. Dra. Ana Maria Leal Cardoso – UFS
Examinadora



4º MEMBRO

Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães – UEPB
Examinador



5º MEMBRO

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino – UEPB
Examinador

A meu avô, Manuel Alexandre Sobrinho (IN MEMORIAN).

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pelos dons do Amor, da Sabedoria e da Fé – que me sondaram por várias formas de expressão.

A Goretti Ribeiro, pela partilha do saber, pelas indicações teóricas, pelos comentários críticos, apoio e incentivo, repercutindo não só na otimização desse trabalho quanto no meu crescimento intelectual.

Em especial, o agradecimento aos membros da Banca, os professores Enivalda Nunes Freitas e Souza, Ana Maria Leal Cardoso, Antônio Carlos de Melo Magalhães e Luciano Barbosa Justino.

A todos os professores do PPGLI, especialmente àqueles que, nos momentos de aulas e conversas, fluíram contribuições frutíferas: Antônio Carlos de Melo Magalhães, Luciano Barbosa Justino, Eli Brandão da Silva, Diógenes André Vieira Maciel, Rosângela Maria Soares de Queiroz, Sudha Swarnakar e Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega.

Ao professor Sebastien Joachim, como justa homenagem.

A secretária do PPGLI, Aldailza, pelas gentilezas.

Aos colegas do PPGLI, pelos momentos de partilha e disposição para ouvir as inquietações sobre o meu trabalho.

A Josemere Silva (Josy) e Davi Gouveia, pela paciente leitura e revisão textual.

A Capes, pela bolsa, fator decisivamente positivo para minha pesquisa.

A Bettjane Waléria, Rosângela Neves, Antônio Fernando e Sandoval Luna, pelo apoio.

A Gilvano Vasconcelos, pelas dicas de leitura e conversas produtivas.

A Tércio Garcia, porque ele sabe.

Aos meus pais, avós, irmãos e sobrinhos, de quem sinto o calor da ternura e do amparo.

*O antagonismo era inevitável. Era um derivativo à
exacerbação mística; uma variante forçada ao
delírio religioso.*

(Euclides da Cunha)

RESUMO

Esta tese versa compreender os efeitos da junção arquetípico-mitológica – constitutiva no imaginário comunista e no imaginário da Doutrina cristã – na busca pelo Paraíso Perdido, assim como se apresentam na trajetória das personagens da obra *Assunção de Salviano*, de Antônio Callado. Por meio de um enfoque multidisciplinar, entre as principais indicações: Mircea Eliade, Raoul Girardet, Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard, Northrop Frye, Gilbert Durand, Karl Marx e Friedrich Engels, além da imagística da Bíblia cristã, nota-se nessa trama um intenso antagonismo entre o ideário do Partido Comunista e a Doutrina cristã. No entanto, ambos estão sob a herança do sagrado, da nostalgia de um passado glorioso, do sonho de um futuro radiante e do apelo ao arquétipo do Redentor. Assim, no intento revolucionário comunista da personagem Salgado, sob o domínio do arquétipo da Sombra, surgem quatro grandes mitos políticos: a Unidade, a Idade de Ouro, o Complô Demoníaco e o Salvador; com ímpetos de eferescência onírica no papel “redentorístico” de Manuel Salviano. Do contato dessa personagem com as formas de expressão da Doutrina cristã e da imagética bíblica em seu papel de “taumaturgo”, percebe-se a influência dos arquétipos: o Redentor, o Profeta e o Arquétipo Cristão; resultando num processo de conversão cristã. Assim, a travessia das personagens se encontra permeada pela antinomia Comunismo/Cristianismo, Paraíso Terrestre/ Jerusalém Celeste, problematizada pela composição de um sistema de oposições: ateísmo/ devoção, materialismo/espiritualidade, indignação/resignação, revolucionário/taumaturgo, Inferno/Céu; que culmina com uma espécie de confronto final entre o Bem e o Mal, o Cristo e o Anticristo, forças antagônicas provenientes do mito do Conflito Apocalíptico presentes no embate ficcional entre Salviano e Salgado. A partir dessa leitura mítico-arquetípica, desvenda-se um efeito tipicamente evolutivo na personagem Salviano que denominamos *mimetismo arquetípico-mitológico*, resultando numa inversão valorativa dos opostos.

Palavras-chave: Literatura, Antônio Callado, Mitos, Arquétipos.

ABSTRACT

This thesis examines the effects of archetypal-mythological junction - constituting the imaginary communist and the imagery of Christian Doctrine - in the search for Paradise Lost, as presented in the trajectory of the characters of *the Assunção de Salviano* by Antonio Callado. In this way, through a multidisciplinary approach through the main indications: Mircea Eliade, Raoul Girardet, Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard, Northrop Frye, Gilbert Durand, Karl Marx and Friedrich Engels, in addition to the imagery of the Christian Bible, it is possible to notice there is this plot an intense antagonism between the ideology of the Communist Party and the Christian Doctrine. However, both are under the heritage of the sacred, the nostalgia of a glorious past, the dream of a bright future and appeal to the archetype of the Redeemer. Thus, the communist revolutionary intent of Salgado character under the shadow archetype motivates the emergence of four major political myths: Unity, the Golden Age, the Plot Demonic and Salvador with an effervescence oneiric impetus on Redemptory's role by Manuel Salviano. Through the contact with this character that presents some forms of expression based on Christian doctrine and biblical imagery in his role as "miracle worker". Also, it is possible to verify the influence of the following archetypes: the Redeemer, the Prophet and the Archetype Christian cooperating the way, to the Christian conversion process. Thus, the crossing of the characters is permeated by the antinomy Communism / Christianity, Earthly Paradise / Heavenly Jerusalem, that are problematized by the composition of a system of oppositions: atheism / devotion, materialism / spirituality, anger / resignation, revolutionary / miracle worker, Hell / Heaven all of these culminating in a kind of final confrontation between good and evil, Christ and Antichrist, antagonistic forces from the myth of Apocalyptic Conflict present in the fictional confrontation between Salviano and Salgado. Consequently, this mythical-archetypal reading reveals is a typical evolutionary effect on Salviano's character that we call *archetypal-mythological mimicry*, resulting in an evaluative reversal of opposites.

Keywords: Literature, Antonio Callado, Myths, Archetypes.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Introdução | 11 |
| Aproximações | 12 |
| | |
| Primeira Travessia | |
| A Antinomia Comunismo-Cristianismo e o Retorno dos Mitos | 23 |
| 1.1 O “Prelúdio” | 24 |
| 1.2 “Mil Alqueires no Céu”: o Ópio do Camponês | 27 |
| 1.3 A Sedução do Sagrado e a Sobrevivência dos Mitos | 36 |
| 1.4 A Nostalgia da Perfeição Paradisiaca | 44 |
| 1.5 “Chuvas de Pedra e Calíça”: a Escatologia Comunista e Judaico-cristã | 50 |
| | |
| Segunda Travessia | |
| Conjuntos Mitológico-arquetípicos e Seus Ímpetos de Efervescência na “Fabricação” de um “Redentor” | 56 |
| 2.1 A Conflagração Política e a Busca da Unidade | 57 |
| 2.2 O Imaginário Agrícola da Idade de Ouro | 63 |
| 2.3 O Complô Demoníaco e a <i>Femme Fatale</i> | 68 |
| 2.4 O Salvador: a Figura de Conselheiro | 77 |
| 2.5 A Combinação dos Protótipos Nordestinos | 84 |
| 2.6 Moldando um “Redentor” para o Comunismo | 91 |
| 2.7 No Princípio Era uma Impostura | 98 |
| | |
| Terceira Travessia | |
| A Influência da Imagística Bíblica e dos Arquétipos Cristãos | 104 |
| 3.1 O Éden Sertanejo Poetizado | 105 |
| 3.2 O Verbo Divino entre o Cárcere e a Absorção | 111 |
| 3.3 As Conversões Milagrosas Judaico-cristãs: uma Camuflagem do “Redentor” | 121 |
| 3.4 Manifestações dos Arquétipos Cristãos | 132 |
| | |
| Quarta Travessia | |
| O Mimetismo Arquetípico-mitológico e o Conflito Apocalíptico..... | 145 |

| | |
|--|------------|
| 4.1 A Conversão Cristã na Ascensão Noturna: O Mimetismo do Redentor..... | 146 |
| 4.2 O Grande Conflito | 161 |
| Do Alfa ao Ômega | 172 |
| Considerações | 173 |
| REFERÊNCIAS | 184 |
| <i>Corpus</i> | 185 |
| De Antonio Callado | 185 |
| Sobre Antônio Callado | 185 |
| Literárias | 185 |
| Gerais | 186 |
| Artigos | 191 |
| Dicionários | 192 |
| Sítios | 192 |

Introdução



Aproximações

Na abertura de *Assunção de Salviano*, de Antônio Callado (1954), o narrador observador onisciente descreve o contraste entre uma época desolada pelo sentimento de pessimismo e os raros e admiráveis momentos de esperança: “com o avançar dos anos, aqueles instantes de perfeita fé no futuro iam rareando. Mesmo assim aconteciam ainda. Ali estava um deles. Júlio Salgado¹” (p.7). Nessa trama, pulsam nas figuras de Manuel Salviano e Júlio Salgado os mais intensos desejos de alcançar a felicidade plena. Para o primeiro, “aqueles instantes eram [...] de perfeição total” (p.17); enquanto o segundo “via [...] com naturalidade seu amor, compreendendo perfeitamente que homens amassem homens” (p.7).

Esses trechos revelam o auge das intensidades emocionais, na busca dos sentidos da felicidade plena, das satisfações, dos desejos e dos sonhos; de igual modo, um cenário propício ao surgimento de um “Redentor” da humanidade. Uma das mais significativas e primitivas qualidades do conjunto da humanidade é a nostalgia paradisíaca. Pelo fato de o homem partilhar inconscientemente da realidade sacra da bem-aventurança, essa se torna a forma genuinamente humana do desejo; de reconquistar a condição divina; de superar, de maneira natural, a própria condição humana.

Sendo assim, esta tese nasce da inquietação de recuperar imagens, mitos e arquétipos que traduzam a constante inquietação humana pela felicidade paradisíaca, assim como se apresentam nesse romance de Antônio Callado. Com efeito, essa busca vigora desde os povos arcaicos. Recorrendo a bibliografias especializadas, confere-se que ela se origina de um arquétipo, que vem prevalecendo com o desejo de renovação do Mundo de forma periódica, a partir do modelo cosmogônico, ou seja, um mito de origem (ELIADE, 1963), presente no inconsciente coletivo. Para Carl Gustav Jung, o inconsciente coletivo é uma camada de natureza psíquica suprapessoal, idêntica em todos os seres humanos. Todos os conteúdos que se originam desse inconsciente é chamado de arquétipo (JUNG, 2012a).

Para Jung, arquétipo é um conceito já utilizado na Antiguidade, sinônimo de “ideia” no pensamento platônico (JUNG, 2012a). No entanto, diferente de Platão, a psicologia formulada por Jung provém de uma concepção na qual o arquétipo é herdado através da influência do inconsciente coletivo. Nessa psicologia profunda, existem

¹ Todas as citações do *corpus* dessa pesquisa: (CALLADO, Antônio. **Assunção de Salviano**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954), são referenciadas apenas com as páginas.

analogias entre as imagens oníricas que provém do homem moderno e as oriundas da mente primitiva, o que fundamenta a existência de “imagens coletivas”, repletas de “motivos mitológicos”. Semelhante aos extintos, que são percebidos pelos sentidos, os arquétipos se manifestam através de fantasias e podem se revelar através de “imagens simbólicas” (JUNG, S.D., p.67-69).

No que concerne à temática de investigação, pode-se antecipar que, apesar de existirem diversos motivos mitológicos, com representações de detalhes variados sobre o Paraíso Perdido, eles se formam sempre sobre a mesma configuração original. Sendo os arquétipos “padrões fundamentais da existência do homem”, concordamos com a afirmação da pesquisadora Maria Goretti Ribeiro de que a compreensão de sua natureza implica “voltar-se à mitologia, à religião, à arte e à literatura, nas quais esses padrões são representados como imagens do inconsciente coletivo” (RIBEIRO, 2006, p.138).

Em *Assunção de Salviano*, duas perspectivas contrastantes tomam forma: enquanto alguns pensavam que “Juazeiro era efetivamente o lugar ideal para dar início à agitação comunista” (p.11); outros “beatos e penitentes” cuidam “de fazer o Reino de Deus [...] aí mesmo, nas barrancas do S. Francisco” (p.82). Dessa forma, configurada num contexto densamente político e religioso, a busca paradisíaca se apresenta, sobretudo, nas motivações provindas do ideário do Partido Comunista; como também, nas formas de expressão da Doutrina cristã.

Em face dessas tensões conflitantes, a personagem Júlio Salgado busca “fabricar” uma espécie de “Redentor” que reunisse a ideologia comunista, mas camuflado no misticismo da Doutrina Cristã, papel que passa a ser desempenhado por Manuel Salviano. Ocorre que no percurso dessa travessia paradoxal de revolucionário/taumaturgo na busca Redentorística do Mundo, sucede uma intrigante transformação nessa personagem que, aos olhos do leitor, pode ser caracterizada como uma conversão religiosa.

No entanto, compreendendo que ambos estão sob o prisma das mesmas nostalgias de um passado glorioso e dos sonhos de um futuro radiante; submersos na herança do sagrado que faz do ser humano propício à imaginação mítica, às projeções utópicas, à fabulação, oriundos do mesmo arquétipo saudosista do Paraíso Desejado, inquieta compreender esse processo de conversão do ponto de vista dos padrões fundamentais do homem, isto é, dos arquétipos e mitos que se manifestam no imaginário do Comunismo e na imagística da Doutrina cristã.

Por essa razão, como parte integrante dessa investigação, interessa compreender: quais os efeitos da junção arquetípico-mitológica constitutiva no imaginário comunista e no imaginário da Doutrina cristã, na trajetória das personagens calladianas em busca do Paraíso Perdido?

Para trazer resposta satisfatória, implica recorrer ao imaginário mítico e arquetípico onde perpassam essas duas vertentes.

Em virtude das inúmeras definições a respeito do mito nas mais diversas áreas de conhecimento, torna-se fundamental caracterizar aquela que se manifesta nos discursos das personagens – ainda que de forma camuflada – cuja principal característica é exatamente o fato de ser um relato de origem.

Para efeito metodológico, ainda que de maneira bastante sucinta, busca-se aqui caracterizar as fundamentações do mito enquanto relato de tempos imemoriais. Ora, visando à renovação do Mundo, o homem sempre o faz a partir de um modelo, que teve aparição num tempo primordial. A princípio, o mito é percebido como uma projeção para o passado. Entretanto, nessa perspectiva, algo só se torna real enquanto servir para repetir ou imitar um arquetipo (ELIADE, 1992), por isso mesmo é atemporal. É pelo fato de seguir esses modelos que o homem se manifesta como paradigmático por natureza. É também por meio da imitação dos arquetipos que o homem se projeta para uma época em que houve a revelação prototípica: a época mítica (ELIADE, 1992). Por meio dela, surge a abolição do tempo profano e da imersão no tempo imemorial: o tempo sagrado². Seguindo essa concepção, o mito pode ser definido como uma “narração de uma criação”, ou seja, como algo passou a existir, “foi efetuado, começou a ser” (ELIADE, 1992, p. 37).

Embora também haja cogitações da secularização do mundo moderno, há a presença perene do Sagrado. Pensando como Mircea Eliade³, mesmo sabendo que na modernidade a dessacralização permeia a vida do homem não religioso, torna-se difícil para o indivíduo se conservar totalmente imune aos processos de sacralização da vida. Para esse mitólogo, a existência profana jamais se encontra totalmente dessacralizada, mesmo o homem tendo optado por uma vida profana.

Na visão de Eliade e também de alguns antropólogos, o mito é favorável à própria ontologia, pois relata os acontecimentos, as realidades, isto é, “o que se manifestou plenamente” (ELIADE, 1992, p.50). Por meio de uma “história sagrada primordial”, relata

² O *tempo sagrado* designa o tempo mítico e é totalmente diferente do *tempo profano* que o antecede, visto que se realiza pela repetição de um arquetipo mítico. (ELIADE, 2008, p. 314).

³ Cf.: ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

sempre a origem das coisas, tornando-se modelo exemplar para as atividades humanas porque explica e “justifica a existência do mundo, do homem e da sociedade” (ELIADE, S.D., p.97). E ainda: por seu caráter de revelação e por contar sempre uma história sagrada, torna-se sempre uma verdade apodítica, ou seja, uma verdade absoluta (ELIADE. 1992) sobre as variadas facetas da natureza humana.

A inserção que se faz nesse trabalho aos estudos da mitologia se deve a forma como ela se apresenta no romance de Callado. A recorrência mitológica pode ser explicada pela influência que exerce o mito sobre o homem moderno (PATAI, 1972). Bem verdade que a compreensão sobre a origem e existência do Mundo, o destino do homem e de suas inquietantes buscas têm sido preocupação de pensadores da Antiguidade e, muito do que já foi explicado, tem sido redesenhado pelas ciências modernas. Entretanto, para o mitólogo Raphael Patai, a invalidação do relato mítico pela ciência é irrelevante. O mito é a base das elucidações sobre o qual o homem pode se compreender e compreender o mundo a sua volta, aceitando e entendendo, à luz dos estudos antropológicos “os fenômenos até então desnorteados, inquietantes e mesmo assustadores” (PATAI, 1972, p.68). Essa também é a preocupação da mitologia. Afinal, o homem sempre é mantido como fonte de interesse do mito. Segundo Eliade, “laicizados, degradados, camuflados, os mitos e as imagens míticas encontram-se por toda a parte: só é preciso reconhecê-los” (ELIADE, 2000, p.25).

Em *Assunção de Salviano*, obscuro, disfarçado ou latente, um conjunto de imagens e mitos é suscitado, recordado, recusado ou fidelizado a partir de ideias, pensamentos, aspirações e esperanças das personagens. A menor tentativa de compreendê-las não pode excluir a exploração do imaginário político.

Então, sentiu-se a necessidade de ampliar esse plano de abordagem, considerando as valiosas contribuições de Raoul Girardet, no tocante ao seu estudo da história das ideias políticas. Nela, percebe-se a presença de obras teóricas e literárias que fogem às “formulações demonstrativas”, isto é, sobre as quais se atribui um valor de “intemporalidade” (GIRARDET, 1987). Essa interpretação, a princípio, consolida-se no fato de essas obras nascerem das mais densas potências oníricas. Essa vertente, antes desconhecida, ignorada ou mesmo negligenciada, é chamada por Girardet de “imaginário político”.

Por meio desse método de abordagem, torna-se possível considerar que vários relatos, anúncios, apelos, desejos, anseios e sonhos das personagens de Callado escampam à racionalidade aparente da marca da cultura política, pois há uma convicção girardeteana

de que há uma “notável efervescência mitológica” que não cansa de ser seguida pelas “perturbações políticas” (GIRARDET, 1987, p.9-11). Nessa “nebulosa complexa” e “movediça” (GIRARDET, 1987, p.98) há uma constelação mitológica intensa e constante no imaginário político de *Assunção de Salviano*: a Idade de Ouro; seguida da busca do arquétipo primordial do Redentor a partir da ficcional farsa de uma espécie de “salvador”, por Manuel Salviano, uma peripécia rica na fabulação e ambiguidade de imagens.

De fato, nesse campo, as contribuições de Gaston Bachelard se tornam contundentes. Em diálogo com a perspectiva de Girardet, afirma-se que, da mesma forma que o mito religioso – o mito político, repleto também do sagrado – surge na obra de Callado fundamentalmente polimorfo, isto é, com múltiplas significações e ressonâncias, complementares ou mesmo opostas. Da mesma forma, as forças imaginantes provenientes da mente das personagens provêm diretamente da matéria, como a evocação do rio São Francisco. Nessa ambivalência mítica e imaginativa a partir da materialidade, tornam-se relevantes a contribuição da dialética dos contrários e as representações psicológicas dos grandes elementos naturais presentes no conjunto consagrado de obras de Gaston Bachelard, sobretudo, *A água e os Sonhos*⁴ e *A Psicanálise do Fogo*⁵.

Ainda na obra de Callado, a imagética bíblica enriquece todo o repertório do revolucionário disfarçado de “taumaturgo”: Manuel Salviano. Os textos sagrados lidos por essa personagem passam a se constituir partes integrantes de seus discursos. É nessa parte que as leituras de Northrop Frye se tornam essenciais para a interpretação desse *corpus* literário. Frye concebe toda a narrativa bíblica como mito. Em primeiro termo porque possui, de modo geral, enredo, narrativa. Porém, não é um mito na qualidade de ficcional em si mesmo, mas em virtude de seu teor de revelação, isto é, o *kerygma*, uma modalidade da retórica que mistura o empenhado, o metafórico e o “existencial” (FRYE, 2004). Dessa forma, considerar as narrativas das Escrituras Sagradas enquanto mito significa concebê-las enquanto textos que derivam de uma autoridade e função social, que resulta num vasto campo imaginário, a percorrer povos e gerações no contato com essa tradição. Nas palavras desse autor, “uma mitologia enraizada numa sociedade específica transmite uma herança compartilhada de alusão de experiência verbal”. Assim sendo, no decorrer do tempo, essa própria mitologia contribui para criação de uma histórica cultural (FRYE,

⁴ Cf.: BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Denesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁵ Cf.: Idem. *A Psicanálise do Fogo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008.

2004, p.60). Nessa abordagem, consoante Magalhães, a Bíblia será lida como obra literária, em virtude de suas “tramas, personagens, estética e densidade narrativa” (MAGALHÃES, 2009, p.127).

Além disso, através de *Anatomia da Crítica*, essa abordagem também pode ser guiada pela concepção de que os princípios da literatura derivam de um contexto amplo: a crítica arquetípica (FRYE, 1957). Partindo do universo mítico e de suas bases arquetípicas, Frye concebe-os como “imitação das ações que raiam pelos limites concebíveis do desejo, ou que se situam nesses limites” (FRYE, 1957, p. 138). Seguindo esse pensamento crítico, encontra-se um mundo que é rico em “imagens míticas”, que é representado habitualmente na religião pelo “conceito de céu ou Paraíso”. Do mesmo modo, é também apocalíptico: “um mundo de metáfora total, em que tudo é potencialmente idêntico a tudo o mais, como se tudo estivesse dentro de um só contexto infinito” (FRYE, 1957, p. 138).

Ora, não se pode deixar de afirmar que na literatura (lugar privilegiado da linguagem metafórica) essa manifestação frequentemente se apresenta. Assim, o romance de Callado é uma metáfora do seu contexto histórico, social e político. É por meio da análise dos mitos e imagens, camuflados nessa narrativa ficcional, que se pode perceber sua significação metafórica. Partindo do conceito do mito enquanto “arte da identidade metafórica implícita” (FRYE, 1957, p. 138), supõe-se que, perceber a presença de determinadas estruturas em seu retorno na ficção de Callado dependerá também, mas não exclusivamente, do artifício da *deslocação* de narrações da Bíblia cristã, haja vista a tamanha propagação desses relatos. Trata-se da técnica de “sugerir padrões míticos implícitos num mundo mais estreitamente associado com a experiência humana” (FRYE, 1957, p. 141), a fim de convencionalizar o conteúdo “numa direção idealizada” (FRYE, 1957, p. 138-139). Por esse viés, a identificação metafórica do mito bíblico pode ser vinculada por meio de algumas formas de símile: “analogias, associação significativa, imagem incidental agregada, e semelhantes” (FRYE, 1957, p. 138) a partir das experiências, sentimentos e vivências das personagens.

Após a conversão religiosa cristã de Salviano – um curso da trama onde a busca pelo Paraíso Perdido muda de perspectiva –, surgem sentidos afetivos sobre o imaginário da conversão, consoante uma espécie de Conflito Apocalíptico que, em razão da natureza de

suas imagens, só pode ser fidedignamente compreendido através da dinamicidade criativa da arquetipologia dos regimes Diurno e Noturno⁶.

Analisando a mitologia profundamente, Mircea Eliade ressalta a importância do papel da criatividade na mitologia. Para ele, “é a criatividade no plano da imaginação religiosa que renova a matéria mitológica tradicional. Isso significa que o papel das personalidades criadoras deve ter sido ainda mais importante do que podemos imaginar” (ELIADE, 1963, p.124). Nesse sentido, convém compreender a natureza do imaginário antropológico. Em *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, de Gilbert Durand, o imaginário é percebido como um campo medido pela extensão da “aura imaginária”, e não pelo valor das imagens. Na psicanálise junguiana, essa “aura” pode ser análoga ao próprio “inconsciente coletivo”, uma vasta memória de toda experiência da humanidade organizada por meio de arquétipos que “se expressam em imagens simbólicas coletivas”, tendo o símbolo “como a explicação da estrutura do arquétipo” (PITTA, 2005, p. 16-17). Na concepção de Durand, todo símbolo é uma forma de expressão do próprio imaginário. Como é constante o homem buscar significância para tudo, essa disposição requer mergulhar no campo simbólico.

Visando delimitar eixos para o trajeto antropológico, Durand propôs o método de convergência, chamado de “constelações de imagens”, isto é, “constelações praticamente constantes e que parecem estruturadas por um certo isomorfismo dos símbolos convergentes” (DURAND, 2002, p. 43), possibilitando a análise dos mitos por meio de um grande núcleo. Assim, esse teórico criou um método pragmático e relativista de resolver a ambivalência, inclusive àquele decorrente do simbolismo presente nos quatro elementos bachelardianos⁷, que podem se dividir em sentidos contrários sobre si mesmo.

Partindo desses pressupostos, buscou-se desvendar os efeitos da junção mítico-arquetípica, comunista e cristã, na trajetória das personagens pela busca paradisíaca no seio do Partido Comunista e na mística da Doutrina Cristã. Antes disso, tornou-se necessário compreender toda a imagística comunista e cristã, o que implicou definir os mitos, imagens

⁶ Gilbert Durand, a partir do isomorfismo das imagens, buscou caracterizar dois regimes. O Diurno, cuja metáfora luz-treva é chave para compreender uma série de outras antíteses. Esse imaginário está presente nos símbolos e arquétipos que valorizam negativamente os semblantes do tempo; com a fuga deste ou com a luta em prol da vitória sobre o destino e sobre a morte. Nesse regime se encontram também as armas, a purificação, a divisão e todas as metáforas luminosas. Já o Noturno está na inversão dos valores, como forma de exorcizar as ameaças do tempo. É a eufemização da própria morte, graças à ambivalência entre Eros, Cronos e Tanatos, com valores simbólicos da harmonização, das sínteses e da mística na busca interior pelo conhecimento (Cf.: DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002).

⁷ Água, ar, terra e fogo.

e arquétipos que constituem o imaginário do Partido e o imaginário da Doutrina cristã, assim como são configurados no *corpus* em análise.

Com esse levantamento, o leitor pode compreender a antinomia Comunismo-Cristianismo e um sistema de opostos na busca pelo Paraíso Perdido. Feito isso, buscou-se evidenciar como as personagens intentam agrupar esses dois polos conflitantes para “fabricar” um modelo Redentorístico para o Sertão Nordestino ficcional. Esse percurso possibilita reconhecer variados mitos e arquétipos presentes no inconsciente coletivo do imaginário político comunista da personagem Salgado. Por fim, tratou-se de, a princípio, reconhecer a influência da imagística bíblica e das formas de expressão da Doutrina cristã na travessia “taumaturga” de Manuel Salviano para, em seguida, compreender os efeitos que provocaram a conversão salviânica.

Em suma, para recuperar, ao menos em parte, o efeito dessa junção tipicamente antonímica, parte-se de uma abordagem analítico-interpretativa. Em outras palavras, ao apontar as significações mítico-arquetípicas para as indagações, propósitos e ações das personagens, busca-se relacionar como essas experiências, especificamente no tocante à busca pelo Paraíso Perdido, manifestam-se no Comunismo e no Cristianismo. Conseqüentemente, pretende-se recuperar os significados míticos da trajetória da personagem Manuel Salviano na transição comunista-cristão – o que implica também um olhar comparativo.

Para isso, os capítulos foram divididos em função da ordem cronológica da narrativa, possibilitando uma abordagem que contemple uma sequência linear das fases distintas dessa personagem na trama, a fim de garantir a compreensão de sua intrigante travessia. Dessa forma, as abordagens teóricas serão tomadas sempre em função de como se apresentam as manifestações dos mitos, arquétipos e imagens nessa jornada.

As diferentes abordagens presentes nesta tese se justificam em razão da própria natureza imagística do *corpus* em análise, assim como, na hermenêutica instauradora de Gilbert Durand, valendo-se da história, da filosofia, da antropologia, da história das religiões, entre outros. O que não se pode compreender plenamente a não ser a partir de um enfoque multidisciplinar. Em razão disso, utilizaremos quatro abordagens parcialmente distintas, mas, ao mesmo tempo, complementares. Para isso, elencamos alguns teóricos, dos quais, julgamos necessário citar os principais: Mircea Eliade, C. Gustav Jung, Raoul Girardet, Gaston Bachelard, Northrop Frye e Gilbert Durand, além da imagística da Bíblia cristã. Contudo, prevalece em todo esse trabalho um tratamento analítico-interpretativo.

Na primeira abordagem, ao considerar a “vivacidade” do mito como modelo para a conduta humana – favorecendo a revelação prototípica a partir do diálogo frutífero entre literatura-mitologia-filosofia –, parte-se de padrões de comportamento e experiências ideológicas, políticas e religiosas das personagens da trama de Callado no intuito de definir o conjunto de ideias, valores e crenças que compõem o imaginário mítico da busca pelo Paraíso Perdido.

Esse caminho teórico-metodológico torna-se uma possibilidade de resgatar, da história sagrada primordial, o que se manifesta plenamente na constituição da antinomia Comunismo/Cristianismo, sobretudo, o reconhecimento do papel do Redentor e da tão sonhada Idade de Ouro, com raízes nos grandes mitos escatológicos do mundo asiático mediterrâneo. Por esse viés, sentiu-se também a necessidade de relacionar as investigações míticas com alguns pensadores marxistas, inclusive o próprio Marx e Engels, a fim de evidenciar que, de forma camuflada, as estruturas míticas são retomadas e prolongadas no próprio ideário do Movimento Comunista. Nesse sentido, tornam-se indispensáveis as contribuições de Mircea Eliade, C. Gustav Jung, Raphael Patai, Karl Marx e Friedrich Engels, Denis Collin, Robert Service, Ludwig Andreas Feuerbach e a própria Bíblia cristã.

A segunda se inscreve a partir da observação de que as ideias e planos do intento revolucionário do Partido Comunista estão sob a efervescência do imaginário político, possibilitando identificação de quatro grandes mitos políticos que legitimam e ordenam o plano do Partido e que não se manifestam na obra calladiana, senão pela zona do sagrado e sob o domínio arquetípico da Sombra: a Unidade, a Idade de Ouro, o Complô Demoníaco e o Salvador. Em virtude do contexto do *corpus* em análise, torna-se obrigatório um estudo de imagens e conjuntos mitológicos que permeiam a realidade Histórica do Nordeste brasileiro, redescobrimo messianismos e soteriologias que compõem a ficcional “operação” para “fabricar” um “Redentor”.

Recuperar todas essas imagens é uma forma de desvendar as ambiguidades que se fazem presentes no desejo arquetípico (cristão e comunista), da busca pelo Paraíso Perdido no cenário Nordeste; que é ficcional, mas um real possível. Indicações de Raoul Girardet, Gaston Bachelard e Raphael Patai, somadas ao permanente diálogo com alguns estudiosos do cenário sócio-histórico-cultural nordestino – entre os quais, Durval Muniz de Albuquerque Junior –, tornam-se contundentes para as análises e interpretações. Nessa parte, as contribuições de Mircea Eliade, C. Gustav Jung, Maria Goretti Ribeiro, Nancy

Qualls Corbett, Karl Marx e Friedrich Engels, da Bíblia cristã e da crítica arquetípica de Northrop Frye também são recorrentes.

Na terceira, analisam-se as influências da imagética bíblica na travessia da personagem João Martins e, principalmente, Salviano, sobretudo, nas suas pregações como “Redentor”, “taumaturgo” e “profeta”, permeadas de elementos da Bíblia cristã. Sem descaracterizar o valor bíblico como revelação religiosa, adere-se a uma concepção que considera os textos bíblicos como um conjunto de narrativas literárias, pela profusão dos mitos, metáforas e símbolos (FRYE, 2004), dispostos a compor o material imaginativo para os discursos da personagem. Nesse diálogo, torna-se produtiva a perspectiva que analisa o diálogo intertextual e o artifício de *deslocação* de narrações da Bíblia (FRYE, 1957) para, por alguma forma de símile, sugerir padrões míticos implícitos na experiência humana.

Esse campo de investigação é essencialmente significativo para compreender as imagens, os arquétipos e os mitos que compõem a trajetória ficcional da personagem Salviano em seu papel profético, função soteriológica e anúncio da esperança Redentorística; sobretudo, na sua conversão cristã. Portanto, para além do diálogo permanente e constante com Mircea Eliade, Northrop Frye, C. Gustav Jung, Gaston Bachelard e a Bíblia cristã, também serão válidas as indicações de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, Leonardo Boff, Antônio Magalhães e *O Itinerário Místico de São João da Cruz*, de Maurílio Penido, entre outros.

Finalmente, na quarta, à luz da hermenêutica de Gilbert Durand, da correlação entre o mundo alquímico dos símbolos e as experiências e conhecimentos da psicologia do inconsciente de Jung, e ainda, a partir da criatividade onírica bachelardiana, parte-se da análise da travessia de Salviano após sua conversão religiosa cristã: sua sede pela Jerusalém Celeste e seu “Grande Conflito” com o líder do Partido; no intuito de desvendar o efeito dos arquétipos e mitos manifestados pela ação do imaginário comunista e o imaginário da Doutrina cristã no inconsciente coletivo. Complementando essa abordagem, também se tornam pertinentes as indicações de Mircea Eliade, Northrop Frye, Danielle Perin R. Pitta, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, além das obras que revelam a experiência mística de São João da Cruz e a imagística da Bíblia cristã.

Com efeito, qual o sentido de recuperar o imaginário da busca pelo Paraíso Perdido numa obra literária inserida num contexto histórico-político-social de incerteza em relação ao futuro? É exatamente nesse cenário onde as divergentes perspectivas conferem suas

utopias, sonhos e aspirações. É através de situações desoladoras que o homem busca saídas, perfaz planos, executa ações... Ou ainda, envolvido pelo “mistério da graça”, convertido, reza por um milagre, na esperança redentora.

As páginas que seguem resultaram das investigações sobre o imaginário da busca do Paraíso Perdido e a genuína forma ficcional calladiana de “configurar” um Redentor paradisíaco e, conseqüentemente, os efeitos da junção mítico-arquetípica – cristã e comunista, assim como se manifestam na travessia das personagens de *Assunção de Salviano*.

Primeira Travessia

A Antinomia Comunismo-Cristianismo e o Retorno dos Mitos



1.1 O “Prelúdio”

Ainda que pudesse ou sentisse a possibilidade de fazer uma obra literária inteiramente abstrata, jamais conseguiria contra minha natureza: preciso sempre exprimir alguma coisa.

(Antonio Callado)

Desde as primeiras páginas de *Assunção de Salviano*, surpreendem as forças conflituosas presentes nas ideias, valores, desejos e sonhos das personagens. Quanta aversão à religião, “ao negócio de padre e livro de missa” (p.21), assim como aos grileiros e coronéis da região, “erguendo em símbolo do mal principalmente o Coronel Juca Zeferino”, personagem que, “muito de mansinho, bem apoiado em documentos mais ou menos forjados, estava tratando de tomar as terras de homens que há muito vinham lavrando ou usando para a lenha” (p.37). Quanta crítica à alienação religiosa e ao acúmulo da propriedade privada, motivações ideais para “atiçar” uma revolução.

Nesse infortúnio, surge Júlio Salgado, um elemento do Partido Comunista no Norte e Nordeste do Brasil, dotado de um ateísmo declarado e defensor ferrenho de uma visão materialista da realidade. Junto a João Martins, ele chega a Juazeiro da Bahia disfarçado de “engenheiros de uma nova companhia de vapores para o S. Francisco, futura concorrente da Baiana e da Mineira” (p.37). Diziam estar “pesquisando as barrancas [...] para construir um verdadeiro porto em Juazeiro, onde pudessem acostar os novos vapores” (p.37), mas, na realidade, o intuito era ativar um grande núcleo explosivo revolucionário. Naquela cidade sertaneja do vale do São Francisco já se encontra Manuel Salviano, um protegido do Partido que conquistou a confiança dos camponeses, instigado pelo sonho de construir um sertão paradisíaco, longe da opressão e da violência. Tudo isso num cenário sertanejo onde predomina a tradição religiosa da Igreja e os valores da Doutrina cristã. Embora com perspectivas distintas, essas personagens apresentam sonhos, utopias e desejos em relação ao futuro.

Estes principais ingredientes estão desenhados no romance inaugural de Antonio Callado. O enredo é simples, mas intrigante. Essa obra parte da figura central: Salviano. Ele é marceneiro de Juazeiro, na Bahia, e tem ligações com o Partido Comunista, inclusive com Júlio Salgado. A princípio, o primeiro também é ateu e detesta os padres e a Igreja.

Um dia, Salgado propôs a Salviano que se fingisse de beato a fim de conquistar a confiança da camada camponesa, roubando a influência que tinham até então os padres.

Esse fingimento deveria durar certo tempo até revelar a mistificação ao povo, quando iria desmoralizar os padres e a Igreja. O objetivo era transformar a procissão de Nossa Senhora da Glória numa verdadeira revolta, chamada de “Operação Canudos”. No entanto, para indignação e ódio de Salgado, essa travessia resulta na conversão de Manuel Salviano, tornando-se uma espécie de místico.

Em decorrência desse fato, Júlio Salgado comete o mais dramático ato de barbárie assassinando Mr. Wilson, um vendedor de bíblias e detetive, em virtude deste desconfiar da relação entre os falsos engenheiros – João Martins e o próprio Salgado – e as romarias de Manuel Salviano. Nesse crime aparentemente sem sentido surge a motivação política movida pelo ódio: Salgado põe a mala de bíblias da vítima na casa de Salviano no intuito de incriminá-lo. Mesmo preso, Salviano não denuncia o ex-companheiro de Partido, assumindo uma condição de mártir por sete dias na prisão. Esse tempo foi para ele de profunda reflexão, recusando contato com todos: o malfeitor Salgado, que vêm lhe propor para continuar o Plano; sua esposa Irma, arrependida por ter duvidado da inocência do esposo; e a moreninha que o amava, Ritinha, disposta a fazer tudo pelo bem de seu amado “milagreiro”. Enquanto isso, Salviano meditava sobre o sentido da morte, revelando um novo desejo paradisíaco. Após dias sem se alimentar, o “taumaturgo” de Juazeiro falece.

Por medo da romaria que cercava a prisão, o delegado, o prefeito e o padre decidem tirar o corpo pelo telhado. Mas, inquietos de esperar para ver o “taumaturgo”, o povo invade a delegacia e presencia, com espanto, o telhado aberto contra o céu. Esse episódio encerra o romance com a homologação de um grande milagre: “– Subiu p’ro céu!” (p.219).

Numa leitura mais profunda do imaginário, trata-se de uma trama que apresenta uma série de eventos, experiências e padrões de comportamento que podem ser verificados num passado distante e fabuloso, lugar onde a “vivacidade” do mito, de significativo valor para a existência, fornece modelos à conduta humana (ELIADE, 2013, p.8). Nesse sentido, torna-se necessário compreender como a estrutura e função dos mitos, oriundos da história sagrada primordial, revelam significações da história das ideias, dos valores e crenças do pensamento humano. Percebê-las, analisá-las e interpretá-las, exige uma descrição detalhada de todo o percurso dessa trama.

Desse modo, as leituras de *Assunção de Salviano* nos revelaram uma cadeia densa de estruturas míticas, norteando o pensamento político e a confissão religiosa cristã, a partir da “vivência” do mito pelo adensamento do poder do sagrado, rememorado ou reatualizado a partir dos eventos que nela se fazem presentes. Sendo a literatura o lugar do

real possível, como pensa Perrone-Moisés (1990), seu horizonte é sempre o real representado pretensamente. Dessa forma, a literatura não se afasta do real, pois se constrói a partir da realidade, mesmo que reinventada pelas palavras. Isso indica que a literatura nos fornece uma vasta gama de possibilidades para investigar as mais distintas inquietações da existência humana.

1.2 “Mil Alqueires no Céu”: o Ópio do Camponês

O homem religioso se satisfaz completamente com tudo o que Deus é em relação a ele [...] mas esta colocação é apenas uma ilusão.

(Feuerbach)

Nesse romance, as cenas, discursos e reflexões se concentram no ideário do Partido Comunista, a partir de uma busca paradisíaca, sobretudo, em oposição à Doutrina cristã. Sintomaticamente, o líder do Partido Comunista e mentor de todo ideário revolucionário, a personagem Júlio Salgado, apresenta uma das mais nítidas utopias presentes no plano imaginativo do Partido: a conquista de um espaço geográfico: “Juazeiro era efetivamente o lugar ideal para dar início à agitação comunista na banda Norte do país” (p.11). Congregando um simbolismo ascendente pela ambiciosa vontade de transcender a superioridade política do Partido, indaga: “A luta que começasse em Juazeiro da Bahia só precisava passar o rio para ganhar Pernambuco. Se Pegasse nos dois grandes Estados, quem poderia dizer o que ia acontecer?” (p.11).

Para o Partido, a lógica para eleição desse cenário pode ser justificada pelo fato de haver inquietação e inconformismo por parte da massa camponesa, em especial, pela situação de alguns lavradores, como a personagem João da Cancela, refém de um sistema opressor e cruel. Enquanto o Sargento Caraúna, com toda a potência do jurista que se encaixa no símbolo da soberania, fala em “todos os coronéis e grileiros⁸ do rio S. Francisco como se fossem íntimos amigos seus”. Ele não tolera ouvir que o Coronel Juca é “safado e ladrão de terra”. Quando isso ocorre, “num súbito tom de raiva”, [...] derruba “o sertanejo com bofetada”. Violência da qual não se pode esperar justiça. Não há nem mesmo “reação dos outros lenhadores”. Do contrário, “o eco da tapa” sempre morre “num silêncio encabulado, como se não fosse direito que o deixassem sozinho no ar, sem ao menos um estalo de outro tapa em resposta” (p.8). Por essas atitudes de violência, injustiça e opressão, o Cancela, assim como outros lavradores, nutrem um denso sentimento de frustração e falta de perspectiva quanto ao futuro. O Coronel Juca sempre adota métodos ilícitos para roubar as terras dos lavradores. Ele “derrubou a gameleira e conversou o Janjão p’ra desviá o corgo. Não tem diabo neste Brasil que possa provar que o Mateus

⁸ Indivíduo que, pela força e mediante falsas escrituras de propriedade, se apossa de terras alheias. Advogado ou agente que legaliza propriedades territoriais com títulos falsos. (NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, p.402).

Linguiça tem terra na zona do Coroné” (p.10-11). Assim afirma o Caraúna, enquanto se orgulha de ter sido presenteado pelo Coronel com um par de botas.

Com efeito, essa situação do camponês está muito distante da conquista de uma felicidade satisfatória. Do contrário, assemelha-se muito ao modelo de sociedade feudal, em que os senhores detinham domínio sobre suas propriedades e sobre seus servos, ou seja, aqueles que trabalhavam duramente em suas terras em troca de sua subsistência – o que não agrada ao Partido Comunista, liderado pela personagem Salgado. É fácil compreender a razão. Conforme se percebe no decorrer da narrativa calladiana, a ideologia essencial desse Partido se assemelha ao *Manifesto Comunista*. O antagonismo de classes é fortemente abominado pelos comunistas. O *Manifesto* não tem como característica a abolição da propriedade em geral, mas pretende abolir a propriedade privada, baseada no antagonismo de classes. “O comunismo não priva ninguém do poder de apropriar-se dos produtos da sociedade; o que faz é privá-lo do poder de subjugar o trabalho alheio por meio dessa apropriação” (MARX; ENGELS, 1999, p.41).

Em *Assunção de Salviano*, toda essa perspectiva, própria do ideário comunista – visando eliminar a desigualdade de distribuição de terras e o antagonismo de classes – é enriquecida pelo líder do Partido. Ele é totalmente favorável à busca de uma forma de destituir um regime num país onde “o grileiro, sei lá, o fazendeiro endinheirado por trás do grileiro, o governo do Estado ou da República, não sei”, “é quem [ganha] sempre no fim”. (p. 43). Numa terra onde o camponês busca lavrar a terra e fornece matéria prima para o trabalho do outro – Salviano, um marceneiro urbano.

Mesmo em meio a toda essa adversidade, os camponeses encontravam uma forma de partilhar suas angústias. Uma rotina que acontece sempre assim:

Em geral Salviano se levantava, nos dias de ir ao sítio da Cancela, satisfeito. Caminhava umas três horas, em passo ligeiro, mas sem se preocupar com embornal ou qualquer carga que fosse, e era sempre com prazer que via o dia nascer na caatinga, quando o sol raso dava a cada mandacaru um exagero de sombra pelo chão. (p.58).

Era dia de viajar para o sítio do João da Cancela, onde há meses reunia ao seu redor, uma vez por semana ou pelo menos por quinzena, os lavradores e lenhadores das redondezas. Os encontros eram marcados pelo Cancela, quando vinha à marcenaria e no dia combinado, Salviano levantava-se antes de qualquer galo pensar em cantar. [...] Manuel Salviano tinha grande influência sobre os trabalhadores. Mas isto era preguiçosamente explicado pelo fato de ser ele um dos pouquíssimos que sabiam ler e escrever (p.57).

Neste trecho, nota-se que, como uma espécie de líder, Salviano é o Camarada mais próximo dos camponeses, presenciando com eles, à sombra do mandacaru, o sol da caatinga de cada dia e, orientando a massa analfabeta contra a tirania dos coronéis e a coparticipação da Igreja e do Estado. Esse intento indica a presença de uma organização popular, inquieta contra toda forma de opressão.

No entanto, em virtude da falta de esperança do sertanejo, em meio também ao solo árido do Sertão Nordestino e a doutrinária convicção do destino do homem pobre sofredor, desprovido de qualquer proteção, o ideário comunista não surte entusiasmo junto aos camponeses. Na realidade, gera todo um pessimismo e descrédito. Para a personagem Salviano, resta uma triste certeza de que o “lavrador é tocado de terra quando a terra está valendo alguma coisa” (p. 43).

Ora, para o líder do PC, assim como para a crítica marxista, é a alienação do proletariado que impede a emancipação do homem. Salgado busca convencer Salviano disso:

– Mas você já não arrancou os cabelos tantas vezes por ver que o próprio lavrador abandona a luta? E já não viu como a mulher do lavrador está sempre a dizer a ele que se resigne, que é assim mesmo, que Deus mandou que todos se amassem, e que o padre já disse que na terra quem manda é o Governo e que quem, neste mundo, perder um hectare de terra para o Governo ganha mil alqueires no céu? (Disse Salgado).
 – Ah, quando eu me lembro daquele batina de linho! Ah, como é que não esganei o safado? – disse, trêmulo de raiva, Manuel Salviano. (p.43).

A utopia de Salgado em fundar uma sociedade nos moldes comunistas em Juazeiro colide com a perspectiva de vida dos próprios camponeses, guiados pelos únicos ensinamentos que receberam durante suas vidas: aqueles provindos da Doutrina cristã. A única esperança positiva para o sertanejo está pautada na esperança da salvação cristã. Em sintonia com o que dizem as Escrituras Sagradas:

Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma? Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com seus anjos, e então dará a cada um segundo suas obras. (BÍBLIA DE PROMESSAS, p.30; Mateus, 16: 25-27).

A esperança cristã está na transcendentalidade da vida. Assim acreditam os lavradores, pois não há indícios de esperança naquelas terras áridas sob o domínio dos coronéis. Surge assim uma tensão inconciliável entre os ideais do Partido Comunista e a

Doutrina cristã. A primeira representada principalmente nos ideais de Salgado – pautada na filosofia materialista marxista, que visa à construção de uma sociedade no modelo socialista, sem classes, sem propriedade privada e sem qualquer tipo de alienação à Igreja e ao Estado. Em outras palavras, a construção de uma espécie de Paraíso na Terra. A segunda, presente na fé do sertanejo – é baseada na crença na Salvação Eterna, num Paraíso Celeste, por meio da fé e seguimento dos ensinamentos de Jesus Cristo. Sendo assim, a fé cristã traz o conforto e o alento ao sertanejo, já tão descrente de qualquer perspectiva de “fé no futuro” (p.7).

Todo esse fracasso e negativismo são explicados por Salgado e podem ser comparados à própria lógica materialista do Comunismo. Em um dos manuscritos de Marx, no qual se desenvolve a partir da crítica ao direito político hegeliano, encontramos a frase, truncada e célebre “a religião é o ópio do povo⁹”: uma forte crítica radical à filosofia idealista de Hegel¹⁰, mostrando que existem conflitos que não podem ser solucionados de outra forma, mas apenas pela atividade prática dos indivíduos, pela luta (COLLIN, 2010, p. 36). Entendido assim, no romance de Callado, a viabilização interpretativa da oposição à Igreja pode ser explicada pela forte crítica à alienação religiosa e ao Estado, tão exaltada por Marx e Engels, e protagonizadas pelas personagens Salgado e Salviano.

De acordo com Marx,

o comunismo começa de imediato (Owen) com o ateísmo, mas o ateísmo está, primeiramente, ainda muito longe de ser comunismo, assim como esse ateísmo é ainda uma abstração. A filantropia do ateísmo é, por conseguinte, primeiramente apenas uma filantropia abstrata, a do comunismo imediato [é] real e imediatamente distendida ao efeito (Wirkung) (MARX, 2008, p. 106).

Não se quer aqui afirmar que a condição para ser comunista é ser ateuista. Contudo, é preciso esclarecer que o próprio Marx afirmava que a religiosidade interfere no processo revolucionário. Como observa José D’Assunção Barros sobre *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*, de autoria de Marx, o fato de pertencer a alguma igreja é um entrave que o homem encontra na sua luta contra a alienação (BARROS, 2016).

Salgado critica veementemente uma forma de alienação que sustenta toda a situação de injustiça. Um emaranhado de homilias da Igreja que encerra uma moral cristã

⁹ Trata-se do manuscrito *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, que só foi publicado completamente após a sua morte (COLLIN, 2010, p. 36).

¹⁰ Para Hegel, a religião está na esfera do espírito absoluto, do espírito que conhece a si mesmo, da verdade. Para ele, o Cristianismo como visto pelo luteranismo alemão era a verdadeira religião (COLLIN, 2010, p.29).

para justificar um falso direito sobre a terra e a resultante opressão do camponês. Um contínuo gerador de uma conformidade, através da promessa da bem-aventurança divina, uma esperança que apazigua e justifica toda a exploração e a iniquidade dos coronéis e grileiros. Um papel tão propagado pela Doutrina cristã, mostrando que o sofrimento terreno resultará na recompensa celeste; visão que, na mesma intensidade, perturba e desnorteia Manuel Salviano.

É aproveitando-se dessa insatisfação de Salviano, assim como da situação de conflito entre os coronéis e camponeses, que Salgado busca convencer esse marceneiro da necessidade de uma emancipação proletária por meio de um processo revolucionário, visto que ele possui bastante influência junto aos camponeses. Nesse intuito, mostra-lhe a necessidade de “ensinar a essa gente que são homens livres, independentes de qualquer boneco metido no céu, quando um país de cretinos como estas coisas assim só podem ser ditas depois de vencer a revolução” (p.44). Para Salgado, só por meio de um processo revolucionário se torna possível combater toda forma de alienação que perpassa a vida do camponês. A partir da emancipação, o indivíduo buscará soluções por meio de ações concretas, e não por meio da imaginação.

Não obstante, a secularização encontra todo apoio na figura de Salviano: “Tem mais padre por aí do que mato e esta gente do Brasil não aprende, não. Quando aparece o padre, fica todo mundo bobo, todo o mundo quer logo cair de joelhos” (p.40). Uma solução para a alienação do mundo que assume uma dimensão revolucionária: “Qual, isto aqui não vai mesmo para a frente, não. Só bomba adianta.” (p.40).

Nesta configuração, Salgado e Salviano, a princípio, negam qualquer conceito da esperança na eternidade do Paraíso, tão sustentada por várias religiões, inclusive a fé cristã dos camponeses. Do contrário, buscavam sustentar a ideia de que, através de um processo revolucionário, seria possível criar uma sociedade perfeita aqui mesmo na Terra. Não se pode negar que esses fatores geram um tênue conflito a permear o romance de Callado. Com o avançar dos capítulos, percebe-se mais claramente as extremidades dessas duas perspectivas. Um conflito que é também reflexo da secularização do homem materialista do mundo moderno e da persistente permanência do Sagrado na fé dos cristãos camponeses.

Enquanto o mundo sacralizado cristão busca fundamentações para a vida em uma Recompensa Celeste, o materialismo marxista busca respostas a partir do modo como os indivíduos produzem suas próprias vidas, condenando a filosofia alemã da ideia do

Espírito absoluto. Em outras palavras, consideram-se os ecos ideológicos das ações e reflexos dos homens realmente ativos, e não daquilo que eles pensam ou imaginam. No entanto, como afirma Denis Collin, não se trata de ressaltar a supremacia da matéria sobre o espírito, porém, do “primado do indivíduo vivo sobre as representações de seu próprio espírito” (COLLIN, 2010, p.109).

Fortemente resplandecente no romance calladiano, o processo de secularização pelos adeptos do Partido tem como principal reflexo a própria crítica do materialismo marxista à religião, que se tornou crescente nessa filosofia graças à tendência de Marx em espelhar-se na crítica de Feuerbach. Para este filósofo alemão,

A religião é a relação que o homem mantém com sua própria essência – aí encontram a sua verdade e a sua potência moral de salvação –, porém com sua essência não enquanto ela é sua, mas enquanto essência outra, distinta dele, oposta a ele – aí se encontra a sua falsidade, seus limites, sua contradição com a razão e a moralidade; aí o princípio metafísico supremo dos sacrifícios humanos sangrentos, em suma, o fundamento primordial de todas as abominações, de todas as espantosas cenas da tragédia da história religiosa (FEUERBACH, 2007, p. 203).

Por meio dos fundamentos da crítica feuerbachiana, e, buscando contraverter a crítica de Hegel, Marx ressalta que não há legitimidade na confissão religiosa em virtude dela não possuir autonomia real. Para ele, se o homem se vê “obrigado a se projetar num mundo imaginário fora do mundo real, é, primeiro, porque está alienado na sua existência terrestre” (COLLIN, 2010, p.35). A tradição intelectual marxista se baseia nas convicções da verdade e da justiça científica. Segundo Backo, o materialismo marxista condena o modo com que o homem confunde a realidade com a imaginação (BACZKO, 1985). Isso porque seus princípios eram fundamentados pelo espírito científico, pela justiça e pela convicção da verdade, do real.

Salviano já convicto dos ideais do Partido e, aparentemente, adepto a perspectiva materialista de fuga do “domínio das imagens”, opina: “– Eu ando mesmo cansado de alisar madeira. Só a ideia da gente começar a **marretar** esses grileiros e esses coronéis e esses padres, me dá coragem para tudo, até para bancar o maluco” (p. 51, grifo nosso). Um marceneiro Camarada, que representa o martelo simbolizador do emblema comunista, disposto a encarar a luta para aniquilar os grileiros, os coronéis e a Igreja, disposição que

também tem raízes na própria possibilidade de revolução pelos socialistas agrários (SERVICE, 2015), ideia tão nutrida por Marx¹¹.

Sobreposto à perspectiva revolucionária de Salviano, completando esse emblema no romance de Callado, tem-se a figura do João da Cancela, proprietário de um sítio e típico lavrador, representando a foice. Um Camarada que, segundo Salviano, “está disposto até a jogar dinamite em baixo do barco maior, onde vai o andar. Com os homens de Porecatu, habituados lá no Paraná a briga de tiro com grileiros da marca do Coronel Juca Zeferino, ele [Salviano] acha mesmo uma coisa assim possível” (p.39-40).

Ambos são “personagens-símbolos¹²”, introjetados na obra de Callado como representação dos seguidores dos ideais comunistas, formando o emblema dos que buscam a transformação da realidade social da massa camponesa. Salviano, como típico marceneiro, vivendo em ambiente urbano, semelhante a muitos operários na luta por seus direitos, disposto a marretar toda forma de alienação religiosa; e também lenhador rural, no sítio do João da Cancela. Este, um lavrador, que teme perder seu sítio para o atroz coronel Juca Zeferino. Tanto Salviano como Cancela simbolizam o conjunto revolucionário, dispostos a lutar por melhores condições de vida para sua classe, através do seu próprio trabalho. Para isso, estão prontos até para acabar com toda forma de alienação que ofusca a visão dos camponeses, inclusive a religião, impedindo-os de enxergar a luta como única forma possível de transformar sua condição social.

Com um perfil bem distinto desses personagens, tem-se o intrigante Salgado, uma espécie de mentor que arquiteta todo o plano comunista no Nordeste, afirmando que revolução “não se consegue a ponta de faca ou esganando os padres”, mas “com miolo, com inteligência” (p.44). Ele afirma que é preciso que Salviano se esforce para “racionalizar seu justo horror à religião” (p.40) se afastando de toda ação insensata e impensada. Para assim, pensar e perceber a realidade social com uma linguagem reacionária, representando de maneira racionalizada, calculista e ordenada aos ideais comunistas. Desta feita, o plano das dinamites embaixo do altar não tem positiva aceitação

¹¹ Marx não criou nenhum símbolo, o martelo e a foice foram modelos adotados em bandeiras por partidos políticos e países socialistas. A foice, sobreposta a um martelo, é um símbolo usado por várias nações como bandeira do comunismo. O martelo simboliza o proletário industrial, e a foice, o campesinato. Duas classes consideradas essenciais para o triunfo do socialismo, segundo o apelo dos marxistas e leninistas.

¹² Há em *Assunção de Salviano* uma visível associação da figura do marceneiro Salviano, ao lavrador João Martins, em relação aos ideais comunistas; um representando o trabalhador industrial, e o outro, o trabalhador agrícola. Por essa razão, percebe-se uma representação do próprio símbolo comunista: o martelo e a foice.

pelo líder do Partido: “– Isto nós só aceitaremos que ele faça se não houver nada melhor, Salviano” (p. 40).

Insatisfeito com essa perspectiva, Salviano, que se apresenta, inicialmente, como um típico revolucionário de ações impensadas e drásticas, acreditando ser um plano formidável, embravece-se diante do posicionamento de Salgado: “– Melhor? [...] – Pois então mandar pelos ares os bispos que vêm aí, junto com este Padre Generoso aqui do Juazeiro, descansado que nem rio em tempo de seca? Melhor do que isto?” (p. 40). Nada melhor do que o entusiasmo e o desejo mais extremo de eliminar o que mais repudia: a religião e os poderosos. Esse personagem ensaia assim a mais poderosa imagem de uma revolução furiosa e imediatista, própria do retorno do mito escatológico “vivo” a enriquecer o desejo de um novo recomeço.

Nesse sentido, evidencia-se em *Assunção de Salviano* o que, a princípio, parecia estar apenas no plano das aparências: o conflito entre o ideário comunista marxista e os preceitos cristãos. A Doutrina cristã se opõe completamente a essa perspectiva revolucionária. Confiantes na Salvação Divina, o Cristianismo prega exatamente o contrário: a paciência. Mesmo durante a tribulação, há a indubitável certeza da recompensa celestial. Como está contido na Bíblia:

Mas tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência a mansidão. Milita a boa milícia da fé, toma posse da fé, toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas. Mando-te diante de Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão (BÍBLIA DE PROMESSAS, p.329; 1 Timóteo, 6: 11-13).

Nessa Doutrina, o exemplo primordial de mansidão, fé, piedade, caridade e justiça é o próprio Cristo que, diante das acusações de Pilatos e à caminho do calvário, manteve-se fiel à promessa de Deus.

É por meio desses dois polos divergentes que a intrigante história de *Assunção de Salviano* se configura. De um lado, os camaradas do Partido Comunista, a exemplo de Salviano, que acaba se aproximando da condição do homem materialista marxista, através de todo um desejo de ação revolucionária que fosse capaz de trazer melhores condições de vida para os camponeses, com a terra para plantar, colher e servir de alimento; e também Salgado, que via em Juazeiro o berço para todo o esplendor do seu plano revolucionário a partir da lógica materialista do mundo. Um líder audacioso no anseio de fazer o

Movimento Comunista eclodir em todo o país, especialmente no Sertão Nordestino, através do ideário de uma sociedade sem classes, sem propriedade privada e sem religião. Para ele, isso só seria possível através de uma grande revolução proletária. Do outro lado, a Doutrina cristã (centrada nos ensinamentos de Jesus, o Salvador do Mundo, conforme descrito no Novo Testamento bíblico), única esperança para o camponês sofredor que, não encontrando a bem-aventurança na Terra, espera pela vinda do Senhor que o arrebatará para a Jerusalém Celeste. Essa fé é vista pelos agitadores como ideia ilusória, irreal e imaginária; uma grande ameaça que, só por meio da derrota total, tornará possível a extinção de toda forma de alienação religiosa que impede a emancipação proletária e a abertura para a implantação do modelo trazido pelo Partido Comunista.

1.3 A Sedução do Sagrado e a Sobrevivência dos Mitos

*Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a
palavra que sai da boca de Deus.*

(Mateus, 4:4)

Para além do agnosticismo, do materialismo antropológico e da racionalização fortemente presente nos valores e ideias do líder do Partido Comunista, desperta-lhe um sentimento avassalador surpreendente: “a verdade é que esses dois meses em Juazeiro serviram para revelar a mim mesmo que eu sou um homossexual e que estou apaixonado por João Martins” (p.28). Essas palavras de Júlio Salgado descrevem o que o leitor, percorrendo as páginas da intrigante trama de *Assunção de Salviano*, pode compreender como uma revelação fortemente decisiva da identidade dessa personagem. Do ponto de vista dessa personagem, a sua empreitada junto ao Partido e ao ideário revolucionário comunista contribuiu para despertar algo adormecido dentro de si. Por meio de frequentes monólogos, ele expõe conflitantes angústias em meio a suas intensas aspirações:

<Deixemo-nos de histerismo>, disse ele a si mesmo. [...] < Até hoje só não fui pederasta, de verdade, por medo, por culpa da minha educação burguesa. Agora a verdade está escancarada na minha frente, pois João não me inspira nenhum sentimento do que me parecia outrora perverso, quando a vista de um homem me atraía, do que me parecia apenas libidinoso e anormal. Eu o amo, ei tudo. Tenho ciúmes dele, aí está. Detesto a ideia de vê-lo espojando-se em lençóis de mulher à toa > (p. 28).

Para esse líder do Partido, as dificuldades de assumir o amor por outro homem são oriundas de uma educação que é fruto de uma construção ideológica. Aceitar essa condição sem receios significa, na sua concepção, libertar-se de todas as imagens de tabus e anormalidades que fazem parte de um problema social de longa duração histórica: a homofobia. Além disso, requer que ele elimine todas as raízes que o prendem os preceitos burgueses¹³. Aos seus olhos, o jovem João Martins se torna uma figura de amor idealizado

¹³ É preciso esclarecer que o próprio *Manifesto Comunista* faz sérias críticas à burguesia, afirmando que o papel desempenhado por ela foi revolucionário no sentido que, não só destituiu os laços feudais e afogou o fervor religioso, mas faz se perder o entusiasmo cavalheiresco e a dignidade pessoal em nome do valor de troca conquistada pela imensa liberdade do comércio; fazendo do indivíduo um ser calculista em que a relação humana se restringe a laços de interesse. Nas palavras de Marx e Engels, a burguesia “afogou os êxtases [...] do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas gélidas do cálculo egoísta.” (MARX; ENGELS, 1999, p. 28.). Em *Assunção de Salviano*, Salgado assume o papel de crítico ferrenho à sociedade burguesa, mas herda toda fartura de egoísmo que dela provém.

sem deixar fluir nenhum tipo de pudor que outrora pudesse escoar de uma relação amorosa entre dois homens. Um sentimento que traz um justaposto desejo de posse da pessoa amada.

Em virtude do fato de Salgado ser um homem à moda materialista marxista, defensor do Movimento Comunista, torna-se pertinente confrontar seu sentimento sob o ponto de vista dos *Manuscritos econômico-filosóficos*¹⁴. Para Marx, toda relação do homem com o mundo, a partir de todos os seus órgãos de individualidade (sentir, intuir, querer, amar), é um comportamento objetivo de apropriação do objeto. Essa forma de se apropriar faz do indivíduo amoral e unilateral, pela existência do “ter” que existe para o mesmo indivíduo com algo possuído ou usado (MARX, 2008). Quando isso ocorre, o espírito e os sentidos do homem a quem o indivíduo ama, quer, torna-se a própria apropriação desse indivíduo (MARX, 2008). Mesmo os sentidos sendo construções dos próprios homens, a sociedade os têm limitado à existência da propriedade privada.

Essa percepção de apropriação, sobretudo voltada para o homem como propriedade privada e exploração do trabalho, não se nota na postura de Júlio Salgado e seu auxiliar de trabalho junto ao Partido, João Martins. Do contrário, esse líder revolucionário, mesmo dotado de influência materialista marxista, assolado pela secularização do mundo moderno e com repúdio ofensivo à alienação religiosa, continua amando e sonhando. Por isso, Salgado enxerga uma absoluta autorrealização diante da possibilidade de concretização de um relacionamento amoroso com Martins:

“Se não fosse a sua simpatia pelo Martins já teria informado o Partido de que ele no máximo servia como qualquer intelectual – cuidando apenas do próprio cartaz e beneficiando o Partido com as sobras do prestígio pessoal.” (p.28).

Essa afirmação revela uma absoluta demonstração de afeto que, em meio ao desafio com os planos comunistas na Bahia, intensifica a certeza de que “um garoto de dezoito anos como o Martins, podia tornar-se indispensável a um homem maduro e autossuficiente como ele, com seus quarenta anos” (p. 27). Nesse sentido, Martins lhe servia de uma nítida visibilidade de uma “masculinidade simples” de um “femeceiro” (p.28-29).

Mesmo amando e sofrendo com esse amor não realizado, Salgado não se desvirtua de seus objetivos em relação ao Partido. Ele busca revelar todo o poder de que dispõe um Partido que “não é brinquedo, e não tolera restrições.” Mesmo no Brasil, um país de

¹⁴ Cf.: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008.

“manteiga, ele é uma **rocha dos tempos**, ele é respeitado, ele é severíssimo” (p. 30, grifo nosso).

Essa declaração da personagem põe em destaque o Partido Comunista, colocando o próprio Movimento como algo de caráter superior ao tempo histórico, como se fosse derivado de um poderoso arquétipo. Uma hipervalorização que congrega um caráter quase de sacralização de um Partido que é espelho de uma doutrina social que visa à abolição da propriedade privada e da alienação humana, por meio de um processo revolucionário. Uma visão sobre o Partido que se aproxima do tempo hierofanizado¹⁵, ou seja, capaz de revelar o absoluto, o sobrenatural, o sobre-humano, o supra-histórico (ELIADE, 2008).

Para Eliade, o homem não pode ser reduzido à atividade racional. Ele continua a sonhar e apaixonar-se, e essas respostas criativas da vida não são criadas pelo consciente. São essas formas de viver que permite ao homem permanecer no território do mundo histórico e natural, e no universo existencial privado e imaginário ao mesmo tempo. Essa junção forma o que o historiador do sagrado chama de “homem total”, ou seja, o ser que nunca pode ser completamente dessacralizado (ELIADE, S.D, p.12). Para esse mitólogo e filósofo, na revelação total da realidade há uma simultânea presença do sagrado. As relações do homem com o sagrado são multiformes, propícias aos valores do Espírito. Por um lado, revela-se com o outro, o transpessoal, e por isso, é transcendente. Por outro, o sagrado também se constitui como modelos a seguir, ou seja, é exemplar, forçando os homens a sair das situações pessoais em que se encontram, ultrapassando-as a fim de ascender ao universal (ELIADE, 2000).

A princípio, convém compreender o sentido do sagrado que aqui usamos. Não se trata de ser religioso no sentido de professar uma fé ou ser adepto de alguma instituição religiosa. Rudolf Otto adverte sobre o hábito de usar o termo *sagrado* num sentido figurado, como predicado de ordem ética, sinônimo do que é perfeitamente bom e absolutamente moral, próximo do que Kant denomina de *vontade* santa, distanciando-se do sentido primitivo original (KUJAWSKI, 1994).

¹⁵ A hierofania é a manifestação do sagrado em um objeto ou ser, ou seja, a presença de algo de uma ordem diferente, que não pertence à realidade do nosso mundo profano, e nele se manifesta. Mircea Eliade insiste na existência de um paradoxo constituindo toda a hierofania. Através da manifestação do sagrado, algo se torna outra coisa sem deixar de ser ele mesmo (Cf.: ELIADE, 1992, p.13). Adaptando a linguagem de São João Evangelista, Eugene Webb enfatiza que o sagrado está no mundo e a ele não pertence integralmente; esta afirmação, na visão desse pesquisador da literatura moderna, “é uma incômoda união do finito com o infinito, a qual aponta para ambas as direções de uma só vez” (WEBB, 2012, p.18).

Buscando inventar um termo específico, Otto retoma uma palavra já usada por Calvino: o numinoso. Atraente e cativante, “é uma categoria numinosa de interpretação e valoração”. Para ele, “um estado psíquico numinoso sempre ocorre” no momento em que se julga tratar-se de objeto numinoso” (OTTO, 2007, p.38). Nessa acepção, o amor se torna um aspecto paralelo entre a razão e o irracional fascinante, próprios da “experiência psíquica” e “pensado de forma consumada” (OTTO, 2007, p.69).

Retomando a passagem do romance de Callado, percebe-se que o Partido Comunista, por meio dessa declaração de Salgado, torna-se simbolicamente forte para servir de imagem motivadora de transformação no Sertão Nordestino. De qualquer forma, a incitação revolucionária fica suspensa entre o temor de assumir o amor por outro homem e a certeza de que o vigor do mais jovem, e a experiência do mais velho, sejam ingredientes necessários para por em prática um ideário que vem de um Partido que tem resistido ao tempo e se esforçado para se tornar paradigma da sociedade. Mas, no decorrer dessa trama, o leitor pode perceber que o líder do Partido, dentro de sua perspectiva de racionalização, não consegue se desvirtuar por completo das feições de religiosidade.

Contudo, é preciso deixar claro que essa manifestação religiosa, assim como se efetua na experiência de Salgado, é distinta da experiência com o sagrado nas religiões, sobretudo, o Cristianismo, fortemente presente na fé do sertanejo. Como explica Eliade, os contemporâneos de Cristo seguem um tempo litúrgico, vivido pelo cristão durante o serviço religioso. Essa vivência elimina o tempo profano e resgata o tempo sagrado por excelência: “o tempo em que Deus se fez carne, o *illud tempus*¹⁶ dos Evangelhos. [...] Para um cristão, Jesus morre e ressuscita diante dele. Pelo mistério da Paixão e da ressurreição, o cristão aboliu o tempo profano e integrou-se no tempo sacro primordial” (ELIADE, 2000). No Cristianismo, a sacralização do tempo se dá pelo exemplo de Jesus: a presença do Deus vivo entre os homens. Entretanto, no Comunismo, assim como se apresenta na obra de Callado, a sacralização se efetua por um “deus” sem rosto: os valores do Partido, de onde surge toda uma disposição do espírito para crer na renovação do Mundo por meio dos anseios por um processo revolucionário.

Com efeito, mesmo Salgado defendendo uma posição exclusivamente materialista do Mundo, assumindo-se como homem marxista de carne e osso, ativo, que busca a transformação do mundo pelas leis da razão, não escapa do poder da paixão. O sentimento amoroso por João Martins e o seu ideário comunista no Sertão Nordestino parecem

¹⁶ Do latim: o tempo de agora e de sempre. (tradução nossa).

contribuir significativamente para uma aproximação com a imagística. Por meio de abundantes narrativas monológicas, o leitor pode perceber que Júlio Salgado, num diálogo íntimo com seu interior: “via seu regresso triunfal ao seio do Partido, no Rio, e via, sobretudo, João Martins aceitando com naturalidade seu amor, compreendendo perfeitamente que homens amassem homens” (p.7). Uma esperança de uma nova era paradisíaca a partir da renovação do mundo, expressa pela aceitação do amor homoafetivo. Em outras palavras, cresce em Salgado todo um sonho de um Paraíso onde seja naturalmente aceito o amor entre dois homens, assolado por um camuflado sentimento que o invade completamente. Esse sonho se torna a representação máxima da restauração paradisíaca, destituindo todo o Caos que perturba o Sertão, através da construção de um novo Cosmo¹⁷ de naturalidade e perfeição do amor.

Além disso, como Manuel Salviano é peça fundamental para o sucesso dos planos do Partido, Salgado não cessa de afirmar: “– O Partido precisa de você vivo, Salviano, e quer as mesmas coisas que você quer: terra e liberdade para os camponeses” (p.44). Essa manifestação discursiva da personagem retoma o grande mito comunista o qual é chamado por Jung de mito de ilusão¹⁸, fortificado pelo sonho arquetípico de um Paraíso, onde reinará, dentro de um “jardim de infância humano”, a “abundância para todos e um grande chefe, justo e sábio” (JUNG, S.D., p.85).

Reinando entre nós – ainda esclarece Jung – é uma vã esperança, cujo mito

é o venerado e arquetípico sonho da época áurea ou do paraíso, onde todos teriam tudo e um chefe supremo, justo e sábio [que] dirige o jardim da infância. Esse poderoso arquétipo, em sua forma infantil, tem seu encanto, e nosso critério superior sozinho não o expulsará do cenário do mundo. Ele não desaparece, mas, ao contrário, alastra-se cada vez mais porque nós o ajudamos a propagar-se através de nossa infantilidade que não reconhece que nossa civilização está presa nas garras dos mesmos preconceitos míticos (JUNG, 2015b, p. 85).

Essa imagem arquetípica se centraliza na figura do próprio Salviano, a quem o povo camponês já dispõe toda confiança. Através da concepção junguiana, compreende-se que esse poderoso arquétipo está presente tanto na nossa infantilidade como nas nossas

¹⁷ De acordo com Eliade, para as sociedades tradicionais, o Cosmo e o Caos são uma oposição. O primeiro é o “território habitado e organizado [...] cosmizado”, já o segundo, é outro mundo: caótico, povoado de espectros e demônios, equivalem-se às almas dos mortos. É através da manifestação religiosa que se aproxima do momento cosmogônico. Nele, “o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica” (ELIADE, 1992, p. 21).

¹⁸ Essa concepção tem fundamento na esperança vã de que a superioridade humana de julgar possa fazer esse mito desaparecer (JUNG. S.D., p.85.).

esperanças e expectativas. Uma mitologia que já domina a civilização ocidental (JUNG, S.D.; JUNG, 2015b) e comungando das mesmas ideias, expectativas e esperanças: a paz mundial, os direitos iguais entre as pessoas, os direitos humanos, a justiça, o Estado como assistencialista e o a ideia do próprio reino de Deus na Terra (JUNG, 2015b, p. 85).

Com bastante intensidade esse ideário se fortifica no imaginário ideológico de Salgado, através da sua crença na igualdade entre os camponeses, na capacidade de fazer justiça, na verdade e na garantia do direito de plantar e colher.

Para que essas utopias se tornem concretas, Salviano precisa se configurar como uma espécie de “Redentor”. Para Salgado, “como chefe local” (p.45) escolhido para levar a mensagem comunista aos camponeses. O que faz surgir toda uma esperança num futuro vindouro, através de uma missão bem-sucedida por parte desse marceneiro.

Como se pode notar nesse trajeto, parece haver dois ingredientes que consubstanciam a busca paradisíaca no ideário da personagem Salgado. Uma é a perspectiva política de implantar o Partido Comunista no Nordeste, pela construção de um novo Cosmo, com uma ideologia de bases marxistas; a outra, atrelada a primeira, é a busca idealizada de uma espécie de “Éden” de perfeição e naturalidade do amor homoafetivo por João Martins. Esses desejos parecem imbricados a partir das imagens primordiais do desejo de abolição simbólica da estrutura social e econômica e do contexto cultural e político vigente, através da apocalíptica certeza de poder renovar o Mundo.

Ora, são essas duas tendências que parecem guiar o responsável pela implantação do Partido Comunista nesse romance inaugural de Callado. Salgado – em meio a seu ideário comunista, tentando incitar um processo revolucionário, desejando a vitória do Partido e sua recompensa nos braços de seu companheiro de Partido, João Martins – arquiteta, planeja, raciocina, pensa, analisa; mas também, sonha, deseja, torce, vibra, ama...

Repleto de toda essa relação com o sagrado e visando o ideário de abolição da propriedade privada e da constituição de uma sociedade sem classes, Salgado resgata mitos que buscam traduzir as imagens de seus mais intensos desejos. Enquanto busca empenhar energias para secularizar a religiosidade presente no seio da vida camponesa, nutre-se de sentimentos que o transportam para uma projeção hierofânica do ideário do mundo comunista. Inconscientemente tomado de imagens e estruturas míticas memoradas e reatualizadas pelo ideário do Partido, o líder busca, intencionalmente, reavivar a esperança camponesa num mundo melhor, mais justo e frutífero. E isso ele o faz através de um

processo que, conseqüentemente, configura-se como uma forma de sacralização do mundo profano.

Contudo, é inegável que a perspectiva de Salgado se manifesta totalmente antagônica à fé cristã do sertanejo. Por isso, para ele, é um grande desafio convencer a camada popular. Enquanto os camponeses creem numa transcendência Divina, através do exemplo de Cristo, que venceu a morte para salvar toda a humanidade; Salgado se opõe a essa teofania e busca alcançar uma conquista material. Trata-se da crença num “além” que se efetua aqui mesmo na Terra. Ao passo que a Igreja prega aos camponeses a fé para seguir a retidão, como Herdeiros do Reino de Deus, pois “Deus mandou que todos se amassem” (p. 43); os seguidores do Partido se configuram como herdeiros da visão utópica do mundo. Buscam consolidar uma religiosidade presente num grande mito de ilusão comunista: um Paraíso aqui na Terra. Dessa forma, a utopia do Partido Comunista se fundamenta e, igualmente se sustenta a partir de uma contraversão à Doutrina cristã. No entanto, ambas se constituem através do mesmo arquétipo da busca pela felicidade paradisíaca.

O mito do Paraíso Perdido, retomado dos tempos primitivos pela filosofia marxista, suscitado em *Assunção de Salviano* por Salgado, consolida-se através de seu emblemático lema: destituir o antagonismo de classes e construir uma sociedade perfeita na Terra¹⁹. A imagem suficientemente forte da qual Salgado se alimenta é a “rocha” do próprio Partido Comunista. Entretanto, mesmo negando toda espécie de manifestação religiosa, inclusive àquela oriunda da crença dos camponeses – o Cristianismo – Salgado não consegue se “imunizar” da transcendência do sagrado. É através de toda sua insistente projeção num mundo secular e num movimento político inabalável que seus desejos se enraízam numa experiência com o transcendental. Embora ele negue e repudie a Igreja, suas aspirações e representações sociais são apresentadas através de uma imaginação que, camuflada ou aparentemente disfarçada, é mítica, e se consolidam em uma forma de crença. Por essa razão, não foge à transcendência do sagrado. Sobre essa manifestação, Eliade comenta que, embora determinado indivíduo não participe ativamente de uma “experiência religiosa

¹⁹ A busca pelo Paraíso Terrestre não faz parte só do imaginário comunista. Conforme explica Mircea Eliade, Cristóvão Colombo almejava alcançar o Paraíso Terrestre a ponto de atribuir um significado mítico a descoberta geográfica do Novo Mundo. Essa busca tinha uma implicação escatológica: “Ele acreditava que as correntes de água doce que encontrara no Golfo de Péria provinham dos quatro rios do Jardim do Éden” (ELIADE, S.D., p.113-114). (Cf.: Gênesis 2: 10-14). O Paraíso Americano também foi visto em várias regiões pelos pioneiros que aqui estiveram. Conforme mencionar Eliade, John Smith comparou o Continente Americano como a Nova Inglaterra. Trata-se de um novo Éden onde “céu e terra nunca combinaram melhor para formar um local para habitação do homem” (ELIADE, S.D., p.117).

autêntica”, há uma presença do “comportamento mítico”, que se deixa perceber muito mais da “atividade inconsciente de suas psiques”, isto é, nos sonhos, fantasias, nostalgias, entre outros (ELIADE, 2000, p.29).

Essa manifestação em *Assunção de Salviano* assola os personagens com bastante intensidade e, a princípio, com mais constância, nos ideais de Salgado. Em meio a sua afirmação ateísta e declaração avassaladora de revolução, própria das raízes da filosofia materialista marxista; e ainda, no seu projeto de estabelecer uma ordem comunista no Sertão Juazeirense, converge uma indomável representação imagística que parece dominar todos os seus pensamentos e ações. Há, por um lado, uma tentativa de Salgado de fugir do universo imaginário e sacralizado que continua permeando a vida do homem moderno. Por outro lado, perpassados por uma constante negação da Doutrina de origem cristã, retoma um acentuado processo de sacralização dos ideais propostos pelo Movimento Comunista. Isso ocorre porque esse líder do Partido não consegue se privar dos vestígios do comportamento religioso e da nostalgia de um passado primevo.

1.4 A Nostalgia da Perfeição Paradisiaca

*A rebeldia — e o fruto, que, vedado,
Com seu mortal sabor nos trouxe ao Mundo
A morte e todo o mal na perda do Éden,
Até que Homem maior pôde remir-nos
E a dita celestial dar-nos de novo.*

(John Milton)

Todo o desejo da personagem Salgado e o seu ideário de fundamentação materialista marxista se apresentam como busca de uma felicidade paradisiaca, a partir da própria perspectiva utópica do Partido Comunista. É por meio dessa nostalgia oriunda do sagrado primordial que ele busca convencer Salviano a fazer do sertão da caatinga uma abundância de colheitas por meio do “arquétipo da bem-aventurança” (PATAI, 1972, p. 79); dirigida por um chefe “eleito” pelo Partido a fim de resgatar uma Idade de abundância de um tempo de outrora:

Imagine estas terras divididas, Salviano, o Partido fiscalizando as colheitas, você como chefe local, organizando a vida agrícola de toda a zona sanfranciscana, sangrando este bruto rio inútil para dentro da caatinga, amarelando de trigo a terra cinzenta onde hoje só dá xique-xique... (p.45).

Na perspectiva eliadeana, essa manifestação pode ser traduzida como uma verdadeira expressão da íntima e profunda experiência religiosa, por meio da celebração de um tempo sagrado, que traz a ideia da perfeição dos primórdios, através da recordação imaginária de um Paraíso Perdido (ELIADE, 1963). Ora, essas idealizações do Partido Comunista surgem sobre os mesmos mitos escatológicos do mundo asiático-mediterrâneo, presentes também na própria Doutrina judaico-cristã e retomados e prolongados também pelo autor do Manifesto: Karl Marx. São mitos que traduzem a constante busca de transformar o Mundo, isto é, modifica-lo a partir da forma que ele se manifesta em seu próprio estatuto ontológico. Da busca pelo Paraíso, surge “o papel do Redentor, do Justo (o ‘eleito’, o ‘ungido’, o ‘inocente’, o mensageiro’ dos nossos dias, o proletariado)”; e a Idade de Ouro, caracterizando-se como “o começo e fim da História”, que se configura pelo fim dos sofrimentos, da “sociedade sem classes de Marx e o conseqüente desaparecimento das tensões históricas” (ELIADE, 2000, p.18). Nesse sentido, o arquétipo do Justo, através do papel Redentorístico, protagonizado no romance de Callado por Manuel Salviano, ganha proporções gigantescas em todo o romance. Isso ocorre graças à mensagem de fartura e

beatitude dirigida à massa camponesa, herdada graças à nostalgia de uma Idade de Ouro que traz a promessa de fertilidade e abundância para um sertão degradado pelas ações dos coronéis²⁰.

Como ainda se pode notar na passagem do romance calladiano acima, agregado a esse imaginário, tem-se o rio São Francisco, um dos mais importantes cursos de água não só do Brasil, mas da América, configurando-se como símbolo da esperança de resgate de um passado edênico. Nos discursos da personagem Salgado, isso ocorre por meio da associação entre o rio e a influência do pensamento franciscano. Imerso pelas forças do imaginário, ou mesmo agindo com intenções bem esquematizadas, esse líder do Partido, tão avesso à religião, traz “à tona”, mesmo de forma não proposital, um ideário de Paraíso presente dentro do próprio Cristianismo e na própria fé dos camponeses: a filosofia franciscana.

Segundo Tomás de Celano *apud* Vier, Francisco de Assis – sempre guiado pela revelação divina – escreveu com simplicidade, utilizando-se das palavras dos Evangelhos bíblicos para seguir à Perfeição. Por essa razão, ao longo dos anos, atribuiu-se a ideia de um Cristianismo prático nas palavras de São Francisco, que se consolidou no que Hermann Glockner chama de “cristianização da filosofia franciscana” (TOMÁS DE CELANO *apud* VIER, 2016, p. 4). Assumindo o imaginário sob esse viés, Salgado busca reabilitar todo otimismo de um Paraíso controlado por um chefe, guiado por uma filosofia de caridade e de universalidade do amor a todas as criaturas, buscando protegê-las. A essa filosofia, Vier buscou chamar de “reabilitação da matéria” (TOMÁS DE CELANO *apud* VIER, 2016, p. 7).

Seguindo essa interpretação, o crédito pela restituição paradisíaca de um solo infértil e improdutivo, na perspectiva do líder comunista, seria atribuído a Manuel Salviano, que sempre estivera junto dos camponeses e conquistara-lhes a confiança. Assim concebido, esse imaginário se manifesta pela presença de uma promessa, reflexo de uma nostalgia de um tempo de outrora. Uma imagem que se torna suficientemente capaz de conquistar a confiança dos camponeses.

Ainda sobre a imagem da “zona sanfranciscana” (p.45), é possível perceber que, guiado por seu desejo de transformar Juazeiro e todo território banhado pelo rio São Francisco num grande “Reino” sob a perspectiva comunista: sem classes e sem propriedade privada, Salgado não consegue se evadir da nostalgia de um *illud tempus*. É

²⁰ Esses aspectos serão aprofundados nessa e na próxima travessia.

por meio dessas matrizes de imaginação que esse líder do Partido busca alimentar a esperança na recuperação do Paraíso Perdido do Sertão Nordestino, com a transformação das terras secas e improdutivas num vasto território de bem-aventurança.

Visando compreender melhor a manifestação desse mito, descreveremos, de forma bastante sucinta, como ele está manifesto em tradições pagãs e cristãs. O mito que visa à recuperação da época paradisíaca primordial tem perpetuado durante várias gerações e em distintos povos e nações. Mircea Eliade, baseado em estudos de Hermann Baumam, H. Fischer, T. Lehtisalo, E. Emsheimer, entre outros, busca resumir o mito do Paraíso tanto em tradições primitivas quanto no Cristianismo. Para os africanos, na época paradisíaca não havia morte, o homem conhecia a linguagem dos animais e com eles viviam em paz; mesmo não trabalhando, tinham tudo ao alcance de suas mãos (ELIADE, 2000).

Na realidade, muitos dos mitos sobre o Paraíso dizem respeito à proximidade da Terra com Céu ou do Céu com a Terra. Nesse tempo, o Céu poderia ser acessado facilmente. Sendo assim, o desejo arquetípico de recuperar essa condição paradisíaca surge exatamente a partir do momento em que houve a separação Céu/Terra, ou seja, “quando a árvore ou a liana que ligavam Terra e Céu foram cortadas, ou a montanha que tocava o Céu aplanado, terminou o estado paradisíaco e a humanidade adquiriu a sua actual condição” (ELIADE, 2000, p.66). Essa ruptura é chamada de mito da Queda, resultando na inacessibilidade ao encontro dos deuses no céu e o fim da amizade com os animais e o conhecimento de sua linguagem. Para Eliade, essa queda significa tanto uma “ruptura cósmica” quanto uma “mutação ontológica” da condição humana (ELIADE, 2000, p.67).

Ora, é exatamente em função da perda da condição ontológica humana inicial que o homem busca reestabelecer essa condição paradisíaca. Os xamãs buscam abolir a condição de desgraça do homem decaído para “reintegrar a condição do homem primordial que nos falam os mitos paradisíacos” (ELIADE, 2000, p.67). Buscando abandonar a vontade do seu corpo e empreendendo por regiões cósmicas através de viagens míticas, o xamã tem o poder de conduzir as almas e curá-las. Persegue a alma do doente para reintegrá-la ao seu corpo e também acompanha a alma dos mortos às suas novas moradas. Do mesmo modo, viaja ao Céu para apresentar a almas dos animais sacrificados aos deuses a fim de implorar novas bênçãos (ELIADE, 2000). Essa ascensão se dá por meio de uma “árvore ou mastro, simbolizando a ‘Árvore ou Pilar cósmicos’” (ELIADE, 2000, p.70). A geografia dessa Árvore é o Centro do Mundo, lugar primordial para ligar a Terra ao Céu (ELIADE, 2000, p.71).

Entretanto, durante o êxtase, o xamane, abolindo a ruptura entre Céu e Terra, subindo ao Céu em espírito, não consegue anular a morte (ELIADE, 2000), mas experimenta, ainda que num curso temporal de pouca duração, a condição da liberdade primordial anterior à Queda. Além disso, “desce aos Infernos para procurar e trazer a alma do doente que foi arrebatada pelos demónios” (ELIADE, 1979, p. 160). O mesmo fez Orfeu para trazer sua mulher, Eurídice, após a morte de sua amada.

É preciso destacar, como sublinha Eliade, que, a fim de restaurar a integridade do homem sucumbido pelo pecado, “Jesus também desce aos Infernos para salvar Adão”. Não interessa aqui destacar o valor conceitual ou simbólico de uma ou outra perspectiva de alcance do Reino das Trevas, mas o elemento imutável de todas elas: uma empreendida para salvar a alma (ELIADE, 1979, p. 160), o que caracteriza o arquétipo da iniciação, uma vez que, especificamente no Cristianismo, “a morte simbólica não possui sentido único para a própria perfeição espiritual”, mas serve como função universalmente soteriológica.

Para Eliade, embora essa ideia de perfeição seja bastante arcaica, é bastante difundida, suscetível de reinterpretações e fácil de ser integrada por inúmeras concepções religiosas (ELIADE, 1963). O Cristianismo está repleto de nostalgia do Paraíso (ELIADE, 2000). Nele, a crença na restauração do Paraíso está na esperança na Salvação Celeste, isto é, no dia em que a alma humana volta a se unir com Deus (ELIADE, 1979). O “batismo” já significa a porta do Paraíso, seguida da “vida mística” e da “morte” (ELIADE, 2000, p.73). Para os padres da Igreja, a vida mística é um modo de regredir ao estado paradisiaco.

Frei Carlos Mesters, aceitando que muitas narrações da antiguidade que relatam a felicidade e imortalidade são mitos dotados de linguagem simbólica e que podem ser explicados pelas religiões antigas, defende que a descrição bíblica do Paraíso não é uma narração simplesmente do passado, mas uma posição de um autor que está preocupado com um perigo futuro. Para evitar o caos total de um povo, algo deveria ser feito: uma mudança de atitude. O autor bíblico denuncia o mal para que “o leitor descubra a raiz” a fim de tomar consciência de sua origem “o pecado original”. A força para transformar a situação de mal-estar é executável e praticável, mas depende de Deus que é capaz de gerar a mudança. Assim, na perspectiva desse religioso, o relato do Éden faz “renascer uma esperança, a coragem e a capacidade de resistir” (MESTERS, 1971, p.28).

Consoante essa hermenêutica de Frei Mesters sobre o texto bíblico do Éden, e igualmente, de outros relatos distintos sobre o paraíso e a origem, a busca paradisiaca pode ser compreendida como reflexo tanto da influência direta de uma memória arquetípica;

originada a partir de uma força transcendental divina – capaz de gerar uma grandiosa esperança – que perpetua no inconsciente coletivo. Entre saudosismos e esperanças há um arquétipo fundamental que não cansa de ser perpetuar no inconsciente de inúmeras gerações.

Uma das formas míticas que simboliza a restauração do Paraíso é a volta da amizade do homem com os animais (ELIADE, 1979). Assim também fez São Francisco, seguindo os padres do deserto, no domínio espontâneo sobre os animais e amizades com as feras. Um sinal evidente da situação paradisíaca (ELIADE, 2000).

Retomando a passagem do romance acima, para Salgado, a “zona sanfranciscana” se assemelha ao próprio cenário terreno banhado pelo rio, distinto do Paraíso sob a perspectiva dos sertanejos franciscanos.

Não é demasiado reafirmar que todo o objetivo do Partido Comunista em *Assunção de Salviano* se valida a partir da negação da Doutrina cristã e de sua promessa da recompensa na eternidade do Paraíso. Dessa forma, assim como nas religiões, nos movimentos políticos, como o Comunismo, esse mito se tornou “vivo” a partir da esperança de uma bem-aventurança terrestre.

Com melhor clareza, a justificativa dessa relação ainda pode ser descrita a partir das próprias bases de fundamentação desse movimento. De acordo Robert Service, embora tenha sido germinada mesmo antes da década de 1920, a palavra comunismo só foi inventada tardiamente. Seus alicerces se fortificam no ódio ao sistema econômico e ao Estado, que alimentam a convicção de que só os comunistas têm o preparo ideológico para provocar mudanças na sociedade, conseqüentemente, na vida das pessoas. Não se pode ignorar que o Comunismo “sempre esteve relacionado com o desejo de seus partidários de destruir as fundações da sociedade e reconstruí-la em outras bases” (SERVICE, 2015, p. 29), para fazer dela uma sociedade perfeita. Este também foi um antigo anseio religioso de grandes religiões como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo (SERVICE, 2015). Por essa razão, mesmo críticos a todo tipo de alienação religiosa, e a ela se opondo, é possível perceber o quanto os ideais do materialismo marxista comunista mantém alguma semelhança ou equivalências com as experiências com o sagrado. As expressões que traduzem a negação do Mundo presente, na tentativa de destruí-lo e para construir segundo a perfeição inicial, são formas hierofônicas que se manifestam no projeto político comunista e em inúmeras religiões.

Seguindo o pensamento de Eugene Webb sobre a relação entre a *fonte* e o *veículo*²¹ de manifestação do sagrado, o Movimento Comunista se torna o *veículo* pelo qual o homem pode ter acesso a toda fundamentação do polo transcendente sacro da busca arquetípica pela perfeição dos primórdios – a *fonte*.

Sintomaticamente, todo esse imaginário perpassa o enredo do romance inaugural de Callado, graças ao que o historiador e escritor britânico Service chama de “promessa de bem-aventurança dos comunistas” que consistia em garantir que meios de sobrevivência fossem partilhados por igual para todos e “não deveria haver ninguém que desejasse mais do que o necessário para sobreviver” (SERVICE, 2015, p. 31). Isso porque o comunismo, de bases marxistas, arquiteta a criação de uma “sociedade perfeita aqui mesmo na terra” (SERVICE, 2015, p. 30). Para Marx e Engels, enquanto houver “opressor e oprimido permaneceram em constante oposição um ao outro, levada a efeito numa guerra ininterrupta” (MARX; ENGELS, 1999, p. 26), – e a própria burguesia, que não aboliu a divisão de classes, construída sobre as ruínas do sistema feudal, de forma visível ou camuflada –, o Paraíso estará distante de ser recuperado. Segundo as concepções dialéticas e materialistas do mundo, o Comunismo foi glorificado como “fase superior do desenvolvimento social²²”. Para Marx e Engels, do conflito se pode gerar a “reconstituição revolucionária de toda a sociedade” ou a “destruição das classes em conflito” (MARX; ENGELS, 1999, p. 26). Esse último propósito se torna o principal objetivo da personagem Salgado.

Em suma, através do Partido, o líder abraça o grande ideal do Comunismo, almejando uma sociedade perfeita. Um ideário que também assolou muitos movimentos políticos e messiânicos por todo o Brasil durante o século XX. Nesse romance, essa posição intensifica o conflito entre esse movimento político e a perspectiva de Paraíso na Doutrina cristã; propriamente a fé católica, professada pela massa camponesa. Em toda a trama, a motivação de Salgado está, aparentemente, empenhada em destituir as injustiças para com os camponeses (um povo explorado pelos coronéis da região) através da incitação revolucionária ou destruição do signo que separa essas classes em conflitos. Mas também, ele estava nutrido de energias para atacar a Igreja, na avassaladora convicção de que a religião se tornava um obstáculo a sua utopia.

²¹ A fonte é o fundamento de sua qualidade sacra, enquanto o veículo é o polo imanente, por meio do qual se torna acessível ao homem (WEBB, 2012, p.21).

²² Cf.: TCHERTKOV, V. P. *et al.* **Materialismo Dialético**. Academia de Ciências da URSS Instituto de Filosofia. Rio de Janeiro: Vitória Ltda, 1955, pp. 391-437.

1.5 “Chuvas de Pedra e Calíça”: a Escatologia Comunista e Judaico-cristã

*E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva,
pedras do peso de um talento.*

(Apocalipse, 16: 21)

Com o propósito de conduzir os camponeses à luta, a fim de restabelecer uma espécie de condição primordial, o Paraíso Perdido, a personagem Salgado insiste em incitar a camada camponesa no intuito de gerar um grande processo revolucionário que garanta o extermínio de toda estrutura política, social, econômica e religiosa vigente. Esse desejo assola o pensamento de Salgado desde as primeiras páginas do romance de Callado. Ora, é por meio de um imaginário que reúne um verdadeiro anúncio apocalíptico das forças de coerção, que esse líder do Partido almeja construir uma nova bem-aventurança para o Nordeste Brasileiro, buscando inaugurar uma nova ordem social:

E, bem verdade que, com os avançar dos anos, aqueles instantes de perfeita fé no futuro iam rareando. Mesmo assim aconteciam ainda. Ali estava um deles. Júlio Salgado, enquanto passava a mão pela sucupira da estante de livros feita por Manuel Salviano, via seus problemas todos resolvidos, todos os nós da sua vida desfeitos: via a Matriz de Juazeiro e a Prefeitura explodindo numa chuva de pedras e calíça; via, dia de Nossa Senhora da Glória, os rifles disparando narizes de imagens e chamuscando os panos do altar-mor; via seu regresso triunfal ao seio do Partido, no Rio, e via, sobretudo, João Martins aceitando com naturalidade seu amor, compreendendo perfeitamente que homens amassem homens (p.7).

A passagem acima encerra uma busca arquetípica por uma perfeição que antecede a condição atual da cidade de Juazeiro da Bahia (cenário geográfico dessa obra). Inicialmente, é na figura de Salgado que ainda se encontra a “fé” necessária para reestabelecer essa bem-aventurança. Como já mencionado, esse mito é guiado pela constante busca do homem em reestabelecer a harmonia cósmica, um mito que sempre se fez presente nos mais íntimos anseios da humanidade, mesmo em modelos distintos de sociedade.

Para a tradição judaico-cristã, após o *monogenismo bíblico*²³, essa busca começa a significar o retorno do mito bíblico do Éden, ou seja, da perfeição paradisíaca do tempo da

²³ Com a propagação do Cristianismo, os mitos de origem próprios de várias etnias europeias da Antiguidade foram substituídos pela Doutrina cristã. Com a propagação dessa fé, os mitos cosmogônicos, ou também chamados mitos de origem, foram substituindo ou se justapondo ao poligenismo pagão. Os mitos de origem

Criação em que o primeiro homem e a primeira mulher viviam em perfeita harmonia com todos os seres vivos da Terra²⁴. Buscando semelhante harmonia, sonha o líder do Partido Comunista em Juazeiro: um dia em que poderá amar João Martins – um jovem companheiro do Partido – na naturalidade de um amor homoafetivo. No entanto, para que esse desejo de Salgado se realize, é preciso desfazer todos os seus problemas, ou seja, os todos os “nós”. Nos dizeres de Eliade, tudo aquilo que confere “toda a espécie de males, tanto na magia antiga, como nas superstições modernas” (ELIADE, 1979, p. 108). Na perspectiva de Salgado, são todos os preconceitos e aversões a um sentimento que se choca com os “tabus” de uma sociedade guiada pela exclusiva aceitação do matrimônio heteroafetivo.

É importante destacar que toda busca paradisíaca precede um anúncio apocalíptico, que faz ressurgir os mitos de cataclismos cósmicos que “contam como o Mundo foi destruído e a humanidade aniquilada” (ELIADE, 1972, p. 42), com alguns sobreviventes escolhidos para restauração do novo Cosmo. Por isso, a “chuva de pedras e caliça”, proveniente do imaginário utópico da personagem Salgado, é uma derivação do imaginário dos mitos diluvianos da regressão ao Caos, pela idealização da destruição da Igreja e do Estado, abrindo possibilidades para a “recriação do Mundo e, simultaneamente, para a regeneração da humanidade” (ELIADE, 1972, p. 42) no seio do Partido Comunista. Com efeito, isso significa uma nova possibilidade de restauração do Cosmo, guiada pela obsessão de reintegrar a beatitude inicial a partir do ideário do Movimento Comunista. Isso porque, a única hipótese para restaurar a perfeição dos primórdios é a destruição de toda existência degradada após a criação do Mundo (ELIADE, 1963, p. 49).

Ao passo que a busca paradisíaca da personagem Salgado se assemelha aos ideais do Comunismo, pelo menos nos termos em que foi formulado por Engels e Marx²⁵; a possibilidade escatológica mantém pontos em comum: o Fim do Estado e das religiões²⁶:

helênica, celta, germânica, itálica integraram o que a antropologia do século XVIII chama de *monogenismo bíblico*, uma mistura da particularidade pagã e a universalidade cristã (Cf.: LEGROS, 2007, p. 209-210).

²⁴ O mito do Éden Perdido tem sua origem na tradição Judaico-cristã, quando “plantou o Senhor Deus um jardim no Éden [...] e pôs ali o homem que tinha formado.” Tendo o Adão e Eva comido do fruto da árvore do conhecimento, “o Senhor Deus, pois, o lançou [o homem] fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.4; 6; Gênesis, 2: 8; 3:23). Dessa forma, a busca do Paraíso Perdido para os judeus e cristãos, é a tentativa arquetípica de recuperar a beatitude do passado primordial do *illud tempus* da Criação relatado no Gênesis.

²⁵ O objetivo do *Manifesto comunista* era “melhorar as condições de vida para todos os membros da sociedade, mesmo dos mais privilegiados” (Cf.: MARX, ENGELS, 1999, p. 59).

²⁶ A profusão escatológica do movimento marxista em prol da eliminação das instituições sociais é explicada pela lógica do sujeito real de Marx, que é chamada de subjetividade. O Estado é um dos responsáveis pela alienação dessa subjetividade. Quanto ao pensamento marxista da alienação religiosa. Esse, parte da crítica

“o que o Partido quer é destruir a religião, em lugar de dar cabo de meia dúzia de padrecos” (p.40). Com toda astúcia almejava a personagem Salgado: o dia em que “a Matriz de Juazeiro e a Prefeitura” estivessem “explodindo numa chuva de pedra e calíça” (p.7). Isso se justifica em função de sua condição como líder efetivo do ideário comunista, defendendo também uma filosofia marxista, que consiste em abolir as verdades eternas, a religião e a moral (MARX; ENGELS, 1999, p. 44).

Mas qual a origem do mito escatológico que se manifesta em seu eterno retorno²⁷ na obra de *Assunção de Salviano*? Em *O mito e o Homem Moderno*, Raphael Patai explica que o mito escatológico tem sua forma mais antiga na Bíblia de tradição judaico-cristã, sendo um ramo da teologia que se preocupa em explicar o fim dos tempos. Nas análises críticas arquetípicas de Northrop Frye, o apocalipse e o demoníaco são dois mundos que tem origem na Bíblia. Ela é a “fonte principal do mito não deslocado, em nossa tradição” (FRYE, 1957, p. 142), rica em imagens ou diánoia (ideia).

Ora, mas como a influência bíblica pode se reverberar no imaginário de Salgado, um homem com tanta aversão à Igreja e a todos os tipos de religião? Um sentimento também nutrido por Manuel Salviano, que fugiu do “Paraná depois de estourar o conflito com os posseiros do Porecatu” (p.19) e se tornou protegido do Partido Comunista no sertão da Bahia. O que fez o repúdio à bíblia se tornar ainda mais acentuado em seus discursos. Após tantas visitas do Mr. Wilson, um “vendedor de artigos de *nylon*, detetive amador e distribuidor voluntário de bíblias para a Bible Society” e protestante (p.20), Salviano não suporta e reclama: “Não deixe mais suas bíblias espalhadas pela minha casa. A Irma guardou a que o senhor deu a ela, mas mesmo uma bíblia só para duas pessoas já é de dar indigestão” (p. 20-21). Esses dois personagens apresentam características que se assemelham muito a própria filosofia marxista, concebendo todo o tipo de religião como forma de alienação.

Mas, na realidade, o retorno do mito escatológico em *Assunção de Salviano* não é tão somente uma simples influência de contatos com a Bíblia judaico-cristã ou com experiências religiosas. É necessário retomar a conceituação de que o mito tem seu retorno através dos arquétipos do inconsciente coletivo. Sobre essa influência psíquica, Eliade afirma que “os mitos preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis a que o homem se dedica” (ELIADE, 1992, p. 9). É o que

Feuerbachiana de perceber a religião como um atributo, que “faz do homem um predicado de Deus, enquanto que Deus não é outra coisa que a projeção ideal do homem” (COLLIN, 2010, p. 38).

²⁷ Cf.: ELIADE. Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mendonça, 1992.

acontece com esse mito, ele está presente no imaginário coletivo e, por isso, é atemporal. Por essa razão, os anseios do líder comunista não escapam aos modelos que estão presentes no imaginário dos indivíduos, da sociedade e dos ideários políticos. O que ocorre com o ideário comunista é uma *síndrome paradisíaca*, que pode ser esclarecida sob uma perspectiva eliadeana: “a certeza da missão escatológica, e em especial, a certeza de voltar a atingir a perfeição do Cristianismo primitivo e de restabelecer o Paraíso na terra, não é possível de ser esquecida.” (ELIADE, S.D., p. 123).

Como forma de compreender melhor a manifestação do mito escatológico na obra de Callado, assinalemos, brevemente, a relação existente entre a tradição escatológica de origem Judaico-cristã, e a sua reverberação no materialismo marxista que consubstancia o ideário comunista. Por certo que essa analogia encerra um extremo antagonismo a perdurar em todo esse romance de forma bastante intensa.

De modo análogo, tratamos de expor essa relação. Na tradição judaico-cristã, existem duas épocas abençoadas: o Éden Perdido, anterior ao mito da Queda; e a Jerusalém Celeste: um final dos tempos reconhecido como retorno aos primórdios. O mito do Éden tem sua origem nos Gênesis, quando Deus plantou “um jardim no Éden” e “pôs o ali o homem que tinha formado” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.4; Gênesis, 2: 8). Tendo o homem desobedecido a Deus e comendo do fruto da árvore proibida, “O senhor Deus, pois, o lançou fora do Jardim do Éden” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.6; Gênesis, 3: 23). Já o mito do Fim, apresenta-se nessa mesma tradição pela simbolização da Jerusalém Celeste, que ocorrerá em quarenta dias, nos quais o “Senhor enviará o fogo sobre a terra para purificá-la da mácula do vício e do pecado” (EFRÉM *apud* ELIADE, 1972, p. 50). Essa Cidade Santa, “a Nova Jerusalém”, é o lugar onde “Deus desce do Céu” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.399; Apocalipse, 21: 2). É também o lugar onde “Deus limpará [dos olhos da humanidade] toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.399; Apocalipse, 21: 4). De acordo com Eliade, a Nova Jerusalém inspirou vários povos na busca de formar uma espécie de “Paraíso na Terra²⁸”. Por essa razão, há no inconsciente coletivo uma busca arquetípica incessante pelo retorno ao Paraíso.

Mas como esses mitos foram captados pelo ideário comunista? Ora, o movimento simplesmente absorveu esse imaginário. Segundo Eliade, essa profusão escatológica

²⁸ Cf.: ELIADE. Mircea. Paraíso e utopia: geografia mítica e escatologia. In: **Origens: História e Sentido na Religião**. pp. 111-136.

obteve ressurgimento a partir de dois movimentos políticos totalitários: o Nazismo e o Comunismo. Ambos “anunciam o Fim deste mundo e o início de uma era de abundância e beatitude” (ELIADE, 1972, p. 51). De fato, essa é uma busca fundamental do próprio marxismo²⁹. Nele, “o sonho do Apocalipse” precede o “advento do Paraíso” (SERVICE, 2015, p. 30). É também a mesma profusão mítica que vigora no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo. Nessa acepção, compreende-se que, independente das religiões, os movimentos políticos e os anseios individuais podem nutrir um forte entusiasmo na busca um Paraíso no *hic et nunc*.³⁰

Através da busca inquietante de Júlio Salgado pelo anúncio apocalíptico e da esperança de um Paraíso, sonhando a destruição da Igreja e da Prefeitura, na espera de uma recompensa na naturalidade e perfeição de um mundo em que “homens amassem homens” (p.7), nota-se que, apesar de a escatologia comunista coincidir com a escatologia judaico-cristã, a busca edênica de Salgado apresenta uma variação, que é fruto de seu desejo homoafetivo. Além disso, enquanto a tradição judaico-cristã exalta o Paraíso Celeste, numa dimensão espiritual, que consiste na recompensa para os vencedores e herdeiros de “todas as coisas”, inclusive a paternidade de Deus: “eu serei seu Deus, e ele será meu filho³¹”; o Comunismo se fundamenta na busca por um Paraíso material³². Ademais, a mesma perspectiva comunista escatológica de Salgado também se revela antagônica à busca arquetípica de origem judaico-cristã. A primeira se fundamenta na destruição do modelo de sociedade atual a fim de ofertar a distribuição igualitária de terras e a liberdade dos camponeses para delas usufruir, destruindo o signo de divisão entre classes sociais; enquanto a segunda, está alicerçada pela crença de que, através da renúncia dos desejos carnis, alcança-se a transcendência, isto é, a recompensa celestial da alma.

Tão presente no imaginário religioso da tradição judaico-cristã e no mundo comunista, a escatologia é um mito germinado pelo mesmo poderoso arquétipo, na busca da destruição do Mundo e reconstrução de um novo Cosmo, assolando todo um ideário de

²⁹ Marx e Engels, ao se tornarem ateus na fase posterior de suas vidas, discordavam da eternidade do Paraíso pregada pelos crentes. Com esse pensamento, defendiam a criação de uma sociedade perfeita na Terra (SERVICE, 2015, p. 30).

³⁰ Do latim: aqui e agora.

³¹ BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.399; Apocalipse, 21: 7.

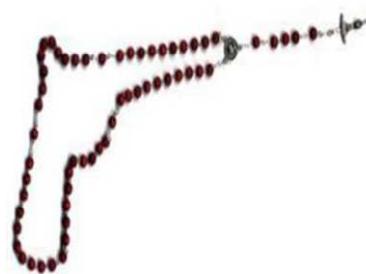
³² O Paraíso distante das fundamentações do espírito não perpassa apenas o imaginário comunista. Em suas pesquisas, Eliade descobriu que o Paraíso para os Guaranis também não é do domínio espiritual. Para esses povos, o Paraíso “possui um caráter paradoxal: por um lado, corresponde ao contrário deste mundo – pureza, liberdade, beatitude, imortalidade e tudo o mais; por outro lado, é concreto, isto é, não “espiritual”, e encontra-se incluído neste mundo, visto ter uma realidade e identidade geográficas.” (ELIADE. 2016, p.131; grifo do autor).

revolução a partir do sonho de construir um novo Cosmo que se estenderá por todo Sertão Nordeste e avançará toda a América. Entretanto, para alcançar esse esperançoso Paraíso, Salgado necessita destruir todas as ameaças do Presente. Isso porque todo o mito cosmogônico³³ requer um anúncio apocalíptico e uma escatologia.

³³ Para Mircea Eliade, a cosmogonia é o relato da origem de qualquer coisa. Ele descreve como se chegou à situação atual. Entendemos que toda busca de reconstruir a sociedade parte de uma modificação ou transformação para narrar como ela se constituiu. “Os mitos de origem prolongam e completam o mito cosmogônico: contam como o Mundo foi modificado, enriquecido ou empobrecido.” (ELIADE, 1963, p. 25).

Segunda Travessia

Conjuntos Mitológico-arquetípicos e seus Ímpetos de Efervescência
na “Fabricação” de um “Redentor”



2.1 A Conflagração Política e a Busca da Unidade

Toda a coisa que pode suportar o fogo, fareis passar pelo fogo, para que fique limpa; todavia se expiará com a água da separação; mas tudo que não pode suportar o fogo, o fareis passar pela água.

(Números, 31: 23)

Não é sempre na ordem espiritual, e unicamente aí, que se encontra o princípio da união?

(Lamennais)

Se o homem tem seu caráter paradigmático em sua natureza, projetando-se sempre para uma época de revelação mítica, abolindo o tempo profano e se projetando num tempo imemorial, ele o faz a partir de uma densidade social, a partir de perspectivas ideológicas. Há uma tendência de o homem buscar – por meio do pensamento organizado e através de sua relação com o imaginário – a harmonia da bem-aventurança do Mundo paradisíaco. Na tradição judaico-cristã, este é o Mundo de inocência adâmica anterior à Queda. E o Movimento Comunista absorveu este arquétipo a partir do ideário revolucionário de construção de um novo Mundo.

Em *Assunção de Salviano*, inflexões dessa beatitude edênica (usando uma terminologia de fundamentação cristã) perturbam os camponeses. Trata-se da situação de exploração e injustiça, retomando aqui a bofetada que o pobre do João da Cancela recebeu do Sargento, numa terra onde “o Coroné andou fazendo o diabo...” (p.10). Após assistir esse episódio, a personagem Salgado “parou num botequim para tomar uma cachaça. Não que gostasse daquele travo que ficava na garganta, depois, durante tanto tempo. [...] Mas precisava da caninha naquele instante porque ainda tinha as pernas pouco seguras” (p.11). Diferentemente de João Martins, que “tomava litros daquele fogo” (p.11), Salgado precisava apenas do suficiente para alimentar sua coragem diante do grande desafio de implantar um plano comunista em terras totalmente sem leis. Um lugar onde prevalecem tão somente os direitos dos mais poderosos. Além disso, Salgado também precisava de forças para “‘declarar-se’ ao próprio João Martins” (p.28).

Buscando compreender a significação do álcool na imaginação material bachelardiana, compreende-se que essa substância é um alimento que se instala na cavidade do peito de modo imediato. Trata-se de um “objeto de valorização substancial evidente [...] que manifesta sua ação em pequenas quantidades [...] Segue a regra dos

desejos de posse realista: conservar uma grande potência num pequeno volume” (BACHELARD, 2008, p. 123).

Ora, estabelecendo uma associação significativa, percebe-se que Salgado, de racionalizada educação burguesa, busca no álcool a energia para destruir a Igreja e o Estado, a começar por um plano revolucionário em Juazeiro da Bahia. Ele é o típico mentor desse intento revolucionário, que “não consegue se imaginar como ‘artista’” (p. 31); já seu companheiro de Partido, João Martins, é o seu avesso, ou seja, é “um poetinha dado a bordéis e bebedeiras” (p.28).

Como apresenta Bachelard, o álcool também é um “maldito ponche” que pode “subir à cabeça” e “levar a mil extravagâncias” (BACHELARD, 2008, p. 127). É o que faz o João Martins, um membro do Partido irresponsável, que não cumpre com os prazos dos seus relatórios, pois sua vida consiste de noitadas “alagadas de cerveja quente” (p.29), a ponto de perder a razão e as lembranças do ocorrido na noite anterior: “Aliás, eu ontem não dormi com a Zilda. Ou... Não, espere aí. Não foi com a Zilda. A Jovina meteu-se na cama também. Sei lá, tínhamos bebido tanto!” (p. 32).

Na visão de Salgado, o Martins não é um “poeta de segunda categoria” (p.27), entretanto, é um “intelectual – cuidando do próprio cartaz e beneficiando o Partido com as sobras do prestígio pessoal” (p.27-28). Distintamente, Salgado é um membro do Partido comprometido com um plano revolucionário. E, é claro, toda revolução é alimentada por sonhos e desejos. Enfaticamente, finalizando seu cigarro e pretendendo jogar a guimba no barro úmido do Rio São Francisco, o líder do Partido aspirava uma luta que “começasse em Juazeiro da Bahia” e passasse o rio para o Estado de Pernambuco, tomando proporções gigantescas por todo o Brasil:

...imaginou que o atirava [o cigarro] a um rio de álcool, que o S. Francisco começa a flambar. E o Rio da Unidade Nacional em fogo incendiaria a caatinga dos dois lados e só poderia ser apagado no Amazonas e no rio da Prata. Aliás, quem sabe, do Prata bem podia ganhar as repúblicas vizinhas e ir estourar no Pacífico, subir ao Panamá. Já então cheia de força, a conflagração faria arder a península centro-americana, fulminaria jubilosa o México e Rivera e Siqueiro. E então, que é que o pequenino rio Grande iria apagar?... (p. 12).

Nesse trecho, o imaginário revolucionário de Salgado se manifesta por meio de uma profusão escatológica, através da imagem do fogo e do rio de álcool. O primeiro é um elemento capaz de destruir, o segundo, uma substância de fácil combustão. Trata-se da mais potente imagem que, aparentemente, traduz um desejo de vasta destruição.

Analogicamente, o cenário geográfico da caatinga não só é o ambiente propício para o incêndio, mas torna-se o imaginário de Salgado, a metáfora do lugar favorável para anunciar o apocalipse do ideário comunista. O exemplo de luta que florescesse no Sertão do São Francisco, em busca de restaurar o Paraíso, serviria de protótipo para todo o território nacional, até alcançar toda a América.

Simbolicamente, esse ideário, aparentemente grosseiro na imagística de Júlio Salgado, é a manifestação desse arquétipo, sempre suscetível de imitações e repetições. Como se vê, mesmo um homem com baixíssimo nível de experiência religiosa imediata como Salgado, apresenta-se tão “possuído” pelo desejo de realizá-lo que sonha com uma imagem que é originária de uma revelação prototípica: o mito escatológico. Consonante Eliade, “a necessidade que o homem experimenta constantemente de realizar os arquétipos até os níveis mais ‘impuros’ da sua experiência imediata”, nada mais é do que “a nostalgia das formas transcendentais” (ELIADE, 2008, p. 311, grifo do autor), isto é, de preencher o vazio provocado pela ausência do sagrado.

Adentrando nesse imaginário, percebe-se que esse líder do Partido almeja um novo Cosmo comunista americano, unindo vários povos e nações. Um desejo que escapa tão somente as formulações demonstrativas, visto que nele paira uma grandiosa efervescência de imagens agregadas aos intuítos políticos do Partido Comunista.

Desconfiando da relação das ideias políticas com o imaginário, Raoul Girardet³⁴ enfatiza que o tema da “Unidade” revela, além de formulações doutrinárias, um outro plano, cheio de imagens e símbolos, repleto de representações oníricas, a qual chamamos de mito. (GIRARDET, 1987). Se olharmos para o contexto de *Assunção de Salviano*, observa-se que, opondo-se a toda situação de divisão de classes e opressão dos camponeses, além da perturbadora alienação religiosa, os desígnios comunistas se voltam para unificação em prol da eliminação de todos esses fatores. Uma espécie de “impulso mítico que parece jamais deixar de acompanhar a celebração da unidade, nesse frêmito de natureza autenticamente religiosa que parece infalivelmente marcar sua expressão” (GIRARDET, 1987, p. 164).

No mundo comunista – predica Raphael Patai – assim como formulado por Marx e seus sucessores, existe uma fase final, que busca descrever uma “nova ordem social ideal”, provinda do intuito de substituir os resquícios da velha. Essa parte final do mito marxista é

³⁴ Apoiando-se na história da França dos séculos XVIII, XIX, Girardet enxerga uma figura arquetípica do domínio patrimonial na noção de pátria: a Unidade (GIRARDET, 1987, p. 163).

baseada numa “terminologia escatológica”, buscando, numa relação familiar com as imagens e narrativas bíblicas (PATAI, 1972, p. 92-93), fascinar aos olhos dos que ainda não são adeptos do Movimento. Um fascínio que deriva de uma

Emergência de uma humanidade de **unidade** mais elevada, que conciliasse os interesses de todos (isto é, de todos os sobreviventes da conflagração), uma síntese suprema, gloriosa, messiânica, uma sociedade ideal, para a qual cada um contribuiria de acordo com a sua capacidade e da qual cada um receberia consoante as suas necessidades (PATAI, 1972, p. 93, grifo nosso).

Em verdade, a visão de Salgado não cessa dessa busca, através de uma densa esperança de Unidade que congrega uma ambiguidade. Pois antes do sonho de fraternidade, vem a imagem da luta armada. Para Salgado, uma revolução do Partido só alcançaria sucesso com a adesão de toda a massa camponesa. Desse processo resultaria a tão sonhada Unidade Comunista, conflagrando e aglomerando todos os povos da América.

Não nos esqueçamos de sublinhar também, a respeito da passagem do romance acima, que é em torno do rio São Francisco que se configura uma nova forma de hierofania, por meio de uma atribuição mística. De vasto alcance geográfico, o São Francisco, materializado em álcool, torna-se a metáfora mais potente de alcançar a Unidade sonhada pelos comunistas. A Unidade Nacional almejada por Salgado se expande ao além-pátria, através do seu ambicioso desejo do alcance político em todo o Mundo.

Novamente, retornando ao trecho do romance calladiano, buscando interpretar desta vez a projeção imaginária de Salgado, infere-se que o uso poético da metáfora do “rio a flambar” não esconde a máscara provinda da imagem dialética do fogo presente no rio de álcool. No entanto, Bachelard compara o álcool ao fogo móvel, ou seja, “o fogo que se diverte na superfície do ser, que brinca com sua própria substância, liberado de sua própria substância, liberado de si” (BACHELARD, 2008, p. 125). Essa orientação permite compreender que a declaração da personagem busca nas imagens diretas da matéria, exprimir os seus mais intensos desejos: contaminar todas as nações com a suficiência de uma substância capaz de fazer vigorar o ideário comunista em toda Terra. Um fogo que provém da esperança da camada popular, dos dignos comunistas e revolucionários, a começar pelos camponeses do Juazeiro da Bahia.

Sob esse aspecto, o mito escatológico não retorna na obra calladiana como imagem tão somente de destruição, mas de transformação, pela simbologia da substituição da água pelo álcool, e da transformação deste em combustível. A profusão geográfica pela

substância da aguardente se torna o mais expressivo desejo escatológico de gerar a esperançosa bem-aventurança, transformando todo o continente americano numa espécie de “éden comunista”. Ainda sob este olhar, o rio de álcool em chamas pode expressar também a mais impulsionadora imagem de purificação dos males do mundo para construção de uma Unidade Paradisiaca.

Mas ainda é preciso esclarecer a divergência da ideia de purificação existente no Comunismo e no Cristianismo, assim como ela se apresenta no Partido Comunista do romance de Callado. No primeiro, ser puro significa ser digno do Partido, abraçando a causa comunista e defendendo arduamente suas posições ideológicas. No segundo, a pureza é alcançada pelo arrependimento dos pecados e pela penitência. Essas buscas, tão distintas, estão guiadas pelo mesmo poderoso arquétipo. Entretanto, enquanto no primeiro se almeja uma bem-aventurança social, no segundo, há a presença da esperança na bem-aventurança celestial.

Ainda no prisma da perspectiva cristã, contrária à ideia revolucionária no sentido materialista, a Igreja representada no romance ensina aos camponeses que “Deus mandou que todos se amassem” (p.43), suportando pacientemente a condição de subserviência e injustiça terrena na espera da Jerusalém Celeste. O tema da Unidade, na Doutrina cristã, não é de dimensão terrena. Do contrário, são as figuras arquetípicas de Cristo e do Espírito Santo que fundamentam a comunhão de uma mesma esperança de Salvação, ritualizada no batismo a partir de uma fé monoteísta num Deus onipotente, onipresente e onisciente, como está presente no Novo Testamento:

Com toda a humanidade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,
Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.
Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação;
Um só Senhor, uma só fé, um só batismo;
Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos
(BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.303; Efésios, 4: 2-6).

A ideia-chave, conciliadora da coincidência temática no Movimento Comunista e na Doutrina cristã – como protagonizado no romance de Callado –, é a busca arquetípica de uma bem-aventurança da Unidade. O Movimento - revelado no desejo materialista marxista de uma sociedade sem classes; e a Doutrina cristã – através da crença na salvação unitária prometida por Cristo.

Por meio de uma antinomia se percebe: no Cristianismo, o Paraíso é aguardado com paciência e perseverança, mesmo que isso signifique sofrimento no plano de vida na Terra. Em oposição, para a perspectiva comunista no romance de Callado, a marcha pela Unidade ganha outra natureza, invocando uma imagem bélica. Por isso, nos momentos de reunião no sítio do Cancela, Salviano incita os camponeses com sua visão quase apocalíptica; uma insistente invenção de uma supremacia camponesa, oriunda da união de todos os pobres:

– Só quero que vocês imagem uma coisa: imaginem todos os pobres juntos, com rifles, com paus, com ferro de tocar boi, imaginem todos os pobres do S. Francisco subindo juntos para o Cariri, baixando lá para a pancada do mar! Quem é que pode resistir a nós todos? Quem é que vai mandar a gente parar? (p.62)

Esse momento de persistência de Salviano, aludindo a uma cena de um final otimista, é uma forma encontrada pela personagem de exorcizar todo pessimismo resultante do calejado sofrimento dos lavradores nordestinos. Posto assim, essa personagem parte das valorizações dos sentidos da totalidade, do impulso e da organização com o intuito de construir uma rebelião camponesa em massa.

Essa ideia de impulso lembra a perspectiva de revolução proletária³⁵, cuja perspectiva é de mobilização, de importante papel do desdobrar da realidade na sonhada busca de um devir. No Comunismo, a utopia se apresenta pela busca de um devir social; enquanto nos impulsos dos arquétipos de tradição cristã, o sonho é originado pelo desejo de um devir espiritual.

³⁵ Sob esse olhar, destaca-se o tratamento teórico do sindicalista revolucionário e fiel às ideias de Marx, Georges Sorel, nutrido de todo um pessimismo em relação à utopia (Cf.: SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993).

2.2 O Imaginário Agrícola da Idade de Ouro

Os vales vestem-se de trigo; por isso eles regozijam e cantam.

(Salmos, 65: 13)

Fortemente ligado ao contexto social e ideológico, os adeptos do Partido Comunista da ficção de Callado estão repletos de um ideário para “ajudar” os “espoliados” (os lavradores), com vaga alusão ao “Norte do Paraná” e ao “Sul de São Paulo” (p.42), mas, com bastante destaque para o Sertão da Bahia. Cresce um otimismo na certeza de fazer de Juazeiro um lugar onde os camponeses possam desfrutar de seus direitos, de bonanças e farturas de uma Idade de Ouro a ser resgatada. No entanto, fiéis à Doutrina cristã, os lavradores demonstram intensa infelicidade em virtude da violência, da morte, do sofrimento, reflexos da dor de um Mundo após a Queda; mas comungam também de anseios semelhantes: rezam pela vitória da vida após a morte, guiados pelo arquétipo da bem-aventurança de uma Jerusalém Celeste: “aquilo que a gente reza vai salvar as almas penadas da gente que não rezou” (p.82).

Assim como os camponeses, os adeptos do Partido herdaram o mesmo arquétipo da busca paradisíaca. Porém, distintos daqueles, no desejo comunista professado por Salgado se encontra todo um otimismo numa bem-aventurança material, a partir do desejo de resgatar uma Idade de Ouro. Em seus “instantes de perfeita fé no futuro” (p.7), busca estabelecer um passado de bonanças. Isso se explica em função do próprio caráter do mito escatológico. Ele “apenas projeta no futuro mais distante o mito do passado primevo” (PATAI, 1972, p. 79). Para a tradição pagã da Grécia, esse também é “o mito da perfeição dos primórdios”, onde Cronos reina numa espécie de Paraíso. Nessa mesma Idade de Ouro, “os homens tinham vida longa, jamais envelheciam e sua existência assemelhava-se à dos deuses” (ELIADE, 1972, p. 48).

De fato, essa tradição escatológica, direta ou indiretamente, influenciou consideravelmente os movimentos políticos³⁶. Para o historiador Raoul Girardet, no plano

³⁶ O signo escatológico também influenciou os movimentos políticos do período de colonização das duas Américas, isso porque as pessoas pretendiam “renovar o mundo cristão”, como o “regresso no Paraíso Terrestre”, ou seja, retomar da História Sagrada, a reiteração dos acontecimentos prodigiosos mencionados na Bíblia (ELIADE, S.D, p. 114).

das análises políticas, o principal responsável em transformar a *Liga dos Justos*³⁷ em *Liga dos Comunistas*, Karl Marx, não havia escapado a essa constatação. Na ocasião da Revolução Francesa de 1848, Marx *apud* Girardet, enfatiza: “É quando os homens [...] parecem ocupados em criar alguma coisa completamente nova, é precisamente nessas épocas de crise revolucionária que eles evocam [...] os espíritos do passado” (GIRARDET, 1987, p. 103).

Nessa perspectiva, distintamente da manifestação desse mito na Doutrina cristã e na tradição mitológica grega, no romance de Callado, o líder do Partido Comunista, ao anunciar o apocalipse de todos os sistemas que aprisionam o homem às variadas formas de alienação (Igreja e o Estado), sonha com uma Idade de Ouro que apresenta outra maneira de aprisionamento do homem. Dessa vez, um “clausuramento” ao sistema comunista (baseado na divisão material de terras com um “chefe local”, Salviano, com a incumbência da “fiscalização das colheitas”); tudo sendo controlado pelo Partido. Sendo assim, a “reconstrução” do Mundo se efetuará apenas por meio de uma inversão do poder, com o Estado nas mãos dos líderes do Comunismo. Entretanto, não se pode negar que esse sonho carrega também intensões positivas para a camada popular, através da divisão igualitária de terras; a mesma esperança paradisíaca que fundamenta o Manifesto Comunista, através da melhoria das condições de vida de todos os camponeses da região (MARX; ENGELS, 1999).

No calor desses entraves de ordem político-religiosa, encontram-se duas forças ideológicas divergentes: de um lado, a Igreja, os padres, o Estado, os coronéis; do outro, com um posicionamento ainda pouco claro para o leitor, Salgado, desejando uma bem-aventurança aos camponeses, estes ainda pouco participativos, mas bem fiéis ao seu defensor, Salviano. Esse carpinteiro, adepto do ideário comunista, sonha reconstruir uma sociedade emancipatória, almejando o dia em que os camponeses se libertem do signo de divisão de classes.

Nesse emaranhado que conjuga uma antinomia ideológica, o ápice da invocação desse passado arquetípico – jamais conhecido e impossível de escapar às lembranças individuais, por isso mesmo, efetivamente forte para permanecer na memória dos movimentos políticos, neste caso, no ideário do Partido –, manifesta-se a partir de um rico imaginário vegetal apocalíptico:

³⁷ O operário diarista, Wilhelm Weitling, foi o percussor de uma das sociedades organizadas, a *Liga dos Justos*, através de seus pensamentos, expressos em *Evangelho dos pecadores pobres* (SERVICE, 2015, p. 35).

– Imagine, Salviano, louros trigais erguendo seus pendões sobre a terra calcinada...

Salviano estremeceu diante daquela imagem de uma lavoura de ouro no solo grisalho. Evocou claras cabeças de Blumenau e Joinville e obscuramente associou os trigais de Júlio aos filhos que não conseguia ter de Irma (p. 45).

Essa imagística solicita que Salviano aspire outro Cosmo, através de um imaginário de ordem vegetal, criado pelo líder do Partido. Esse anúncio apocalíptico, em “voz de orador em discurso de 7 de setembro” (p.45), fundamenta-se numa esperança de bonanças e farturas. Trata-se de um desejo arquetípico que surge nos ideais materialistas do Partido. É quando a imaginação da matéria (BACHELARD, 1998) dá “vida” ao próprio materialismo.

Na perspectiva de Eliade, a vegetação é sempre capaz de encarnar a vida inesgotável. Para a ontologia arcaica, é a realidade absoluta do sagrado. Nela, a própria humanidade é derivada da vegetação, isto é, de uma espécie vegetal. Para esse mitólogo, o mundo vegetal, a agricultura, mantém relação com os cultos à fertilidade. A manifestação mais dramática da regeneração vegetal surge a partir da atividade agrícola (ELIADE, 2008). Segundo Frye, esse mundo é uma das formas impostas pelo desejo humano. Ele pode vir expresso por imagens do jardim, da fazenda, do bosque (FRYE, 1957). Numa síntese eliadeana, pode-se afirmar que “tudo o que é, tudo o que é vivo e criador, em estado de regeneração contínua, se exprime por símbolos vegetais” (ELIADE, 2008, p. 251).

Voltando à passagem do romance de Callado acima, percebe-se que é o homem quem pode intervir na reconstrução do Mundo, semelhante ao agricultor que manipula a terra, intervindo diretamente na vida vegetal, pois penetra e se integra nas camadas mais densas do sagrado. É quando se percebe o valor primordialmente ritualístico da agricultura, através do trabalho e de gestos que velam pelo crescimento da “lavoura de ouro no solo grisalho” (p.45). Uma memória de uma Idade de Ouro que se veste pela imagem arquetípica da Grande Mãe, a Terra fértil, fornecendo alimento incessante para o desenvolvimento da vida vegetal.

Ainda nos “louros trigais erguendo seus pendões sobre a terra calcinada...” (p.45), tem-se o mais sublime poder da “força sagrada” presente no “poder da colheita”. Em inúmeras cerimônias, essa imagística assume personificações míticas: Mãe do trigo (países anglo-germânicos); Grande Mãe, Mãe da Espiga, Velha dissoluta, Mulher velha, Anciã (os eslavos); Mãe da colheita, O Velho (os árabes); O Ancião, A Barba, a barba do Salvador, de Santo Elias, de São Nicolaus (para os búlgaros, sérvios e russos) (ELIADE, 2008). Uma

presença do mito “vivo”, manifesto no ideário do Partido através da imagem elementar da restauração da Terra ao seu estado original puro, ou seja, o da fertilidade primeira. Assemelha-se a mesma busca da pureza na visão sagrada do Éden Celeste, do retorno ao estado adâmico, antes do pecado original, isto é, o estado da inocência primeira.

Neste sentido, essa fascinante imagem tentadora de um mundo de abundância agrária sugerida por Salgado faz com que os sonhos mais densos de Salviano se enriqueçam de um virtuoso otimismo. Uma incorruptível nostalgia paradisíaca a resplandecer nesse marceneiro através de uma associação significativa com os filhos que deseja gerar com Irma. A esperança do nascimento de um filho para uma mãe e para um pai, quando numa fase tarde da vida de ambos, pode ser caracterizado como um milagre. Esse tema surge no livro de Gênesis (Cap. 21) com o nascimento de Isaac, embora Sara já fosse anciã. Diríamos que se trata de uma narração mítica de uma fé no que é aparentemente impossível de se realizar: a gestação de uma criança por uma pessoa já idosa. Simbolicamente, a vegetação se torna uma manifestação hierofânica, revelando sempre algo mais, provindo do desejo de Salviano. Diferente apenas da simples vegetação, ela revela o transcendente, porque busca traduzir uma realidade que não se encontra no plano profano. Isso acontece graças a um processo que pode ser chamado de “consagração” (ELIADE, 2008, p. 264), isto é, algo capaz de revelar o desejo transcendente do esposo de Irma.

Essa realidade transsubstanciada é uma demonstração que, mesmo defendendo uma posição de negação de toda espécie de manifestação espiritual – convictos de um realidade da materialidade, através da fartura de bonança provinda dos frutos do trabalho agrícola –, os articuladores do Partido não conseguem se desviar por completo da manifestação do sagrado. Uma experiência com o religioso que é fruto da inevitável nostalgia de um Paraíso Perdido. Para Salgado, essa imagem está presente no seu desejo de restaurar o solo calcinado, através da vitalidade da regeneração vegetal da matéria, neste caso, o trigo, do qual se produz o “pão” para o sustento biofisiológico do homem. Por outro lado, para Salviano, essa imagem intervém em seu mais íntimo desejo de felicidade paradisíaca: uma família constituída de filhos junto a sua esposa Irma. De qualquer modo, ambos estão sob o fascínio do sagrado, capaz de despertar uma nostalgia por um passado repleto de bonanças provindas de uma Idade de Ouro.

Na visão de Girardet, esse mito político deriva de um sonho direcionado para um passado mais feliz e mais belo do que o que se apresenta no momento; um passado de Luz,

cristalizado em valores como a pureza, a inocência, a comunhão... (GIRARDET, 1987). Uma recordação de um “tempo não-datado, não-mensurável, não-contabilizável, do qual se sabe apenas que se situa no começo da aventura humana e que foi o da inocência e da felicidade” (GIRARDET, 1987, p.101).

Por meio da abundância dessas imagens e representações, os filiados ao Partido buscam evocar um tempo de grandeza e felicidade para uma Juazeiro da Bahia, degradada pela corrupção da Igreja e a injustiça dos camponeses: “Salviano via as colheitas como um exército tomando conta da terra e nela ficando bandeiras amarelas de milho em flor” (p.46). Um passado arquetípico a ser redescoberto, uma Idade de Ouro para os camaradas do Partido retomados por meio da uma imagem de uma nova ordem, isto é, a geração de um novo Cosmo de abundância vegetal. Perspectiva extremamente materialista, mas inevitavelmente sondada pelo caráter transcendental do sagrado, sob a qual a perfeição dos primórdios só pode ser alcançada por meio da fartura de provisão de alimento, condição essencial para a vida feliz do homem na Terra.

2.3 O Complô Demoníaco e a *Femme Fatale*

*Eis que agora um espírito mau da parte do Senhor
te assombra.*

(1 Samuel, 16: 14)

No decorrer da trama, “dois agitadores” (p.38), Salgado e Salviano, dão intensa engrenagem à busca paradisíaca. Ambos desejam o mesmo fim para a Igreja e ao Estado, assolados por uma espécie de *síndrome* do Paraíso Perdido que só pode ser recuperada por meio de um processo revolucionário. Por sua vez, esses personagens assumem uma dimensão relevante em todo esse romance. Salgado, através de uma espécie de anúncio apocalíptico, retoma o ideário da busca “edênica” do Partido Comunista e toda racionalização do plano revolucionário. Exerce assim o papel do Reformador, o Chefe do Partido. É tudo aquilo que a Eliade convém classificar de “o papel e a missão dos Fundadores e Chefes dos modernos movimentos totalitários” que “incluem um número considerável de elementos escatológicos e soteriológicos” (ELIADE, 2013, p.152). Enquanto Salviano, uma espécie de “mensageiro”, “escolhido”, “ungido” (ELIADE, 1992, p.99) pelo Partido, é responsável pelo cumprimento do Plano.

Ainda no início desse romance, tais personagens se encontram reunidos a fim de organizar um plano que possibilitasse o advento de um novo Cosmo sobre o prisma das bases comunistas:

– Vamos tomar uma cerveja lá no Zeca? [convidou Salgado]. Pelo convite, Manuel Salviano já sabia que havia coisa séria a discutir. Desde que dele se haviam acercado, os dois agitadores, sempre que tinham algo grave a dizer, levavam-no ao botequim do Zeca. Ocupavam sempre a mesa ao fundo e o próprio berreiro que faziam um ou dois beberrões sempre a tomar cachaça em pé, na pedra-mármora ao lado da caixa registradora, era garantia de uma possibilidade excelente de conversa em **segredo**, sem as desvantagens da procura de cantos escuros. Aliás, era quase sempre Júlio quem falava com Salviano. João Martins já conhecia todos no boteco e não havia melhor cortina de fumaça do que a afabilidade com que falava ele ao taverneiro e aos fregueses, enquanto Júlio e Salviano bebiam pacatamente uma cerveja. Nada menos semelhante a uma **conspiração**. Enquanto Salviano e Júlio sentavam-se à mesa de sempre, João aproximava-se do Zeca taverneiro (p.38-39, grifos nossos).

Nessa passagem, os dois referidos Camaradas do Partido se encontram no boteco para articular algo grandioso: um plano comunista no Sertão Nordestino. Essa cena retoma,

com uma densa riqueza de detalhes, o retorno do mito do Complô, através da tática organizacional de Salgado e sua preocupação com o sigilo do plano.

Analisando o tema da conspiração em narrativas literárias, Raoul Girardet afirma que há no centro da mitologia do Complô “a imagem temível e temida da Organização” e o Segredo como uma de suas primeiras características (GIRARDET, 1987, p. 34). No sentimento de temor está oculto o sagrado, oculto na imagem de mistério. Todas as imagens dessa cena do romance conduzem para esse mito, pois, além dos agitadores fugirem da luz do dia, semelhante a uma descida, onde reina a densidade das trevas (GIRARDET, 1987) na superfície sombria do ambiente noturno, eles se “encobrem” na vestimenta da amabilidade, afeição e popularidade do poeta João Martins, que funciona como um escudo, ou seja, um verdadeiro disfarce para as conjurações táticas do Partido Comunista. Também não é de estranhar que a própria escolha da mesa do fundo, infiltrando-se junto ao berreiro dos beberrões, traz a imagem do bestiário do complô, reunindo o que se esconde, o inconsequente e a falta de lucidez e a insanidade dos bêbados que perdem a razão. É o fenômeno da assimilação ou também chamado de redução à animalidade (GIRARDET, 1987).

Ainda de acordo com Girardet, a tática de esconder-se contém uma “verdadeira pedagogia do segredo” a ser utilizada pelos “homens do Complô” (GIRARDET, 1987, p. 34). Ela é percebida pelo leitor através da apresentação das vias secretas do Partido, tomadas por sinais diversos, como o plano de “Operação Canudos” (p.7) e a escrita do “relatório em códigos” (p. 30), fortalecendo uma organização que se torna oculta dos olhares do camponês, da Igreja, dos coronéis e grileiros, pela força da lei do segredo:

- A Irma continua sem saber que somos do Partido ou que você conspira conosco, não é?
- Continua. Nem sombra de saber! – disse Salviano ofendido. – Pois eu não prometi desde o princípio? Mas agora é diferente, agora...
- Agora – disse Júlio novamente alerta, fitando o outro com toda a força da sua personalidade – agora é capital que você não lhe diga nada (p.49).

A conspiração comunista se fundamenta, primeiramente, na figura de um revolucionário de talento, com a perspicácia de líder e, ao mesmo tempo, tão próximo dos lavradores, a quem esses depositam total confiança. Do mesmo modo, um homem com dívidas grandiosas com o Partido, disposto a destruir a Igreja e as forças do Estado até com bombardeios. Porém, na qualidade de mentor do complô, Salgado não permite e o corrige:

- Não é só bomba, não Salviano, desde que comecem aparecer líderes do povo como você. Preste atenção. Você imagine um revolucionário

realmente de vista comprida, um homem assim como você, que eu já vi fascinar os posseiros com meia dúzia de palavras, imagine que esse homem, odiando a Igreja e os padres como você odeia, resolvesse *fingir uma conversão?*(p.40, grifo do autor).

Após essa proposta tão intrigante, as linhas seguintes da narrativa são flertadas pela dúvida e indignação de Salviano: “Como é que vou fingir ser aquilo que mais odeio?” (p. 45). A resposta de Salgado é um desabafo íntimo do que sempre representou a sua própria vida, uma história sempre pautada na mentira, na preocupação com sua imagem pessoal, sustentando sempre uma “máscara”, com o receio de assumir sua homoafetividade e seu ciúme excessivo por seu companheiro de Partido: João Martins. Para Salgado, o ato de fingir “é o mais fácil” (p.42). Aos olhos do leitor, as palavras desse personagem deixam explícito seu principal conflito existencial: “O que não conseguimos é ser aquilo que amamos – disse Júlio olhando o Martins, já um tanto alegre, que se curvava para cumprimentar Ritinha, que ia entrando” (p.45) e fazendo João Martins se embriagar de paixão.

Ora, quem é Ritinha aos olhos de Martins? Poderia indagar o leitor. Ritinha? “Uma das mulheres mais extraordinárias que já conheci. Administra esse corpo e essa vida dela como se tivesse feito um curso de cem anos” (p. 52), confessa Martins, enfeitiçado de paixão.

Com ódio e totalmente dominado pelo ciúme,

Júlio olhava agora João Martins, que queria fazer a cabroca beber um pouco da sua batida de limão. Ritinha curvou-se para o cálice, onde umedeceu os lábios, mas seus olhos redondos já haviam descoberto, de costas para ela, Salviano, e mal ouvia o que dizia Martins (p. 46).

Felizmente já haviam chegado ao fim da conversa, pois Ritinha, afastando João Martins bastante alegre agora, viera mansamente por trás de Manuel Salviano e lhe colocara as mãos sobre os olhos:

– Adivinha quem é.

Salviano já conhecia o perfume de benjoin da cabroca, mas fez-se de desentendido. De uma forma obscura, a exuberante satisfação que sentia agora imaginando-se o herói de Operação Canudos era completada pela homenagem do amor e do desejo de Ritinha. Ele sempre sentira que havia um destino à sua espera – ou sentira-o pelo menos desde que, inquieto, deixara sua zona do rio de Peixe para andar pelo Brasil, para aprender coisas, para, afinal, agir como um fermento de indignação entre os espoliados do Norte do Paraná. Agora, esse destino parecia começar a tomar forma e aquele benjoin o marcava, ungia, na ponta daqueles sedosos dedos escuros... (p. 51).

Nessa cena, torna-se visível a inter-relação existente entre os ideais do Partido, a busca de um Paraíso Terrestre, e as investidas paixões que assolam as personagens. Parece

que as paixões humanas, em suas profusões eróticas, são um combustível capaz de alimentar ainda mais os ideais revolucionários. Conforme a descrição atenta do narrador onisciente acima, o leitor começa a perceber que o ideário comunista, fundamentado na eliminação das classes sociais e da propriedade privada, não preenche completamente os desejos de uma felicidade paradisíaca. Observa-se ainda, nas atitudes das personagens, uma busca inquietante do Eros. Essa busca poderia ser ilustrada numa relação intertextual com o poema do modernista brasileiro Carlos Drummond de Andrade – *Quadrilha*³⁸: *Salgado amava João Martins que amava Ritinha que amava Salviano que era casado com Irma.*

Para a crítica arquetípica de Frye, há uma imagem demoníaca na relação erótica, que se torna uma paixão violenta e destruidora, decepcionando o possuidor dessa paixão e agindo contra a lealdade (FRYE, 1987). Essa imagem pode ser identificada na figura de Ritinha, uma rameira que tem a fama de gostar “de brincar com os casados” (p.16) e faz o João Martins se tornar alvo físico do desejo. “Esta Ritinha não quer nada comigo” (p.52), afirma o poeta das paixões, buscando o desejo de posse do que jamais pode ser possuído: a mulher tentadora, o poderoso arquétipo da *femme fatale*.

Para compreender como ele se manifesta no inconsciente coletivo, pode-se associá-lo ao arquétipo da Deusa. Para a pesquisadora junguiana Goretti Ribeiro, o complexo feminino da Deusa pode ser atribuído a qualquer mulher de carne e osso. Mas ela se revela em variadas formas, conforme as práticas culturais ou religiosas. Esse arquétipo surgiu numa fase muito primitiva da humanidade, como a “virgem, impenetrável, simbolicamente completa”, pertencente a si mesmo, que mantinha os homens sob seu controle, numa ditadura sexual cuja função de nulidade masculina consistia apenas como “agentes fertilizadores” diante da força desse Feminino sagrado. Suas faces são manifestadas por figuras de benevolência ou tipicamente malévolas, simbolizando “o poder primordial do Grande Feminino” (RIBEIRO, 2008, p.103-104).

Buscando aprofundamento no pensamento psicológico, Nancy Qualls Corbett (1990) enfatiza que a prostituta sagrada é uma forma arquetípica dotada de forte densidade emocional, capaz de ativar e transformar os conteúdos conscientes (CORBETT, 1990). Para ela, essa imagem remete à “sacerdotisa consagrada no tempo, espiritualmente receptiva a força feminina que flui a partir dela, vinda da deusa, ao mesmo tempo em que

³⁸ Cf.: ANDRADE, Carlos Drummond. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 20013.

emana a satisfação consciente da beleza e da paixão em seu corpo humano” (CORBETT, 1990, p.9).

Ainda de acordo com Qualls-Corbett, antes de Cristo, o masculino era atraído pela Deusa, o que fazia muitos homens se dirigirem aos templos de Afrodite com a finalidade de aprender a arte de amar as prostitutas sagradas e debruçar do êxtase sexual divino, cuja conjunção carnal se concretizava “por meio de uma fantasia ou da possessão psíquica” (CORBETT *apud* RIBEIRO, 2008, p. 108). No entanto, no mundo moderno em que a mente devasta a sabedoria do corpo humano, manipulada pelos desejos do ego, a prostituta sagrada não se faz presente nem a deusa é invocada como força transformadora e mediadora entre o instinto ferido e o esplendor do divino; do contrário, é tomada apenas em função da “luxúria e da licenciosidade sexual.” (CORBETT, 1990, p.10).

Goretti explica que o adormecimento misterioso da Deusa se deve a evolução da consciência, significando a perda da inestimável sacralização do Feminino com a conseqüente desvalorização da mulher, no que se refere a sua intrínseca natureza e a desorganização psicossocial da civilização moderna, em face do esquecimento dessa energia psicológica. Numa pureza de instinto erótico, o arquétipo do Feminino que forma uma camada poderosa contra a mulher, com a renúncia dos seus valores naturais, encontra-se no arquétipo da *femme fatale*: com o tema da maldição da mulher ou significados destrutivos, constitutivos de “eternos estigmas da culpa feminina” pelos males do mundo. (RIBEIRO, 2008, p. 106-107).

Na obra de Callado, Salviano demonstra um carinho especial por Irma, projetando-lhe atributos de beleza, bondade e amor revigorante – os mais densos atributos da mãe divina – enquanto Ritinha vê em Salviano todos os atributos de um pai divino: a virilidade, a lealdade, a força, o “rochedo de Gibraltar no centro de sua vida”. O amor e o desejo são a mesma coisa no Jardim do Paraíso escondido no inconsciente de ambos (CORBETT, 1990, p.7). Por outro lado, Martins, oriundo de uma convicção de Mundo onde a matéria não é experimentada como algo sagrado, percebe a mulher com vista à sexualidade a ser explorada, degradada, desvinculada da espiritualidade. Trata-se da densa demonstração da perda do atributo arquetípico da deusa, que unia a sexualidade e a espiritualidade. Nesse sentido, ele vê em Ritinha apenas um objeto de promiscuidade sexual por quem nutre um desejo avassalador: “Vancê jura que vai pra cama cumigo?” (p.186).

Essa paixão age contra a lealdade dos membros do Partido: João Martins e Salgado. Principalmente porque todo o erotismo que Ritinha despertada no primeiro provoca a

desilusão amorosa do sonho paradisíaco do amor homoafetivo nutrido pelo segundo. Além disso, essa paixão também desencadeia uma extrema tensão nos ideais de Salgado, dividindo suas energias entre o amor por Martins e a concentração na lealdade à Causa Comunista. Na percepção do leitor atento, há por parte de Salgado uma tentativa de escapar do seu desejo de prazer e se entregar à obrigação e honra do Partido. Porém, qualquer decisão se torna uma tarefa bastante árdua quando o homem se encontra no limiar dos desejos.

Nessa inevitável tensão, por ciúmes, agitado e impaciente, “Júlio fez um esforço para continuar convencendo Salviano” (p. 45) sobre o plano do Partido. Sua tentativa não foi bem sucedida. Por muito pouco não mostrou sua verdadeira face perversa:

Seu desejo era dizer que só se age quando o ódio é o motivo, que só se cria quando o fim último é a destruição. Na terra erma, sob o céu vazio, a única coisa que pode existir é a maldade do homem fiando sua própria história sob as estrelas frias (p.45).

Esses íntimos desejos coincidem com o que Girardet chama do “Maligno, do Espírito perverso, de Satã invisível e onipresente” (GIRARDET, 1987, p. 47). Trata-se do processo de demonização do homem, presente no mito do complô, oposto às imagens celestiais e de luz. A insistência da presença diabólica nas mentalidades coletivas, através do pensamento racionalista de seus servidores infernais (GIRARDET, 1987) tem assolado o mundo. É também o avesso dialético do céu religioso que se une ao inferno existencial (FRYE, 1957) das imagens demoníacas. É por meio dessas recorrências que o herói privilegiado na vasta literatura de muitos séculos tem sido o Príncipe das Trevas (GIRARDET, 1987).

Similar ao que Girardet analisou sobre as narrativas onde imperam as trevas, na declaração da personagem Salgado há um exemplo da persistência dessa força negativa que paira na zona do sagrado, inspirando uma ambiguidade mítica no sentido bachelardiano, através do pavor e do fascínio ao mesmo tempo. A partir da ótica do leitor, os ciúmes excessivos de Salgado parecem o conduzir às forças da Sombra, tornando-o, a partir da imagística da obra de Callado, uma espécie de servidor de Satã.

Para Jung, a Sombra é uma parte da personalidade que insiste em comparecer de alguma forma. Nenhuma forma de racionalização a torna totalmente nula. É uma reação necessária de expressão do inconsciente coletivo. O encontro com o si mesmo é similar ao encontro com a Sombra. (JUNG, 2012a). O que Jung chama de realização da sombra são

os poucos atributos conhecidos do ego: as tendências e impulsos, como por exemplo: o egoísmo, a indiferença, as intrigas, a covardia e o amor excessivo aos bens materiais – que se nega existirem em si mesmo, mas são percebidos nos outros –, são manifestações arquetípicas da sombra (JUNG, 2016). Ainda de acordo com Jung, a sombra corresponde ao lado menos perfeito, menos luminoso, isto é, tudo aquilo que se afasta dos ideais da perfeição. Como arquétipo, a sombra age de forma a apoderar-se do homem (JUNG, 2015).

Voltando ao temperamento da personagem Salgado, nota-se que ele pode ser associado ao que Girardet classifica como o “império das trevas”, onde reina o imaginário político do complô. Segundo esse historiador:

É com a sombra, por outro lado, que começa o domínio do não-conhecível, do não-identificável, aquele onde as palavras familiares perderam todo o poder para designar uma realidade que furta à sua captura. Homens de sombra, homens do Complô escapam por definição às regras mais elementares da normalidade social. Constituem, no interior de toda comunidade consciente de sua coerência, um corpo exógeno obscuramente submetido às suas próprias leis, obedecendo apenas a seus próprios imperativos ou a seus próprios apetites (GIRARDET, 1987, p. 42-43).

Essas forças maléficas que começam a permear todo percurso de Salgado são inspiradas nas energias arquetípicas do Caos. É dominado pelo exclusivo serviço da Sombra que o pensamento demoníaco dessa personagem se materializa pela organização de um complô contra seu próprio companheiro de Partido:

– Mas escute: que fará o Partido no dia da procissão? [Questiona Salviano].
 – Ah... O Partido?... Mas claro que estará aqui, em força. Estarão em botes, no rio, estarão guardando e cercando a igreja...
 Júlio Salgado via, olhando os olhos ardentes de Salviano, a de Nossa Senhora da Glória... Evidentemente o único meio de acabar com a Revolução ordenada pelo Partido era abater Salviano e seus dementes a bala. O que o Partido queria era o tema, a desenvolver depois. Salviano podia, mesmo, virar herói: seria talvez o cangaceiro místico, o ateu iluminado pelo idealismo do Partido e dirigindo as massas nordestinas rumo a um destino mais alto, numa sociedade sem classes e sem proprietários. Mas, sobretudo, o Partido queria Salviano morto. Um homem que sobrevivesse sabendo quanto ele sabia, seria pior que tudo (p. 47-48).

Enquanto Salgado ludibria Salviano, a suspensão da narrativa pelas reticências antecedem as intensões camufladas do Complô demoníaco do chefe do Partido. Sua

maquinação planeja chacinas. A busca arquetípica de uma sociedade paradisíaca, sem divisão de classes e sem propriedade privada está camuflada por um plano organizado pelas manipulações da Sombra. Salgado se torna o anti-herói, arquitetando malefícios para quem, aparentemente, ele demonstra amizade e confiabilidade: Manuel Salviano. Para o primeiro, este pode se tornar o herói de qualquer “Reino” na antinomia Comunismo/Cristianismo. O que mais lhe interessa são a glória e o poder do Partido.

De acordo com Frye, há o mundo rejeitado em sua completude, o mundo do cativo, da confusão e do bode expiatório (FRYE, 1957), que pedem sacrifícios de um trabalho pervertido, baseados na insensatez, construído sobre a ruína, com sentido arquetípico de imagens demoníacas; e o mundo de imagens apocalípticas, o céu da religião, com a junção das categorias da realidade com as formas do desejo humano (FRYE, 1957).

Essa abordagem fryeana pode orientar a interpretação do trecho do romance calladiano acima. Apesar de os planos do ideário de Salgado serem construídos sobre o sentido arquetípico do mundo rejeitado, através do mito do Complô demoníaco, o destino reservado a Salviano parece ser direcionado para se tornar símile da transubstanciação, própria da Doutrina cristã, pelo desejo de ver o corpo de Salviano ser abatido como o sangue do Cordeiro, tornando-se uma espécie de herói místico, cujos olhos podem, a partir da ótica do próprio Salgado, assemelhar-se aos da imagem sacra da Santa. Eliade classifica esse tipo de herói como mártir, aquele capaz dos mais cruciais sacrifícios “em nome da liberdade dos povos” (ELIADE, 2013, p.152).

No entanto, para Salgado, esse mesmo herói não deve se assemelhar ao seguidor de Cristo e participante da Doutrina cristã. Pelo contrário, deve ser o herói ateu, carniceiro, promotor da desordem e da carnificina, em prol de um grande ideário: os ideais do materialismo que vigoram no Partido.

Nessa antinomia, opondo-se aos princípios do mundo divino espiritual que reina na fé cristã, Salgado busca no mundo divino demoníaco o tema, através de sua proposta de transformar a “‘festinha’ de Nossa Senhora da Glória” numa “carnificina” (p.48), fazendo eclodir o movimento comunista a partir do sacrifício da morte de seu próprio companheiro de Partido: Manuel Salviano.

Para garantir o sigilo desse complô demoníaco, Salgado precisava convencer Salviano com os artifícios do Reino infernal da mentira, imperando no domínio de tudo o que é incerto e inseguro: “Temos até mesmo aviões para transportar você e os chefes de

regresso ao Sul, caso a situação se complique. Está tudo a postos” (p.48), tranquilizava Júlio Salgado. Tudo deveria ser feito. Todos os esforços em nome de um ideário: uma “sociedade sem classes e sem proprietários” (p.47-48). Um esforço imagético influenciado pela sedução do sagrado, provindo de um desejo para guiar a massa camponesa para o ápice, cujo maior apogeu deveria ser da “rocha dos tempos” (p.30): o Partido Comunista.

Por outro lado, mesmo não sendo sua maior preocupação a construção de uma sociedade perfeita, mas o apogeu do Partido e sua felicidade com João Martins, seu plano para iludir Salviano parece guiado pelo que imaginavam os filósofos Thomas More e Tommaso Campanella³⁹. Como enfatiza Robert Service:

More não conseguia imaginar que homem comum, e menos ainda mulher comum, alcançaria, de forma independente e sem ordens emanadas de cima, a sociedade perfeita. O panfleto de Campanella visionava uma sociedade que instituisse a justiça universal com a prática da intromissão grosseira na vida privada. More e Campella defendiam a concretização de seus ideais por meio da doutrinação do povo (SERVICE, 2015, p.31).

De modo semelhante, Salgado visa à doutrinação do povo camponês, através do plano de fingimento de uma conversão. Construído pela característica essencial do segredo, da mentira e da organização, o mito do complô em *Assunção de Salviano* se alimenta dos mesmos arquétipos que povoam o imaginário do mundo moderno de diversos povos e civilizações e se constitui como revelação da “vivacidade” mítica no ideário do Partido. Uma manifestação prototípica do Reino Infernal presente nos desejos de Júlio Salgado.

³⁹ Defendendo a abolição da propriedade privada e convivência harmônica entre os homens, graças à subordinação dos interesses individuais sobre os coletivos, Thomas More (1478 – 1535), escreveu, em 1516, a obra *Utopia*. Já em seu livro *Cidade do Sol* (1643) Tommaso Campella denuncia que as injustiças e desigualdades sociais são provocadas pelo modo de produção capitalista e pelos interesses e valores sociais da burguesia. Ambos acreditavam que seus ideais só seriam concretizados por meio de uma doutrinação do povo.

2.4 O Salvador: a Figura de Conselheiro

O mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias servidas pelas mesmas astúcias, e a mesma natureza adversa.

(Euclides da Cunha)

O plano do Partido tem como cenário o Nordeste, fonte de anseios revolucionários de emblemática imagística histórico-cultural:

Imagine a reação de Irma, que ainda nem sabe da espécie de nossas relações, se, além de saber destas, souber da Operação Canudos.

– Souber de quê?

– Operação Canudos. Nosso plano tem esse nome por causa da guerra de Antônio Conselheiro contra o Governo.

– Eu conheço a história – disse Salviano. – Canudos acabou arrasadinha, arrasadinha, e não sobrou ninguém.

Júlio bateu-lhe nas costas, rindo:

– Êta moleque sabido em História! Mas Canudos acabou arrasadinha porque naquele tempo não tinha o Partido para ajudar os jagunços. Hoje a coisa seria muito outra, seria como a nossa ‘festinha’ de 15 de agosto (p.49-50, grifo do autor).

A cena diz respeito ao momento em que Salgado revela o plano do Partido Comunista a Salviano. O título faz parte de uma tática que tem inspiração no Arraial de Canudos⁴⁰, que, sintomaticamente, o leitor poderia fazer alguma associação ao cenário idealizado para restauração do Mundo. Contrariamente a essa perspectiva, a atribuição do nome ao Partido tem intrigante relação com os mais profundos e densos desejos de Salgado: a destruição da cidade de Juazeiro da Bahia com o estopim de uma guerra em 15 de agosto⁴¹, Dia de Nossa Senhora da Glória ou também conhecida como Nossa Senhora da Assunção. Para esse líder do Partido, esse seria o dia de assunção e glória do Partido, através da vitória do plano a ser executado por Salviano.

Na realidade, após o domínio do ódio, o plano maquiavélico de Salgado consiste apenas em fazer de Juazeiro uma “substancialização” do que ocorreu na Guerra de Canudos⁴², por meio do que ele chama de “Operação Canudos”, arquitetando uma

⁴⁰ A cidade de Canudos surgiu no século XVIII, próximo a Fazenda Canudos. Com a chegada de Antônio Conselheiro em 1893, o local foi batizado de Belo Monte.

⁴¹ Para a tradição católica, nessa data se celebra a Virgem Maria, em alusão ao dia em ela ascendeu aos céus, e por isso, é também chamada de festa da assunção. O que intensifica a força metafórica do título desse romance em análise.

⁴² Antônio Conselheiro se fixa em Canudos, fazendo de Belo Monte um refúgio sagrado contra tudo o que mais abominava, como o regime republicano, o casamento civil e o registro de nascimentos e mortes, instituídos na constituição de 1891. A Guerra de Canudos foi oriunda da pressão dos proprietários de terras

verdadeira chacina em Juazeiro da Bahia, com a finalidade de trazer um tema para o Partido Comunista que o faria se tornar famoso em todo o país. Como o próprio Salgado prefere intitular, trata-se de um “núcleo explosivo da Revolução no Norte e Nordeste” (p. 7). Para que isso ocorra, ele necessita reunir todo um simbolismo capaz de convencer Salviano de encarar essa empreitada. Além disso, precisava fabricar uma esperança capaz de conquistar a adesão dos sertanejos. E, para isso, busca no simbolismo desse Conflito⁴³ a roupagem necessária para trazer à vitória dos ideais do Partido.

Inicialmente, Juazeiro reúne toda condição geográfica semelhante à Canudos, como as secas cíclicas que acarretam a desesperança do sertanejo. A esperança na salvação milagrosa espiritual que existia na figura do peregrino Antônio Conselheiro⁴⁴, poupando os flagelados do sertão, materializa-se no desejo emblemático do personagem Salgado em fazer de Salviano uma espécie de Salvador. No entanto, não se trata de um Redentor para salvar os justos do pecado desse Mundo degradado na esperança de uma Jerusalém Celeste, assim como se fundamenta a Doutrina cristã. Em vez disso, trata-se de um líder político capaz de enfrentar o Governo, como fez Antônio Conselheiro.

Mais profundamente, subjacente ao desejo de provocar o Caos no dia de Nossa Senhora da Assunção, através de um conflito histórico que marcaria o início da vitória do Movimento Comunista no Nordeste Brasileiro, Salgado encontra no mito do Salvador a figura que deve “fabricar” para enganar os camponeses:

– Salviano – disse [Salgado] – desde que conhecemos você, o Partido adquiriu uma significação em Juazeiro, uma importância nova, e devo dizer que ainda não houve nada que sugeríssemos a você e que você não realizasse. Mas agora chegou o momento da ação verdadeira. Só há um meio de frustrar a procissão do dia 15 e transformá-la na base de uma ação duradoura, que possa levar à revolução (p.39).

Na missão proferida por Salgado, Salviano se torna uma espécie de “ungido” do Partido, escolhido para realizar uma grande façanha: convencer a camada camponesa para

contra a comunidade, decorrente de interesse por mão-de-obra; assim como da Igreja contra a atuação nada ortodoxa do beato Conselheiro e também em virtude da pressão das próprias facções partidárias existentes na Bahia (Cf.: VENTURA, Roberto. **Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 40 nº 1, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27066>>. Acesso em: 27. Jan. 2016. pp. 167). Liderado por Conselheiro, o conflito entre o movimento popular e o Exército Brasileiro durou de 1986 a 1987, matando grande parte da população (cerca de 25 mil pessoas) e a destruição total do povoado de Canudos.

⁴³ Sobre o ocorrido em Canudos, vale destacar as riquíssimas contribuições literárias de duas importantes obras: as crônicas escritas no “calor da hora” pelo jornalista Manoel Benício *O rei dos jagunços* (1988) e o clássico da literatura nacional *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

⁴⁴ Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), natural de Quixeramobim – Ceará, conhecido como Antônio Conselheiro em virtude de sua história junto ao Arraial de Canudos.

aderir ao ideário comunista. Uma espécie de Salvador, capaz de suscitar a única forma de restaurar um cosmo comunista: o processo revolucionário.

Analisando modelos da história política, ricos em conteúdo mítico, definidos por meio de específicas referências e símbolos em uma linguagem própria, Girardet encontra no velho mito do Salvador, tão poderoso, atrativo e coerente, a imagem capaz de “fixar a atenção” e “reter a reflexão” (GIRARDET, 1987, p. 64). Numa observação mais significativa, para o historiador das mentalidades:

Se o mito não pode deixar de conservar a marca do personagem em torno do qual ele se constrói, se, engrandecendo-os, tende a assegurar através do tempo a perenidade dos traços específicos que são os de sua fisionomia, não pode deixar, por outro lado, de depender ele próprio, em sua forma como em seu conteúdo, das circunstâncias, historicamente delimitadas, nas quais é elaborado. Todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência (GIRARDET, 1987, p. 82).

Sintomaticamente intitulado *Antônio Conselheiro e o mito do salvador*⁴⁵, o artigo de Leandro Vilar Oliveira busca associar o mito do Salvador (nos termos apresentados por Raoul Girardet) e a figura de Antônio Conselheiro, considerando esse líder messiânico como o quarto modelo de Salvador, como mensurado por Girardet⁴⁶. Para ele, esse modelo é o de

Moisés ou o arquétipo do profeta. Anunciador dos tempos por vir, [...] lê na história aquilo que outros ainda não veem. Ele próprio conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia seu povo pelos caminhos do futuro. É um olhar inspirado que atravessa a opacidade do presente; uma vez, que vem de mais alto ou de mais longe, que revela o que deve ser visto e reconhecido como verdadeiro (GIRARDET, 1987 p.78).

Na concepção de Jung, esse mito se estrutura pelo mesmo arquétipo do chefe, justo e sábio que se apodera do mundo comunista na esperança do Paraíso (JUNG, S.D.) que agrega, no imaginário político, o mito do Salvador, apropriando-se de toda riqueza do

⁴⁵ Cf.: OLIVEIRA, Leandro Vilar. **Antônio Conselheiro e o mito do salvador**. História, imagens e narrativas. nº 21. Outubro/novembro/2015. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao21outubro2015/conselheiro-salvador.pdf>. Acesso 27. Jan. 2015.

⁴⁶ Girardet considera quatro modelos de Salvador na História: cônsul romano, Cincinnatus (519-430 a. C.); o conquistador e herói, Alexandre, o Grande (356-323 a. C.); o legislador que reestabelece a ordem e a justiça, Sólon de Atenas (638-558 a. C.); e o profeta presente na Bíblia de tradição judaico-cristã: Moisés (OLIVEIRA, 2015, p.9).

imaginário nordestino; graças a insistente obstinação do personagem Salgado em convencer a massa camponesa da promessa de uma restauração do Cosmo sob as bases comunistas.

Para esse líder do Partido, o simbólico Antônio Conselheiro reúne a esperança de um destino coletivo de bem-aventurança para os lavradores. Suscita um apelo ao Salvador através do que Girardet chama do “misterioso processo de heroificação”, ou seja, a transmutação da história real ocorrida em Canudos e sua absorção no imaginário do plano “Operação Canudos”. Em outras palavras, trata-se da história de Conselheiro e sua materialização na trajetória do salvador virtual Salviano, mais especificamente, a função que ele passa a assumir na “Operação”, isto é, sua assunção, fazendo uma analogia metafórica com o próprio título desse romance.

Manuel Salviano – Manuel, variante de Emanuel, que em hebraico significa “Deus está conosco⁴⁷”; e Salviano – nome que designa a própria imagem do Salvador – torna-se um personagem assolado por uma conflitante dualidade de sentimentos, oriundos da antinomia entre a exigência dos seus ideais comunistas e da fé cristã dos lavradores. Estes se mostram sempre vítimas da seca e dos coronéis. Embora fieis à Doutrina Católica, mostram-se totalmente avessos aos padres.

Esse papel beatífico a ser realizado por Salviano pode suscitar consequências diversas, em virtude da própria ambiguidade desse mito. No plano de Salgado, Salviano se torna a imagem motivadora de revolução capaz de se cristalizar no seio sertanejo, causando a pulsão da emoção e da espera, culminando na tão esperada adesão camponesa. Por outro lado, Salviano corre o risco também de se vigorar como um verdadeiro profeta para os camponeses, que esperam, a exemplo da figura de Conselheiro: um beato, um santo, uma espécie de messias.

Sobre essa relação se torna pertinente destacar o que Calazans comenta a respeito de Antônio Conselheiro: esse líder religioso era conhecido como “pai”, “Bom Jesus Conselheiro”. Sua feição magra, de poucas conversas, fez com que alguns o associassem ao Senhor dos Passos das procissões da Semana Santa, o que contribuiu para o seu endeusamento (CALASANS, 1969).

De qualquer modo, a ambiguidade do mito do Salvador reside no fato deste se consubstanciar no plano político e religioso. Analisando *Jung e o Cristianismo*,

⁴⁷ No Novo Testamento, o anúncio do anjo revela: “eis que a virgem conceberá e dará á luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco.” (BÍBLIA DE PROMESSAS, p. 4; Mateus, 1: 23).

Christopher Bryant afirma que essa ambiguidade ocorre quando um símbolo religioso é efetivo ao pertencer a dois mundos: “o mundo do dia-a-dia, junto com as ideias e aspirações que todos sentem, e o mundo do inconsciente coletivo” (BRYANT, 1996, p.93-94). É por meio de uma base arquetípica que a proximidade entre os dois mundos se torna possível, ou seja, a busca arquetípica de um Redentor, um justo, um mensageiro.

Aceitando a condição de heroificação transmutada do beato Conselheiro, o conflito entre o materialismo comunista e a Doutrina cristã se torna denso na figura da personagem Salviano. Uma antinomia inconciliável entre os ideais centrados nas aspirações de uma vida melhor na perspectiva terrena, tendo a figura de um chefe, uma espécie de conselheiro dos camponeses diante de um Mundo degradado; e a promessa da redenção cristã como atração poderosa. A ânsia pela realidade espiritual encontra na Doutrina cristã todo o refúgio. A figura do “Bom Jesus Conselheiro” reúne todo endeusamento capaz de vigorar a fé no próprio Messias, que experimentou a morte e ressuscitou. Por meio dessa crença, a vida diária de cada indivíduo tem significado na espera de uma promessa transcendental.

Importa enfatizar que o nosso mundo secularizado não se libertou das armadilhas hierofânicas de todo simbolismo cristão presente no mito do Salvador. Entretanto, por mais ambíguo que possa se apresentar, o valor simbólico de um Salvador na figura de Conselheiro parece não preocupar, de início, a personagem Júlio Salgado. Por meio de sua inflexível hierofanização dogmática pelo Partido, vê em Manuel Salviano a figura virtualizada de um Salvador, como uma espécie de herói guerreiro contra o Governo. Por isso, alimenta no marceneiro a esperança de que a “Operação Canudos” terá o apoio do Partido e não terá um fim catastrófico como na História do Arraial de Belo Monte.

Na realidade, para Salgado, não lhe importa Salviano e nem os jagunços. Por meio de seu plano de conspiração, o que ele almeja é criar um anti-herói, uma espécie de antítese de Salvador, capaz de fazer com que “uma procissão fluvial se transforme num brado de revolta de camponeses espoliados em suas terras” (p. 31). Um fim catastrófico, com a morte dos padres, dos coronéis e mesmo dos camponeses, sacrificados pela Causa Comunista. Essa investida se assemelha ao próprio esforço do nacional-socialismo na Europa, na tentativa de resgatar a mitologia pagã germânica de “um final anunciado e aguardado”, pelo combate entre “os deuses e demônios, que terminaria pela morte de todos os deuses e todos os heróis pela regressão do mundo ao Caos” (ELIADE, 2000, p.18).

A força dessa fonte de origem pagã nórdica, presente no ideário comunista das personagens do romance de Callado, manifesta-se no sombrio plano de “Operação

Canudos”, almejando um fim catastrófico a toda Juazeiro. A apoteose desse desejo resplandece numa imagística permeada pela possessão da Sombra, assolando os pensamentos de Salgado. Por isso, ele “imaginava, naquele instante, a caatinga cinzenta crescendo como um tapete pelo mundo inteiro, galgando montes e vales como um linóleo, abafando todos os verdes como um sudário” (p.46).

Sendo assim, na mesma busca germânica de abolir os valores cristãos, o Partido Comunista, liderado por Salgado, almeja uma espécie de “suicídio coletivo” de toda massa camponesa em revolução. A imagem bélica dessa personagem é suficientemente forte para traduzir seus anseios: “balas arrancando narizes de imagens e chamuscando os panos do altar-mor” (p.7), a resplandecer em um cenário cadavérico sem qualquer resquício de esperança.

Sobre essa investida, seu próprio companheiro de Partido duvida da eficácia do Plano: “Só mesmo por um milagre é que a gente conseguiria algo de espetacular. E se houver milagre, velhinho, o Camarada Deus há de preferir servir o outro lado – completou Martins” (p. 31). No entanto, na ânsia de suprimir a Doutrina cristã, que vigorosamente “imperava” nas terras sertanejas, Salgado professa com veemência: “O Camarada Deus como sempre será rigorosamente neutro. Favorecerá quem tiver o melhor plano e Operação Canudos não é só um plano excelente – é o único. O outro lado não tem planos. Tem uma procissão” (p. 31).

Nesse sentido, pode-se afirmar, – sob esse discurso, e também a propósito desse panorâmico mergulho no imaginário de *Assunção de Salviano* – que há duas forças, que se apresentam em constante oposição em meio às manifestações discursivas das personagens: o materialismo comunista e a Doutrina cristã. O primeiro, sempre sob o signo da oposição a qualquer tipo de alienação religiosa, busca neutralizar o Javé e fabricar uma divinização do Partido. Mesmo afirmando uma total secularização, seu ideário, em nome da Causa Comunista, se enriquece através de toda ideologia messiânica herdada da tradição judaico-cristã. A segunda, na visão das mesmas personagens, materializa-se em meio à hipocrisia dos padres da Igreja e a fé alienada dos camponeses, além do ódio manifestado pelos adeptos ao Partido Comunista. A antinomia no romance inaugural de Callado se apresenta assim: enquanto a Igreja professa, através de rituais, a celebração da vitória de Cristo sobre a morte, na esperança da receber a mesma Recompensa Celestial, o Partido arquiteta um plano para abolir todas as verdades cristãs por meio de um processo revolucionário que

regredirá tudo ao Caos na tentativa de reconstruir um Mundo sob o signo Comunista: uma perfeição paradisíaca na Terra.

Em suma, as imagens míticas parecem forjar as aspirações ideológicas. O Comunismo, com seus fundamentos e sua forma de organização, busca abolir a fé messiânica cristã. Mas, assim como Marx enriqueceu o mito venerável da Idade de Ouro com “toda ideologia messiânica judaico-cristã”, e com ela, enfatizou “o papel profético e a função incentivadora que atribui ao proletariado” (ELIADE, 2000, p.18), em *Assunção de Salviano*, a tentativa de revogar essa ideologia se efetua também pelo próprio enriquecimento do Comunismo com os mitos veneráveis da esperança escatológica judaico-cristã.

2.5 A Combinação dos Protótipos Nordestinos

Os cabelos crescidos sem nenhum trato, a caírem sobre os ombros; as longas barbas grisalhas mais para brancas; os olhos fundos raramente levantados para fitar alguém; o rosto comprido de uma palidez quase cadavérica; o porte grave e ar penitente.

(Euclides da Cunha)

[...] o finalismo da ação guerreira de seu representante, voltada para o objetivo da vingança, traço definidor mais forte. Foi o cangaço nobre, das gestas fascinantes [...] o cangaço figura como última instância de salvação de homens perseguidos.

(Frederico Pernambucano Mello)

Eis que chegou o “momento da ação verdadeira” (p. 39), tempo em que os camaradas do Partido Comunista tomam seu lugar na “Operação Canudos”. Um plano que começa a tomar forma através da personagem Salviano, associado à imagem de um “messias”, uma espécie de salvador dos camponeses. Para o Partido Comunista, essa é uma tentativa de obter a adesão da camada camponesa, disfarçando-se da própria mística religiosa da Igreja Católica.

Com intuítos semelhantes aos do autor do Manifesto Comunista, mas com uma tática genuinamente própria, Júlio Salgado, à frente de todo o Plano, busca uma espécie de protótipo capaz de motivar toda a massa camponesa. Em outras palavras, tenta “fabricar” um tipo original que sirva de modelo, fazendo os lavradores seguirem com toda fé e veemência. Uma espécie de “santeiro” a serviço do Partido. Para isso, como verdadeiro mentor, Salgado explica ao carpinteiro Salviano quais devem ser as coordenadas para se fingir uma conversão sem se afastar dos propósitos comunistas:

Não uma conversão quieta e que fizesse o homem dar para ir à missa todos os dias, mas uma conversão que o transformasse – para inglês ver, é claro – num cabra feito o Padre Cícero lá do Ceará ou mesmo o Antônio Conselheiro? Imagine com que cara ficaria esse pobre tolo que é o Padre Generoso, com seu reumatismo e sua úlcera no estômago, tendo de fazer frente a um beato como os dos velhos tempos, iluminado destas caatingas, um homem de Deus áspero com os pecados alheios... (p. 41).

Para esse líder do Partido – semelhante ao que ocorreu com o Cristianismo, com a figura de Cristo como único Redentor da Humanidade, modelo de caminho para a salvação eterna no Paraíso Celestial –, o Comunismo precisa encontrar uma espécie de mensageiro

que lute pelas causas desse Mundo, a fim de mostrar que é possível construir um Paraíso aqui mesmo na Terra. Nesse intento, Salgado mergulha no messianismo religioso nordestino, remontando algumas de suas figuras míticas, como o Padre Cícero⁴⁸ do Juazeiro e Antônio Conselheiro.

A figura do Padre Cícero reúne toda condição de santo popular; afastado das Ordens Sacerdotais pela hierarquia da Igreja, mas reabilitado pelas multidões. De acordo com estudos recentes, o Padre Cícero é “considerado pela religiosidade popular como o maior santo nordestino. Um santo que ainda não pode ‘entrar na Igreja’” (TOLOVI; BEZERRA, 2015, p. 43). Assumindo essa emblemática, Salviano poderia materializar-se na figura de um padre santificado e mitificado por romeiros (a massa sertaneja) e hostilizado pela Igreja. Um santo venerado por um povo que sofre pelas adversidades climáticas e injustiças decorrentes das trapaças dos coronéis ladrões de terras. E o Povo o enxergaria como um “beato santo”, uma espécie de “padrinho dos camponeses”; um protetor ou mesmo um profeta guiando o povo na luta pela sobrevivência. Desse modo, Juazeiro da Bahia da ficção de Callado, assim como em toda a mística presente em Juazeiro do Norte do Ceará, poderia ser comparada a uma Nova “Jerusalém Celeste”.

Entretanto, o que o líder do Partido almeja é fabricar uma falsa ideia da existência de uma “cidade santa”, alimentando a esperança na salvação da alma. No entanto, o que ele realmente busca é convencer Salviano que é possível trazer a ideia de uma “Jerusalém” na Terra, com melhores condições para a vida do camponês; embora seja preciso esclarecer que as reais intenções de Salgado não eram essas, como já foi exposto nesse trabalho. Sua aspiração – encoberta pela zona do espírito maligno – consistia na produção de uma desordem, num vendaval caótico oriundo de um processo revolucionário entre camponeses e a Igreja.

Para conseguir esse desfecho, Salgado sabia que precisava conseguir a adesão voluntária dos lavradores. Nada melhor que uma referência de santidade e esperança para um povo sofredor. Mas isso não se conseguiria com um santo caído do céu ou moldado da argila como o Adão da Criação. O líder do Partido tinha total convicção que era preciso

⁴⁸ De acordo com as pesquisas de Daniel Walker, Cícero Romão Batista nasceu em Crato - CE, em 24 de março de 1844, ordenado aos 26 anos (1870). Em ocasião de um “suposto” milagre, ocorrido em março de 1889, onde uma hóstia dada pelo referido padre a beata Maria de Araújo se transforma numa porção de sangue, Padre Cícero ganha notável fama de milagreiro. Em virtude do ocorrido, a ordem de sacerdócio lhe foi suspensa, mas mesmo assim, multidões de todo Nordeste passaram a lhe visitar (Cf.: WALKER, Daniel. **Padre Cícero na Berlinda**. Versão digital disponível na internet. Rocket Edition – eBooksBrasil, 1999. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/padreciceronaberlinda.html> > Acesso em 07 mar. 2016.

reunir os ingredientes histórico-culturais suficientes e necessários para construir um santo de carne e osso. Em outras palavras, uma espécie de “protótipo” irreversível, capaz de eclodir numa revolução que culminasse na busca incessante dos lavradores por uma transformação social, econômica e política da cidade de Juazeiro.

Ainda na trama de Callado, a figura de Antônio Conselheiro acrescenta a Juazeiro também a dimensão da “cidade santa”. Semelhantemente, seria tudo aquilo que Canudos representou para os fiéis seguidores de Conselheiro. Salgado tinha a certeza que essa imagística messiânica alimentaria a esperança num Paraíso terrestre, através da aparição de um novo salvador milagreiro. Afinal, foi notória toda fama das prédicas proferidas por Conselheiro.

Schilling (2005) *apud* Isaac Júnior e Rakel Pereira, descrevem essa figura bastante conhecida, principalmente nos sertões nordestinos: “Sua aparência assemelhava-se aos profetas bíblicos, com uma vasta cabeleira que lhe caía pelos ombros e vestido com um brim comprido que lhe chegava aos pés e um cajado nas mãos. Parecia um personagem saído diretamente das Velhas Escrituras” (SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2016, p.6). Salgado idealizava que, por meio da imagem desse líder religioso e político, Salviano assumiria junto aos sertanejos a personificação de um verdadeiro e fiel seguidor do Messias.

No entanto, seus reais intuitos consistiam em criar a ilusão de um salvador, a fim de fabricar um protótipo do que ocorreu na Guerra de Canudos, no desejo de fazer de Juazeiro a “Canudos destruída”. E Salviano, como o santo do Partido, teria de morrer pela causa comunista. Essa seria a cena final do Plano, para todo homem testemunhar a glória do Partido, inclusive o inglês Mr. Wilson, ou seja, uma personagem que se assume como típico detetive disfarçado de “vendedor de artigos de *nylon*”. Na realidade, é “um detetive amador e distribuidor voluntário de bíblias para a Bible Society” (p.20), com o intuito de descobrir as ações comunistas disfarçadas. Com certeza, a hipótese de “um homem de Deus”, como “dos velhos tempos”; iluminando as caatingas sertanejas com o vigor abrasivo contra os pecados da Igreja e dos poderosos, afligiria o velho e cansado Padre Generoso – Pároco da cidade de Juazeiro na trama de Callado. Isso seria capaz também de agravar ainda mais suas enfermidades, ideia que agradava demasiadamente Salgado e Salviano.

Penetrando no imaginário que povoa a realidade cultural do sertanejo, rico no simbolismo de religiosidade popular e nas narrativas de realidades vividas pelos

camponeses, em meio às condições do semiárido à luta contra as opressões, ou mesmo se valendo de relatos lendários da cultura popular presentes muitas vezes na literatura, Salgado trata de ordenar elementos ainda mais precisos para tecer Salviano da roupagem de “santo” do Partido Comunista:

É preciso aparecer um iluminado *que não seja iluminado* – que se alumie apenas com a luz da razão e do Partido –, um santo que só lute pelo reino deste mundo, um novo tipo de beato que dirão misto de padre e de Antônio Silvino lúcido, um Virgulino Lampião com rosário enrolado no rifle e um plano de revolução no bolso. É preciso para isto um homem de fibra, que saiba falar aos trabalhadores como você fala e disfarçar diante das autoridades como você disfarça. Será fácil a você começar sua carreira de pretensa de iluminado, graças ao acréscimo de bom moço que acumulou (p.41).

O protótipo do santo do Partido se constitui a partir do paradoxo “iluminado/não iluminado”. Essa lógica se traduz pela ideia de que Salviano precisa aparentar um místico, ou seja, uma espécie de profeta para os camponeses. Entretanto, deve indubitavelmente continuar fiel à ideologia do Partido. Desse modo, os intuitos maléficos de Salgado se tornam ainda mais evidentes: quanto mais crescesse a esperança dos lavradores em um salvador do camponês sofredor – uma espécie profeta que lhes guiarium rumo à salvação celeste –, mais consistente se tornaria o Plano do Partido. Assim, cresceria uma falsa esperança, muito bem alimentada, a ser logo desmascarada quando o Partido revelar a hipocrisia dos padres e da Igreja, desmoronando a fé camponesa e ascendendo a vitoriosa razão do ideário comunista. Atingindo esse objetivo, Salgado acredita que conseguiria a adesão camponesa, visto que semearia a ideia de que qualquer esperança numa salvação eterna não passa de uma mera ilusão. Igualmente, destituídos de todo tipo de alienação religiosa, os camponeses veriam que a única esperança seria a luta por melhores condições de vida neste mundo, construindo um Paraíso aqui mesmo na Terra, através da luta por seus direitos.

Por meio dessa perspectiva, Salgado acredita que só o processo revolucionário é o meio indubitável para conquistar os direitos negados aos pobres lavradores, explorados pelos coronéis e enganados pelas falsas esperanças dos padres. Para o Comunismo, a ideia de revolução é a mais radical ruptura com as relações humanas tradicionais. O objetivo da revolução proletária sempre foi “erguer o proletariado à oposição à classe dominante” (MARX; ENGELS, 1999, p.45). Na cidade de Juazeiro ficcional de Callado, os coronéis que tomam as terras dos camponeses e têm os padres como seus bajuladores, orientando a

camada camponesa a ter fé e paciência diante do sofrimento e injustiça deveriam ser massacrados e humilhados.

Para que esse intrigante Plano do Partido obtivesse sucesso, seria preciso reunir um modelo que motive a prole camponesa ao misticismo religioso, ao mesmo tempo em que os tornem dotados de coragem e garra para a luta armada. Aos olhos de Salgado, só o misto de beato e uma espécie de sábio guerreiro poderia se aproximar do protótipo ideal. Portanto, nada melhor que a figura de Virgulino Lampião⁴⁹, uma figura mítica que se aproxima de uma espécie de guerreiro e santo, virtuoso por suas peripécias pelo Sertão junto aos cangaceiros.

A justificativa para a valorização desse protótipo por parte do líder do Partido é explicada pela fama que Virgulino Ferreira adquire junto à camada sertaneja. Seus feitos se tornam heroicos no imaginário popular a ponto de se definir como mito. Isso ocorre porque floresce uma gigantesca ficção sobre as proezas de Lampião, no cordel e na dramaturgia, e até mesmo no cinema. Sua neta, a jornalista Vera Ferreira, em conjunto com o pesquisador Antonio Amaury, busca diferenciar duas figuras míticas surgidas de um só homem em *De Virgulino a Lampião: Virgulino Ferreira como um homem comum que enfrenta a instabilidade de viver como um “fora da lei”, ao mesmo tempo em que se configura como um mito, isto é, “criado a partir de cada façanha efetiva ou inventada”* (FERREIRA; AMAURY, 1999, p.10). Para Salgado, é desse segundo tipo que interessa “vestir” Salviano, um herói de grandes feitos, com potencial capaz de fazer crescer uma fama lendária junto ao imaginário sertanejo.

Para compreender o interesse de Salgado por esse fascinante mito, torna-se relevante compreender o que a história de Lampião e seus feitos junto ao cangaço, têm de significação para o Plano idealizado por Salgado, e igualmente, para o próprio ideário comunista.

Ora, a fama dos extermínios realizados por Virgulino Lampião fez dele um homem cruel. De acordo com Ferreira e Amaury (1999), Lampião se tornou uma espécie de Robin Hood caboclo, um vingador buscando resgatar a justiça negada. Essa luta de Lampião é vista por marxistas, como o pesquisador Rui Facó (1983), como uma forma de conduzir o sertanejo, vítima do monopólio dos coronéis, a uma situação de vida melhor.

⁴⁹ Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente pelo apelido de Lampião, foi o principal e mais conhecido cangaceiro brasileiro. Nasceu na cidade de Serra Talhada (PE) em 7 de julho de 1898 e faleceu em Poço Redondo (SE) em 28 de julho de 1938. Ficou conhecido como o "rei do Cangaço" (Cf.: <http://www.suapesquisa.com/biografias/lampiao.htm>. Acesso em 22. Set. 2016).

Em tese, Facó enfatiza que o domínio político de uma pequena elite gerou a violência exacerbada do cangaceiro, insatisfeitos com a condição sociocultural de uma população vivendo abaixo da linha de pobreza. Essa situação foi favorável para o surgimento de heróis do povo, como Lampião – uma espécie de profeta:

[...] um novo Cristo com coragem para dizer: – Sigam-me e eu os levarei ao reino de Deus⁵⁰. É claro que todas as resistências e dúvidas se transformam em fé, que nenhuma arma, nenhum poder e nenhuma instituição podem estancar (FACÓ, 1983, p.47).

Enriquecido do mito chamado Lampião, Salgado imagina congregar o exemplo de profeta justiceiro, disposto a incitar o povo à crueldade e ao processo revolucionário, simbolizado pelo “rifle na mão”, em busca de vingar os injustiçados e proporcionar melhorias de vida aos menos favorecidos. Na visão do Partido, Lampião parece preencher o vazio que deixou no Sertão o movimento chefiado por Antônio Conselheiro. Um cenário caótico e cruel que encontra resposta numa esperança regida pela lógica da revolta e da vingança.

Descrevendo os contemporâneos da erradicação do movimento de Conselheiro, Grunspan-Jasmim enfatiza que o desequilíbrio tomou conta do Sertão, impedindo qualquer forma de discurso que não a violência. O mesmo ocorreu após a morte de Lampião:

O sertão apareceu aos olhos dos contemporâneos de Canudos, e mais tarde, aos olhos dos contemporâneos de Lampião, como uma região vergada “sob o peso” de múltiplos fenômenos adversos, onde a população, às voltas com a seca devastadora, a miséria, as lutas políticas fratricidas e o banditismo endêmico, oscila entre a resignação, a desesperança e a revolta (GRUNSPAN-JASMIM, 2006, p.20).

Aproveitando-se desse cenário, Salgado busca “fabricar” / “falsificar” o surgimento de um novo beato/cangaceiro, um profeta e herói cangaceiro como salvador dos sertanejos. Assumindo as características de Lampião, o mentor do Partido já espera que, assim como esse herói popular nordestino, Salviano também não alcance a total honra da moral *vendetta*⁵⁰. Pois, os objetivos de Salgado e do Comunismo, assemelham-se aos do próprio Lampião: os bens materiais e o poder.

Associado a esse instigante mito, firma-se a presença do sacro e do profano, a partir da enigmática imagem do “rosário enrolado num rifle”, que consubstancia o desejo avassalador de Salgado em fazer de Salviano um profeta aclamado e seguido pelos

⁵⁰ De origem italiana, é uma ação ou sequência de ações levadas ao extremo por um período de tempo na busca de justiça.

camponeses, a exemplo de Antônio Conselheiro, um “homem de fibra”, com o dom para falar aos lavradores e ludibriar os coronéis e as autoridades policiais, como o Sargento Caraúna. Ao mesmo tempo em que, sondado pelo fulcro do ódio, o mesmo Salgado incita os sertanejos à luta armada contra a Igreja e os coronéis, seguindo igualmente também o modelo do vingador, com o plano de revolução no bolso.

Nesse contexto, faz sentido notar o quanto o romance “captura” da história do Nordeste Brasileiro, o mito do Salvador. Como afirma Girardet, esse apelo não cessa de repercutir em nossa história. Trata-se de um vasto movimento de esperança através da heroificação de Salviano, operando um repertório histórico para o plano mítico, o que resulta numa transmutação do real para o campo do imaginário (GIRARDET, 1987), do mundo profano para a zona do sagrado.

Em passagem seguinte, ouvindo atentamente todo o plano da boca de Salgado, Salviano ainda aparenta não compreender realmente como a “farsa de beato” poderá contribuir para os objetivos do Partido:

– Eu vou andar por aí como esses beatos andrajosos, comendo em cuia de esmola e falando ao povo no fim do mundo? Como é que isto pode servir ao Partido ou lá quem seja? Eu tenho ajudado a ensinar a esses coitados a brigar com grileiro. Mas nenhum Partido do mundo vai me fazer de judas da semana santa, para criança rir e jogar pedra (p.42).

O temor de Salviano é se tornar um protótipo que consiga reunir apenas o escárnio dos camponeses. Em vez de se tornar um salvador do sertanejo, ou mesmo uma espécie de líder que já representa para os lavradores, Salviano receia se tornar o protótipo do traidor fracassado, pelo insucesso do Plano. Neste caso, ele seria o que mais sofreria as consequências. Afinal, para os fiéis da Igreja, afrontar a Doutrina cristã é o mesmo que se configurar como o traidor de Cristo: o Judas que entregou Jesus para ser condenado. No lugar da cena vitoriosa do Partido sobre a desmoralização da Igreja e dos padres, a única coisa que os Camaradas do Partido conseguiriam eram reforçar a ideia de que os fiéis devem estar sempre vigilantes contra os opositores da fé cristã. Desse modo, até esse episódio da trama de Callado, sustenta-se ainda toda uma resistência de Salviano na aceitação da “Operação Canudos”.

2.6 Moldando um “Redentor” para o Comunismo

*Mas esforçai-vos, e não desfaleçam as vossas mãos;
porque a vossa obra tem uma recompensa.*
(2 Crônicas, 15:7)

A trama de Callado faz “reviver” os mais populares mitos do imaginário nordestino. Em episódio marcante, em tom de indignação, Júlio busca detalhar precisamente para Salviano os motivos que o levaram a planejar a “Operação Canudos”:

Como eu ia explicando, se elas [as esposas dos camponeses] acharem que os maridos devem marchar sobre Juazeiro, ou até tocar fogo na cidade, em nome de Deus, estará tudo bem. Se o Padre Cícero tivesse mandado os fiéis tocarem fogo no Juazeiro do Ceará, era tiro e queda. Mas estou convencido de que essa gente só anda empurrada por Deus, isto é, por uma mentira igual a Papai Noel (p. 44).

Este trecho revela o papel matriarcal na orientação da vida religiosa dos camponeses. Para Eliade, esta condição pode ser explicada pelo fato de a mulher ter sido a primeira a cultivar as plantas alimentares. O predomínio social da mulher, com seu o prestígio mágico ou religioso, tem a figura da Terra Mãe como modelo cósmico (ELIADE, 1992). A mulher, dotada de mais devoção e relativamente mais participativa nas cerimônias católicas, parece influenciar intensamente os seus esposos com suas convicções religiosas. A ordem religiosa parece ser guardada e divulgada sob o domínio do arquétipo materno. A mãe, esposa, companheira, conselheira da comunidade, transmite sempre a ideia de sabedoria e sensibilidade diante do sagrado. Por essa razão, inconscientemente ou não, a verdade sobre esse arquétipo está presente no discurso de Salgado. Esse líder do Partido está convencido de que qualquer anúncio apocalíptico proferido por uma camponesa, por meio da transmutação de um beato messiânico como o Padre Cícero, por exemplo, ganharia proporções gigantescas. Desta feita, força Salviano a reconhecer o potencial que o misticismo religioso poderia oferecer ao Partido Comunista. Mesmo repudiando toda a alienação religiosa que, na visão desses partidários, perdura naquelas terras sertanejas, Salgado está convicto de que é preciso se disfarçar das forças de coesão já existentes para, sobre elas, demarcar oposição; a fim de revertê-las para os ideais do Partido.

Todavia, para que isso aconteça, é preciso estar alicerçado com um novo “evangelho” que, oposto ao cristão, seja suficientemente forte para enfraquecê-lo e destituí-lo. Com essa convicção, Salgado planta as sementes da “boa nova” no “coração” revoltoso de Manuel Salviano:

– Para isto – ia dizendo Júlio – é preciso que você hipnotize essa gente. É preciso que convença a todos de que fala em nome de Deus, que de repente lhe veio à inspiração dos céus. No dia da procissão de Nossa Senhora da Glória tome o andor da mão do Padre Generoso, tripule com seus homens o barco, apodere-se da igreja de Petrolina quando lá estiver todo o mundo e, então, dentro da igreja, então sim, diga àquela gente que você é um membro do Partido, que deus é uma mentira dos padres, que querem viver sem trabalhar, que o Reino dos Céus começa e acaba no bojo dos caixões de defunto, que a luz da eternidade só dura enquanto está acesa a vela dos moribundos... (p. 46).

Com a esperança de que essa semente não cairia num terreno pedregoso, Salgado propõe que o “mensageiro” escolhido pelo Partido divulgue o “Evangelho” do “reino” da discórdia entre os camponeses. Primeiramente, será necessário se apropriar da mesma mística do Cristianismo, a fim de “fabricar” um novo “messias”, totalmente inspirado no Reino Eterno e apto a revelar a epifania de Deus ao sofredor sertanejo. Conseguindo essa proeza, o segundo passo da missão consiste em materializar uma espécie de “apocalipse” no dia da procissão de Nossa Senhora da Glória. Nesse dia, Salviano deveria expor a verdade do “evangelho” do Partido: que a fé cristã é tão falsa quanto seu messianismo se a única verdade for à possibilidade de lutar por melhores condições de vida na terra, pois não há esperança após a morte. Por meio desse posicionamento anti-espiritual, Salgado negaria a existência de Deus e da eternidade no Paraíso Celestial, a fim de prover os lavradores com a fé na construção de uma vida paradisíaca na terra. Essa visão não só é uma mensagem oposta à Doutrina cristã, mas uma perspectiva estritamente materialista do mundo.

Com essa convicção ateísta, esse líder político busca “semear” a crise vital proveniente da decisão entre essa antinomia. E para alcançar esse propósito, a solução versada é mostrar que a *infraestrutura* (para usar um termo de Marx) que compõe o cenário do sertanejo sofredor nordestino está camuflada sobre o plano de uma *superestrutura*⁵¹, isto é, um plano de aparências que visa sustentar um sistema de

⁵¹ Para Marx, enquanto a infraestrutura são as forças de produção, a matéria-prima, os meios e os próprios trabalhadores, onde se encontram as relações de produção: empregados-empregados e patrões-empregados. Como mostra o romance de Callado, essa base econômica é marcada pela exploração da força de trabalho

dominação. Nele está o proletariado, ou seja, os camponeses que usam da força do trabalho em troca de um mínimo para seu sustento, como o João da Cancela. Os coronéis, usando da subjugação do trabalho para enriquecer, inclusive tomando ilicitamente terras dos menos favorecidos, a exemplo do Coronel Juca Zeferino. E os padres – nesse caso específico se enquadra o Padre Generoso –, sempre a defender os poderosos e aconselhar os camponeses a ter paciência diante das adversidades.

Através da revelação dessa situação de alienação, o líder do Partido pretende destituir qualquer valor religioso atribuído ao Cosmo Celeste. Para assim, mostrar ao camponês que qualquer ideia de transcendência numa dimensão além-Terra não passa de uma ilusão.

Sob essa ótica, buscando afastar o sertanejo da fé na Jerusalém Celeste, os adeptos estariam depositando todas as suas esperanças na desmitologização⁵². Ao tentar fazer isso, o discurso de Salgado se torna expressão da veneração de outro mito, o da não existência de um Paraíso Celeste, uma revelação de um ideário que funciona no romance como uma “pregação” de um novo “Evangelho”, isto é, uma “verdade” dos materialistas marxistas.

Em Salgado habita a única “fé”: um Paraíso Terrestre sob os ditames de um mundo comunista, destituído de injustiças, divisão de classes e qualquer conflito que impeça a harmonia do bem comum. O Plano “Operação Canudos” pode parecer, a princípio, arriscado e até ridículo, mas com a união dos mais profundos anseios de emancipação da camada camponesa e da sua crença cristã, Salgado parece convicto que o sucesso é certo:

O João da Cancela rirá talvez, a princípio, mas quando sentir o fogo com que você fala, e compreender que, *sem mudar os objetivos de todos eles, você está se colocando a favor da mulher deles, a favor da religião*, então você verá como a coisa funciona (p.47, grifos do autor).

Ao se colocar como uma espécie de precursor do “messias” do ideário comunista (representado no romance pela figura de Salviano), Salgado se utiliza do artifício da

camponês no interior do processo de acumulação de terras por parte dos coronéis. A superestrutura é o resultado das estratégias dos grupos dominantes a fim de conservar seu perpétuo domínio. Na obra calladiana isso fica evidente no posicionamento da estrutura jurídico-política e ideológica: a prefeitura local, a Igreja, o Pároco, o Sargento e o Delegado (Cf.: MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1993).

⁵² Segundo Eliade, o mundo ocidental, em função da crise do mundo moderno, também buscou julgar os elementos míticos cristianizados, considerando que, para isso, seria necessário desmitificá-los. Em posição diferente, os mitos e símbolos cristãos já não são vividos integralmente pelo homem total. Funcionam apenas como palavras e gestos da vida que não atingem a vida profunda da psique, daí a crise do mundo moderno. (Cf.: ELIADE, Mircea. **Mitos, Sonhos e Mistérios**. Trad. Samuel Soares. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2000).

metáfora para expressar aquilo que não pode ser dito tão somente por meio da linguagem simples e clara. Recorre, assim, à simbolização do fogo. Explicar a carga significativa desse símbolo requer considerar a sua natureza ambígua. Bachelard explica que o fogo é carregado de numerosas contradições, de uma dialética da pureza e da impureza. Ora é compreendido como símbolo do mal, do pecado, fogo sexualizado, os impulsos sexuais e o fogo demoníaco; ora pode também ser concebido como símbolo da purificação⁵³.

Aos olhos dos camponeses, Salviano poderia até se tornar mesmo o símbolo da pureza, cristão convertido e fiel à luta pelos problemas dos lavradores. Pela voz de Salviano poderia se emitir o discurso que versa pela aniquilação do mal, isto é, a opressão dos coronéis, ao mesmo tempo em que nutre a fé na Igreja. Um fogo capaz de destruir a erva da ambição e da prepotência dos poderosos da região, ao mesmo tempo em que, conseqüentemente, enriqueceria a fé cristã.

Entretanto, nas intenções de Salgado, visando provocar uma revolução capaz de fazer do próprio Salviano um mártir, tudo que for proferido por aquele marceneiro beato só se revelaria como artifício do caráter demoníaco do fogo. Um fogo que dissimula uma falsa conversão em função de um Plano que visa promover tão somente o Caos. Em outras palavras, o que mais deseja Salgado é uma guerra gerada pela indignação e revoltada dos camponeses.

Sem mais restrições, Salviano inicia um processo de reflexão profunda; e, alimentado de toda “boa nova” semeada por Salgado, adere finalmente à “Operação Canudos”:

Salviano fechou a cara, fitando um ponto na parede, fechou os punhos, fechou um instante os olhos, como se estivesse chamando para dentro de si todas as suas forças de sentidos. Agradou-lhe a imagem violenta que viu de si mesmo. Lembrou-se de velhas histórias de Adolfo Meia-Noite e Jesuíno Brilhante, ouvidas na infância, e resolver aceitar. (p.48) [...]

Solene, Manuel Salviano estendeu-lhe [a Salgado] a mão:

– É um trato. Aconteça o que acontecer, eu experimento. Confio no senhor, seu Júlio, que é homem às direitas. Se qualquer coisa inesperada atrapalhar o plano, se me acontecer não sei o quê, o senhor leva Irma de volta para os pais dela em Blumenau, não leva?

– Ora, isto nem é preciso dizer. Mas não vai acontecer nada (p.50-51).

Beirando o abismo entre a sensatez e a mais aguda extensão da imprudência, Salviano parece revigorado pela influência das histórias messiânicas que foram ouvidas

⁵³ Cf.: BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008.

durante sua infância. As figuras dos cangaceiros célebres, como Adolfo Meia-Noite⁵⁴ e Jesuíno Brilhante⁵⁵, tornam-se os exemplos de heróis das quais pretende imitar. Assim, o leitor assiste a uma autoafirmação do próprio cangaço por parte do marceneiro Salviano, disposto a chefiar façanhas por todo o Sertão do São Francisco. Convicto de que, a exemplo de Lampião e Meia-Noite, algo terrível poderia lhe suceder; no entanto, sua única preocupação é com a “salvação” de sua esposa Irma.

Preenchido pela força do ideário comunista e da lógica do Plano, em meio a tantos relatos de encorajamento, Salgado ainda busca tranquilizar Salviano sobre o sucesso dessa empreitada. Meditando sobre todas as situações que iria enfrentar, o único consolo que o marceneiro poderia esperar era uma recompensa, uma “redenção” terrena, pois naquele instante

...vinha-lhe à mente a imagem insidiosa da cena final, na igreja de Petrolina, desenhada pelo agitador e que Salviano aprofundara como um santeiro escavando a madeira onde está fazendo um profeta. Aquela cena final era a sua redenção aos olhos do Cancela e de todos os demais, além de ser o supremo desafio aos bispos, ao Padre Generoso, ao mundo inteiro. O plano estava bem arquitetado pelo Júlio, pensou, pois o Cancela e todos os demais não seriam perseguidos pela Polícia, depois, de vez que haviam sido “enganados” por ele, Salviano, que disfarçara de beato... Perigo, mesmo só correria ele, e coragem seria a sua de fulminar os padres no próprio púlpito da igreja, de fulminar a religião dentro da Casa de Deus. Ah, isto pagaria tudo! (p. 59-60).

Tal como formulada pelo mentor do Partido, Salviano agora enxergava a dimensão e importância que tinha o Plano e sua missão enquanto “Redentor” comunista. Iludido pela recompensa oriunda do triunfo do proletariado, ele agora compreende que a única maneira de conseguir desafiar os poderosos e desmoralizar os clérigos é se utilizando dessa mesma mística que, na visão do líder do Partido, aliena o povo sofredor sertanejo. Ao mesmo tempo, sabia que essa seria uma forma de desafiar a Igreja, tão fatigada e vencida aos desmandos dos poderosos. O leitor visualiza que, mesmo contrário à religião e aos padres e sob a metáfora da própria técnica de seu ofício, o marceneiro busca fabricar o profeta capaz de significar a salvação para o sofrimento dos camponeses injustiçados. O Plano

⁵⁴ Cangaceiro nascido em Afogados da Ingazeira-PE, em 1875, e, em conflito com a polícia, morreu na Paraíba (Cf.: CALDAS, Maria Helena. **Alguns fatos marcantes**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/lampiao/pages/cont2.htm>. Acesso em 23. Set. 2016).

⁵⁵ Jesuíno Alves de Melo Calado, nasceu em 1844, em Patu-RN. Agindo no semiárido paraibano e potiguar, ficou conhecido como uma espécie de Robin Hood, em virtude de suas façanhas em prol dos mais humildes (Cf.: NONATO, Raimundo. **Jesuíno brilhante, o cangaceiro romântico**. Mossoró: Fund. Vingt-um Rosado, Mossoró, 2000).

estava tão bem ordenado – imaginava Salviano – que ele seria o único a ser responsabilizado, já que os camponeses seriam vistos como inocentes diante de toda a conspiração. Assim, o “beato” conseguiria mostrar aos camponeses aquilo que ele compreendia como sendo a verdadeira face da fé cristã: “uma mentira igual a Papai Noel” (p. 44). Eis o “Evangelho” da libertação de qualquer alienação religiosa, isto é, a solução para todos os conflitos entre os homens: o Comunismo. Assim, a “boa notícia” trazida por Salviano traria então a “redenção” dos camponeses do signo de divisão de classes, tão abolido pelo marxismo.

Como se vê, o desejo e a dinâmica dos partidários comunistas nesse romance se assemelham ao modo como Marx e os marxistas seguidores do Movimento Comunista adotaram os profetismo sociais. Como mencionado no capítulo anterior, os mitos escatológicos do mundo asiático mediterrâneo e o papel do Redentor, do justo, tido nos nossos dias como o proletariado; e a Idade de Ouro, caracterizado como o começo e fim da História; foram enriquecidos e prolongados por Marx como “toda uma ideologia messiânica judaico-cristã” (ELIADE, 2000, p. 99 e 18). O Comunismo se configura então como uma escatologia que versa pela transformação ontológica do Mundo num Paraíso Terrestre.

Em analogia, construir um Paraíso no Sertão Nordeste, sob a ótica do personagem Salviano, é assumir um papel profético que semearia uma crença de que o proletariado é o único instrumento capaz de prover a “redenção”, a partir de um Mundo sem classes. Assim, distantes das pregações dos padres sob a fé em um “novo céu e nova terra” criados por Deus, Salviano se compromete em mostrar o Mundo Comunista Futuro, sem os “coronéis e grileiros” e todos seus atos de injustiças. Igualmente, sem a “Prefeitura” de Juazeiro (o Estado), e sem a “igreja” de Petrolina (as religiões); uma terra sem pobres e ricos, sem senhores e proletários, sem opressores e oprimidos, semelhantes à mesma “fé” marxista. Dessa forma, Salviano assume em todo o Plano o papel profético e a função soteriológica, visto que se dispõe a se “vestir” da mesma condição e mística de Salvador da humanidade. Semelhante ao Cristo, Salviano está disposto a se tornar mártir, assumindo toda culpa do Plano, poupando até Salgado, em nome da redenção dos camponeses.

Por outro lado, o leitor não deixa de notar o quanto o objetivo do Plano está muito mais voltado para a destruição da Igreja do que mesmo com o bem comum do proletariado. Este racionalismo penetrante em Salviano se deve muito ao modo com que este se deixou contaminar pelo ódio aos padres e a Igreja, instigado por Salgado.

Por sua vez, Salviano parece convicto de que o caminho para superar a ideia de transcendência divina é destruir a alienação religiosa em sua raiz, dentro do próprio espaço de celebração. E esse seria o troféu, o mais satisfatório gozo da recompensa diante de todo sacrifício da jornada de farsa. É por meio dessa ideia, como também, na certeza que o Partido traria o controle total (ideológico e social) do proletariado, que Salviano “entrega nas mãos de Salgado seu espírito” e o destino dos camponeses. Tudo porque naquele marceneiro reinava uma ingênua certeza que vigoraria um “Paraíso” sob o controle total do Partido.

2.7 No Princípio Era uma Impostura

*Eu não sou homem eloquente, nem de ontem, nem de
anteontem, nem desde que tens falado ao teu servo
[...]*

*Vai, pois, agora e eu serei com a tua boca e te
ensinarei o que hás de falar.*

(Êxodo, 4: 10, 12)

Dotado de uma mensagem messiânica que nunca acreditara ser capaz de seguir, Salviano se vê agora nas “duras preces” de assumir o que durante quase a vida toda detestara: o messianismo cristão. Assumindo fidedignamente “a foice e o martelo” sob a “vestimenta” da mística cristã, inicia um caminho sem volta, capaz de mudar totalmente seu destino:

Mas naquele dia, depois da conversa com Júlio Salgado e sabendo que ia ter de bancar o convertido diante dos cabras, naquele dia o café lhe tinha sabido mal, o caminho parecia imenso e o sol solene: solene e triste como o amigo que descobre algo errado que fizemos e que sofre por precisar advertir-nos. Aquele sol, pensou Salviano, sabia de tudo (p.58).

Em meio à ansiedade diante do papel que iria representar junto aos camponeses, Salviano recorre à suntuosidade do Sol, emanando uma personificação de endeusamento daquele astro a castigar as terras sertanejas⁵⁶. É quando o homem da ficção de Callado, secular pela influência do mundo moderno e hostil a toda e qualquer religião, manifesta a busca arquetípica pelo Ser Solene. Como afirma Eliade, trata-se do Ser que está no alto, permanece revelando o transcendente (ELIADE, 1992). Parece-nos que, mesmo dotado de toda uma filosofia materialista e uma escatologia comunista, Salviano não deixa de manifestar o seu ser total, pois nasce religioso. Nos mais difíceis momentos da vida, ele se desprende das amarras materialistas do mundo, isto é, além das forças terrenas, a fim de buscar auxílio no sobrenatural, divino, onipotente e onisciente. Mesmo expurgo de qualquer vínculo com uma instituição religiosa, não consegue se desvirtuar do simbolismo religioso que continua permeando a vida moderna. Essa atitude pode ser justificada pela própria natureza do fenômeno chamado Sagrado:

⁵⁶ Segundo Durval Muniz, desde a década de 1930, na pintura representativa do Nordeste brasileiro há o predomínio marcante do Sol. Essas mesmas características também estão presentes na literatura. Nas imagens de um Nordeste condenado ao martírio dos seus personagens, as fatalidades e as desgraças de um povo injustiçado por grupos dominantes (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.139).

Retirado da vida religiosa propriamente dita, o sagrado celeste permanece ativo por meio do simbolismo. Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência (ELIADE, 1992, p. 65).

Consoante Eliade, concordamos que, com as orientações da atividade mental modernas, aquilo que sempre representou, numa coerência de símbolos, mitos e ritos para as civilizações arcaicas, não se apresenta com a mesma transparência para o homem moderno. No entanto, o que ainda parece transparente, acessível a uma manifestação hierofânica solar, é um resíduo. Nas palavras do historiador do sagrado, é um

longo processo de erosão racionalista, resíduo que chega até nós, sem que o saibamos, pelo veículo da linguagem, do costume e da cultura. O Sol acabou por tornar-se um dos lugares-comuns da “experiência religiosa indistinta” na medida em que o simbolismo solar e viu reduzido a não mais do que uma utensilagem banal de automatismos e estereótipos (ELIADE, 2008, p.104, grifos do autor).

É quando Salviano, declarando não possuir nenhuma devoção religiosa, adere a um veículo que o conduz a uma experiência religiosa sem especificação, ou mesmo que possa ser associada automaticamente a uma instituição religiosa qualquer. A sua atribuição teofânica ao Sol, através da declaração da confiança em sua onisciência, revela que o homem seguidor dos preceitos marxistas não consegue se sustentar completamente imune aos resíduos do sagrado.

O apelo ao simbolismo solar também se apresenta como uma forma de se aproximar do racional, do “regime diurno do espírito” (ELIADE, 2008, p.105), no qual Salviano se mantém firme, na busca de inteligibilidade para desempenhar o papel de farsa como “messias”. Seria preciso raciocinar bem o que dizer e como se comportar para exercer o papel profético e anunciar a mensagem “salvífica”, uma atribuição que coincide com seu próprio do nome: Salviano. Ele imagina, em meio uma súbita ansiedade, como desempenhar uma função soteriológica:

Quando já ia perto do sítio do João da Cancela, o mal-estar de Salviano transformou-se em positivo nervosismo. Se ia começar a farsa naquele dia mesmo, então precisa estar preparado desde já. Que espécie de cara devia fazer, quando em si pousassem os honestos olhos garços do amigo Cancela? Como devia falar aos homens, naquelas conversas em que às vezes se exaltava ao ponto de sentir que se lhe reviravam os olhos nas órbitas – mas sempre com apoio em algum fato, algum recorte de jornal, alguma injustiça? Ele já vira beatos bramindo nos sertões, barba e cabelos imundos de pó, uma túnica indescritível com cruces bordadas a retrós,

cajado na mão e a puxarem um bicho tão sujo quanto eles, um carneiro ou cabra. Eram homens que um dia falavam em coisas terríveis que haviam de acontecer quando a cólera de Deus fosse vingar a morte do Calvário, e que, no dia seguinte, pipilavam tolices que sem dúvida passariam quando o Filho de Deus viesse ao sertão para transformar as pedras em rebanhos e para encher de leite os rios secos.

Podia fazer um papel daqueles? Ah, que demônio o fizera aceitar a proposta doida de Júlio Salgado? (p.58-59).

Em tom de escárnio, como num ensaio para uma apresentação teatral, Manuel Salviano se esforça para buscar imagens de beatos dos tempos antigos, a exemplo de Conselheiro, como bem idealizava Salgado, intitulando a farsa “Operação Canudos”. O que Salviano precisava era reunir um misticismo que conglomerasse um anúncio de um apocalipse e a promessa de um Paraíso, visando mostrar a face vingativa do Deus que vem para castigar os coronéis e prover de abundância os camponeses injustiçados. Um emblema imagético-discursivo formado pela ambivalência “bem/mal”; a ser “desenhado” a exemplo de figuras da Bíblia, de santos, beatos, mártires, cangaceiros, próprios de façanhas que pinçam e integram a História do Nordeste brasileiro. Eis a incessante “caçada” por exemplos que sirvam para fabricar um tipo de herói místico a serviço do Partido Comunista.

Em sua tese sobre a constituição mítica inventiva do Nordeste, Durval Muniz afirma que, em romances tradicionalistas, profetas e beatos a vagar o sertão afora são intensamente abordados – a exemplo do que ocorre nesse romance de Callado. Trata-se de figuras trágicas, “prometendo castigo aos pecadores” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.145). Porém, diferente dos romances de 1930, em *Assunção de Salviano*, não são as novas relações sociais racionalizantes a serem hostilizadas. Distintamente, a condenação nesse romance se restringe aos códigos tradicionais baseados na exploração dos menos favorecidos pelos coronéis. Salviano intenta se revelar como o profeta a trazer o grande anúncio apocalíptico de uma grande saraiva a ameaçar os exploradores. E mais, necessita se firmar enquanto “tijolo” de salvação para o sertanejo sofredor.

Esse herói farsante não apresenta o dom da palavra. Ora, um profeta sem repertório seria um desastre. Com puro temor, esforçava-se para encontrar o discernimento do que poderia ser o adequado ser/agir para mentir diante de seus companheiros de jornada; entre eles, o Cancela, por quem tanto tinha estima. Descobre, num súbito esforço, que a construção ontológica de profeta do Comunismo poderia ser moldada a partir das figuras de beatos dos sertões presentes em sua memória. Quanto à lógica da profecia, descobre no

“calor” da pregação, que deve reunir os verbetes conflituosos “ira-vingança” e “vida-abundância”. Enfaticamente, o anúncio apocalíptico “salviânico” atribui todo o mal aos padres e coronéis, ao mesmo tempo em que alimenta nos camponeses uma esperança de farturas e bonanças. Eis a promessa “salvífica” do “profeta” “recém-nascido”: um Paraíso nas terras sertanejas para todos os lavradores.

Essa perspectiva contraria os fundamentos de salvação da Doutrina cristã. Nela, não há sentido de vingança pela morte do Messias. Do contrário, com a morte de Jesus, expande-se o sentido de que esse sacrifício foi em benefício da salvação de toda humanidade. A morte de Jesus redime o mundo de todo pecado na esperança de uma vida nova celestial. As metáforas “transformar as pedras em rebanhos” e “encher de leite os rios secos”, reúnem as nomináveis descrições de um “messias” que deseja o bem aos lavradores, pois está repleto do arquétipo materno.

Se analisarmos psicanaliticamente a imaginação da matéria, como fez Bachelard, concluiremos que “toda água é um leite” e “toda bebida feliz é um leite materno.” As águas dos rios como metáforas lácteas, com a aparência leitosa de um “um amor inolvidável” (BACHELARD, 1997, p. 121), ilustram um amor primordial fingido por Salviano durante a farsa. Todavia, representam seus mais sinceros sentimentos em relação aos companheiros lavradores.

Ainda fiel a sua esperança na construção de um Paraíso Terrestre – moldado pelo imaginário do leite, um alimento completo –, improvisou sua primeira “boa nova” ainda naqueles dias de reunião no sítio do Cancela:

– Home, esta vida da gente é mesmo uma coisa esquisita... A gente sabe tão pouca coisa que um belo dia a gente descobre até sobre a gente mesmo coisas que ninguém havia de dizer... Eu que estou aqui sempre falei nos padres que vivem com a boca cheia de reza e de amor pelos pobres mas que na vida mesmo de verdade estão sempre com os donos dos gados, das fábricas, das árvores. Sempre falei mal deles mas outro dia só é que eu vi que eles eram... homens de Deus.

Dois capiaus escorregaram pela parede e sentaram, boca aberta, e o João avançou um pouco a cabeça para a frente, quase furando o rosto de Salviano com a mirada dos dois olhos. Salviano sentiu que crescia dentro de si uma **raiva** enorme de Júlio Salgado e que uma **raiva** ainda maior envolvia todos os padres do mundo. Para não começar estragando tudo, o melhor era mesmo descarregar em cima deles aquela ira incontrollável e fazer o elogio do Senhor Deus, que pelo menos não existia.

– Não entendam mal não – disse Salviano, as faces aquecidas, e sentindo a familiar visita da eloquência – esses trapos de gente que a gente vê por aí, cevada nas esmolos, no suor do povo, esses padrecos malandros que vivem à custa de tudo, menos de uma enxada honesta ou de um machado,

isto é que tem de pior em todo este Brasil por aí uma praga de padre como tem de algodão, uma praga que fosse roendo da batina até o tutano dos olhos dos padres, palavra que acendia cem velas no Bom Jesus para que a tal de praga baixasse aqui neste vale e criasse raiz (p.63-64, grifos nossos).

Esse episódio mostra que o “profeta” do Partido arrisca sua primeira pregação para os camponeses. A reação destes foi de surpresa e espanto, o que fez nascer em Salviano um sentimento de ódio pelo líder do Partido; ira ainda maior do que sentira dos padres. Contudo, para não estragar o plano “Operação Canudos”, decide concentrar toda essa cólera sobre os padres trapaceiros. Para ele, não seria mal mentir sobre aquilo que já representava para si mesmo uma farsa: Deus. Com esse ateísmo, sob o domínio das brasas da fúria, o dom da palavra parece lhe surgir. Assim, começa a criticar firmemente a hipocrisia dos padres e a desonestidade dos políticos, a fim de defender a causa do proletariado, representado sob o signo da enxada e do machado. Em vez de seguir fielmente o Plano articulado por Salgado e falar aquilo que lhe fora imposto, Salviano parece agora proferir, com autenticidade, sua própria verdade e decide expressar tudo o que sempre teve convicção.

Nesse fervor, no lugar de seguir a mística da Igreja, o falso beato inaugura uma “profecia”, direcionada contra os padres. Efetivamente, além de parecer dotado de uma inusitada eloquência, parece contradizer suas convicções de outrora, haja vista que agora ele se propõe a mergulhar na zona profunda da súplica religiosa, disposto a reverenciar o Bom Jesus a fim de que seu anúncio apocalíptico se torne realidade. Essa atitude revela finalmente o caminho encontrado pela personagem para protagonizar o “beatismo” a que se propôs.

Quais podem ter sido as consequências dessas primeiras manifestações messiânicas? – Pode-se indagar ao padre Generoso. Para ele

Duas notícias lhe[a Padre Generoso]perturbavam a sesta habitual. Uma era aquela história do marceneiro Manuel Salviano a virar Beato e atrair romeiros que normalmente nunca vinham ao Juazeiro, gente do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Incrível, dizia-se o padre, que aquele homem tão discreto e de vida tranquila de repente prorrompesse a falar em apocalipses e fins do mundo! Onde é que já vira uma coisa assim? Se fosse um padre da Igreja, no instante em que começasse a se exceder as autoridades eclesiásticas podiam pôr um fim à história, mas um homem assim, um marceneiro qualquer!... O pior era que o home tratava os padres com dureza e não era inteiramente ignorante. Esses misticismos só deviam dar em gente da igreja. É bem verdade que não tinha adiantado muito o caso da Igreja com o Padre Cícero lá da outra Juazeiro, no Cariri

cearense, mas sempre se podiam controlar um tanto os taumaturgos de batina. Os outros... Os outros eram casos de Polícia! Aqui Padre Generoso se arrependeu e fez o sinal-da-cruz por cima do peito peludo. Quem conhecia os caminhos de Deus, quem podia prever o traçado das suas linhas tortas! Afinal de contas, se Juazeiro desse um santo ao calendário bem valeria a pena a insônia à hora da sesta e azia depois do jantar que Ihe estava dando Manuel Salviano (p.69-70).

Desde o início, a farsa de Salviano ganha proporções gigantescas, alcançando um messianismo popular que preocupava o padre Generoso. Restava a esse clérigo a tarefa de apurar a veracidade do fato. Quanto ao assassinato do vendedor de livros, o Mr. Wilson, que a polícia resolvesse. Afinal, como um homem tão pacato que não frequentava a igreja poderia atrair multidões para Juazeiro? Isso era surpreendente e afligia o padre, que agora estava dividido sobre o que fazer. Deveria ele agir da mesma forma que a Igreja procedeu com o Padre Cícero ou como certos agitadores? Deveria encarar essa manifestação como uma revelação divina? Longe de alcançar uma solução definitiva, ele sabia apenas que um santeiro poderia fortalecer a Igreja em Juazeiro e em todo Sertão Nordeste. Em virtude de o aparente “beato” ser um marceneiro, aumentava ainda a ideia de que ele poderia ser mesmo um seguidor do messias, a exemplo de Jesus. Como poderia um homem tão pacífico manifestar o dom de proferir tantos anúncios apocalípticos numa mística capaz de fascinar a massa camponesa?

Para o bem do Partido, é exatamente em meio às magnitudes de seus anúncios místicos que Salviano consegue agora colocar em funcionamento o plano “Operação Canudos”, idealizado por Júlio Salgado. De fato, esse líder do Partido sempre estivera certo de que o marceneiro era a pessoa certa a confiar essa árdua missão: o processo revolucionário que daria início a destruição do sistema de exploração dos coronéis e a alienação da Igreja para construção de um mundo comunista. Mesmo guiado por princípios materialistas, a busca paradisíaca do Partido está circunstanciada pela presença do sagrado, que guia a vida social das personagens. Ao tentar desmoralizar a Igreja e enfraquecer o modelo ideológico do Estado, Salviano acaba suscitando a possibilidade de um novo movimento religioso, repleto de romeiros, com os preceitos cristãos, configurando um novo “messias”, com o intento de trazer uma soteriologia no modelo ideológico comunista.

Terceira Travessia

A Influência da Imagística Bíblica e dos Arquétipos Cristãos



3.1 O Éden Sertanejo Poetizado

E saía um rio do Éden para regar o jardim.
(Gênesis, 2: 10)

O papel da personagem João Martins, aparentemente de menor destaque na trama, não foge à confabulação mítica em busca do Paraíso Perdido. Como artista nato, sofrendo pelo amor desiludido por Ritinha, sua poesia apresenta ressonâncias da imagística bíblica do mito do Paraíso Adâmico simbolizado pelo cenário sertanejo fluvial. É uma forma de revelar que o sonho paradisíaco dos mais dotados de sensibilidade poética, mesmo transitando pelo imaginário sagrado, suscitam seus mais íntimos desejos de anseios materialistas.

Por meio de imagens incidentais, decorrentes do cenário geográfico da união de duas cidades do Nordeste, a busca paradisíaca ganha forma simbólica no romance de Callado. Em Juazeiro da Bahia, a personagem Salviano admira “da beira da rampa”, “a praia do barro” e “o vapor que passava”, abrindo a ponte do Rio Francisco, de onde podia avistar o “outro lado, a torre da igreja de Petrolina, já num outro Estado”, Pernambuco (p.11). Uma beleza paisagística entre duas cidades, em dois estados distintos do Sertão Nordestino, que pode ser associado ao “Éden” imaginário do poema de João Martins, como será visto adiante. Um mesmo cenário visto por Salgado como um Cosmo degradado que ele pretende eliminar através do utópico desejo de ativar um processo revolucionário⁵⁷.

Nesse prisma, esse cenário é desenhado através de imagens relacionadas ao chão sertanejo árido, o que gera a indubitável certeza de uma terra sem esperanças, principalmente pelos lavradores; massa explorada pela minoria de poderosos: os senhores e coronéis da região. A beleza que separa os dois estados e, igualmente, faz fronteira entre as duas cidades – Juazeiro e Petrolina – é o gigantesco rio São Francisco. Com efeito, é primordialmente por meio da exaltação de toda essa riqueza fluvial que se revigora a esperança sertaneja de restaurar a perfeição dos primórdios.

Inspirado em constantes idealizações, João Martins, um dos membros do Partido, nutrido de toda uma sensibilidade artística, projeta no Sertão toda uma esperança de

⁵⁷ Essa análise leva em consideração o fato de que os arquétipos que guiam o ideário comunista são derivados do mesmo imaginário coletivo que está presente também na busca edênica da tradição judaico-cristã, embora seja necessário reafirmar que esse movimento, de fundamentação materialista marxista, condena todo tipo de tradição religiosa.

perfeição paradisíaca, que é fruto, também, de todo seu amor não correspondido pela linda Ritinha. Situação semelhante pela qual sofre Salgado, diante de seu amor por outro homem, o mesmo Martins. São essas intrigantes paixões que contribuem para intensificar a busca do Paraíso Perdido no romance de Callado.

Guiado por esse cenário, a leitura de algumas cenas desse romance provoca a sensação de contemplação de um verdadeiro ato divino da Criação. Trata-se de trechos que podem, analogicamente, ser compatíveis ao retorno do mito do Éden deslocado da Bíblia cristã. É o caso do poema “Bodas de Petrolina e Juazeiro”, sob o qual, a personagem João Martins faz uma personificação das duas cidades. “A personagem Juazeiro está cada vez mais caracterizada como o brasileiro cem por cento, o brasileiro-sertão, o brasileiro-Norte”, que se aproxima do Adão mítico da Criação; “e Petrolina, como a mulher imigrante, que vem para lhe dar filhos são⁵⁸” (p.29), ou seja, uma personificação da cidade que pode ser considerada a simbolização de Eva, a primeira mulher criada por Deus no Éden.

Pensando assim, com o poema ainda em construção, João Martins declamava-o para que Salgado opinasse sobre a riqueza metafórica de sua arte:

*Juá, Juazeiro falou sobre o rio
Com voz de tenor:
Petrola d'Italia, ô mobile donna, regazza Petrola⁵⁹! (o rio disse “Ola”)
Juá, Juazeiro falou sobre o rio
Baritonamente:
Pierrete la douce⁶⁰, ô tu que vens de longe mas
Só emigras pour faire l'amour⁶¹.
Vem faire l'amour⁶²
O rio gemeu “Ur”.
Juá, Juazeiro enrolou em rr o rrio Frrancisco
e disse em tom de baixo:
Fräulein Petraschön⁶³ (p. 30).*

Na imaginação do personagem-poeta, Juazeiro é o brasileiro galanteador que entoa, em várias vozes masculinas, partindo da nota mais alta até o tom baixo, declarações amorosas à Petrolina-imigrante-europeia. Aproveitando-se da característica de que o

⁵⁸ Na tradição judaico-cristã da Criação do Éden, Deus criou “o homem à sua imagem; [...] macho e fêmea [...] e [...] os abençoou e [...] lhes disse: frutificai, e multiplicai-vos e enchei a terra” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.4; Gênesis, 1: 27-28).

⁵⁹ Do italiano: Petrolina da Itália, ô mulher instável, menina Petrolina (Tradução nossa).

⁶⁰ Do francês: Pedra doce (Tradução nossa).

⁶¹ Do francês: ... para fazer amor (Tradução nossa).

⁶² Do francês: fazer amor (Tradução nossa).

⁶³ Do alemão: Senhora Petrolina (Tradução nossa).

italiano é um idioma mais vocalizado, o Juá entoa em voz de tenor. E não para aí: declara também em francês, que representa a voz masculina intermediária. Ainda, a árvore juazeiro, logo após, entoa paixões e desejos sobre o rio em tom barítono. E, por fim, em alemão, idioma de baixo alcance vocal, o Juá-Juazeiro fala em tom baixo sobre o rio mensageiro: o São Francisco. Este se apresenta como um verdadeiro canal de comunicação entre as cidades amantes, enquanto a bela e imigrante Petrolina emudece diante do convite nupcial do Juazeiro. Nos últimos versos, o acréscimo do “r” ao rio, pelo embaraço do som “rr” alemão, é indicativo do matrimônio; que transforma a “*regazza Petrola*” em “*Fräuleim Petraschön*”, ou seja, a menina Petrolina se torna a Senhora do Juazeiro. Um “rrio” que faz parte da cidade de Juazeiro e também de Petrolina. E assim, não são duas, mas uma só. Um poema que traduz a mais profunda metáfora do mito cosmogônico de um Paraíso Terrestre, através do sentido nupcial simbólico do cenário cosmopolita e fluvial.

A respeito da hermenêutica do texto bíblica sobre a criação, torna-se fundamental considerar a exegese de Carlos Mesters. Em *Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?*, esse frei considera a narração bíblica sobre o Paraíso como mito e realidade, fábula e história, real e irreal, tendo em vista que a partir de uma linguagem simbólica de um dado tempo histórico, mostra-nos uma real possibilidade que é gratuitamente ofertada por Deus. Uma oportunidade de o homem encontrar a paz que é a felicidade de Deus consoante uma profecia do futuro que se projeta no relato mítico de um passado primevo. Como forma de criticar, informar, provocar uma reação que afasta o homem da felicidade e da paz de Deus, essa narrativa busca impedir que ele mergulhe nas ambivalências e sofrimentos que são provocadas por essa raiz misteriosa da alma humana que insiste em invadir o mundo: o mal. Sendo assim, ela objetiva “funcionar como um espelho” a fim de “confrontar os homens com eles mesmos e com a sua consciência” (MESTERS, 1971, p.106).

O fato é que essa narração, concreta e eficaz como comunicação e mensagem, mas também cheia de elementos míticos e simbólicos da cultura daqueles tempos – a árvore da vida, a serpente, a árvore do conhecimento do bem e do mal, o jardim do Éden – remontam possibilidades reais da existência da felicidade paradisíaca; oposta a toda situação de iniquidade e pecado do homem. Consoante essa explicação, os nomes dois protagonistas da criação não passam de termos que significam todos nós: os humanos. Embora sejam chamados simplesmente de homem e mulher, são simbolizados por *Adam* e *Issha*. E *Eva* é um nome simbólico que surge no fim para indicar o papel da mulher como mãe (MESTERS, 1971, p.87).

Na poética da personagem calladiano João Martins, parece haver uma fusão entre as imagens oníricas do contemplador das belezas fluviais do sertão do São Francisco e as oriundas da narrativa bíblica. Essas imagens são contrastantes com a situação de injustiça e sofrimento dos camponeses. E assim, os versos parecem abrir possibilidades para o acesso a fonte do inconsciente coletivo, repleto de imagens coletivas e motivos mitológicos da busca pela felicidade paradisíaca. Tais fantasias fundamentam um presente irreal e fabuloso intensamente desejado. Um sonho avassalador de transformar o mundo que se materializa através da expressão poética.

Ainda no que se refere particularmente ao poema “Bodas de Petrolina e Juazeiro”, o rio São Francisco assume uma simbolização aquática da figura arquetípica da Grande-Mãe. Partindo da imaginação material de Bachelard, a água dos rios recebe as metáforas lácteas, as aparências leitosas, que ilustram um amor inolvidável (BACHELARD, 1997). Todas as formas de amor derivam de um componente do amor materno (BACHELARD, 1997). A própria natureza simboliza o arquétipo materno. Assim, o princípio do amor filial, resplandecente na força da correnteza, torna-se a força simbólica indestrutível capaz de unir o amor conjugal entre as cidades personificadas no poema de Martins.

Do mesmo modo, essa imaginação fluviátil é a esperança humana mais segura para implantação de uma sociedade perfeita no Sertão: a perspectiva materna. Por esse ponto de vista, o amor de João Martins pela imagem do rio São Francisco é uma forma de compensação da ausência dolorosa de Ritinha, a quem tanto ama e não é correspondido. Como compreende Bachelard, “*amar uma imagem é sempre ilustrar um amor; amar uma imagem é encontrar sem o saber uma metáfora nova para um amor antigo*” (BACHELARD, 1997, p. 120, grifo do autor). A metáfora do rio que “geme” implica a substituição das personagens Juazeiro e Petrolina por Martins e Ritinha. Sob esse olhar, percebe-se uma forma de amar uma paisagem idealizada na tentativa de fugir da dor do abandono e do desprezo da amada. Com essa expressão, a realidade paradisíaca permanece apenas na alma poética do artista.

Ainda sobre o domínio mitológico desse relato-poema, por sua vez, há a predominância de toda uma cosmogonia aquática. Para Mircea Eliade, a água, “fonte de vida”, “é germinativa em todos os planos da existência⁶⁴”. Antecedendo a própria criação,

⁶⁴ Eliade também relata que o variante tema das águas está presente em várias civilizações. Na mitologia Indiana, por exemplo, tem-se a Nārâyana flutuando nas águas primordiais, e no seu umbigo, brota a árvore cósmica. Há, também, na tradição purânica, uma variação desse mito, onde o lódão substitui a árvore (ELIADE, 2008, p. 155).

o mito cosmogônico aquático se tornou recorrente na arte decorativa e na iconografia (ELIADE, 2008, p. 155). Esse simbolismo aquático está presente também na Doutrina cristã. Nela, a água é fonte primordial do espírito do Criador⁶⁵. Por meio de uma símile de associação significativa, esse relato-poema de Martins se torna uma metáfora do mito cosmogônico; e na visão desse poeta, a construção de uma sociedade de bases comunistas é alimentada pelas imagens primordiais de toda a cosmogonia aquática do velho rio São Francisco. É quando o homem comunista, ateu, não se mantém totalmente inerte às formas de sacralização. Mesmo desejando um Mundo materialista, através dos anseios do Partido, não se desvirtua do idealismo que paira nas manifestações utópicas.

Com o propósito de elucidar a significação metafórica presente em todo simbolismo do poema acima, de maneira mais abrangente, recorre-se – seguindo o mesmo método de abordagem – ao significado presente em outras imagens. Quanto ao Juá, de Juazeiro, é compatível com todo simbolismo que dispõe uma árvore. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, a árvore evoca todo um simbolismo de verticalidade e encerra uma forma de comunicação por meio de alguns níveis, entre eles, pelas raízes (subterrâneas) e reúne todos os elementos, entre os quais, a água. Além disso, exteriormente, apresenta todo o simbolismo sexual de uma imagem fálica, através de um tronco ereto, e está associado à fecundidade e fertilidade⁶⁶. Petrolina – a “pedra linda⁶⁷” – possível significado etimológico da cidade, contém todo o simbolismo do nome da qual ela deriva. Ela é símbolo da Terra-Mãe. A pedra bruta descendo do céu, que nasce de Deus e a ele retorna. Considera-se nela todo um androginismo que constitui a perfeição do estado primordial. Na associação simbólica entre a água, a pedra e a árvore resultam uma fecundação ritualística bastante significativa (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986).

Para Eliade, é na ontologia da árvore que se encontra toda manifestação arquetípica da Potência (ELIADE *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986), capaz de simbolizar todo o Cosmo.

⁶⁵ Na Bíblia judaico-cristã, relata-se que, quando a terra ainda não apresentava forma e estava vazia, “havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.”(BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p.3; Gênesis, 1: 2).

⁶⁶ Na mitologia Iraniana, a árvore simboliza a própria vida humana, que nasce, cresce e morre. Em terras desertas, a árvore é símbolo do manancial da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 124).

⁶⁷ Esse topônimo deriva de uma versão sobre a qual Petrolina derive de “pedra linda”, em virtude de uma pedra que havia na margem do rio, ao lado da matriz. A mesma teria sido usada para as obras de cantaria da catedral dessa cidade, considerada um dos maiores monumentos históricos (Cf.: CÂMARA DE VEREADORES DE PETROLINA. **História de Petrolina, A Capital do Sertão**. Arquivado desde o original em 23 de setembro de 2014. Consultado em 23 de setembro de 2014).

A partir dessa extração de símbolos da natureza, não se pode ignorar o quanto Martins buscou, através de suas metáforas do universo físico, simbolizar o Jardim Edênico. Um adâmico Juá, árvore simbólica de toda potência masculina e de disposição fálica, é a própria Juazeiro, que fecunda a Pedra-Petrolina, na correnteza de amor da água do rio São Francisco. Essa genuína possibilidade de projeção de imaginação rumo a um cenário paradisíaco é o sonho regozijador de seu amor espontâneo e convicto, porém inalcançável, em virtude do desprezo de Ritinha. O que reforça ainda mais o caráter utópico de seu desejo de avivar um amor que poderia resultar na constituição de uma família com aquela bela mulher.

Esse poema também acentua o distanciamento entre a perspectiva heteroafetiva de Martins e o sentimento que por ele nutre Salgado. As imagens de bem-aventurança para aquele companheiro do Partido se fundamentam a partir da união entre Adão e Eva, arquétipos da origem do Mundo e de toda sua bem-aventurança para a tradição judaico-cristã. O tema perturba o inflexível e empedernido Salgado, um típico homem que se “mataria se imaginasse que era uma ‘artista’” (p.31) e, com uma personalidade menos sensível que o poeta Martins, “já se dissera coisas semelhantes muitas vezes, em Juazeiro, e muitas outras vezes já se propusera ‘declarar-se’ a João Martins” (p.28), mas sempre era desencorajado pela “maneira despreocupada” e pela “masculinidade” que fazia do outro “apenas um animal – animal femeeiro” (p.28-29).

Portanto, no poema “bodas”, nota-se ainda outro conflito. Além da irreconciliável esperança entre os ideários do Partido e crença dos camponeses, sentenciamos na trama a divergência na perspectiva amorosa dos partidários. Martins e sua paixão não correspondida por Ritinha, Salgado e seu amor homoafetivo pelo seu companheiro de Partido, João Martins.

3.2 O Verbo Divino entre o Cárcere e a Absorção

*A Bíblia certamente é um elemento da maior
grandeza em nossa tradição imaginativa.*
(Northrop Frye)

De volta à travessia de maior destaque na trama, observa-se que o messianismo “salviânico” ganha tantas proporções em todo Sertão que é capaz de suscitar a desconfiança do Mr. Wilson, numa obra que só aparentemente parece guiar o leitor a percebê-la como ficção policial. Isto porque essa expectativa é reorientada graças à morte tão antecipada desse detetive amador no curso dos conflitos da narrativa.

Além disso, numa narração não linearmente cronológica, o leitor também percebe que os motivos que implicaram no assassinato do americano Mr. Wilson foi a desconfiança em relação à real identidade de Salgado e Martins: “... tratei de investigar a vida das duas engenheiras⁶⁸ e não consegui descobrir uma pessoa em Juazeiro que tenha prova de que elas são aquilo que dizem ser: engenheiras” (p.96). A hipótese desse detetive vendedor de bíblias era certa: “... acho que elas estão ligadas com a ‘conversão’ do Manuel Salviano” (p.96). Essas declarações, feitas ao dono do bar, Sr. Zeca, chegam ao ouvido de João Martins, que se encontrava na “porta do botequim com o coração espremido no peito e uma coleira de angústia no pescoço” (p.96-97). Tais especulações geram um intenso desespero nesse jovem, suplicando ao Júlio Salgado que desista do Plano e fuja com ele de vez de Juazeiro.

O fato não é visto por Salgado como real ameaça. Esse mentor da conspiração busca o meio necessário para eliminar esse problema. Dois desejos continuam guiando suas ações. Como prefere o narrador calladiano, um “binômio de delícias” assola todas as atitudes dessa personagem na busca de um futuro “paradisiaco”: comunista e homoafetivo. Assim, após assassinar Mr. Wilson, sucumbido pela vaidade, e guardando o que poderia mesmo incriminá-lo,

JÚLIO SALGADO – que já tinha jantado e enfiara-se em chinelos velhos e num pijama sujo – olhou com cólera a tábua do assoalho que ele levantara para ocultar a mala de Mr. Wilson, com as peças de *nylon* e as três Bíblias. Que acesso de estupidez fora aquele seu, determinado principalmente pelos livros, que lhe haviam parecido um troféu

⁶⁸ Sotaque próprio dessa personagem de origem norte-americana.

inestimável – por virem de um americano assassinado e por serem a palavra de Deus que ele capturava? A ideia de que ele aprisionava o chamado Verbo Divino era-lhe simplesmente deliciosa, e a ideia de menos um americano na face da terra era-lhe agradabilíssima. No fundo daquilo tudo, apenas ligeiramente analisada, guardada para mais tarde, para pesquisas mais finas, jazia a ideia central, um outro binômio de delícias: ele matara Mr. Wilson a bem do Partido mas por amor a João Martins (p.91).

No itinerário da personagem Salviano, em sua árdua tarefa de cumprir um papel beatífico, a influência de Salgado é contundente em toda a narrativa. Tudo é gerado em consequência da busca arquetípica primordial desse líder político. Tanto seu desejo amoroso por João Martins quanto a apoteose do Partido são dois elementos importantes para o desenvolvimento de toda a narrativa. Todas as atitudes dessa personagem são reflexos de ambições que se expressam por uma espécie de binômio: "a sobrevivência de algo imortal: o Partido" (p.101) e a esperançosa "gradidão mácula, teatral" (p.106) de João Martins. Entretanto, em vez de seu esperançoso imaginário sonho de gradidão do outro a proferir "– Você é único! Que coragem! Que sangue-frio!" sobre seu ato frio diante do assassinato do Mr. Wilson, Martins parecia empalidecido diante da atitude de Salgado e resolve sair. Esse fato decepciona profundamente o líder do Partido que, enfurecido, com "o coração de fel [...] frio e áspero" (p.106) ordena que ele despache quem quer que apresente desconfiança em relação ao plano "Operação Canudos".

É quando o poder arquetípico da Sombra perdura todo o complô demoníaco de Salgado em sua "Operação Canudos". Ao sentir as ameaças de desmoronar o sigilo de sua conspiração pelo detetive americano (a quem detêm todo ódio, possivelmente por ele representar uma nação fortemente capitalista), a personagem parece estar sob a influência de imagens que o conduzem ao mal, a cometer atos impetuosos e cruéis, com o propósito de tirar a vida de qualquer um que ameaçar os seus planos. Segundo a psicologia analítica, como enfatiza Jung, "há um impulso de tamanha veemência na nossa sombra que a razão não consegue triunfar" (JUNG, S.D., p.173).

Diante da terrível declaração fatal de Salgado, encarada por este como um verdadeiro "troféu", "João voltou-se lívido" (p.107) a suplicar quase por Deus, mas sabia que Salgado se irritaria se assim o fizesse. Ele clama então pelo amor que Salgado deve sentir por sua mãe no intuito de sensibilizá-lo a fugir de vez de Juazeiro. Entretanto, Martins não consegue mais reconhecer seu companheiro de Partido, envolto agora numa

nuvem negra de pensamentos intempestivos e obsessivos em relação à “Operação Canudos”.

Para essa personagem, envolta nessa lógica, seu “crime fora perfeito” (p.107), mas permanece o vazio de sua frustrada utopia: ele “falhava no essencial”, isto é, não conseguira “a admiração de João Martins” (p.107). Do contrário, seu ato conseguiu afastar ainda aquele jovem comunista. Nesse caminho sem volta, resta a Martins apenas a angústia e a falta de esperança em relação às consequências de um Plano que inspira pavor e desespero das imagens bélicas. A partir desse episódio, essa atmosfera de decepção e ódio começa a criar uma conotação do domínio do espírito do Mal sobre a figura da personagem Salgado.

Sob a representação da Sombra, repleto de fel no coração, Salgado passa a contemplar seu excelente troféu: “O Verbo Divino”, isto é, “mala de Mr. Wilson, com as peças de *nylon* e as três Bíblias” (p.91). A prisão das três Bíblias se torna o simbólico artefato do cárcere da Palavra de Deus. Para o líder do Partido, aquelas Bíblias sobre suas posses eram o prêmio memorável de recompensa e otimismo diante da vitória dos ideais do Comunismo sobre a alienação religiosa que, na sua visão, pairava sobre os fiéis cristãos.

Tal comportamento difere completamente da postura do “recém-salvador” Manuel Salviano. Em passagens anteriores do romance, logo após a decisão de empreitada como falso beato, a distinção de posturas desses dois personagens se torna evidente. Mesmo demonstrando todo repúdio diante dos padres e da Bíblia, é a ela que esse marceneiro recorre a fim de encontrar repertório para sua postura como falso Redentor:

Às escondidas, sem que Irma o visse, e para ter alguma ideia do que dizer aos homens no sítio do Cancela, Salviano estivera folheando e lendo uns trechos da Bíblia em português que Mr. Wilson deixara para Irma. E deparara logo com a história do profeta Elias, de que se lembrava confusamente, e que ascendeu aos céus num carro de fogo. Assim, ele quando o pasmo e a indignação na igreja estivessem no apogeu, ascenderia aos céus no avião do Partido (p. 60).

Ora, esse posicionamento intrigante de Salviano, tão ateu e completamente avesso às coisas de religião, intensifica uma metaforização da relação conflituosa existente entre o movimento comunista e o próprio Cristianismo. Em outras palavras, traduz uma proximidade de proposta social existente no Plano do Partido e na imagística da Bíblia cristã. O primeiro, sob o ideário do Comunismo, pode ser então considerado herdeiro direto das iniciativas revolucionárias organizadas, que derivam das propostas sociais

desenvolvidas a partir dos relatos bíblicos (FRYE, 2004). Isso porque a Bíblia é um arcabouço gigantesco de um imaginário social que repercutiu em vários movimentos ideológicos, como no idealizado por Marx.

No trecho do romance acima, seu primeiro contato é com a passagem do profeta Elias. Para Frye (2004), esse é o arquétipo de profeta, assumindo dimensão primordial nessa fase itinerária de Salviano. No lugar de seguir os modelos arquetípicos que se fazem presentes nas figuras históricas de Pe. Cícero, Lampião e Antônio Conselheiro, como queria Salgado, Salviano encontra na figura do profeta Elias o modelo profético e soteriológico ideal para atrair a fé dos sertanejos.

Em *O itinerário místico de São João da Cruz*, o profeta Elias é descrito como homem de mais alta oração, num “ímpeto quase feroz do ser todo a ser atirar aos pés de Deus”, uma oração que é considerada como “ato de confiança ilimitada no poder e na bondade divina” (PENIDO, 1949, p. 23). A personificação desse profeta nas Escrituras do Antigo Testamento é de um homem de “vida penitente e contemplativa”, apresentando-se “hirsuto, cingido com uma cinta de couro” (PENIDO, 1949, p. 23). Um profeta que vive na presença do Senhor: “... Elias, o tisbita [...] disse a Acabe: Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, que nestes anos sem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra” (BÍBLIA DE PROMESSAS, p. 514; 1 Reis, 17:1). Homem de Deus em cuja boca está a palavra do Senhor (1 Reis, 17:24). O profeta que se assemelha ao fogo, cujas palavras queimam como chama ardente (Eclesiástico, 48:1). Um exemplo primordial do arquétipo do profeta de Deus, suficientemente capaz de contagiar, na ficção de Callado, a massa camponesa injustiçada, oprimida e castigada pela seca.

“Bebendo” dessa fonte arquetípica, Salviano se nutre de um dos profetas que, segundo a revelação das Escrituras Sagradas, não morreu porque foi levado aos céus em um carro de fogo. Em sintonia com os estudos de Frye, pode-se afirmar que a imagem de ascensão celeste do profeta Elias, representada na materialidade do fogo, pode ser compreendida como a aparição dos serafins (FRYE, 2004). Na Bíblia, as imagens de fogo e de luz, frutos da legião de anjos, podem ser associadas “a um mundo espiritual ou angélico, a meio termo entre o humano e divino” (FRYE, 1957, p. 146-147).

Essa revelação sagrada, sob a figura da personagem Salviano, traduzir-se-ia na sua perspectiva profana de apogeu magnífico do Partido após sua árdua missão como “profeta” sertanejo. Os elementos da Bíblia começam a constituir, no imaginário de Salviano, uma

estrutura imagético-discursiva capaz de compor o universo mitológico do papel profético messiânico e a função soteriológica do proletariado.

Com essa busca inspiradora nas escrituras de tradição judaico-cristã, inevitavelmente, sucede uma cisão na perspectiva e nas jornadas das personagens Salgado e Salviano. Enquanto o primeiro busca aprisionar o Verbo Divino como forma de, simbolicamente, fortalecer seus ideais materialistas; o segundo encontra na Bíblia um Manual de Histórias Sagradas para servir de embasamento discursivo para suas pregações. Para o segundo, as Escrituras parecem auxiliar tanto que suas constantes leituras acabam mesmo influenciando o seu estilo de pregação:

No paiol vazio em que Salviano arengava os lavradores quando ia visitar o João da Cancela o único mobiliário era, apoiado contra o muro, o caixote em que se sentava Salviano para falar aos companheiros recostados à parede, num pé só, ou sentados no chão, frente ao caixote. Quase sem saber Salviano adotara um “estilo”, ou pelo menos um exórdio. Começava sempre contando uma história, pois inconscientemente já vira que as histórias prendiam a atenção daqueles ouvintes de olhos um tanto vazios e perdidos em distâncias imensas. [...]

Depois da pequena história, alertada a atenção dos homens, ele falava na maldade que mora na alma dos ricos e na fraqueza que é a eterna companheira do pobre.

– O engraçado – dizia colérico – é que quando um rico se sente ameaçado, sai rico até debaixo das pedras para ajudar aquele compadre. Mas pobre cisma de viver sozinho. Pobre faz mutirão quando é para plantar uns pés de milho depressa ou construir um rancho em dois dias. Mas quando ameaçam arrancar todos os seus pés de milho ou derrubar a sua casa, ele assunta sozinho, não sabe com quem falar, e quando pensa em fazer alguma coisa já está sem nada neste mundo. Pobre só se arrelia quando já é tarde demais (p.61-62).

Porventura, Salviano acaba adotando um artifício que se repete em todo seu percurso pregatório: o exórdio – um estilo retórico mencionado pelo narrador que consiste de uma preliminar contação de história que serve de base para sua pregação. Esse uso frequente para atrair a atenção dos lavradores pode ser explicado pelo fato de Salviano estar em contato contínuo com as Escrituras Sagradas. No ambiente rústico do sítio do João da Cancela, cada sertanejo, de olhos vazios de esperança, acomoda-se como pode para ouvir o “profeta” Salviano que, inconscientemente, sente que o estilo adotado traz resultados bem satisfatórios na prática do plano “Operação Canudos”.

Fazendo associação entre o uso do exórdio e as parábolas de Cristo na Bíblia, Northrop Frye, ainda em *Código dos códigos: a Bíblia e Literatura*, enfatiza que existem histórias que parecem mesmo não terem existido historicamente, é o caso de várias

parábolas contadas por Jesus; enquanto outras são mesmo fatos históricos. Ambas se enquadram na definição fryeana de mito, pois desempenham dois principais aspectos da mitologia: ligada à literatura, estruturada enquanto estória, e relacionada à função social, pois se traduz por um conhecimento empenhado e necessário de se conhecer, pois é importante para a sociedade (FRYE, 2004).

Utilizando-se de histórias bíblicas, parodiando-as ou mesmo fazendo alusão, Salviano parece absorver alguns estilos presentes nas Escrituras Sagradas. Para Frye, a Bíblia contém uma gramática de imagens apocalípticas e demoníacas⁶⁹. A intensa presença dessa imagística bíblica pode ter contribuído para o modo como esse personagem profere suas pregações. Afinal, a Bíblia é extremamente rica na variedade de estilos retóricos. Para Frye, ela é mesmo um mosaico, ou seja, um conjunto nada homogêneo de estilos. Nela podemos encontrar hinos, lendas, sentenças, documentos históricos, leis, correspondências, enigmas, provérbios, aforismas, mandamentos, contos do populário, além de oráculos, parábolas e sermões entre tantos outros (FRYE, 2004). Esses três últimos parecem predominar nas pregações de Salviano.

Nesses discursos, como na passagem do romance acima, as energias desse “salvador” estavam sempre voltadas para enfatizar o binômio “rico/pobre”, aspecto tão axiomático na sociedade ficcional de *Assunção de Salviano*. O primeiro, enviesado pelo domínio do Mal, enquanto o segundo parece sempre dominado pela síndrome da fraqueza. O intuito de Salviano é contagiar os lavradores pela força temática da união: “imaginem todos os pobres juntos” (p.62); um impulso mítico que fora arquitetado pelo Plano de Salgado. Por essa razão, ilustra as razões para uma emergência de uma unidade, forte o suficiente para destituir o status dos coronéis exploradores. Só com essa mesma condição de luta seria possível extinguir o binômio que marca drasticamente a injustiça pela divisão de classes no Sertão Nordestino ficcional. Essa é a marca suprema da utopia comunista que vigora nos ideais dos camaradas do Partido.

Com a desafiadora tarefa de conciliar uma falsa espiritualidade e o seu real intuito político, a pregação de Salviano a seguir está voltada para formular os fundamentos do direito a terra. O propósito, mais uma vez, está direcionado à eliminação do signo de divisão de classes que provoca a exploração dos camponeses pelos coronéis. Fazendo uso

⁶⁹ Cf.: FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

mais uma vez do exócio, como em forma de parábola, assim como fazia Jesus na narração dos Evangelhos, Salviano encena:

– Meus irmãos! – ressoou, cheia, a voz de Salviano. – Vamos primeiro fazer o Pelo Sinal e o Nome do Padre.

“Pelo sinal da Santa Cruz”... – disseram as vozes reunidas. – “Em nome do Padre, do Fio, do Espírito Santo, amém”, terminaram.

E Manuel Salviano, em seguida, começou a falar:

– Lá no Porecatu, um dia, quando os homens estavam perdendo todas as terras, teve um, o Maneco, homem que tinha baixado do Piancó para o Sul, que soube guardar seu sitiozinho. Quando eu parti ele ainda era senhor da terra dele e aposto que ainda é, se continuou homem de fé como naquele tempo. Quando eu parti não só o Maneco como ainda os três vizinhos do sítio dele ainda estavam lá e isto porque Maneco era homem alumiado do céu. O grileiro que trabalhava por conta do Coronel Jeremias levou um dia uns secretas da Polícia para ter prova de que os homens que estavam lavrando a terra não eram donos dela. Quase todos os lavradores quiseram ser espertos e disseram coisas sobre papéis, embrulharam tudo, brigaram entre si enquanto inventavam histórias, e o grileiro cada vez sorria mais. Chegaram no Maneco e disseram, como tinham dito nos outros: “De quem é esta terra, Maneco Soares?” E o Maneco disse: “Naturalmente que a terra é de Deus”. Os homens ficaram assim meio sem jeito mas o grileiro falou chistoso: “E Deus passou o papel no tabelião, Maneco Soares?” Então o Maneco disse: “Não, porque a terra Deus deu para todos, papel ele só tem para escrever o nome dos que querem a terra de todo o mundo. Deus escreve o nome deles para dar a eles no inferno um lote de fogo, uma enxada de brasa e uma colheita de cinza”. Aí – continuou Salviano – o céu escureceu e uma chuva de água quente começou a cair no grileiro e nos cabras da Polícia, mas não caiu no Maneco nem na terra dele. Os homens fugiram e o Maneco continuou a cavar a sua terra. Pois aqui também, no Juazeiro, a terra é de Deus de mais ninguém e todo homem tem direito de mandar na terra que ele cava... (p.78-80).

Revestido pelo disfarce ritualístico da Igreja, e instigantemente tendo absorvido várias passagens do Verbo Divino, o novo “santeiro” conta a história de uma personagem de nome semelhante ao seu. Mesmo sendo um fato verídico, como afirma sua esposa Irma (p.80), a coincidência do nome do narrador com a personagem da história: “Manuel Salviano/Maneco Soares”, parece contribuir para que os lavradores façam essa associação, o que aparenta uma típica história autobiográfica. Essa semelhança intensifica em Salviano a dimensão do papel de seguidor fiel do Messias, a exemplo do lavrador Maneco. Semelhante às narrativas bíblicas das parábolas de Jesus, Salviano faz uma alegoria para encerrar uma moral cristã sobre o direito da terra: “a terra é de Deus [...] todo homem tem direito de mandar na terra” (p.80). Por meio dessa alegoria, Salviano também estabelece

uma lição de moral que é favorável ao seu projeto político, isto é, a igualdade na distribuição dos bens materiais.

A parábola sobre o Maneco Soares contribui fortemente para que Salviano fosse considerado um verdadeiro líder político e religioso. Um homem de extrema fé e “alumiado do céu” capaz de enfrentar os grileiros e proferir profecias apocalípticas sobre o destino dos ímpios. Eis toda dimensão primordial tirada do arquétipo do profeta Elias. O plano “Operação Canudos” parece estar mesmo em contínuo progresso, graças às façanhas do falso santeiro, incitando os camponeses a lutar pelo direito da terra. Ao mesmo tempo, cresce toda uma blindagem mística suficientemente poderosa para que ninguém desconfiasse de sua “conversão”. Do contrário, sua farsa messianista toma proporções maiores do que imaginava Salgado ou o próprio Salviano.

Aproveitando-se dessa situação, ainda na parábola, Salviano se sente à vontade para anunciar o apocalipse do fogo eterno para os latifundiários. Segundo Bachelard, o fogo é capaz de trazer explicação para tudo. Ele é o único elemento que está apto a receber com clareza as conflitantes valorizações da existência: “o bem e o mal” (BACHELARD, 2008, p.11). O próprio ódio que sente Salviano pelos coronéis e grileiros é latente pela simbólica do fogo: a chama vingativa. Assim, apropriando-se dessa simbologia bíblica, Salviano profere a profecia da tortura infernal a todos os grandes proprietários de terras. Inconscientemente, ele havia declarado que aqueles que gozam de farturas e riquezas no plano terrestre, merecem castigo num Plano Transcendental. Essa afirmação, por meio de toda simbólica agrária da “enxada de brasa e a colheita de cinza” contradiz – mesmo que em menor grau – com os objetivos materialistas do Partido Comunista.

Contudo, aos olhos do leitor mais atento, a espiritualidade de Salviano faz parte apenas da farsa para empreitar seu verdadeiro objetivo: a conquista e partilha da terra com os lavradores. Eis a utopia camponesa, que na tradição marxista, é apreendida polemicamente ou de forma contraditória. Cunha enfatiza que, de forma equivocada, muitas vezes prevalece a secundariedade do sujeito histórico em relação ao proletariado, onde o potencial revolucionário é questionado na face do acesso garantido a terra (CUNHA, 2008). O desejo de Salviano e dos sertanejos de Juazeiro da Bahia no romance de Callado pode ser traduzido nas palavras de Eric Wolf: “a utopia camponesa é a aldeia livre, livre [...] de recrutadores da força de trabalho, de grandes proprietários e funcionários” (WOLF, 1984, p. 352). É anseio dos camponeses a terra para plantar

livremente e dela poder tirar fruto para seu alimento, uma utopia que pode ser comparada à busca do passado paradisíaco anterior à Queda.

Ora, a terra, como bem enfatiza Frye, é a *natura naturans*, isto é, a imagem mais compreensível da mãe-terra, “o ventre materno de todas as formas de vida”, de aspecto “protetor e dadivoso”. A terra é também a *diva triformis*, ou seja, “uma deusa de alguma forma tríptica: em geral, a de nascimento, morte e renovação no tempo; ou do céu, terra e inferno no espaço” (FRYE, 2004, p.97). Na psicologia junguiana (JUNG, 2012a, p.82-115), esse símbolo é derivado do arquétipo materno. A Terra, o campo, a floresta, entre tantos outros... são uma das formas características da Grande Mãe. Esse aspecto é derivado da ideia primordial de que da Terra todos os seres vivos nascem, nutrem-se, fecundam. No princípio, Céus e terra foram criados (Gênesis, 1:1). Por essa razão, a Terra tem um papel primordial, mesmo que passivo, haja vista a existência do Criador. Segundo Eliade, para uma consciência religiosa primitiva, a Terra “é um dado imediato: a sua extensão, a sua solidez, a variedade de seu relevo e da vegetação que nela cresce constituem uma unidade cósmica, viva e ativa” (ELIADE, 2008, p.196). A Terra pode ser associada ao ventre materno. Dela saíram os homens (DIETERICH *apud* ELIADE, 2008). Essa imagem primordial, sob variantes e infinitas formas, encontra-se em todas as partes do mundo. Nas religiões mediterrâneas, é a Terra *Mater* ou ainda, *Tellus Mater*, responsável pelo nascimento de todos os seres vivos (ELIADE, 1992 e 2000).

Com efeito, no romance de Callado, ao estabelecer um código moral divino sobre a propriedade da terra, o novo “Redentor” dos camponeses suscita toda essa condição arquetípica da terra, isto é, como a mãe natureza, obra da Criação Divina e que só a Deus pertence. Esse discurso busca atingir o sistema de exploração que reside na insistente predominância do signo de divisão de classes tão perene na sociedade moderna. A solução para os camponeses explorados, na perspectiva de Salviano, é a reforma agrária, e a utopia camponesa sonha com a liberdade de desfrutar do solo para plantar e colher. O falso beato vai encontrar a solução para o conflito da desigualdade na distribuição e apropriação da terra no direito bíblico, através de uma moral cristã, preocupada com a situação dos menos favorecidos e não segundo os fundamentos marxistas. No lugar de estabelecer uma ordem científica ou econômica para uma solução dos camponeses marginalizados, Salviano apela para a imagem utópica proveniente da nostalgia primordial do grande arquétipo materno e, conseqüentemente, do sentimento telúrico de pertencimento. Por meio dessa moral

religiosa, ele revigora o sentimento filial dos camponeses a Terra *Mater*. Uma imagem suficientemente capaz de motivar a fé quase perdida dos sertanejos sofredores.

Na valência conflitante entre prisão e absorção das Escrituras Sagradas, representadas, respectivamente, no posicionamento das personagens Salgado e Salviano, um aspecto fundamental sucede nessa trajetória. No percurso de execução do plano “Operação Canudos”, o ideário do Partido, mesmo estando orientado pelo marxismo – que busca, através do saber científico, promover revoluções –, as personagens não deixam de absorver os mitos, os arquétipos e imagens. Isso porque toda a imagística bíblica orienta e interfere decisivamente. O que ocorre graças ao recém e instigante leitor bíblico que se descobre a personagem Salviano.

3.3 As Conversões Milagrosas Judaico-cristãs: uma Camuflagem do “Redentor”

*Verdadeiramente este é o profeta. [...] Nunca
homem algum falou assim como este homem.*
(João, 7: 40; 46)

De pregação em pregação, Salviano insiste numa pedagogia do direito a terra, através da inspiração na dimensão arquetípica da Grande Mãe e do retorno à Idade de Ouro, em diálogo com a imagística bíblica judaico-cristã. Desenha sempre um discurso que é fruto de um desejo arquetípico radiante pela recordação de um passado de bem-aventurança, buscando condenar as condições do sertanejo sofredor, vítima da exploração dos coronéis. Visando alimentar esse sonho paradisíaco, ele propõe uma soteriologia – recriada a partir das Escrituras Sagradas – sobre a epifania de uma “nuvem de ouro”; visivelmente fundamentada em passagens das escrituras do Antigo Testamento:

–... Mas agora a agente esquece que a terra é de Deus e esquece de oferecer a Deus o que sai da terra que é D’Ele. Antigamente todo mundo era feliz e caía maná de coco e de mandioca nas caatingas da Bíblia mas o lavradores davam a Deus os primeiros carneirinhos que nasciam e os primeiros repolhos. Quem é que pensa nisto agora? No instantezinho em que quis encarar com Deus que baixou numa nuvem de ouro, trazendo a luz, um despotismo de luz, vi logo que nem podia pensar em olhar porque estava pisando numa terra que nunca deu a Deus nem sanhaço e nem uma vagem verde. Por isso é que ela foi ficando triste e seca (p. 80-81).

Ao mencionar a perda de uma felicidade de um tempo de outrora, Salviano instiga os camponeses a acreditarem que toda miséria, seca e opressão que perduram nas terras do Sertão do São Francisco são culpa do próprio homem, em virtude de sua ingratidão a Deus. Ele busca incitar os camponeses para uma revolução em prol da terra, associando essa causa ao fundamento do direito bíblico cristão.

No Antigo Testamento, desde o relato de Abel e Caim (Gênesis, 4: 1-16) há menção de sacrifícios em agradecimento a Deus. Os hebreus também foram nutridos por maná, o pão caído do céu, durante sua travessia pelo deserto (Êxodo, 16: 16-21). Mas foi Elias quem profetizou que não haveria mais orvalho nem chuva do céu enquanto o rei de Israel, Acab, continuasse adorando Baal, o deus cananeu, e não se lembrasse da aliança do povo com Deus. É exatamente no relato bíblico do profeta Elias que Salviano encontra a matéria simbólico-arquetípica necessária para condenar os malefícios dos coronéis e grileiros. Elias foi quem profetizou contra a idolatria e as injustiças dos governantes. Tudo

que ele profetizava, acontecia. Eis a imagem arquetípica mais poderosa para sua farsa como falso “Redentor”. Era preciso se “vestir” desse profeta para conseguir convencer os camponeses de sua repentina conversão.

Elias foi quem de fato livrou o povo de todas as crenças pagãs, mas encontra um povo de Israel sem ter com o que se alimentar. Com a vinda da vasta seca, nada crescia, a não ser a fome e a escassez. São essas as “recompensas” para um povo pecador e idólatra.

No romance de Callado, há uma símile entre a condição dos camponeses do Sertão Nordestino e o povo sofredor de Israel. As difíceis condições de sobrevivências em terras áridas são sinalizadas pelo “profeta” Salviano como um sinal de pecado do povo contra Deus. Toda miséria e injustiça que assola o sertanejo são decorrentes das atitudes de homens que nunca doaram “a Deus nem sanhaço e nem uma vagem verde” (p.81), e por isso, não se sente digno de ver a aparição Divina. Em virtude do pecado, assim como Deus vai, gradativamente, mantendo distância comunicativa com o homem no decurso das Escrituras Sagradas, o “profeta” marceneiro penhora que o mesmo tem acontecido com os lavradores sertanejos, em virtude da ingratidão e dos seus pecados.

Como enfatiza Frye, o cerne dos profetas é o oráculo (FRYE, 2004). Salviano se utiliza dessa espécie de arte divinatória para anunciar o motivo da perda da felicidade paradisíaca do tempo bíblico, ao mesmo tempo em que acende a imagem arquetípica da busca pela bem-aventurança através da analogia com o alimento Divino: o maná. Essa palavra suscita forças dinâmicas de poder e encantamento, potencializado pela nostalgia de um Paraíso Perdido que afeta profundamente o desejo dos camponeses por um devir de bonanças. O poder derivado do alimento Divino emana uma forma de magia pelo próprio uso dessa palavra para o contexto sertanejo, contribuindo para um certo controle sobre os camponeses. Essa energia mágica provoca o desejo de uma realidade utópica, profundamente capaz de interferir no ciclo natural das condições geográficas dessa região nordestina e do sistema social e político de um território marcado pela divisão de classes.

Nesse transbordante anúncio profético, a imagem mais intrigante para os camponeses é a declaração de um “despotismo de luz” (p.80), manifestada através do diálogo intertextual com a aparição bíblica de Deus para o profeta Elias. Mas como um homem tão ateu quanto aquele marceneiro, poderia agora falar de um Deus absoluto? Salviano parecia mesmo fazer de toda sua pregação “uma história de religião mesmo” (p.80), o que perturbava os camponeses, causando-lhes total estranheza. O narrador

calladiano se encarrega de minuciar a reação dos lavradores e as novas empreitadas proféticas de Salviano para convencer os lavradores de sua “conversão”:

Sem nem mesmo querer olhar o Cancela e compreendendo pela cara dos outros que a estupefação era geral, Salviano pediu socorro às palavras, puxando à tona da memória histórias que tinha ouvido de conversões e que escarnecera ao ouvir.

– O fato que eu hoje queria contar a vocês é que no meio da caatinga, debaixo de um sol e rachar, eu **vi** aquela nuvem de ouro que veio descendo e nem **vi** a figura que estava nela porque brilhava demais, mas **vi** na terra a sombra de dois dedos compridos, uma sombra enorme, feito uma forquilha cobrindo facheiros e juremas e atravessando o rio. Ainda tentei **ver** de novo a figura porque uma coisa assim tão clara e tão cheia de luz devia ser o Santo lá da Lapa, mas qual! é muito mais fácil a gente dormir de olho aberto pregado num sol do meio-dia em ponto do que virar a cara, de pálpebra meio arriada, para uma nuvem daquela e uma coisa assim, que alumia como aquela nuvem, e eu então caí nos joelhos e fiquei tremendo... quando abri os olhos a nuvem de ouro tinha desaparecido mas a luz tinha sido tão forte que mesmo sol de rachar, que antes parecia tão forte, agora era feito uma bola escura. Eu procurei a nuvem e depois olhei no chão para ver a sombra da forquilha dos dedos de Deus mas a forquilha tinha virado uma cruz do tamanho deste mundo, que cruzava o S. Francisco e se deitava na caatinga até as beiradas do horizonte. E mesmo feita de sombra, aquela cruz brilhava muito mais no chão do que o sol peço pendurado no céu (p. 65-66, grifos nossos).

Nesse trecho, Manuel Salviano se aproxima ainda mais da figura do profeta do fogo, buscando no repertório bíblico o relato da manifestação de Deus a Elias. Esse símbolo arquetípico começa a funcionar como modelo de revigoração para a fé camponesa, apesar de todo estranhamento e espanto que a princípio lhes causara. Isso porque as histórias contadas por Salviano, inicialmente, mais pareciam escárnios. Porém, com toda sua “capacidade de representação dramática” (p.118) tão elogiada por Júlio Salgado e, visando mostrar que era um “messias” dos camponeses, dono de uma “imensa convicção religiosa” (p.117), o marceneiro cria um evento milagroso. Para isso, recorre às “memórias históricas” (p.65) que ouvira ou lera na Bíblia, anunciando uma aparição Divina de uma “nuvem de ouro”, uma espécie de paródia do relato bíblico do profeta Elias no cume Carmelo.

Em analogia, a situação do povo de Israel no tempo do rei Acab apresenta um contexto semelhante ao do povo de Juazeiro da Bahia, configurado na trama de Callado. O solo sertanejo, onde predomina a vegetação da caatinga, assemelha-se ao castigo dado anunciado por Elias ao povo de Israel por ter abandonado a fé a Deus e seguido o deus Baal. Após três anos, Deus anuncia por meio de Elias a Acab que proverá chuva (1

Reis,18:1). Salviano, suplicando “socorro às palavras”, inventa a história de uma “nuvem de ouro” que suprirá as necessidades do chão sertanejo árido; e mais: uma nuvem provedora de uma luz irradiante, suficientemente forte para instigar o povo a lutar contra a opressão dos coronéis, como era o maior objetivo da “Operação Canudos”. Diferente de Elias, Salviano faz da história de fé do profeta bíblico, uma história de uma escarnekedora conversão, buscando enganar os pobres camponeses. A pregação sobre a visão da “nuvem de ouro”, por conseguinte, soa aos ouvidos dos lavradores como sinal de esperança. Uma espera de bênçãos e prosperidades vindouras. Simboliza também a possibilidade de um retorno a um passado de bonanças que só seria possível pelo retorno de passado paradisiaco como a do tempo em que os homens viviam no simbólico Éden.

De acordo com Frye, o simbolismo celeste, alquímico e apocalíptico, é do mesmo tipo, relacionado à alma do homem e união com Deus (FRYE, 1957). Ao mencionar a “nuvem de ouro”, Salviano se apropria de uma simbologia apocalíptica e alquímica do centro do mundo espiritual, criando uma falsa ilusão de que sua alma estava em circunferência com a união Divina. E mais: pretendia convencer os camponeses que ele era o Redentor, de alma humana pura. O escolhido, o eleito, o ungido e o mensageiro do camponês oprimido, uma espécie de “profeta” que vem transmutar o sertão em ouro e assim, fazendo brilhar “muito mais no chão do que o Sol” (p. 66), como uma “quinta-essência”, semelhante aos corpos celestes. Em outras palavras, trata-se de uma criação do executor da “Operação Canudos” que é capaz de fascinar os lavradores tão injustiçados, graças a uma legítima “manifestação” de misericórdia Divina pela alma do homem.

Sabendo da força que essa visão provocara aos camponeses, Salviano parece se lembrar da passagem que se refere ao milagre da abundância da chuva, após o sacrificio de Elias e os sacerdotes de Baal no monte Carmelo (1 Reis, 18: 19-39). Nesse relato bíblico, após o novilho se consumir através da forte oração de Elias, provando que o seu Deus é o verdadeiro, este mesmo profeta ordena a Acab: “Sobe, come e bebe, porque ruído há duma abundante chuva” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 517; 1 Reis, 18:43). A alusão de Salviano a esse relato bíblico se torna mais evidente no decorrer da passagem do romance acima, associando os elementos “nuvem”, “dedos compridos” e “caí nos joelhos”, eventos também sucedidos no relato do profeta Elias. Assim como o marceneiro-profeta “nem podia pensar em olhar” o “despotismo de luz”, Elias, no cume do Carmelo, inclinava-se por terra, como o rosto entre os joelhos (1 Reis, 18:42). Por várias vezes, Elias olha em direção ao mar a fim de avistar, na sétima vez, uma pequena nuvem, “como a mão de um

homem, subindo do mar” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 517; 1 Reis, 18: 44). Após isso, os céus, cheios de nuvens e vento fez descer grande chuva (1 Reis, 18: 45).

Ora, Salviano se apropria desse relato bíblico de fé e insistência de Elias para instigar a fé do homem camponês. Eles deveriam sentir que, mesmo onde não há horizontes para perspectivas – apenas um clima desfavorável às plantações –, só por meio da fé se pode enxergar a “nuvem de ouro”. Para isso, acrescenta a figura comprida, enorme, isto é, o próprio Salvador: o “Santo lá da Lapa”. Uma epifania de um Deus amoroso capaz de prover uma mudança climática de abundante chuva para regar toda a terra e trazer o alívio ao sofrimento do camponês; a partir da provisão de muita fartura e prosperidade.

Nutrido de toda essa bacia semântica, fortemente significativa para os cristãos, e dos elementos celestes como a “luz” e a “nuvem”, Salviano inventa uma epifania milagrosa da “nuvem de ouro”, brilhando tão intensamente que não se podia ver a figura que nela estava presente. Nesse anúncio apocalíptico, a luz absoluta assume a condição da própria presença Divina. O que também colabora para fortalecer a fé dos camponeses, ao remeter aquela aparição ao imenso poder do Criador, tão esplêndido que não se conseguira ver, tão intensa era o seu brilho. Tal investida fora conseguida pelo falso salvador há alguns dias, quando ele se concentrou e “ficou alguns minutos perdido dentro de si mesmo” onde, “finalmente, abriu os olhos e a Bíblia, onde a marcara: no Livro de Jó” (p.88). Um livro capaz de revelar todo o despotismo Divino, onde sucede o diálogo de Deus com o homem:

Eis que Deus exalta com sua força, quem ensina como ele? [...] Com as mãos encobre a luz, e a proíbe de passar por entre elas (BÍBLIA DE PROMESSAS, 749; Jó, 36: 22; 32). Ele o envia [o somido que sai da sua boca] por debaixo de todos os céus, e a sua luz até os confins da terra. [...] Também com a humidade carrega as grossas nuvens, e espargue a nuvem da sua luz. [...] Por ventura sabes tu como Deus opera, e faz resplandecer a luz da sua nuvem? Tens tu notícia do equilíbrio das grossas nuvens e das maravilhas daquele que é perfeito nos conhecimentos? [...] O esplendor de ouro vem do norte; pois em Deus há uma tremenda majestade (BÍBLIA DE PROMESSAS, 749-750; Jó, 37: 3; 11; 15-16; 22).

É também nesse relato bíblico que Salviano encontra os fundamentos do controle de Deus sobre todos os fenômenos da natureza⁷⁰.

⁷⁰ O poder de Deus sobre todas as coisas se apresenta com bastante nitidez também em passagens seguintes do livro de Jó. Deus se dirige a Jó questionando quem tem o poder sobre tudo que fora por Ele criado: “Quem

Além disso, a nuvem contém significado simbólico da manifestação do próprio poder Divino. Para Frye, o deus, como metáfora, identifica uma personalidade através de um elemento da natureza (FRYE, 2004). O relato do profeta Elias mostra que vários fenômenos da natureza sucedem, mas Deus não estava presente neles. No entanto, através de voz suave, dirige-se a Elias⁷¹. A manifestação ou testemunho de presenciar a figura do Senhor pode ser encontrada também em outros relatos das Escrituras. Assim como Elias, Moisés também temeu ao olhar a sarça ardente (Êxodo, 3: 1-6). Tanto Gedeão como os pais de Sansão advertem que ver a figura do Senhor é mortal (Juízes, 6: 23; 13: 22). Mas são Isaías e Malaquias quem afirmam ver o Senhor sentado num alto e elevado trono (Isaías, 6 e Ezequiel, 1), embora no Novo Testamento João afirme que Deus, o Filho unigênito, jamais foi visto (João, 1: 18). De modo contraditório, consonante Frye, essas visões apresentam uma importância tão grande a ponto de serem considerados atos revolucionários, na relação entre as metáforas do ouvido e as metáforas da visão. Sobre a palavra de Deus não se encontra problema algum. Todavia, quanto à visão da figura de Deus, essa merece correção por se tratar de um anjo de Deus apenas ou pode ser encarada com ansiedade (FRYE, 2004).

Tratando dos deuses, símbolos e ritos celestes, Eliade comenta que a história religiosa de Javé na fé judaico-cristã é bastante complexa. Seu poder está presente como única realidade de forma absoluta, sem limites:

Como soberano incontestado, mede a sua misericórdia ou a sua cólera a seu bel-prazer; e esta liberdade absoluta do Senhor é a revelação mais efetiva da sua transcendência e da sua autonomia absoluta; pois, quanto ao Senhor, ‘nada o obriga’, nada o constrange, nem sequer as boas ações e o respeito pelas suas próprias leis (ELIADE, 2008, p.86-87).

Como Senhor Absoluto de todas as coisas, Deus manifesta seu poder em fenômenos naturais. Ainda no Antigo Testamento, quando Moisés aprontou um tabernáculo e o altar, a glória do Senhor os encobriu. Uma nuvem cobriu a tenda durante o dia, e o fogo durante a noite; e assim Moisés não podia mais entrar na congregação, visto

abriu para a inundação um leito, e um caminho para os relâmpagos dos trovões, Para chover sobre a terra, onde não há ninguém, e no deserto, em que não há gente; Para fartar a terra deserta e assolada, e para fazer crescer os renovos da erva? A chuva porventura tem pai? Ou quem gera as gomas do orvalho? De que ventre procede o gelo? E quem gera a geada do céu?” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 751; Jó, 38: 25-29).

⁷¹ No Horebe, “o monte de Deus”, Elias entrou numa caverna para passar a noite. Para ver a face de Deus, sai e “eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor, porém o Senhor não estava no vento, e depois do vento um terremoto; e depois do terremoto um fogo, porém também o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada. E sucedeu que, ouvindo-a Elias, envolveu o seu rosto na sua capa, e saiu para fora, e pôs-se à entrada da caverna. E eis que veio a ele uma voz que dizia: Que fazes aqui, Elias?” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 518; 1 Reis, 19: 8 – 13).

que sobre ela pairava a nuvem, enchendo de glória o tabernáculo (Êxodo, 40: 33-38). Nos escritos do Novo Testamento há previsões de que a segunda vinda de Jesus Cristo, que lavou com seu sangue os pecados humanos, virá com as nuvens, para todo olho ver e se lamentar sobre Ele (Apocalipse, 1:5-7).

A inventiva epifania de Manuel Salviano se nutre de toda essa imagística bíblica e parece anunciar a Segunda Vinda de Jesus, emblemática e plenamente significativa para a Doutrina cristã. O formato da nuvem não se assemelha mais a mão de um homem, como no relato bíblico, mas uma forma sagrada, uma sombra enigmática de dedos compridos em formato de “forquilha” a cobrir toda vegetação sertaneja e o rio São Francisco; uma metáfora de grandiosa proteção do “Santo da Lapa”. Trata-se de uma mística suficientemente potente para arrastar a multidão camponesa e fazer de Salviano um “homem alumiado do céu” (p.79).

Esse inusitado milagre criado por Salviano também mantém associação significativa com outras passagens das Escrituras Sagradas, talvez revelando o novo Salviano “polido, paciente, dedo na Bíblia” (p.88) na busca frenética de repertório para sua farsa. Eram instantes em que ele fechava seus olhos e deixava “o espírito fugir, por um rápido instante que fosse, às regiões que vivem tinindo de vida nas profundas da gente, em meio ao maior silêncio” (p.88).

Nesses instantes, é possível que as leituras de Salviano tenham se enveredado também pelo Novo Testamento, tendo em vista a presença de elementos simbólicos da história de Saulo de Tarso na inventiva conversão do marceneiro ateu.

No livro de Atos dos Apóstolos, cujas principais personagens são Pedro e Paulo (o último anteriormente chamado de Saulo), encontra-se uma narrativa que se inicia com a Ascensão, com maiores detalhes do que no Evangelho de João, a vinda do Espírito Santo e as primeiras pregações dos Apóstolos em Jerusalém (CECHINATO,1995). Neste livro bíblico, quando Saulo chega perto de Damasco na tentativa de prender seguidores de Jesus, uma luz do céu o cerca num resplendor que o faz cair por terra. Nesse instante, Jesus o questiona por que Saulo o persegue. Ao levantar da terra, Saulo estava completamente cego e pergunta o que o Senhor quer que ele faça. Jesus ordena que ele entre em Damasco (Atos, 9: 3-8).

No romance de Callado, o marceneiro inventa a história de uma “nuvem de ouro” onde não se podia ver uma figura que nela estava “porque brilhava demais”. Mas afirma que aquela figura devia ser mesmo o “Santo lá da Lapa” e por isso, com grande temor, cai

“de joelhos e fica tremendo”. Salviano não ficara completamente cego como Saulo, mas o Sol forte a castigar o sertão “imprime” em seus olhos uma “bola escura” em virtude daquela aparição de brilho tão intenso. E assim, acrescenta aos camponeses que a forquilha se transforma numa cruz, grande o suficiente para cruzar todo o São Francisco a trazer o brilho de esperança na caatinga do sertão, brilhando até mais que o Sol, com o intuito de fazer daquela inventiva milagrosa um motivo de sua recente “conversão”.

Nesse sentido, a conversão de Salviano na caatinga do Sertão é inventada a partir da apropriação dos mecanismos simbólicos presentes na conversão de Saulo no caminho de Damasco. Saulo, de perseguidor dos cristãos, torna-se perseguido pelos judeus. Antes Saulo, torna-se Paulo. Salviano, de perseguidor dos padres e da Igreja em Juazeiro e Petrolina, torna-se, aos olhos dos camponeses, um seguidor de Cristo. De marceneiro, ateu e revolucionário, torna-se um homem religioso, seguidor do Messias, “um santeiro escavando a madeira onde está fazendo um profeta” (p.59). Emanando pelo nível do imaginário religioso, cria um intercâmbio com o itinerário de Saulo de Tarso da História do Cristianismo. A História de Saulo se transforma em linguagem mítica capaz de servir de modelo para organizar o inventivo relato de conversão do novo “profeta” dos camponeses de Juazeiro: Manuel Salviano. Por essa razão, essa súbita transformação da personagem pode ser considerada uma espécie de “conversão sauloânica”.

Inconformada com essa repentina conversão do esposo, Irma decide ir ao paiol no sítio do João da Cancela, onde ocorriam as pregações. Em sua visão tipicamente burguesa, via o cenário como algo aterrorizante:

Irma ouviu por perto um soluço roufenho, falhado, e um som de choro gorado. Era um homem de cara tão ruída pela bouba que mostrava à luz nos tremores da glote descoberta, a tentativa que faziam os soluções de tomar forma e voz. Um asco e um terror inomináveis empolgaram Irma, que só queria ter poderes para calar, naquele mesmo instante, Salviano, e obriga-lo a ouvir o que tinha a lhe dizer. Misturando-se com aquela turba, ele, Manuel, caboclo limpo, quase branco, decente! Os olhos de Irma, que haviam descido ao máximo horror diante do precipício de carne viva em que tinha se transformado a cara daquele homem ali perto, buscavam agora os olhos de outros romeiros, marcados de tracoma, os pescoços estofados em papeira, a giba dos corcundas e as risadas das particulares e incomunicáveis dos malucos. Colecionava aqueles pavores como argumentos que usaria para reforçar o que tinha a dizer a Manuel (p.81).

Nesse trecho, Irma demonstra veemente discriminação pelos enfermos romeiros de “São Salviano” (p.125). Trata-se de um cenário perturbador que clama por milagres do falso santo, semelhante a algumas narrativas dos Evangelhos bíblicos, em que Jesus

realizava milagres. Mas Irma apenas buscava observar atentamente todo cenário aterrorizador, montando argumentos que fizesse Salviano explicar o que estava sucedendo.

Dias depois, é o líder do Partido que presencia uma das proezas do mais recente “profeta milagreiro”. Num cenário semelhante ao que encontrou Irma, incomodado com as declarações religiosas de Salviano e aterrorizado pelo alvoroço dos romeiros a clamar o nome do novo “messias”,

JÚLIO SALGADO saiu bruscamente da confusão e do pasmo que sentira ao ouvir as palavras de Salviano porque levou uma paulada do lado direito da cabeça. Voltou-se de golpe, sobressaltado, e viu que o que lhe batera na cabeça era a muleta tosca que um paralítico andrajoso atirara nos ares. Em torno do paralítico a multidão fizera uma clareira, uma roda, para ver o homem andar, trôpego, com passinhos miúdos, mas andar. De repente, enquanto vários se prosternavam e batiam no peito, subiu da multidão um grito:

– Milagre! Foi milagre!

Daqui e dali vozes se ergueram:

– Outro milagre!

Esganiçado e histérico, dominou os demais gritos o apito agudo de uma voz de mulher doida:

– São Salviano, meu santinho, dá luz p’ros meus óio! Tu deu força p’ras pernas deste homem, São Salvianinho! (p. 125).

Nesse trecho, o misticismo religioso aflora o cenário sertanejo através de supostos milagres, aproximando Salviano ainda mais da figura do Messias. Em meio à farsa da “Operação Canudos”, sucede um milagre similar ao dos Evangelhos da Bíblia, com um domínio significativo muito próximo dos que ocorria por intermédio de Jesus. Numa associação significativa, encontra-se nos Evangelhos: a cura do criado paralítico em Cafarnaum (Mateus, 8: 5-10), o milagre da cura do paralítico que desceu pelo telhado (Lucas, 5:17-26) e a cura do paralítico no tanque de Betesda (João, 5: 1-9), entre outros. Em ambos está presente o signo da fé como condição essencial para suceder essas maravilhas. Em *Assunção de Salviano* essa mesma atmosfera toma conta de todos os romeiros, saudando e glorificando o novo “santinho”, fato que colabora para intensificar ainda mais a fé do camponês na figura “Redentora” que passa a representar Salviano. Ele mesmo começa a ficar surpreso e fascinado diante de fenômenos tão confusos.

Por outro lado, de forma bastante calculista, o líder do Partido via naquele milagre uma oportunidade de alimentar ainda mais o plano “Operação Canudos”:

Júlio olhou com asco e um certo fascínio o “paralítico” que lhe atiraria à cabeça uma das muletas. Ali estava a matéria-prima para um “milagre”. Provavelmente encarangado por um reumatismo crônico, aquele idiota,

nervoso e crédulo, sugestionado pela ideia de cura, andaria perfeitamente bem sem muletas durante três dias. Depois, desconsolado, teria de fazer outras, pois a mesma “paralisia”, ou pior do que antes, o estaria entrevando uma vez mais. O “milagre”, porém, ficaria homologado. Ninguém mais tocara no assunto. Se o rio estivesse mais perto, pensou Júlio, ele jogaria fora a muleta que o atingira: para ter certeza de que o imbecil que continuava a dar voltas, como um peru, diante dos assistentes, iria lamentar amargamente seu gesto dentro de pouco tempo. Uma defesa inútil (p. 127-128).

Enquanto Salviano penetra ainda mais no universo religioso cristão, através da simbologia da fé transformadora, operadora de obras que a ciência não é capaz de explicar, Salgado maquina atentamente as vantagens do ocorrido com o paralítico no sítio do João da Cancela. Apesar de toda plenitude mística presente no acontecimento, Salgado se esforça em descaracterizar a natureza do evento sagrado. Sua visão materialista do mundo se manifesta por meio de um binômio de repúdio à religião e a busca de conveniências em prol do sucesso do Plano do Partido Comunista. A própria explicação do milagre por Salgado destitui o teor sagrado do ocorrido, tornando o sucedido como qualquer fenômeno que poderia ser explicado pela ciência; algo irônico, sarcástico, próprio do mundo profano. Num romance onde persistem duas forças opostas: materialista e espiritual; e onde as manifestações do sagrado e do profano se intercambiam constantemente no itinerário das personagens.

O narrador atento explica que o ocorrido gera em Salviano um instantâneo sentimento paradoxal:

Quando Manuel Salviano, meio tímido depois do seu arroubo, olhou em torno, viu que todos – mesmo o Cancela – o olhava com os olhos que nunca haviam tido, nem na hora das melhores histórias. Compreendeu num relance, com delícia e com um terror inexplicável, que Júlio Salgado sabia o que dizia. Se metesse na cabeça daquela gente que era Deus que estavam seguindo, iriam a qualquer parte. Ah, era preciso aproveitar aquela abusão para livrá-los dos padres. Quando chegasse o dia, em Petrolina, eles iam ficar envergonhados de ter engolido tanta mentira e se tornariam homens de verdade. E, confiando na apoteose a vir, **Manuel Salviano, agora muito ancho, fez da história da sua conversão e da aparição na nuvem de ouro uma espécie de antologia de tudo quanto ouvira em matéria de conversões milagrosas** (p.66, grifo nosso).

Consumido pelo prazer e pelo pavor inominável, Salviano se depara com duas descobertas: a primeira era que suas pregações tinham sobre os camponeses um efeito impressionante; e a segunda, era o quanto Salgado estava certo sobre a força da alienação religiosa para conquistar aliados para o propósito do Partido. Do mesmo modo, também

dois grandes motivos o deixavam orgulhoso, confiante e predestinado a executar o plano “Operação Canudos”: a grande descoberta apoteótica a ocorrer no dia da procissão de Nossa Senhora da Glória; e sua fama de santeiro, através de uma verdadeira antologia das conversões milagrosas cristãs.

Essas conversões híbridas passam a funcionar como máscaras constituintes para ocultar seu verdadeiro intuito revolucionário, enquanto a “nuvem de ouro” se torna o símbolo da veracidade existencial do profeta sertanejo. “Camuflado” nessa simbologia mística e enigmática, Manuel Salviano se insere num círculo sagrado que reúne elementos da simbologia judaico-cristã e da geografia e cultura do Sertão Nordestino, apresentando-se por meio de uma atmosfera messiânica. Isso se justifica pelo conglomerado de narrativas bíblicas lidas pela personagem para criar uma bacia semântica de “conversão” que é fruto de um híbrido universo mítico-simbólico, forte o suficiente para “vestir” Salviano de um misticismo soteriológico capaz de ludibriar a fé dos sertanejos.

3.4 Manifestações dos Arquétipos Cristãos

Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome.

(Atos, 9: 16).

No decurso da execução do plano “Operação Canudos”, a partir do artifício de camuflagem do “Redentor”, fazendo antologia e reinvenções de variados tipos de conversões milagrosas presentes na tradição cristã, deflagrar no romance, ainda mais, uma gigantesca manifestação do sagrado a partir de uma intensa atração pelo Divino. É nessa atmosfera que se revela a figura do “milagreiro” Salviano, de prontidão em homilia em seu púlpito agrário ambulante:

O caixotão do paiol do Cancela fora trazido em lombo de burro, espécie de púlpito ambulante para as práticas do taumaturgo.

Júlio assistira, bem disfarçado no meio da multidão, aos inícios do “espetáculo”, com o Cancela e mais dois capiaus agindo como uma espécie de comitê de imprensa, informando os forasteiros acerca do Salviano, dizendo gravemente que não, que ele se recusara a ter medalhinhas feitas com sua própria efígie, mas que um violeiro já compusera a Oração de São Salviano e que muita gente a dava como milagrosa. Se quisessem cópia da Oração apanhassem ali com a dona Rita. À direita do caixote, de pé no chão mas toda vestida de branco, vestida bem engomado, o cabelo esticado a capricho, estava Ritinha, sem um pingo de pintura, os olhos ainda mais verdes na pele marrom (p. 126-127).

Os feitos advindos das peripécias de Salviano resultaram num aglomerado de novos fiéis. Isso se deve a sua travessia beatífica, após o “milagre”, que ressoaram como uma espécie de teurgia para aquele “paralítico”. Num estado de transe, o infeliz não percebera seu reumatismo crônico, eufórico com a “força Divina” que o fizera andar perfeitamente novamente. O reaparecimento do religioso (visível, audível e tátil) como a figura “Redentorística” de Manuel Salviano, alimenta a necessidade contemplativa e a sede arquetípica pela mística e pelo mistério. Uma ressacralização capaz de resgatar a esperança do sertanejo desolado.

A cena se constrói numa símile muito próxima aos relatos do Messias. E por isso, a trajetória de Salviano se torna a fonte de um mistério que inspira e revigora uma inevitável contemplação. A “Oração a São Salviano” se configura como paradigma coletivo do sertanejo em sintonia com o Divino e preserva a memória de um “santo” cultuado pelo seu

modelo de mártir, seguidor e Redentor. O folheto da oração estava com Rita, antes *femme fatale*, agora posta do lado direito do “taumaturgo”, de branco, sem maquiagem, numa ordem de total pureza.

Através da simbólica bíblica, podemos comparar a figura de Ritinha, de *Assunção de Salviano*, a Maria Madalena, dos Evangelhos bíblicos. Como explica Aguiar (2004, p. 275), ao auxiliar o Messias, Maria Madalena é capaz de mudar o destino do mundo, por isso, transforma-se na preferida do Jesus. Para esse estudioso, a criação transcorre no curso do tempo da história humana:

Os seres humanos fazem-se assim de fato à imagem de Javé: são partejadores e modeladores de seu próprio destino. Isso inclui as mulheres e, além de dar-lhes um papel relevante ausente em muitas outras culturas e obras, faz que um dos traços marcantes da Bíblia seja o de que qualquer ser humano, em qualquer circunstância, espalhe a humanidade como um todo (AGUIAR, 2004, p. 275-276).

Como se vê, mesmo Ritinha, uma rameira que tem a fama de gostar “de brincar com os casados” (p.16) – uma ralé de Juazeiro da Bahia – guarda essa condição essencial. Semelhante a Maria Madalena, Ritinha representa a mulher cujos pecados foram perdoados em decorrência de seu virtuoso amor por Salviano. O perdão de Jesus é a manifestação mais ativa do Eros Redentorístico. Para Marcuse, o Eros é “a grande força unificadora que preserva a vida toda” (MARCUSE, 2010, p. 45). Neste sentido, como afirma Frye, mesmo a palavra “eros” não surgindo no Novo Testamento, o perdão dado a Maria Madalena porque ela muito o amava (Lucas, 7: 47), lembra-nos de que “se algo, na natureza humana, é digno de redenção, esse algo é inseparável de Eros”. É o caso também de Raab, a prostituta de Jericó (Josué, 6: 17).

Ora, o amor de Ritinha não apresenta limite, é um amor doador e fiel. A cena de Ritinha ao lado direito do “messias” Salviano remonta a cena da Virgem, resplandecente da pureza, mãe do filho de Deus. Ela se veste da virgindade da figura mariana, o lado feminino cristão. Um simbolismo que faz de Ritinha, antes Maria Madalena – vestida de vermelho na cena da Cruz – uma “prova” viva da remissão dos pecados pelo novo “Redentor” do Juazeiro da Bahia.

Ainda nesse cenário, o púlpito e a negação de uma efígie com seu retrato, também aproxima Salviano de uma atmosfera mais espiritual, contradizendo os anseios materialistas do Partido Comunista; cujo líder direto, Júlio Salgado, assistira a todo

“espetáculo”, desconfiado de que o Plano não poderia estar tomando rumo ao glorioso apogeu:

Era espantosa, continuava ele [Júlio Salgado] pensando, a capacidade de fingir de Salviano. Ele estava, mesmo, exagerando, dizia-se Júlio. Precisava falar-lhe – como lhe pedira Irma – mas não a serviço dela. Precisava dizer ao Salviano que voltasse a bater um pouco mais nas reivindicações sociais, na propriedade da terra, na punição aos latifundiários (p.128).

O líder do Partido, mesmo satisfeito com toda aglomeração em torno de Salviano, de prontidão em pleno escárnio diante daquela cena intrigante, não compreende tamanha capacidade de fingimento de seu companheiro de Partido. Era preciso intervir. O ideal comunista não poderia ser esquecido. A figura do “taumaturgo” a semear promessas soteriológicas deveria ser apenas um disfarce para revelação de um ímpeto revolucionário responsável pela apoteose do Partido no Norte e Nordeste do país. Por isso, era preciso atizar a camada camponesa para revolta, para se indignar cada vez mais contra os coronéis e grileiros. Essa revolução de cunho messiânico deveria conter uma escatologia comunista de um funesto fim apocalíptico para os exploradores, uma promessa paradisíaca de bases sociais comunistas para os camponeses e a mais esperada concretude de uma avassaladora paixão homossexual: “Se eu não tirar de tudo isto uma viagem a um Congresso de Paz em Paris, não tiro nada. Levo o João” (p. 131-132) – dizia a si mesmo o líder do Partido.

Enquanto buscava entender o que pretendia Manuel Salviano,

Júlio Salgado, que se distraía no seu canto olhando um bando de romeiros de ambos os sexos, todos cor de terra e vestidos de preto, evidentemente formando um grupo só de penitentes e arrastando crianças de barriga estofada de vermes, reparou, quando novamente Salviano, que este o localizara na multidão. Salviano agora falava olhando-o:

– A gente precisa lutar para tirar as terras desses que pensam que são os donos do barro do mundo, do barro que Deus fez para todos, na sua olaria, antes de botar no chão os rios e o mar, que senão entornavam. A gente precisa dividir as terras deles, as terras de todos, mas não para comer mais couve e ter mais boi: para ensinar essa gente perdida a sofrer um pouco. Tem muito rico nesta terra, muita gente que vive protegida de tudo, enroladinho em algodão, e que por causa deste algodão vai queimar muito mais depressa no inferno. Quando a gente tirar a terra deles eles vão ficar muito melhores do que agora (p.130-131).

O narrador, dando destaque à ótica de Salgado, visa evidenciar o que percebera esse líder do Partido em contato com as pregações de Salviano. Trata-se de um cenário de penúria, tento em vista como são criadas as crianças, em situação de subnutrição; e os

adultos, com a pele da cor do solo sertanejo como se estivessem “vestidos” de uma penitência que é, ontologicamente, parte mesma de sua condição histórico-social.

Ao contrário de Salviano, que sempre está junto do povo, preocupado com as injustiças contra o sertanejo, sondado pelo princípio de Eros, Júlio Salgado visa apenas o seu bem próprio e o do Partido Comunista. Embora a presença do líder do Partido pareça influenciar subitamente a homilia do “beato”, talvez guiando-o para uma escatologia comunista; Salviano, com um objetivo maior, diz que o mais importante não é simplesmente a divisão igualitária de terras – ideal materialista comunista –, desapropriando os coronéis que pensam ser os herdeiros por direito do Criador adâmico. No entanto, o que eles merecem é uma punição capaz de mudar a condição social e, conseqüentemente, espiritual dos coronéis e grileiros. Uma ação que os livrariam da sorte escatológica do Reino das Trevas pela prova do sofrimento. Essa suposição se fundamenta no fato de que o sofrimento é uma etapa anterior e necessária ao processo de redenção, ideia arquetípica do Cristianismo. No lugar de prover as condições materiais para um Paraíso Terrestre, Salviano parece agora preocupado com uma soteriologia universal, sem distinção de classe, em sintonia com as promessas cristãs da Jerusalém Celeste.

Ao leitor, resta buscar compreender se essa postura de Salviano faz parte do Plano, ou, se o que ele diz, é ressonância de sua mais pura convicção.

Enquanto isso, ao ouvir as pregações de Salviano, Salgado manifestava uma indominável satisfação:

Encarando Salviano, Júlio exclamava para si mesmo: “Não deixa de ter uma ironia esse salafrário. Desapropriemos para salvar a alma dos latifundiários! Como *slogan* não está nada ruim”. [...] “Esse camarada está me saindo muito melhor do que a encomenda” – dizia-se Júlio, enquanto ouvia, sério, o discurso que Salviano fazia a olhá-lo. – “Ou ele doido e vai ser difícil controlá-lo ou a *apoteose* do dia de Nossa Senhora da Glória vai ser mesmo de fechar o comércio. Esta gente que está aqui o chacina, quando ele disser que tudo quanto falou sobre Deus era mentira – mas que propaganda para o Partido! (p. 131-132).

Se se travava de uma espetacular encenação ou mesmo uma indubitável convicção, até esse momento, para o leitor, não está totalmente claro o posicionamento do “taumaturgo” Salviano. Porém, já que o mais difícil se conseguira – o numeroso aglomerado de romeiros a crer em tudo o que Salviano dissera em matéria de salvação no Reino de Deus –, o contentamento de Salgado é notável. Para ele, mesmo se tratando de um estado de loucura, nenhuma esquizofrenia seria capaz de atrapalhar o Plano do Partido.

Sendo assim, trata de traçar logo um *slogan* sarcástico para a o dia da glória do Partido no dia da santa que carrega esse mesmo nome: Nossa Senhora da Glória.

Além disso, semelhante ao Cristianismo, cujo significado arquetípico é o sacrifício de um homem até a morte pelo amor da humanidade, era preciso que Salviano se tornasse o “bode expiatório” para a eternização do Partido. Salgado acredita que Salviano cumprirá o Plano até o fim, em favor dos mais humildes: os sertanejos sofredores. Bem verdade que toda a travessia de *Assunção de Salviano* tem demonstrado que o princípio do Eros é suficientemente afluído na personagem Manuel Salviano. Sua preocupação com os camponeses, sempre explorados e injustiçados, o leva a assumir um Plano farsante que contraria seus próprios princípios em favor dos mais humildes. Disfarça-se do que mais odiara: o beatismo que floresce na Igreja; prova de um amor incondicional pela humanidade: os camponeses do Sertão Nordestino.

Cabe ainda mencionar que o próprio Comunismo possa ter surgido a partir do amor pelos mais humildes, necessitados e injustiçados. A busca de construção de uma sociedade com outras bases – distintas daquelas com a divisão de classes, opressor e oprimido, resultante do sistema dominante – deriva da busca pelo igualitarismo. Um compromisso em lograr mudanças que é característico de organizações militantes, e cujo fim essencial é a transformação da sociedade e dos seres humanos.

No romance de Callado, a busca do acesso ao direito à terra, ao alimento, que é fruto do próprio trabalho do camponês nessa Terra, ativa o desejo revolucionário de Salviano por melhores condições de vida para os sertanejos, coincidentes com os ideais do *Manifesto*. Graças, claro, a astúcia do pernicioso Júlio Salgado e sua obstinada e ambiciosa visão materialista. No entanto, após o contato com toda misteriosa manifestação do sagrado, em reações do povo perante suas recriações das conversões milagrosas cristãs, inclusive o intrigante “milagre” do paralítico, parecem conduzir a personagem Salviano para uma perspectiva que não mais se assemelha ao que arquitetava Júlio Salgado. O que queria, afinal, Salviano, com aquele discurso de que se fazia necessária à consternação para os coronéis?

Em episódios anteriores, a recorrência de suas pregações em torno do sofrimento é intensamente ressaltada pelo taumaturgo Salviano. Para Júlio Salgado:

O que o fascinava, o intrigava, o fazia rir e o preocupava de certa forma eram as palavras de Manuel, era sua atitude de fervor, de crença, de absoluta confiança no que dizia quando falava em Deus, céu, inferno, etc. etc. Seria o homem um tão consumado ator? ... Se tinha algum

argumento, a lenga-lenga de Manuel Salviano naquele dia era a velha história da resignação, baseada na ideia-mãe do cristianismo, de que só o sofrimento é nobre, só ele marca os leitos do Senhor. De quando em quando, apenas, é que Júlio ouvia uma ou duas frases sobre terras e grileiros, a lembrarem o Salviano de... de há quinze dias! (p. 128).

A pregação sobre a resignação é absolutamente opositiva ao ideário revolucionário de cunho comunista, arquitetado pelo líder do Partido. Por isso, Salgado não deixa de manifestar preocupação com toda a convicção que Salviano falava sobre tantos assuntos de cunho espiritual. Distintamente do ideário revolucionário, com vistas num Paraíso Terrestre, Salviano discursa agora sobre a ideia do sofrimento como meio de esperar as promessas do Reino Divino, a partir do exemplo cristão. Afinal, para Salgado, a ideia de resignação diante do sofrimento é absolutamente favorável à alienação, tão condenada pelo Partido, o que contraria o princípio materialista do Comunismo.

A propósito do sofrimento, encontra-se o simbolismo do cordeiro imolado na figura histórica do próprio Cristo na tradição cristã. Para Eliade, a historicidade recusa-se a ver na personagem Jesus uma personagem mítica, no sentido fictício do termo. Mas foi a partir do século II que a teologia cristã foi levada a defender, contra os docéticos, gnósticos e pagãos, a historicidade de Jesus, embora muitos autores tentaram laboriosamente reconstituir o mito original que deu origem a figura de Cristo, e, conseqüentemente, ao Cristianismo. O fato de Jesus ter sido crucificado diante de um grande número de pessoas, além do tremor de terra e as trevas terem sido suficientemente testemunhados historicamente – como relatam Phlégon e Thales – contribuiu para acentuar a figura histórica de Jesus (ELIADE, 1963).

Por outro lado, na forma como foi vivido e compreendido durante mais de dois séculos de história, o Cristianismo não pode ser dissociado completamente do pensamento mítico. A presença de elementos como os símbolos, os rituais e as figuras nos Evangelhos, de origem judia, mostra a forma como o Cristianismo primitivo absorveu um duplo processo de judaização e de paganismo (ELIADE, 1963). Isso revela a natureza do mito, apto a sobreviver graças à assimilação e à camuflagem.

O judaico-cristianismo, sob o ponto de vista das religiões, apresenta-nos uma hierofania – predica Eliade – ela é suprema, pois se trata de uma transfiguração do acontecimento histórico. Como afirma esse historiador das religiões:

É o acontecimento histórico em si que revela o máximo de trans-historiedade: Deus não intervém apenas na história, como era o caso do judaísmo; ele encarna num ser histórico para sofrer uma existência

historicamente condicionada; aparentemente Jesus de Nazaré se distingue em nada dos seus contemporâneos da Palestina. Exteriormente o divino saiu. Ocultou-se da história: nada deixa entrever na fisiologia, na psicologia ou na ‘cultura’ de Jesus o próprio Deus Pai; Jesus come, digere, sofre com a sede e o calor como qualquer outro judeu da Palestina. Mas, na realidade, este ‘acontecimento histórico’ que constitui a existência de Jesus é uma teofania total: nela existe como que um esforço *audacioso para salvar um acontecimento histórico* em si próprio, concedendo-lhe o máximo de ser (ELIADE, 1979, p.165, grifo do autor).

Nesse sentido, a ideia de resignação no romance de Callado remete ao evento histórico de Jesus e toda teofania que este acontecimento transfigura. Em Getsêmani, em súplica e lágrimas, implora: “Abba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres” (BÍBLIA DE PROMESSAS, p.83-84; Marcos, 14, 36). Deus não atende suas súplicas e o filho aprende a obediência por meio dos sofrimentos que lhe sucede (Hebreus, 5:8). Para Leonardo Boff, é importante compreender a atividade fundamental de Jesus:

Ser fiel ao Pai-Abba é entender-se a partir dele e não de si mesmo. Ele iria salvá-lo, mas no momento supremo, prestes a morrer, se dá conta de que Deus não vai intervir nem o salvar. Abandona-o e entrega-o simplesmente a morte. Jesus sente o inferno deste abandono de Deus. [...] Jesus sofre tudo com profunda resignação, como uma ovelha que vai ao matadouro. Carrega a cruz, o instrumento de morte, sobre seus próprios ombros (BOFF, 2013, p.136-137).

Eis a sedução avassaladora do sagrado, da força hierofânica presente na ideia arquetípica cristã da resignação, fascinando intensamente os camponeses através das pregações de “São” Salviano. Nesse discurso, a busca pelo Paraíso Terrestre sede lugar a busca pelo Reino do Pai, através dos braços da Mãe: a obediência à vontade Divina; leite materno que é força vital para Redenção Celeste. Em outras palavras, a resignação faz ressonância na força vital da *Anima Mundi*, o lúçifer decaído enredado na matéria (JUNG, 2013a) que quer o mundo em suas mãos. Mas, pela força do Eros Divino, é conduzido ao leite do Pai. Esse processo de redenção não é mais do sujeito, mas de sua alma. Sob a ótica do leitor, a atitude de Salviano demonstra uma suposta manifestação de plena espiritualidade e religiosidade.

Para Jung, o ser religioso, entendendo religião como confissão e não como instituição relacionada ao Estado, fica dependente e submisso aos dados irracionais. As religiões ensinam outra autoridade, a dependência de Deus, exigência tão grande quanto à do mundo. Assim, a religiosidade é um comportamento instintivo característico do homem,

no sentido de considerar certos fatores invisíveis e incontroláveis cuja finalidade explícita é preservar o equilíbrio psíquico do homem (JUNG, 2013b).

Numa leitura atenta, buscando compreender esse intrigante e inusitado fascínio “salviânico”, a narrativa de Callado pode nos apontar alguns indícios. Primeiro, suas intensas leituras das passagens bíblicas, inclusive sobre a vida de Jesus. Segundo, suas próprias peripécias como falso beato, absorvendo e recriando variadas conversões judaico-cristãs em suas pregações. Terceiro, os mais tardios eventos ocorridos em sua trajetória como falso beato: aglomerações de romeiros sedentos de sua palavra, o “milagre” do paralítico, o furor, oração e louvor dos camponeses o envolveram muito profundamente num cenário de mistério. Tudo isso parece conduzir Manuel Salviano ao desejo de conhecer o Outro: Jesus. Seduzido e apaixonado, ele parece buscar se espelhar no exemplo de Cristo. Poderia Deus ter “entrado com alarido pela sua alma”? (p.166). O certo é que Salgado agora ouve poucas vezes suas pregações sobre a terra e os grileiros. Isso pode ocorrer porque o Eros Divino se manifesta sempre mais forte do que a vontade humana. Vence-o, derrotando as resistências e impondo sua glória e majestade. Segundo Bingemer, ele se apresenta sempre mais forte do que o ser humano (BINGEMER, 1998). Com o toque paradoxalmente suave e violento do Eros Divino, o humano se rende. Como proclama o profeta Jeremias: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir. Foste mais forte que eu e me venceste!” (Jeremias, 20:7).

Em virtude dessa suposta Manifestação Erótica Divina, os discursos salviânicos tomam, cada vez mais, novos rumos:

– O que a gente não deve e não pode fazer – prosseguia Salviano, fitando-o – é distribuir a terra por vingança. O que a gente não pode é matar e saquear para tirar a terra dos outros. A gente tem de forçar os donos de terras a dar essas terras pelo amor de Deus, de Deus que está no corpo de todos aqueles que sofrem e que não vivem implorando milagre. Eles estão trabalhando a favor do demônio, não socorrendo os que sofrem, pois a dor é um pedaço da dor de Deus na Cruz. Antes da Cruz ninguém sentia dor no mundo porque não tinha alma onde sentir dor, só tinha corpo. Depois é que veio a verdadeira dor e, quando morreu, Deus deu sua dor aos pobres (p.131).

Contrário às ordens de Júlio Salgado, o marceneiro “milagreiro” busca agora convencer os sertanejos de que, no lugar de luta, é necessário apresentar-lhes o Eros Divino para a redenção universal. Com efeito, o messianismo que se instaura no Judaísmo e Cristianismo, prevendo a vinda de um Salvador a Terra, destruindo os inimigos de Deus e criando uma sociedade perfeita, também foi absorvido pelo Comunismo. No entanto,

como enfatiza Service, diferente dessas grandes religiões, a função soteriológica, nos pensamentos de Marx e Engels, não viria por meio de apenas um indivíduo, mas por intermédio de uma classe inteira (SERVICE, 2015).

No romance de Callado, a mobilização do proletariado pelo líder do Partido não apresenta intenções de construir um novo Sertão de bem-aventuranças; do contrário, o intuito de Júlio Salgado, envolto pelos princípios da Sombra, era concretizar apenas seus desejos pessoais. É nessa perspectiva que o discurso de Salviano se choca com as ideias da “Operação Canudos”. Isso porque a recente e inusitada veneração pelo Eros Divino parecem enfraquecer as chances de promover uma verdadeira chacina, como obstinadamente almeja Salgado – um homem revestido pela densidade das trevas –, dominado pelo Reino Temível cujo centro é a mitologia do complô –, com o avassalador Plano para aguçar um espírito *vendetta* aos camponeses, suficientemente capaz de culminar com a apoteose do Partido a partir da concretização do arquétipo do Caos.

O choque com esse Plano pode ser explicado graças à força do Eros Divino, que se apresenta no discurso do “taumaturgo” através do intenso significado do arquétipo de Cristo, suficientemente poderoso que até parece desviá-lo dos intuitos do ideário comunista seduzi-lo pelo mistério da Paixão pela humanidade. Eis o drama essencial de confissão para todos os cristãos: a Paixão e morte de Cristo. Para Eliade, a fé cristã consiste da manifestação de Deus no Tempo, assegurando, suspensa de uma revelação histórica, a validade de imagens e dos símbolos (ELIADE, 1979).

Em linhas gerais, como acentua esse historiador das religiões, o Cristianismo conservou um comportamento mítico, isto é, a recuperação periódica dos primórdios através do tempo litúrgico. Por essa razão,

Para os cristãos de todas as confissões, o centro da vida religiosa é constituído pelo drama de Jesus Cristo. Embora cumprido na História, esse drama tornou possível à salvação; portanto só existe um único meio e obter a salvação: repetir ritualmente esse drama exemplar e imitar o modelo supremo, revelado pela vida e pelos ensinamentos de Jesus. [...] A experiência religiosa do cristão baseia-se na imitação de Cristo como modelo exemplar, na repetição litúrgica da vida, da morte da ressurreição do Senhor, e na contemporaneidade do cristão com o *illud tempus* que começa com a Natividade em Belém e termina provisoriamente com a Ascensão (ELIADE, 1963, p.142).

Semelhante ao mito ilusório da recuperação do Grande Tempo Paradisiaco, antes intensos anseios de Salviano através da influencia dissimuladora do líder do Partido, o “milagreiro” agora investe numa mesma pedagogia soteriológica: o modelo exemplar de

um Redentor. Contudo, ao invés de fabricar um salvador revolucionário, em prol da luta pela construção de uma Juazeiro com bases comunistas, num modelo de sociedade perfeita, Salviano propõe a imitação de um modelo trans-humano, exemplar, herdeiro do Reino Celeste. Sua pregação aproxima o camponês ainda mais de uma imagística religiosa, acarretando numa fuga do materialismo para o transcendental.

Nesse sentido, Salviano lembra que todo sofrimento do sertanejo desolado e injustiçado é “um pedaço da dor de Deus na Cruz” (p.131), dada aos homens por meio dos dons do Espírito Santo: “Deus que está no corpo de todos aqueles que sofrem” (p.131). Trata-se do Grande Mistério da Doutrina cristã: o “amor de Deus” (p.131) e a fé inefável na Trindade que paira as representações coletivas.

No Cristianismo – predica Frye – “o universal concreto aplica-se ao mundo divino, sob a forma da Trindade. O Cristianismo insiste em que, por mais deslocções dos processos mentais costumeiros que isso envolva, Deus é três pessoas e é, contudo, um só Deus” (FRYE, 1957, p. 143). Para Silvério, o fundamento da vida mística consiste da presença das Três Pessoas divididas na alma (PENIDO, 1949).

Em verdade,

Prometeu o Filho de Deus: se alguém me amar, as Três Pessoas Santíssima Trindade nele virão e aí fixarão morada; o que significa: a inteligência será divinamente iluminada pela sabedoria do Filho, a vontade cumulada de delícias pelo Espírito Santo e o Padre haverá de absorvê-lo potente e fortemente no abismo de sua ternura (SILVÉRIO *apud* PENIDO, 1949, p. 62).

Eis a fundamental Doutrina cristã, com a função pedagógica da resignação.

Convém mencionar que, para Jung, a Trindade deriva do arquétipo trinitário, isto é, um conteúdo arquetípico da alma humana herdada pelo inconsciente coletivo⁷². Entretanto, para a fé cristã, e assim como se apresenta nas pregações de Salviano, a Paixão de Cristo é um acontecimento histórico, originado do que Eliade chama de transfiguração da História em teofania. Assim, a Cruz vem coroar todas as valências e significações da salvação revelada por meio da Paixão (ELIADE, 1979). Nela, Cristo venceu a morte, manifestação suprema do Eros Divino pela Salvação da humanidade.

⁷² Para Jung, o dogma da Trindade cristã foi originário do arquétipo trinitário que surge na história das religiões. Para esse estudioso da psicologia profunda, as tríadas divinas surgiram no estágio primitivo do pensamento humano. Para buscar comprovar isso, ele traz exemplos da tradição babilônica, da Grécia e do Egito (JUNG, 2013a, p.15-33).

É, semelhantemente, o retorno do mito de Prometeu, que derramou até a última gota de sangue em favor dos homens. Graças à piedade de Prometeu, a raça humana pôde sobreviver, livre das forças das pulsões da morte. Ele impediu que Zeus os aniquilasse com sua ira. Como castigo, foi preso a uma rocha e condenado a sofrer um terrível suplício por ordem de Zeus:

Oprimir-te-á o peso de uma dor [...] eis a consequência de tua dedicação pelos humanos, como deus, que tu és, fizeste aos mortais uma dádiva tal, que ultrapassou todas as prerrogativas possíveis. Como castigo por essa temeridade, ficarás sobre esta rocha terrível, em pé, sem sono e sem repouso, de balde farás ouvir suspiros e clamores (ÉSQUILO, 2005, p.6-7).

A partir desses significados prototípicos, interpretando as palavras do “recém-milagreiro” do Sertão do romance calladiano, a maneira de encontrar a Deus é através da dor, oriunda da suprema doação. Para ele, só o modelo arquetípico cristão é capaz de amolecer o coração dos coronéis e grileiros. Dessa forma, similar às próprias parábolas de Jesus, Salviano assume um verdadeiro papel profético, proclamando promessas de redenção e ameaças apocalípticas dos merecedores do Reino das Trevas:

– Ah, desgraçado daqueles que ficam o dia inteiro a pedir milagres a Deus – exclamava Salviano – a pedir luz para olhos que não enxergam, força para ouvidos que não escutam, movimento para pernas aleijadas. A hora do milagre está sempre marcada no relógio do céu mas ela só bate quando bate no coração da gente a hora do arrependimento. Deus dá sofrimento não para castigar, é para melhorar. Como é, então, que a gente vai ficar a vida toda aperreando Ele, rezando o tempo todo nos ouvidos d’Ele, batendo o tempo todo na porta da Mãe d’Ele, da Virgem Nossa Senhora, ou na porta dos santos d’Ele? Então Ele dá à gente a dor, que é a comida da alma, e a gente quer quebrar o prato no chão e pedir a Ele que dê à gente o prazer? Não fiquem o tempo todo a rezar por um milagre, rezem para evitar o pecado. Tudo que vem do céu é bem-vindo e as penas da gente vêm do céu. Vocês, desgraçados de alma negra e coração ruim, que vivem pedindo a Deus que faça milagres, vocês estão abrindo as grelhas do inferno debaixo dos seus pés! Antes de limpar o coração a gente não vai pedir a Deus que entre nele e faça um milagre! Eu vejo muitos aí que não se salvam se não se emendarem já, já. Todos os que não abrem o coração ao fogo enquanto é tempo vão acabar queimando de verdade, da cabeça para os pés, devagarinho, feito uma vela do altar. Soluços entrecortavam como apartes inarticulados a fala de Salviano. As frases finais, sobre inferno e fogo, ditas em tom meio profético e obscuro, foram sinal para uma verdadeira dança de S. Vito⁷³ de onde saíram uivos e gritos lancinantes (p.129-130).

⁷³ A origem do termo popular “dança” (ou doença) de São Guido (ou São Vito) tem origem na idade média. Trata-se da coreia de Sydenham ou coreia reumática – “distúrbio do sistema nervoso central, geralmente de início insidioso e duração limitada, caracterizado por movimentos involuntários, aleatórios, não repetitivos,

Com essa declaração, Salviano assume claramente um papel “Redentorístico”, aproximando os camponeses de uma visão cristã sobre os males, injustiças e sofrimentos que assolam todos os sertanejos. Para o Cristianismo, os acontecimentos são tomados como epifania Divina. Essa concepção teológica foi assimilada e ampliada a partir do próprio Judaísmo.

De acordo com Eliade, os primeiros a descobrir o significado da história como epifania de Deus foram os hebreus. Para eles, toda nova calamidade era atribuída a uma punição de Yahveh. Como o povo escolhido tinha se entregue à orgia e ao pecado, nenhum sofrimento era em vão. Do contrário, eram catástrofes necessárias, sempre previstas por Deus, a fim de que o povo judeu não contrariasse o seu destino verdadeiro. Intervindo diretamente na história, o Deus do povo judeu passava a ser uma personalidade que intervinha incessantemente. As teofanias tidas como negativas – em virtude da ira de Yahveh – eram interpretadas à luz da mais estreita fé pelos profetas, “como expressão concreta de uma mesma e única vontade divina” (ELIADE, 1992).

Neste sentido, Manuel Salviano assume o papel de prever escatologias para o povo sertanejo, a partir teofanias negativas de destinos terríveis do Reino das Trevas para todos aqueles de “alma negra” e coração impuro e cruel. A esses, restará o triste fim metaforizado pela imagem da vela a queimar no altar. Bachelard, em seu livro de pura fantasia, explica que a chama é um dos maiores operadores de imagens (BACHELARD, 1989): “o que se chama Vida na criação é, em todas as formas e em todos os seres, um mesmo e único espírito, uma chama única” (HERDER *apud* BACHELARD, 1989, p.10). Assim, nas “profecias” desse “taumaturgo”, alcançar a Dimensão Redentora do Eros Divino exige a pureza do fogo; e aos ímpios, restará o fogo eterno das Trevas.

Como acentua Bachelard a respeito do problema psicológico do fogo, por meio de uma interpretação da sublimação dialética, esse elemento apresenta contradições: a dialética da pureza e da impureza. Enquanto o fogo purificador é uma forma de espiritualização, “uma estranha doçura e a consciência da pureza prodigaliza uma estranha luz”, capaz de gerar “a fidelidade de um amor profundo” (BACHELARD, 2008, p.148); também pode ser o signo do mal e do pecado, do caráter demoníaco e do pecado, “o fogo que abrasará o mundo no Juízo final, o fogo do inferno” (BACHELARD, 2008, p.150).

que surge em decorrência de uma reação inflamatória às infecções por estreptococos betahemolíticos do grupo A. Embora de aparecimento raro na atualidade, ocorre em portadores de febre reumática [...] desaparecendo sem deixar sequelas neurológicas após três a oito semanas de curso (MALACHIAS, 2000, p. 20).

Dessa forma, simbolicamente, o discurso salviânico fascina o povo, deixando-o num estado de êxtase diante de tantos anúncios apocalípticos. Pela pedagogia simbólica do fogo, resta ao sertanejo o caminho de valor luminoso ou das “grelhas do inferno”. A contrição se torna o caminho de abertura ao fogo da pureza e ao encontro fundamental para alcançar a resignação – a Anima Cristã – alimento essencial para alma. Nesse sentido, os indignos são todos aqueles que imploram por um milagre, mesmo cheios de ódio e pecado no coração. Não cabe ao povo apenas orar pelo milagre, pois ele se manifesta sempre através da epifania Divina e não pela vontade humana. Cabe então ao homem se resignar na esperança Redentora.

Quarta Travessia

⊗ Mimetismo Arquetípico -mitológico e o Conflito Apocalíptico



4.1 A Conversão Cristã na Ascensão Noturna: O Mimetismo do Redentor

Provaste o meu coração, visitaste-me de noite. [...] Decidi que minha boca não pecará.

(Salmo, 17: 3)

Eis que eu envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu tempo o Senhor, a quem vós buscais [...] a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos Exércitos.

Quem suportará o dia da sua vinda? Quem permanecerá de pé quando ele surgir? Pois ele será como o fogo do ourives e como o sabão do lavandeiro.

(Malaquias, 3: 1-2)

O episódio de maior revelação na trama de Callado sucede quando Salviano expressa, com bastante intensidade emocional, o que lhe sucedera durante sua travessia na execução do plano “Operação Canudos”, resultante da influenciadora ação arquetípica:

- Salviano – disse o outro – acho que você me deve uma explicação.
- Isto devo, sim senhor.
- Eu expliquei a você o que chamei de Operação Canudos. Você se dispôs a ser seu principal executor. Ainda continua disposto a isto?
- Não.
- E por que não me havia dito ainda?
- Porque tudo correu tão depressa!... Eu mesmo perguntava de noite o que é que tinha acontecido em mim durante o dia, seu Júlio. As coisas que eu dizia pensando que dizia mentira viraram verdade depois na minha cabeça (p. 137).

Essa declaração reúne uma imagística que, simbolicamente, representa uma suposta união harmônica das tensões conflitantes que passara essa personagem. Em sua primeira travessia, o primeiro conflito sucede quando ele se apresenta como um obstinado revolucionário, na incansável busca por uma felicidade paradisíaca agrária, vivida pela esperança utópica *Magna Mater*. A Grande Mãe Terra Paradisíaca seria concretizada pela harmonia de um mundo comunista, justo e fraterno. Para alcançar essa bem-aventurança material, na visão da personagem Salgado, era preciso por fim a devoção religiosa, desmoralizando a Igreja e os padres: eis a finalidade de toda a Operação. Além disso, esse plano também se funda sobre os alicerces dos grandes mitos escatológicos do mundo asiático e mediterrâneo – a saber, o papel redentorístico do “escolhido”, o mensageiro e seu papel profético e soteriológico tão prolongado por Marx e Engels – que desencadearia

numa luta final, entre o Bem e o Mal, isto é, os camponeses lutando contra os coronéis, com a vitória dos primeiros.

Cumprir a farsa de um “messias” redentorístico a incitar esse processo revolucionário foi à incumbência dada pelo Partido a Salviano – o “eleito” – numa batalha contra seus próprios preceitos e convicções. Nessa trajetória, essa personagem fora obrigado a se disfarçar daquilo que mais odiara: o misticismo religioso, a fé na Igreja e a valorização da *Anima* do Cristianismo – a resignação. Nesse percurso ocorrem variados fatores que o afetam relevantemente: as leituras bíblicas e as pregações, sendo que as Escrituras, como pontua Frye, fornece-nos uma visão de uma “metamorfose ascendente: da alienação com a natureza para uma vida espontânea e livre” (FRYE, 2004, p.105). Além disso, em seus profetismos ocorreram súbitos milagres – em face de sua vivência messiânica e de seu contato com os mistérios do numinoso –, fatos que lhes eram pouco compreensíveis ao observar a tamanha fé obstinada dos camponeses. Enfim, toda essa sucessão de fatos, que outrora lhe causara estranheza, parece agora ser integrada na construção de uma harmonia perfeita.

Na passagem acima, a harmonização sucede à noite. Se compreendermos a experiência da personagem como uma conversão religiosa, podemos associá-la a *O itinerário místico de São João da Cruz*, que descreve quanto é maravilhoso a ascensão de nossa alma até Deus no momento de voluntária cegueira – na plenitude invisível – onde crescem encobertas todas as atividades naturais: as memórias, as imagens, sensações e reflexões; assim como todas as atividades religiosas: fenômenos extraordinários, vida de pureza, devoção sensível, oração discursiva – na profunda fé (PENIDO, 1949). Como é para esse doutor místico, a conversão da personagem calladiano é descrita por meio do simbolismo noturno cristão, esclarecido pela luz dos sentidos da fé. Todo conflito que o sondava parece cessar para abrir espaço para uma paz plena de perfeita harmonização.

Por meio do trajeto antropológico do imaginário, Gilbert Durand classifica esse tipo de processo como uma “verdadeira prática da antífrase”, isto é, “uma inversão radical do sentido afetivo das imagens” (DURAND, 2002, p.198). Segundo ele, no Regime Noturno das Imagens, predominam o eufemismo, o místico, a inversão antifrásica e a valorização da descida no arquétipo da taça. Todas as fronteiras de oposição se diluem pela antífrase, pela penetração, acolhimento, repouso e intimidade que se instaura pela dominação do tempo (DURAND, 2002).

Salviano, de obstinado ateísmo, dotado de indignação com a Igreja e os padres – um típico revolucionário materialista comunista – parece agora dotado de uma profunda devoção, resignado aos valores do que se revela espiritual, como uma espécie de taumaturgo. A travessia dessa personagem é afetada por um efeito tipicamente evolutivo, através de uma nítida inversão valorativa dos opostos.

No imaginário simbólico nictomórfico da inversão, a própria construção da harmonia noturna – conjugada pela vontade da união e da secreta intimidade – faz parte do Regime Noturno das imagens. Para Durand, é o abismo em taça da descida mística em busca do conhecimento. Na noite reina a paz e o grande repouso pelo simbolismo da inversão, que é o encaixamento e o redobramento, na apropriação da essência (PITTA, 2005). Nessa associação, pode-se compreender a convergência da farsa de Salviano em verdade, um processo que ocorre por meio de uma espécie de assimilação.

Parece mesmo que as leituras bíblicas realizadas por Salviano, ao servirem como base de suas homilias e discursos em prol do plano revolucionário materialista – mas disfarçado da espiritualidade cristã – parecem se enraizar intimamente em sua alma. Uma intimidade digestiva que pode ser compreendida pela deglutição de todas as “verdades” por ele proferidas. Tudo que ele exteriorizava, nele se integrava; tudo que ele elevava ao alto, a vista e aos ouvidos de todos, descia profundamente em sua alma durante a noite.

Entretanto, não se trata de analisar um processo imaginário provindo da violência catamórfica do regime das antíteses. Do contrário, Durand esclarece que a lentidão é o principal fator distintivo da fulgurância da queda: “a duração é reintegrada, domesticada pelo simbolismo da descida graças a uma espécie de assimilação, por dentro do devir” (DURAND, 2002, p.201), provindo do arquétipo da taça.

Trata-se de uma experiência com o que Rudolfo Otto chamou de “numinoso”. Por meio de sua farsa, de seu contato com o a imagística bíblica e com o papel messiânico e redentorístico, um efeito dinâmico sucede em Salviano. A esse respeito, Jung explica que os conteúdos da experiência podem ser enrijecidos dentro de uma construção mental inflexível e até mesmo complexa por meio da sacralização (JUNG, 2015b, p.78). Isso pode ser explicado pelos conteúdos arquetípicos que nele predominaram, aparentemente de caráter fantasioso para o ex-farsante; mas na verdade, são dotados de numinosidades, isto é, de forças potencialmente emocionais.

Para afirmar que essa experiência é de fato uma conversão religiosa, deve-se atentar para a natureza confessional de Manuel Salviano. Consoante Jung, toda confissão religiosa,

originalmente, funda-se a partir do numinoso, isto é, na fé, na fidelidade, na lealdade: “na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta” (JUNG, 2015b, p. 78). Por isto, retomando a trajetória da personagem, de perseguidor dos padres e da Igreja; semelhante a Saulo de Tarso, que era perseguidor dos cristãos e se converteu; afirmamos no capítulo anterior que essa conversão pode ser de natureza sauloânica. Mas não apenas por essa razão. A experiência de Saulo, o transformado em Paulo (Atos, 9: 3-8), ocorre por meio do contato com o numinoso. Semelhantemente, o mesmo ocorre com Salviano, assim como ele descreve o episódio da aparição da “nuvem de ouro” (p.65-66). A conversão de Paulo se torna o *mitologema* que orienta a compressão da experiência de Manuel Salviano.

Para o fundador da psicologia analítica,

O *mitologema* é a linguagem verdadeiramente originária de tais processos psíquicos e nenhuma formulação intelectual pode alcançar nem mesmo aproximadamente a plenitude e a força de expressão da imagem mítica. Trata-se de imagens originárias cuja melhor expressão é a imagística (JUNG, 2015, p.140).

Como mostra a narrativa do romance inaugural de Callado, como conhecedor da imagística do caminho de Damasco, Salviano, ao buscar formular uma falsa versão de conversão religiosa, realiza-a fidedignamente. De perseguidor, agora se torna ameaçado pelo inescrupuloso Júlio Salgado. Para Durand, toda conversão é uma forma de transfiguração, uma dupla negação cujo isomorfismo se centra no redobramento eufêmico proveniente da deglutição e da descida em taça (DURAND, 2002).

Nesse sentido, Salviano absorve o papel que reside na busca do Redentor, presente na tradição judaico-cristã e protagonizada numa verdadeira operação messiânica no Sertão Nordeste. Isso porque o líder do Partido traz um Plano que faz parte da própria utopia marxista: o papel do Redentor dos nossos dias (o proletariado), cujos sofrimentos clamam por mudanças no próprio estatuto ontológico do mundo, a partir do sentido escatológico judaico-cristão para por fim absoluto à História (ELIADE, 1992). No contexto de *Assunção de Salviano*, os camponeses alcançariam a liberdade paradisíaca pelo papel do marceneiro justo Manuel Salviano.

Todavia, os ideais maléficos de Salgado visaram apenas o seu bem próprio e do Partido, numa conspiração que geraria uma carnificina juazeirense. Por isso, na “Operação Canudos”, os ideais diferem do que se idealiza no Movimento de bases materialistas. Do contrário, visava tão somente à destruição da fé no Transcendental, a partir da

desmoralização da Igreja e dos seus clérigos. Nisso consistia toda a “camuflagem” do “salvador” dos sertanejos: Manuel Salviano.

Contudo, como mostra a passagem acima, o processo revolucionário político também provocou uma revolução no nível do consciente pessoal. A partir do momento que o imaginário político ideológico começou a influenciar no projeto de sociedade juazeirense, esse intento também repercutiu nas mais íntimas crises pessoais de Salviano. Como esclarece Jung (2015b), o arquétipo é imagem ao mesmo tempo em que também é emoção. O papel redentorístico tomado da imagística bíblica por Manuel Salviano não poderia se manter imune às pontes de sentimentos que está ligada ao indivíduo, como parte constituinte de sua própria vida.

Como relata a trama, envolvido no mistério que circunda a imagística cristã, esse marceneiro se “nutre” de toda manifestação do arquétipo do Redentor durante o grande repouso noturno. Esse intrigante e surpreendente processo, durante sua impostura profética, pode ser descrito como uma conversão religiosa cristã. Entretanto, diante de sua natureza de transformação: a partir de uma “camuflagem” de uma espécie de “Redentor” dos camponeses, denominamos de *mimetismo arquetípico-mitológico*.

O mimetismo⁷⁴ é uma relação ecológica que foi descrita pela primeira vez por Henry Walter Bates, em 1862, para nomear indivíduos de uma determinada espécie que, por seleção natural, imitam outros organismos, como forma de obter alimento ou de proteção (MARTINS *et al*, 2004). A espécie que lhe atribui vantagens se chama modelo; a que obtém vantagem é chamada de *mimética* (BUFFALOE *apud* MARTINS *et al*, 2004). Segundo Ridley (2006) o mimetismo é um tipo de evolução convergente quando determinadas espécies, por uma seleção natural, desenvolvem características de outros organismos de origens distintas. Essas mutações ocorrem por meio de adaptações, tanto fisiológicas e morfológicas quanto comportamentais.

Tomado de empréstimo das ciências da natureza, esse fenômeno descreve com maior amplitude o efeito dos mitos e arquétipos do imaginário comunista e do imaginário da Doutrina cristã na travessia de Manuel Salviano. Remontando sucintamente esse percurso, a trama mostra que, visando obter sucesso para o Partido Comunista, Salgado propõe que Salviano se “camufle” com a mística cristã. Desse processo, em contato com os

⁷⁴ Convém esclarecer ao leitor que esse termo não deriva de *mimesis* no sentido filosófico platônico e aristotélico: a imitação, representação do universo através da percepção, do mundo das ideias. Nem mesmo se refere às releituras desse termo por Erich Auerbach, René Girard e Merlin Donald. Toma-se aqui esse termo das ciências biológicas como forma de compreender os efeitos do imaginário mítico-arquetípico sobre a personagem.

poderosos arquétipos cristãos, sucede uma predominância destes em relação aos modelos sugeridos pelo Partido: o cangaço lampiônico, o profetismo de Antônio Conselheiro em Canudos e a figura taumaturga de Pe. Cícero do Juazeiro do Ceará. Embora ambos predominem no inconsciente coletivo, a força dos milenares arquétipos cristãos passa a se sobrepor, preenchendo todos os sonhos e inquietações, fazendo de Salviano uma figura Redentorística aos olhos dos camponeses e de si mesmo. Esse processo é simbolizado por meio do Regime da conversão e do eufemismo.

O diálogo a seguir entre Salviano e Salgado mostra que o primeiro está convicto que é um tipo de “Redentor”, ou seja, uma espécie mimética do modelo arquetípico que buscou se “camuflar”. Essa transformação pode ser observada no modo como ele enxerga sua travessia messiânica junto aos lavradores:

– Aliás, eu sabia que podia confiar no seu trabalho. O que eu não podia imaginar é que em menos de um mês você estivesse fazendo até milagres, puxa!...

– Eu não faço milagres – respondeu, seco, Salviano.

– Bem, nem eu estou querendo fazer você crer que creio nos seu milagres, que diabo... Mas a verdade é que hoje estive no seu... comício, e levei uma verdadeira paulada na cabeça. Era a muleta jogada fora por um paralítico que estava acabando de se curar.

Salviano voltou para Júlio Salgado seus profundos olhos negros, límpidos, sem uma nuvem de perturbação.

– Curou-se mesmo. Esteve aqui esta noite depois de andar o tempo todo sem as muletas. Veio me visitar sem as muletas e sem o apoio do braço de ninguém. E nem é o primeiro que se cura (p.135).

O fenômeno da cura, aos olhos do “taumaturgo” como milagre; do latim, *miraculum* “maravilhar-se”, causa-lhe estupefação assim como em todos os camponeses. Do modelo a inspirar o Movimento Comunista do Partido, com os discursos e vivências do falso Redentor, e a ressonância do universo mitológico inconsciente, através da imagística bíblica e da mística cristã, afetam drasticamente o seu posicionamento. Essa reverberação é uma queda no inconsciente capaz de durar um tempo suficientemente capaz de incidir num processo de mutação na postura política e religiosa da personagem. Uma transformação que lhe faz migrar de uma perspectiva materialista para espiritual, de revolucionário se torna um taumaturgo, antes ateísta, agora devoto; enfim, um processo de inversão valorativa de opostos que ocorre num plano político-religioso que, neste trabalho de tese, denomina-se de *mimetismo arquetípico-mitológico*.

Arquetípico porque essa transformação tem interferência direta do inconsciente coletivo dos mais longínquos tempos, cuja influência mais latente é o arquétipo cristão.

Seguindo o trajeto antropológico do Regime Noturno das imagens, percebe-se que o mimetismo da personagem sucede por meio da projeção arquetípica da Imagem-Deus, preenchendo toda sua Anima:

O senhor se lembra como eu nem queria entrar nessa história de Operação Canudos. O senhor sabe que só de me dizer que eu ia falar em Deus, em igreja e nessas coisas, me deixou arrepiado. Pois comecei a falar e tudo me entrou pela alma. Foi como se eu ascendesse uma luz dentro de mim e aparecesse Deus onde eu tinha certeza de não ter nada, nada (p. 138).

A incitação para revolução comunista resulta numa profunda revolução interior. Quanto mais Salviano buscava lutar por propósitos materialistas, mais crescia em si mesmo uma luta espiritual. Por meio do papel de representar tudo que mais detestava, o ego entra em crise, desestabilizando-se. É assim que a representação arquetípica do Redentor se funda em seu consciente, promovendo um fenômeno libertador. Para Jung, é a presença luminosa de Deus pelo homem.

Ainda na seleção de textos de Jung, denominados *Espiritualidade e Transcendência*, a *Imago Dei*⁷⁵ é compreendida como arquétipo – formulado psicologicamente na alma humana como relação de parentesco com Deus, com Quem estabelece conexão. Isso porque a alma transpõe esse arquétipo para a consciência, pois possui uma função religiosa natural: a *naturaliter* religiosa (JUNG, 2015b).

Por outro lado, em *Resposta a Jó*, Jung esclarece que o papel da *Imago Dei* presente nos eleitos é a ação do Espírito Santo:

E Deus, sob a forma do Espírito Santo, arma a tenda no meio dos homens e dentro deles, pois é evidente que Ele tem a intenção de realizar-se progressivamente não só nos descendentes de Adão, como também num número infinitamente grande de crentes, ou talvez a humanidade inteira (JUNG, 2012b, p.69).

Para Salviano, essa experiência se torna restauradora e numinosa, orientando o ego. Sua atração pelo arquétipo é tão fascinante que ele se converte, reordenando e revalorizando suas convicções, desejos e aspirações.

Por essa razão, compreendemos essa experiência da personagem Salviano em analogia ao conhecimento místico de São João da Cruz. Escrevendo sobre os “efeitos

⁷⁵ Para Jung, a experiência com esse arquétipo não afirma positivamente ou negativamente a existência de Deus. Apenas ele trata da impressão desse tipo na alma humana, ignorando de onde se origina. Apenas o constata a partir da tarefa da própria psicologia profunda (JUNG, 2015b).

produzidos na alma por meio da noite escura da contemplação”, o doutor místico compreende que a alma é ilustrada em meio à obscuridade, irradiando luz nas trevas:

Deriva-se esta inteligência mística ao entendimento, enquanto a vontade permanece secura, a saber, sem união atual de amor; e causa uma paz e simplicidade tão fina e deleitosa à mesma alma que não é possível expressar, ora em uma, ora em outra experiência de Deus (SÃO JOÃO DA CRUZ, 2014, p.62).

Quando associamos essa experiência salviânica ao trajeto antropológico de Gilbert Durand – como inversão radical dos sentidos e conteúdos afetivos das imagens, no eufemismo da descida ao abismo minimizado em taça (DURAND, 2002) –; compreende-se a “noite escura da alma” como uma fonte de conhecimentos de tudo o que ele dissera em matéria de “lutar pelo Reino de Deus” e “o dia do fogo” (p.82-83). Desse simbolismo nictomórfico surge a aurora da Divina Luz como incontestável promessa do devir.

Sobre esse valor místico, presente na Doutrina da redenção, o Divino inconsciente projeta uma luz singular – predica Jung. Por meio dela, os homens são libertados de seus pecados e “o que a obra da redenção pretende, portanto, é libertar o homem do temor de Deus” (JUNG, 2012b, p.71). Dessa forma, no Cristianismo, o conhecimento da figura do Redentor como Filho Unigênito para salvar a humanidade, é o exemplo primordial do Amor infinito do Pai. Para a personagem Salviano, experimentar, mesmo que em meio a uma farsa, o exemplo primordial de seguidor de Cristo, o envolve num amor inolvidável. Como descreve o *Itinerário de São João da Cruz*, “Deus deseja unir-se intimamente à alma” (PENIDO, 1949, p.83). Quando há receptividade, esse amor é correspondido e a alma fica perfeitamente sobre a posse de Deus.

No decurso da noite, paira a ambiguidade dos sentidos. Mas foi S. João da Cruz que transformou o impressionante símbolo pobre e estático da treva no rico e dinâmico imaginário simbólico da Noite:

Dinâmico, porque a noite caminha sem cessar desde o crepúsculo até a alvorada, através de fases mui variadas, com intensidades diversas de escuridão e luz. Rico, porque anoite não evoca apenas ausência, tristeza, morte; mas ainda presença, gáudio, amor. A noite é paz, quietação, silêncio; serenidade (PENIDO, 1949, p. 108).

A noite da passagem da alma à união com Deus, que na obra de Callado se manifesta não só com a conversão da personagem Salviano, mas sua transformação em redentor dos camponeses.

Em decorrência da “energia” luminosa dos arquétipos da mística cristã, esse mimetismo se revela também mitológico, isto é, uma verdade apodítica e inquestionável: “Nem mesmo eu sei direito o que me aconteceu. Só sei – acrescentou – que agora acredito em Deus tanto, tanto, que se alguém me pedir para dizer que não acredito eu prefiro deixar que quebrem minha cabeça com uma pedra aos pouquinhos” (p.138). Uma ampla forma de crescimento individual – de adaptação e acomodação dos arquétipos cristãos – que resulta num processo de “vivacidade” desse arquétipo na personagem.

Para Eliade, o homem é paradigmático por natureza, e essa condição proporciona que ele se transporte para épocas de revelações de um tempo imemorial, sagrado. Nesse sentido, Salviano imita o modelo essencial do Redentor presente na Doutrina cristã e dele se “nutre” tão profundamente ao ponto de assumir essa condição arquetípica. A menor tentativa de explicitar esse processo não foge à narração de uma verdade incontestável: quando surgiu uma revelação profunda da herança sagrada que é o mito.

É em conversa com o sarcástico Salgado que Salviano testemunha sua experiência taumaturga:

- Mas... Não estou entendendo bem, Salviano. Você não acabou de dizer que não fazia milagres?
 - E não faço, mas tenho restituído a algumas pessoas a fé, que faz milagres. Ela é que move montanhas, não os santos.
 - E você ficou santo, Salviano?...
- A ironia de Júlio Salgado chegou ao alvo. Aqui os olhos de Salviano se turvaram, de raiva ou de embaraço, e seu rosto escuro corou.
- Não, não fiquei não. Mas mesmo os santos só podem fazer o que eu disse.
 - O que você disse, e fez. Logo, você ficou santo.
 - O Senhor sempre responde bem (p.136).

Esse episódio, em particular, é similar às pregações de Jesus em um alto monte (Mateus 17: 20). Fazendo associação com o *schème* salvar, o arquétipo do Redentor manifestado em Manuel Salviano corresponde à tradução simbólica da vigorosa imagem do próprio Jesus Cristo para a cultura cristã. Essa emblemática metáfora bíblica é utilizada por Salviano para dar sentido ao seu papel enquanto taumaturgo do Sertão do São Francisco. Para ele, a sua função não consiste em realizar milagres, mas ascender a potencial fé capaz de realizar o impossível. Dessa revelação, resulta uma inevitável oposição oriunda de três principais motivos. Primeiro, o ódio de Salgado por Salviano ter desistido da “Operação Canudos”; segundo, a evidente distinção de temperamentos presentes nas atitudes dessas duas personagens, manifestadas pela ironia e ódio de Salgado

e a atual tranquilidade e temperança de Salviano; e, por último, como motivo originário dos anteriores: a antinomia que vigora entre a lógica materialista marxista e o misticismo cristão. O primeiro sempre presente nos intuitos comunistas de Salgado; enquanto o segundo se apresenta como um recém-processo-mimético nada compreensivo para esse líder do Partido.

Por meio da inversão valorativa dos opostos, em virtude do *mimetismo arquetípico-mitológico* de Manuel Salviano, ocorre uma inversão da busca arquetípica paradisíaca; antes Terrestre, e agora, transforma-se numa intensa espera pela Jerusalém Celeste, repleta de soteriologias e apocalipses cristãos:

– É preciso [...] encher esses sertões de Beatos e de penitentes, mas não gente que apenas bata no peito, e mexa com os beijos esfregando o terço. Gente que faça o que Deus quer e que saiba que a terra só pertence a Deus e a quem trabalha nela. Beatos e penitentes cuidem de fazer o Reino de Deus em Juazeiro e nesses matos daqui mesmo. Eu não pude encarar com Deus quando Ele desceu alumiando de sóis na sua nuvem de ouro mas o que Ele me disse sem falar foi que o Reino estava aí mesmo, nas barrancas do S. Francisco – só era preciso a gente querer, querer, querer, rezar, rezar, rezar! (p. 82).

O profeta redentorístico do Sertão braveja vozes apocalípticas de um isomorfismo de movimento do regime diurno durandiano, da ação em prol do respeito aos preceitos Divinos. Mas é vagando na certeza da intimidade e do repouso desejado do regime noturno que ele alimenta as esperanças do sertanejo na recompensa da felicidade plena: o conhecimento do pertencimento Pater Divino e de quem na terra trabalha. Um justo galardão para o camponês sofrido e injustiçado; mas uma recompensa celestial que implica iniciar uma obra de construção ainda no plano terrestre.

Ainda nessa pregação, Salviano retoma a imagística da “nuvem de ouro” que ilustrou sua “conversão” para alimentar ainda mais o otimismo dos lavradores. Segundo Pitta, Durand viu nos símbolos espetaculares relativos à visão, presentes no dourado, no céu luminoso e no sol nascente, um isomorfismo entre o céu o luminoso. O que vivifica o discurso do milagreiro em acentuar a pureza e brancura celeste que é o próprio Cristo, como era na Idade Medieval, o Sol chamado de “*sol salutis, sol invictus*, ou ainda, em nítida alusão à Josué, *o sol occassum nesciens*” (PITTA, 2005, p.28).

Mesmo não podendo encarar tão espetaculosa visão, essa personagem, por meio de sua declaração de uma isomórfica manifestação luz-verbo, apresenta os propósitos Divinos: a vontade e a oração. No trajeto antropológico de Gilbert Durand – predica Pitta –

o isomorfismo da luz e da palavra detém um “valor simbólico intelectual e moral do olho”. A Luz e o Verbo significando que “ver é saber” (PITTA, 2005, p.28). Tal simbólica, manifesta na declaração do novo taumaturgo, apresenta uma verdade mística incontestável. É preciso “rezar” para alcançar a salvação celeste, mas antes, faz-se necessário um “querer” com toda força, a ser ilustrado pelo devaneio da beleza paradisíaca do São Francisco, destacada pelas margens do curso da água: as “barrancas”. É quando essa imagem material do solo revigora o desejo arquetípico pela Jerusalém Celeste.

Bachelard já acentuara que as imagens da matéria terrestre tendem a nos causar uma profusão capaz de nos despertar alegrias musculares. Tudo o que imaginamos é sublimações dos arquétipos, um dinamismo psíquico mais normal que sai do fundo humano (BACHELARD, 2013b). Ora, as imagens da Terra como imaginação das forças são de notável agradabilidade, perfeitamente capazes de renovar os arquétipos. Embora seja necessário enfatizar que essa renovação não abandona a essência original a qual manifesta um arquétipo. Do contrário, enriquece-a e a fortifica. De comum conhecimento aos camponeses, a imagem do São Francisco, de onde provém a água para regar as plantações, para os animais e para o próprio consumo se torna um signo de renovação da potência criadora imaginária do inconsciente coletivo. O sonho revigorador de um Paraíso Celeste.

Associando ainda mais esse sentimento da personagem Salviano aos estudos do imaginário poético de Gaston Bachelard, tomamos o estudo psicanalítico de Marie Bonaparte, intitulado “O ciclo da mãe-paisagem”, da imagem da água como amada e imensamente ampliada, projetada no infinito. Bachelard se utiliza desse estudo para explicar o sentido do amor pela paisagem:

A descrição entusiasta que dela fazemos é uma prova de que a olhamos com paixão, com constante curiosidade do amor. E se o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial. Todas as formas de amor recebem um componente do amor por uma mãe (BACHELARD, 2013a, p.119).

Alhures, logo após a demonstração do sentimento amoroso pelas águas do São Francisco – a despertar uma filiação inolvidável pela divina criação –, Salviano faz alusão aos sermões de Jesus sobre a Vida Eterna (Lucas 18: 18-25):

É preciso a gente só querer o que precisa porque Deus disse que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar

no céu e é preciso rezar o tempo todo porque, quando a gente mesmo não precisa de mais nada, aquilo que a gente reza vai salvar as almas penadas da gente que não rezou! (p.82).

Nessa analogia, as palavras de Salviano asseguram que a imagística do arquétipo materno, irradiado pelo São Francisco, deve servir apenas de fonte enriquecedora para a busca da salvação celestial. Isso porque o seu convite implica renunciar o materialismo e mergulhar no plano espiritual da oração. Para o recém-taumaturgo, ela pode ser útil para aqueles que sentem mais dificuldades de abdicar da matéria, em razão da ambição, do egoísmo e da avareza. É o caso dos coronéis, no romance de Callado; a exemplo do que Jesus Cristo anunciava a respeito dos ricos.

Emblematicamente, anunciando o advento de Cristo numa “nuvem de ouro”, o recém-redentor sertanejo proclama também o mistério messiânico do Juízo Final:

Ah, companheiros, Deus está ficando cheio de ira com o povo do S. Francisco porque o povo não começa a pregar as tábuas da Sua casa aqui neste pedaço do Seu Reino. Um dia desses o céu vai chover uma chuva de pingos de fogo de secar até o xique-xique e o umbuzeiro e de furar a água do rio até o fundo...

[...]

– Ai daquele que não lutar pelo Reino de Deus! Quando as nuvens de fogo tocarem fogo no sapê de tudo quanto é choça de gente que não reza, nesse dia de cizânia mesmo o cordão do umbigo de menino descansado faz poucos dias vai pegar fogo entre o menino e a mãe! Bate nos peitos, gente, que o dia do fogo vem aí!
(p. 82-83).

A imaginação proveniente do discurso de Salviano parece compor um simbólico apocalipse metafísico do Sertão Nordeste. Trata-se de uma predestinação de uma chuva de fogo. Os alquimistas já viam no Sol a fonte do fogo. Sobre essa natureza, Etham Cavelli explica:

O fogo celestial é energia solar, arquetípica, composta de uma substância sulfúrica que acende tanto a consciência quanto o fogo de nosso fogão. É uma força masculina, criativa, que faz com que tudo se mova e se transforme (CAVALLI, 2005, p.165).

Na obra de Callado, as consequências dessa imagem apocalíptica não esconde a ambiguidade presente nesse simbolismo: um fogo “infernado” a destruir toda vegetação da caatinga; até mesmo as mais resistentes. Uma energia tão intensa que é capaz de penetrar o seu oposto: a água. O fogo de origem celestial faz parte do regime diurno da imagem, capaz de promover a separação. Por meio desse simbolismo de caráter diáritico, Salviano

anuncia a vinda do Messias, que através do fogo, vem provocar a pureza e separar “o joio do trigo”, isto é, promover a purificação. Um arsenal simbólico capaz de transformar a matéria em espírito. De igual ressonância, uma imagem vigorosa de promessa de redenção aos camponeses de luminoso valor; ao mesmo tempo em que embala o destino cruel aos ímpios. Como acentua Bachelard (2008), a imagem do fogo traz sempre o complexo de Prometeu: a doçura e a tortura, as duas valorizações radicalmente opostas – o bem e o mal.

Embora o fogo brilhe no Paraíso, também apresenta metáfora mista do Inferno para o Cristianismo: “a) a vida humana criada pelo mal humano; b) o mundo da morte eterna que é o abismo ou profundidade do nada; c) um mundo de tortura aplicada exteriormente que não tem fim no tempo” (FRYE, 2004, p.102). A partir dessa bacia semântica de opostos, resta aos camponeses da ficção de Callado se converter – a exemplo do beato Salviano – na esperança da glória paradisíaca.

Analisando a cólera de Deus no Apocalipse bíblico, Jung comenta que satanás será vencido pelo fogo, embora seja encarcerado temporariamente; e assim, a destruição do Mundo não será responsabilidade do diabo, porém, um “act of God” sem a influência de satanás (JUNG, 2015b, p.67).

A psicologia do devaneio também nos aponta o complexo de Empédocles⁷⁶ – explica Bachelard – o instinto de viver e de morrer pelo respeito e o amor ao fogo:

O fogo, para o homem que o contempla, é um exemplo de pronto devir e um exemplo de devir circunstanciado [...] o fogo sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, a seu além. Então, o devaneio é realmente arrebatador e dramático; amplifica o destino humano; une o pequeno e o grande, a lareira e o vulcão, a vida de uma lenha à vida de um mundo. [...] A destruição é mais do que uma mudança, é uma renovação (BACHELARD, 2008, p. 25).

É relevante perceber que essa imagística do fogo, manifesta no inconsciente coletivo, é uma sublimação dos intentos do pregador messiânico para anunciar a redenção dos que creem, rezam e seguem os mandamentos de Deus. De igual modo, é o simbólico modo de apresentar a nova personagem Salviano – mimeticamente transformado. Agora, como detentor de todo um valor místico, acredita que não há lugar para qualquer perspectiva materialista. E assim, detém a indubitável certeza de que na Jerusalém Celeste não há lugar para criação material e para a geração de vidas no plano carnal. No dia do

⁷⁶ Bachelard esclarece que há uma raiz nesse complexo, a saber, a unidade na obra Empedokles, de Hölderlin: enquanto Hiperión “escolhe uma vida que se mistura mais intimamente com a vida da Natureza, Empédocles escolhe uma morte que o funde no puro elemento do Vulcão (BACHELARD, 2008, p.29).

Juízo, “mesmo o cordão do umbigo de menino [...] vai pegar fogo entre o menino e a mãe!” (p.83). Um devaneio do fogo que põe em chamas a matéria corporal para dar lugar a dimensão espiritual.

Os resultados dessas pregações foram surpreendentes. A voz do milagreiro parecia dotado de total magia. Essa força mística é descrita com pormenores pelo narrador atento:

A multidão começou a tremer agora quase em conjunto, como se fosse de bambu e o vento soprasse. Quase se ouviu a voz de Salviano assobiando entre aqueles caniços. Dentro de pouco tempo caiu no chão uma mulher, em convulsões. Depois um penitente andrajoso e de pescoço todo enrolado em breves escapulários espetou seu bordão nos ares, exclamando:

– Eu sou João Batista. Encontrei o maió que eu. (p.82-83).

A vivência messiânica de Salviano gerou intensa carga mística. A voz da cura pela fé durante suas pregações, as suas profecias apocalípticas e o anúncio da Jerusalém Celeste – a exemplo de Jesus – repercutiu num cenário de profundo mistério do Sagrado. A força atrativa, presente na *Imago Dei*, não só repercutiu na conversão de Salviano, mas na conversão de todos os camponeses que o seguiam fielmente. Uma manifestação da harmonização através do conjunto dos romeiros narrados pela eufemização da queda. A suavidade e morna conversão “que converte os valores negativos de angústia e medo em deleitação da intimidade lentamente penetrada” pela força do misterioso sopro (DURAND, 2002, p.202).

Bachelard, ao tratar da ambivalência do vento – a pureza e o delírio, a doçura e a violência – mostra que assim como o vento é para o mundo, o sopro é para o homem a manifestação das coisas infinitas: “o sopro absorve tudo”. Para ele, “é o assobio violento do vento que faz tremer o homem que sonha, o homem que escuta... durante o dia, o abissínio pode assobiar (BACHELARD, 2001, p.243, 234). Com essa intensidade, “a voz de Salviano continuava a fustigar e a lançar no chão homens e mulheres” (p.83) e a revelar também novas vocações místicas, como o homem que insinua ser o maior profeta aclamado por Jesus: João Batista (Lucas 7: 28); fazendo alusão ao Evangelho bíblico (Mateus 3:11). Aos olhos do camponês beatificado com a vocação “batistana”, Salviano é o Redentor do fogo a dizimar todo mal que perduram nas terras sertanejas.

Em suma, o que ocorre com a personagem Manuel Salviano é um processo de profunda transformação. Nele, os arquétipos são renovados devido à influência da imagística cristã. Ela simplesmente renovou o inconsciente coletivo que predominam em

sua psique. De redentor revolucionário comunista, buscando um devir de bem aventura social para camponeses, transforma-se numa espécie de redentor messiânico a guiar o caminho para a Jerusalém Celeste. Toda uma intrigante travessia capaz de revelar as mais intensas potências do inconsciente coletivo que, por meio da suave queda no arquétipo da taça, faz ocorrer um processo de mutação capaz de provocar uma vigorosa inversão valorativa de opostos: Salviano migra de um ideário materialista aos anseios da espiritualidade.

4.2 O Grande Conflito

Filhinhos, esta é a última hora: e, assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido. Por isso sabemos que esta é a última hora.

(1 João, 2: 18)

Resistam-lhe [o diabo], permanecendo firmes na fé, sabendo que os irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos.

(1 Pedro, 5: 9)

Com a inversão valorativa dos opostos, após o *mimetismo arquetípico-mitológico* sucedido com Manuel Salviano, desvenda-se que o percurso das personagens em *Assunção de Salviano* assinala uma última etapa que é coincidente com as estruturas escatológicas e milenaristas presentes no comunismo marxista, herdada dos mitos escatológicos do mundo asiático-mediterrâneo e enriquecida pela ideologia messiânica judaico-cristã, isto é, a luta entre o Bem e o Mal e o conflito apocalíptico entre o Cristo e o Anticristo (ELIADE, 1972, p. 129). Esse embate é figurado nas personagens Salviano, agora uma figura Redentorística, semelhante ao Messias; e Salgado, o Lúcifer, derrotado junto com os ideais do Partido Comunista.

Com efeito, aos olhos de Manuel Salviano, o personagem Salgado – envolvido pela influência dos arquétipos da Sombra – mais parece uma espécie de Anticristo:

– Escute, Salviano, talvez você mesmo não tenha conseguido impedir isto que aconteceu. Mas ainda pode ser fiel à sua palavra comigo sem mentir a você mesmo. Fale na revolução agrária e ataque os padres, no dia em que for à igreja de Petrolina.

– Eu não vou à igreja de Petrolina. Aquele plano para mim morreu, seu Júlio, aquilo é obra do diabo.

– Então, eu sou o diabo, pelo visto? ...

– É, o senhor é o diabo.

Aqui, Júlio deu uma palmada na perna e realmente riu, um riso escarninho, mas riso (p.139).

Com essa declaração, tudo que se manifestava em matéria de “Operação Canudos” passa a significar o signo do mal. O complô contra a Igreja e os padres, a farsa e a mentira perante aos companheiros camponeses, o plano de revolução a gerar a carnificina... Tudo ganha intensa significação de verdadeiras tentações do demônio... E essa caracterização se carnaliza exatamente quando Salgado assume essa personificação, principalmente através da ironia e da chacota: “Salviano sentiu aquele sarcasmo a fundo” (p.141).

Em *O demoníaco na literatura*, Antônio Magalhães e Eli Brandão afirmam que em meio as oscilações e continuidades é possível identificar, no âmbito das religiões e das ideologias, as representações do *diabo na arte e no imaginário ocidental*. Nesse estudo, esses pesquisadores afirmam que as matizes indicam que o Diabo faz parte sim dos imaginários de natureza religiosa, mas é a partir da Idade Média e do Renascimento que ele ganha o *status* de figura, representação e força. É também na Baixa Idade Média que Agostinho recorre à figura do diabo para justificar a problemática do mal e da Queda (MAGALHÃES; BRANDÃO, 2012).

Mas essa imagem também tem sua origem na experiência vital, provinda do pensamento numinoso. Em *Escritos diversos*, Jung comenta que a figura de satanás é tema tradicional como criação artística poético-religiosa e também como mitologema que vem originando formação de certas imagens “metafísicas”, devido ao processo de cerca de dois mil anos dessa constante expressão no inconsciente coletivo. Na realidade, como ainda afirma Jung, a figura de satanás, desde seu aparecimento obscuro nos textos do Antigo Testamento, passou por estranha evolução e só vem florescer verdadeiramente a partir do Cristianismo, assumindo a dimensão do próprio mal (JUNG, 2011b). Segundo Magalhães e Brandão (2012), foi exatamente a partir do Cristianismo que o diabo obteve força no mundo por meio de representações e projeções variadas.

No diálogo com o místico Salviano, agora dotado de uma numinosidade provinda do mimetismo arquetípico-mitológico, Salgado se questiona sobre a anatomia constituinte de sua própria imagem, “desenhada” pelo primeiro de forma tão complexa e mutante:

- Salviano, você já está enxergando meu chifres e meu rabo?
- O Senhor até parece menino em aula de catecismo – disse Salviano.
- Menino?...
- É, sim senhor, em aula de catecismo. Quando eu aprendia catecismo menininho ainda, lá em rio do Peixe, um companheiro meu perguntou ao padre se o diabo tinha chifre e rabo e o padre disse que o diabo, que morava no inferno, tinha, mas que quando se falava no diabo querendo falar nos que gostam mais dele do que de Deus, nos que servem ao diabo em vez de servir a Deus, esses não tinha nada de diferente de ninguém, só a compadria com o diabo. Por isto é que eram perigosos. Se tivessem chifre e rabo era fácil correr deles (p. 140).

Conforme esse trecho, Salviano explica que, na metafísica do mitologema *diabolicus*, as projeções são variadas. Mas há os que não se parecem com a animalidade ou às figuras de deuses. Do contrário, assemelha-se ao próprio ser humano em sua capacidade de se projetar na Sombra. Para Magalhães e Brandão (2012) é na literatura que o diabo

perde espaço para ser constituído por personagens complexos, principalmente após o Romantismo. Isso ocorre em obras de vários escritores: Goethe (1749), William Blake (1757-1827), Balzac (1799-1850), Victor Hugo (1821-1867), Dostoiévski (1821-1881) e Baudelaire (1821-1867) (MAGALHÃES, BRANDÃO, 2012). E essa recorrência não é exceção na obra modernista inaugural de Antônio Callado.

Com efeito, o personagem Salgado de *Assunção de Salviano* também passa por um processo de *mimetismo arquetípico-mitológico*. De revolucionário, idealista, de espírito otimista; transforma-se numa figura repleta de ódio, rancor e intolerância aos padres, à Igreja, ao misticismo religioso presente nas pregações e “romarias” de Manuel Salviano. Entregue ao seu lado arquetípico sombrio, Salgado se torna o símbolo de Satã: numa identificação com “o riso escarinho” (p.139) que é a identificação da irrisão e da ironia demoníaca. Ele entoia a voz sempre em tom de ameaça: “Cuidado, que assim você ainda acaba espetado nos cornos de diabos piores do que eu” (p.141).

Toda essa expressão mítica se manifesta em virtude do Plano maléfico de Salgado: almejava que seu próprio companheiro de Partido, Manuel Salviano, se tornasse uma espécie de “bode expiatório”. E ainda, o assassinato de Mr. Wilson cometido pelo primeiro e sua conspiração para incriminar o próprio Salviano. Tudo isso conduz o taumaturgo a uma configuração inconsciente que se manifesta em sua psique através da linguagem mítica da figura satânica atribuída ao impetuoso Júlio Salgado. Uma imagem primígena da Sombra que se opõe a figura de Deus, ou seja, uma imagem contrastante do Deus *summum bonum* e o seu oposto *summum malum*, postulador do equilíbrio psíquico no inconsciente coletivo, assim como se apresenta na imagética do Antigo Testamento.

É importante reafirmar também que a trajetória de Salgado, movida pelo arquétipo da Sombra e marcada pelo fracasso – “sua revolução estava tomada” (p.141) –; e pela barbárie: assassinato, amor não correspondido, plano ideológico falho, aceitando que a “Operação Canudos ia falhar” (p.141); acentua um sentido extremamente negativo ao líder do Partido e, conseqüentemente, ao Comunismo. Assim, no curso da trama de Callado, no choque provocado pelo imaginário antinômico Cristianismo-Comunismo, o Partido Comunista também se configura como signo do Mal; e Salgado, como o Anticristo. Nesse sentido, surge em *Assunção de Salviano* a ideia de que o Comunismo é um Movimento que intenta revoluções, no qual a luta deve ir até as últimas conseqüências, não importam os meios, apenas os fins.

Em episódio anterior, a tática para incriminar Salviano pelo assassinato de Mr. Wilson se nutre das monstruosidades da perversão e das trevas que afligem as almas em desespero. Ele resolve se esconder em frente à casa de Salviano a fim de colocar a mala de bíblias do falecido junto às ferramentas de trabalho daquele marceneiro, e assim, incriminá-lo:

Postaram-se no capinzal e aguardaram, acorados, perto um do outro, mas separados por mundos em seus pensamentos. Júlio Salgado estava tranquilo, orgulhoso, saboreando ainda aquele medo pânico do amigo e ruminando com delícia uns versos que só agora sentia plenamente:

Comme d'autres par la tendresse

Sur t'avie et sur ta jeunesse,

*Moi, je veux régner par l'effroi*⁷⁷.

“Para sempre— dizia ele — “João terá medo do que eu possa dizer no seio do Partido. E o medo, por sua própria negatividade, é criador...

Pode criar até um amor”. Quanto a João, remoía com raiva a lembrança da humilhação, e começava a tornar-se consciente de um certo asco em relação a Júlio Salgado (p. 155).

Junto ao seu companheiro de Partido, João Martins, Salgado arma uma forma de condenar Salviano pelo assassinato do Mr. Wilson; uma cena guiada pela criação do medo e da maldade que dominam todo um terrorismo associado a um simbolismo nictomórfico. O líder do Partido e seu amado, juntos fisicamente, mas distanciados pelo que predominavam em suas psiques. O primeiro saboreando o gozo de atormentar e humilhar, modulações do mal da qual ele acredita que possui potencial criador: o desejo de possuir o seu amado pela pressão psíquica. Todavia, é também para Martins uma forma angustiante diante do medo da morte que reside no Regime Diurno das Imagens. Uma pedagogia do medo cuja representação pode ser associada ao Diabo. Isso também se justifica graças ao simbolismo teriomórfico presente no sentimento de asco e repugnância que Martins passa a nutrir por Salgado.

Após impor que Martins colocasse a mala junto às coisas de Salviano, Salgado planeja uma forma de fazer com que Irma a encontrasse. Logo após, busca convencê-la de que Salviano cometeu o crime em virtude de seu ódio pelas bíblias. A princípio, parece-lhe impossível, mas o comportamento nada convencional de Salviano nos últimos tempos como uma espécie de santo a coloca em dúvida, graças às artimanhas de Salgado, expressando todo o júbilo do reino da mentira. Apavorada com a descoberta, a esposa de

⁷⁷ Igual aos outros pela ternura
Em sua vida e sua juventude,
Eu, eu quero governar pelo terror (tradução nossa).

Salviano não sabe que decisão tomar. É então que Salgado a recomenda que “consulte a sua consciência” e o coloque “num hospício” (p.161). Embora o rumo da trama conduza Manuel Salviano à prisão.

No momento que Irma começa acreditar nas histórias contadas por Salgado, ele se aproveita para ressaltar os supostos motivos que fizeram Salviano matar Mr Wilson:

- E a Bíblia, não foi? A senhora se lembra que me disse que Salviano tinha ficado com raiva ao encontrar a Bíblia deixada aqui?... Não foi decerto ódio à Bíblia, dona Irma, foi ódio de um Beato católico por um protestante, talvez. Foi loucura, dona Irma.
E assim, com infinita cautela, como se nada dissesse que não fosse apoiado em frases de Irma, Júlio a transformou num promotor. Quando se despediu, Irma ia vestir-se para ir à Polícia (p.161-162).

Com as astúcias provindas da Sombra, Salgado consegue influenciar Irma quanto à culpa de Salviano. Faz da esposa do marceneiro taumaturgo, sua “inimiga”. Nesse sentido, as atitudes dessa personagem podem ser facilmente associadas ao Anticristo. Salgado representa todo esse reinado, buscando subverter os valores sociais através do desejo da carnificina que instauraria o Caos em Juazeiro pela “Operação Canudos” para destituir os valores religiosos em nome de um suposto devir social de bonanças para os camponeses. Mas o leitor atento percebe seus reais interesses: “os resultados não dariam para ele ir a Paris, mas pelo menos não ia ele, Júlio Salgado, assistir e ajudar o parto de um santo em Juazeiro” (p.141).

Importante destacar o fato de que o Anticristo é uma parte integrante da mitologia milenarista e escatológica. Eliade considera o reinado do Anticristo como o retorno do Caos, sob a forma de um demônio ou dragão, rememorando a luta mítica entre Deus e o Dragão. Esse confronto final teve lugar no princípio e será novamente travado no fim. Considerado também como o falso Messias, subjaz os valores morais, sociais e religiosos a partir da secularização do mundo hodierno (ELIADE, 2013).

Discordando apenas em parte com Eliade, é possível sim afirmar que esse confronto faz parte da mitologia escatológica e milenarista, mas reapareceu só “aparentemente” secularizado nos últimos anos em movimentos políticos totalitários, como o Comunismo. Aparentemente porque, como mostramos no capítulo primeiro, esses elementos escatológicos de anúncio de uma Era de Abundância não estão imunes à ação do numinoso.

É importante também notar que, enquanto Salgado se personifica na figura do Anticristo, Salviano segue fielmente os preceitos cristãos como seguidor do Messias, assumindo fortemente o papel Redentorístico no sertão do São Francisco:

– Vocês todos que querem terra, vocês devem fugir como do diabo de quem chegar com histórias de revolução nos campos, de tomar conta das fazendas, de matar fazendeiros. Cuidado com a tentação desses homens! Não há quem entre no céu com um morto nas costas. É mais fácil um camelo passar num buraco de agulha porque a cacunda formada por um morto é maior do que três camelos inteiros (p.132).

As tentações a que se refere o taumaturgo são as promessas fascinantes do quiliastro marxista. Dentre os milenarismos primitivos, eles são as únicas “re-valorizações positivas modernas” que pairam no mito do Fim do Mundo (ELIADE, 1972, p.46). Entretanto, para Salviano, essa esperança de gozo e prazeres no plano material se constitui como uma genuína forma de se afastar da perspectiva espiritual que é a espera da Salvação Celeste. Alcançá-la requer uma radical recusa aos prazeres materiais e mundanos. Nesse sentido, o próprio ideário comunista dos partidários juazeirenses assume a condição simbólica do *diabolicus*: revoluções, intentos bélicos e assassinatos.

Além disso, a parábola bíblica tomada de empréstimo contém o complexo simbólico de acesso ao plano transcendental que requer uma mutação ontológica radical: “a iniciação, a morte, o êxtase místico, o conhecimento absoluto, a fé (no judaísmo cristianismo), equivale a uma passagem de um modo de ser a outro” (ELIADE, 1992, p. 87). A soteriologia não é para os assassinos e essa condição traz um simbolismo teriomórfico de valores intensamente negativos. Todavia, a Boa-Nova salvífica alerta os camponeses, coronéis e grileiros para se livrarem das tentações do sonho de um Paraíso Terrestre, abdicando das riquezas “fazendas”, para manter vigor nos mistérios da graça da Jerusalém Celeste.

Essa imagem arquetípica é abundantemente presente na imagística bíblica. Assim descreve o historiador do sagrado:

Uma Jerusalém celestial foi criada por Deus antes que a cidade fosse construída pela mão do homem; é a primeira das duas que o profeta se refere, no Apocalipse siríaco de Baruc II, 4, 2-7: ‘Por acaso pensais que esta é aquela cidadã da qual Eu disse: sobre as palmas de Minhas mãos eu vos entalhei?, Este edifício agora construído em vosso meio não aquele que Me é revelado, aquele que foi preparado com antecedência aqui, na época em que Me decidi a fazer o Paraíso, tendo sido mostrado a Adão ante de ele ter pecado...’ A Jerusalém celestial alimentou a inspiração de todos os profetas hebreus: Tobias 13,16; Isaías 59,11ss; Ezequiel 60, etc.

Para mostrar a Ezequiel a cidade de Jerusalém, Deus o toma numa visão extática e o transporta até uma montanha muito alta. E os *Oráculos Sibílicos* preservam a lembrança da Nova Jerusalém, no centro da qual brilha ‘um templo... como uma torre gigantesca, que toca as próprias nuvens e é vista por todos...’ Porém, a mais linda descrição da Jerusalém celeste ocorre no Apocalipse (21,2ss): ‘Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido’ (ELIADE, 1992, p.15-15, grifo do autor).

Da constante oposição que constituem todas as mais diversas formas imagináveis nesse romance, o confronto decorrente do quiliísmo marxista /Jerusalém Celeste, ateísmo/devoção, revolucionário/taumaturgo, Inferno/Céu, Cristo/Anticristo, materialismo/espiritualidade, Bem/Mal, constituidor da antinomia Comunismo/Cristianismo aponta um complexo de natureza simbólica que está presente no próprio nome das personagens: **Salgado** e **Salviano**, personificações “compósitas” a partir do sal.

Por meio dos estudos da psicologia analítica, em associações simbólicas com a alquimia, sobretudo em *As personificações dos opostos*, intitulado: *Mysterium Coniunctionis*, Jung esclarece que o sal pode ser uma propriedade assassina, o mar titônico, a relação sombria com o Maleficus Saturnus. Na parábola do sulphur, o sal é representativo do papel sombrio em meio ao novilunio da Luna:

O Sal é o assassino de Sulphur, ao causar-lhe um *incurabile vulnus* (ferimento incurável). [...] É o paralelo raro [...] acerca do ferimento de Amforta, causado aqui pelo *feminino*, mas exatamente por uma colisão entre o rei do Santo Gral e seu adversário (sombra) (JUNG, 2011a, p.330, grifo do autor).

Por outro lado o sal também segue o princípio do Eros e faz com que tudo fique perfeito (JUNG, 2011). O sal representa o próprio Cristo, “o sal *sapientiae* que é dado no batismo [...] Verbo gerado desde a eternidade para a nossa conservação” (JUNG, 2011, p.317). Na frase bíblica clássica dirigida aos Apóstolos “vós sois o sal da Terra” (Mt 5:13) tem um significação completa e profunda. Para Jung, é de algum modo

personificações da compreensão superior e da sabedoria divina (como a eles, por serem [...] apóstolos – e anunciadores da Boa-Nova, compete o papel de [...] anjos – a fim de que o reino de Deus na Terra se assemelhe à estrutura do reino celestial) (JUNG, 2011a, p.317).

Pois foi o Salvador que escolheu os apóstolos para ser o sal dos homens, anunciando o Evangelho incorruptível. É também correspondente ao relacionamento

promovido pelo Eros, isto é, pelo sentimento, pela preservação da vida toda. Além disso, em (Mc 9:50) “Tende o sal em vós, e a paz entre vós” e (Cl 4:6) “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada de sal, para saberdes como convém responder a cada um”, encontram-se as mais antigas menções sobre o sal no Novo Testamento (JUNG, 2011a, p. 317).

Constituinte do nome das duas personagens, o sal possui a genuína forma de representar os papéis de personagens opostos: Salgado e Salviano. O primeiro como o malfeitor, assassino, em constante perturbação pelo conflito com sua própria sombra. É o excesso do mar titônico “salgado” capaz até de ferir em nome do sonho regozijador do quiliasmo marxista, representado no romance de Callado principalmente pelo desejo de um amor perfeito com outro homem e a fama do Partido. Em oposição, Salviano é o sal simbólico movido pela ação do Espírito Santo, que assume o papel redentor “salvador” junto às terras sertanejas, semeando a “Boa-Nova” do Reino Celestial. Trata-se de uma simbólica que vem acentuar na trama a imagística do Conflito Apocalíptico. Isso porque no sal se contém o bem e o mal (JUNG, 2011, p.328).

Mesmo em meio a todos os “nãos” de Salviano após seu numinoso *mimetismo*, Salgado busca formas de reestabelecer seu ego humilhado. Para isso, intenta sua última cartada:

– Muito bem, bravos, você está ficando um grande argumentador. Mas cuidado com esse orgulho, senhor santo. Você só sabe se comparar aos santos, aos eleitos, aos queridos de Deus, a Jó e companhia.

[...] só me resta o consolo de dizer que, apesar de diabo, não deixei de servir a Deus, dando-lhe esta brilhante alma que é sua. Um papel novo, esse diabo.

– Não é não, seu Júlio. Ontem de noite eu estava pensando nisto, como é que um homem do diabo podia fazer tanto bem a um homem que tinha perdido Deus, e fui ver na história de Jó que o diabo de vez em quando vem à terra para tentar os homens de Deus. E não ganha, não. Deus deixa seus homens sozinhos, mas o diabo falha (p. 140-141).

Entre as variadas interpretações do mito de Jó, a resposta da personagem Salviano nos remonta ao diálogo com Jung, especificamente em *Resposta a Jó*. Segundo o fundador da psicologia analítica, nesse mito se apresenta tanto a onipotência de Deus como Sua natureza antinômica, atrelado à confiança de que Jó era um homem justo. Nessa concepção, o sofrimento de Jó faz parte de um jogo de aposta divina, mas esse personagem bíblico conhece a antinomia interior de Javé. Esse fato acarreta numa evolução, isto é, uma

semelhança com Deus em virtude do conhecimento sobre a numinosidade Divina (JUNG, 2012b).

Na análise dessa problemática, enveredando pelos acontecimentos simbólicos, mesmo sem deixar de descrever a experiência pessoal que se faz presente nas emoções subjetivas de uma verdade não eterna; Jung se propõe a compreender a antinomia de Javé:

Talvez o que de mais elevado haja em Jó seja que ele, em face de uma dificuldade como esta, não se perturbe com a unidade de Deus, percebendo claramente que Deus se harmoniza tão perfeitamente consigo próprio, que Jó tem a certeza de que encontrará em Deus um advogado e defensor contra o próprio Deus. Tão certa é para ele a existência do bem em Javé quanto a existência do mal. Não se pode esperar um defensor na pessoa de um homem que não pode fazer-nos o mal. Mas Javé não é um homem. Ele é, a um só tempo, perseguidor e defensor, e nessa situação um dos aspectos é tão real quanto o outro. Javé não se acha dividido, mas constitui uma antinomia, isto é, uma oposição interna total, que é a condição preliminar e necessária de seu imenso dinamismo intrínseco, de seu poder e ciência infinitos. A partir deste conhecimento, Jó persiste no propósito de ‘expor seu modo de proceder’ a Javé, ou seja, insiste em lhe explicar o seu ponto de vista, pois apesar da sua ira, Javé, contra si próprio, é também defensor do homem que lhe apresentou queixa (JUNG, 2012b, p.20-21, grifo do autor).

Na trama calladiana, ao descrever o papel do Diabo, Manuel Salviano reconhece essa dualidade divina e o papel de Salgado em tentar mesmo que o primeiro se alimentasse de intenções revolucionárias, odiando o Verbo Divino, os padres e a Igreja. Porém, Salviano deixou de se aliciar com Satanás quando, por meio do *mimetismo arquetípico-mitológico*, desvenda a natureza antinômica de Deus:

Queria atacar seu Hóspede e Hóspede que como tinha descoberto sempre tinha morado em sua casa [...] Deus também agora não se importava mais de lhe tomar o tempo todo sempre no meio da casa como se Salviano finalmente tivesse voltado do trabalho e pudesse dizer: “Fique à vontade Senhor que já serrei tudo que tinha de serrar e não há mais falta de mesas no mundo podemos conversar indefinidamente não preciso nem fazer o bule de café” (p.171-172).

Essa experiência se assemelha com a mística de São João da Cruz, onde a conversão se reveste de toda feição: Deus vem como amigo, mas o homem pode acolher ou olvidar. Se o recusa, a atividade da alma torna-se alheia a Ele; se O recebe, jaz uma imensa energia da graça santificante. Eis a experiência da “segunda conversão”:

Ei-la que, pressurosa, se acerca do Hóspede, procura agradá-lo; já a divina presença torna-se mais atuosa e dirige algumas iniciativas da alma [...] Na medicação exata em que se removem os obstáculos e se expulsam os

intrusos, cresce a intimidade, estreita-se a relação; começa a alma a experimentar a presença do Deus interior: desponta a vida mística (PENIDO, 1949, p.64).

Para Jung, Javé trava uma aposta com Satanás quanto à fidelidade de Jó. Semelhantemente, o diabólico Salgado intenta o mesmo, mas perde; pois Salviano alcança uma fé cristã inabalável. Através do contato com a força, a atração e o fascínio que possui a numinosidade do confronto intradivino, Salviano começa a participar dessa experiência íntima com o *Summum Bonumm*:

Assim tinha Deus entrado com alarido pela sua alma no dia em que ele abrisse não sabia que barragens há muito solidificadas a montante do coração ressequido. [...] aquilo que enunciava como mentira no mesmo instante se cristalizava em rocha e verdade dentro de sua própria boca. (p.165-167, grifo nosso).

Nessa ficcionalizada, utópica, onírica, messiânica e apocalíptica “aposta”, o Comunismo falha e o Cristianismo vence. A busca do Paraíso Perdido é profundamente renovada. Isso porque essa sede arquetípica de Salviano abdica do quiliasmo marxista e “decola” intensamente na espera do Paraíso Celeste através do simbolismo aquático cristão:

...meio desesperado ele mesmo por ter tão pouco tempo para pensar em Deus e na Hora da Morte, fechava os olhos um instantezinho, só mesmo o tempo de recolher na frente e na boca um borriço que fosse da água da morte que o fazia logo reviver. Sabendo que tudo o que falava tomava logo densidade e endurecia na sua frente para nunca mais desaparecer. (p. 170).

Para Eliade, esse simbolismo revela o sentido mais profundo através da significação hierofânica de santificação: “O que outrora curava o corpo cura hoje a alma; o que dava saúde no tempo dá salvação na eternidade... O ‘homem velho’ morre por imersão na água e dá nascimento a um novo ser regenerado” (ELIADE, 1979, p.149). Esse simbolismo apresenta semelhança com o batismo de Cristo no Jordão, uma descida às Águas da Morte para um “um duelo com o monstro marinho”. Desse modo, ao descer às águas, Jesus “amarrou o (que é) forte com força, a fim de que nós adquiríssemos o poder de caminhar sobre os escorpiões e serpentes” (ELIADE, 1979, p.150).

Pela numinosidade dessa imagística, as atitudes da personagem Salviano são surpreendentes. Os episódios finais da trama narram a profunda resignação de Salviano na prisão. Ele não se esforça de forma alguma para provar sua inocência, apesar da insistência

de Ritinha e do pedido de perdão de sua esposa Irma. Semelhante a Cristo, assume a condição de mártir: não se alimenta e apenas se fecha interiormente nos seus pensamentos e orações na busca de herdar a Jerusalém Celeste: “Tinha pegado a “Santa Maria” para desbastá-la como quem desbasta um bonito pau de canela, para descobrir os desenhos do cerne da oração” (p.168 – 169).

Enquanto isso, Júlio Salgado manifesta toda sua indignação:

a desilusão que toda aquela gente das redondezas ia ter com “São” Salviano dentro de algumas horas, de certa forma compensava: o polivêu ignorante veria em eu dava aquela estupidez de seguir taumaturgos em lugar de seguir líderes revolucionários (p.141).

Numa constante oposição que perdura a segunda metade do romance calladiano, Manuel Salviano cumpre o destino do Redentor até o fim – a Assunção – e segue o exemplo arquetípico de Cristo. Entretanto, numa situação bem sarcástica e humorística, dada às circunstância de sua ascensão. Após a morte de Salviano na cadeia, o delegado, o prefeito e Padre Generoso decidem tirar o morto pelo telhado, com medo da reação da multidão que se encontrava fora da delegacia. Inquietos pela demora em autorizar a visitação ao taumaturgo, o povo invade a delegacia e presencia a cela de Salviano vazia com o telhado aberto para o céu. Nesse instante, homologa-se popularmente um Redentor dos camponeses, ou seja, uma espécie de messias ou simplesmente um profeta como Elias que foi arrebatado: “– Salviano subiu pr’o céu! – responderam mil bocas” (p.219).

Compreende-se essa passagem recorrendo à simbólica do conhecimento sagrado: a abertura superior detém o significado da “direção ascensional para o Céu, o desejo de transcendência”. É também a possibilidade de passagem do profano ao sagrado (ELIADE, 1992, p.87).

Orientado pela negação de sua condição material humana, Salviano renuncia às vontades profanas na busca do Transcendente. É pela condição de finitude e limitação humana que o homem busca a Graça Infinita da Perfeição Divina. Quando a “sede” primígena da bem-aventurança sofre a influência da imagística cristã, o inconsciente coletivo conduz o homem para uma esperança de natureza espiritual. Isso acontece graças ao caminho de acesso ao Transcendental em que o homem participa na condição de sofredor, cujo exemplo arquetípico é Jesus Cristo na cruz.

Do Alfa ao Ômega



Considerações

O estudo analítico-interpretativo da obra *Assunção de Salviano* permite perceber que nela há uma revelação das intensidades emocionais ativada pela busca arquetípica da bem-aventurança: um dos mais primitivos e significativos desejos do conjunto da humanidade. Esse sonho de alcançar a condição divina, superando a condição humana, materializa-se no romance calladiano por meio de duas perspectivas conflitantes: o quiliasmo marxista e a sede da Jerusalém Celeste de tradição cristã. Manifestações distintas desse poderoso arquétipo que se desencadeia por meio da antinomia Comunismo-Cristianismo. Esses extremos, sendo o primeiro revestido do ideário materialista marxista, intenta um processo revolucionário em Juazeiro; o segundo, sondados pelos mistérios presentes nos dogmas e na mística cristã, constitui-se pela essência da resignação na vivência da beatitude e da penitência – modelo de alento para o sofrimento dos camponeses injustiçados.

Todavia, não se pode omitir que ambos não fogem à influência onírica poderosa do arquétipo do Redentor. É por meio da busca dos partidários comunistas em “fabricar” uma espécie de salvador sertanejo, hibridizado numa instigante ideologia comunista, embora camuflado pela mística cristã, que o leitor se depara com uma intrigante travessia onde um revolucionário se torna um taumaturgo. Pelo fato de esses opostos estarem interligados a uma mesma força arquetípica do Paraíso Desejado, capaz de projetar a fabulação, buscou-se compreender essa transformação da personagem Manuel Salviano do ponto de vista dos arquétipos e mitos que constituem o imaginário comunista e a imagística da doutrina cristã, assim como estão situados no romance inaugural de Callado.

Nesse sentido, a principal investigação desse trabalho constitui em compreender o efeito da conexão arquetípico-mitológica (comunista/cristã) na busca do Paraíso Perdido.

Partindo dessa inquietação, enveredamos pelas ideias, pensamentos, aspirações e esperanças das personagens do *corpus* em análise em quatro abordagens distintas, mas complementares. Essa opção teórico-metodológica de caráter multidisciplinar se justifica em razão da vasta e diversa natureza imagística presente na trama, trazendo um leque de possibilidades de leitura imaginal, mítica, arquetípica e simbólica que não poderia ser negligenciada. Do contrário, poder-se-ia omitir variadas modulações de imagens e sentidos sobre os quais é mister investigar.

Nesse âmbito, dividimos os capítulos buscando sintonizar os objetivos de investigação desse trabalho com o conjunto de etapas da personagem Manuel Salviano, o que resultou em quatro travessias.

Na primeira, o intuito é resgatar, da história sagrada primordial, o que se manifesta plenamente na constituição da antinomia Comunismo/Cristianismo. Para isso, consideramos as investigações eliadeanas do mito “vivo” como modelo de conduta humana, acessível a uma leitura arquetípico-mitológica desses dois polos conflitantes. Com a exploração dos padrões de comportamento e experiências ideológicas, políticas e religiosas das personagens, tornou-se possível estender um diálogo literatura-mitologia-filosofia, responsável por definir o conjunto de ideias, valores e crenças que compõem o imaginário mítico da busca pelo Paraíso Perdido nesses opostos. De igual modo, percebeu-se que, mesmo que camufladas, as imagens e estruturas míticas são também retomadas e prolongadas pelo próprio ideário do Movimento Comunista.

No *corpus* em análise, pode-se caracterizar essa travessia como sendo a expressão emotiva das personagens através de idealizações, desejos, fantasias, devaneios e planos. É nessa jornada onde os intentos do Partido Comunista se apresentam, principalmente no ideário materialista do líder do Partido, Júlio Salgado, e no ateísmo e ódio à Igreja e aos padres por parte de Manuel Salviano. “Viva” no psiquismo de Salgado, a bem-aventurança se “materializa” na imagem do cenário geográfico de Juazeiro e Petrolina, a partir de uma utopia revolucionária do proletariado. A luta se torna o discurso ideológico dessa personagem para combater todo signo de divisão de classe que assola o cenário sertanejo; numa terra onde os fazendeiros se apropriam de todos os bens materiais e resta aos camponeses o subjugo do trabalho. Com extrema indignação, Salviano e João da Cancela são forjados como personagens-símbolos do emblema comunista: a foice e o martelo, dispostos à empreitada bélica. Entretanto, o Partido possui o mentor, Júlio Salgado, de mente calculista, reacionária e ordenada.

Semelhantemente, é no *Manifesto Comunista* de Marx que o antagonismo de classes é abominado e a situação de injustiça dá lugar à ação. É um dos principais fundamentos do *Manifesto* subverter toda forma de alienação, sendo a religião considerada uma das piores delas; visto que toda forma de pessimismo e descrédito é atribuída sempre à resignação, pois a religião é considerada o “ópio do povo”. O que não representa o comunismo em si, mas o comunismo inicial, filantrópico ao ateísmo. Igualmente, o Comunismo também é contrário a todo tipo de exploração do trabalho alheio como forma

de apropriação dos bens da sociedade. Nessa relação, trata-se de um romance onde o Partido se “alimenta” de toda essência do signo político comunista, a partir dos anseios de combater as injustiças e opressões para emancipação que se concretizaria através da construção de um Paraíso Terrestre.

Nessa elaboração ideológica há um entrave: os camponeses estão sintonizados com a esperança positiva da transcendentalidade cristã da Redenção Celeste, cuja fé e paciência são os únicos alentos. Além disso, a figura do padre se apresenta como suficiente para promover uma atração irresistível; uma persistente influência do Sagrado no mundo moderno.

A análise desse contraste fundamental, proveniente da antinomia Comunismo/Cristianismo, Paraíso Terrestre/ Jerusalém Celeste faz “povoar” na obra um sistema de oposições: ateísmo/ devoção, materialismo/espiritualidade, indignação/resignação. De um lado, os intentos revolucionários de Salgado e seu desejo de felicidade perfeita junto ao seu companheiro de Partido, Martins. Do outro, a fé cristã dos camponeses na espera de uma Redenção num plano espiritual: um desejo de fugir dos sofrimentos e das injustiças.

Ao investigar essas relações, percebe-se que, mesmo em meio às contradições e oposições, há um ponto que os entrelaça. Trata-se do papel do Sagrado na modulação arquetípica. Em outras palavras, é a forma como a busca da perfeição paradisíaca se manifesta no Comunismo e na doutrina cristã. Em consonância com os estudos de Eliade, afirma-se que o homem, mesmo no mundo moderno secularizado, não pode ser reduzido à atividade essencialmente racional. Sua disposição para o mundo imaginário e natural consagra o homem em sua totalidade.

Entendendo o Sagrado na categoria de Rudolf Otto, como um numinoso estado psíquico, o Partido é por Salgado hipervalorizado numa intensidade tamanha de uma hierofania, fazendo revelar a busca pelo supra-histórico e absoluto. Um “deus sem rosto” que se manifesta emblematicamente como a “rocha dos tempos”, suficientemente fascinante para ativar um processo revolucionário no Sertão Nordeste através do mito da ilusão; do sonho arquetípico paradisíaco e do reinado de um grande chefe, sábio e justo: o papel a ser assumido por Manuel Salviano. Ao passo que os partidários buscam fugir de qualquer forma de devoção religiosa, uma experiência de comportamento mítico age ativamente através da sacralização dos ideais do Movimento Comunista. Embora os comunistas repudiem qualquer manifestação religiosa, há algo de sacralizado no discurso

do líder do Partido. Isso se efetua de fato na obra, através da busca pela recuperação da felicidade paradisíaca. O indivíduo não está imune aos processos de sacralização da vida, visto que nenhuma experiência profana se encontra totalmente dessacralizada.

De igual modo, a paixão homossexual de Salgado por João Martins o faz ascender em sonhos que transcendem os impedimentos dos preceitos morais de sua época. É quando o irracional sedutor o transporta para experiências psíquicas de ações e formas consumadas. Assim, concordamos com Mircea Eliade de que esse processo se configura como uma forma que o homem moderno encontra de sacralizar o mundo profano. No que se refere à Doutrina cristã, fortemente presente na fé dos sertanejos, o numinoso se manifesta no próprio tempo litúrgico, eliminando o tempo profano a partir do Deus que se fez carne do *illud tempus* dos Evangelhos bíblicos. O Cristo Ressuscitado entre os homens é a certeza do tempo sacro primordial.

Com esse exame, nota-se que essas manifestações antagônicas se nutrem de projeções hierofânicas inconscientemente tomadas de imagens e estruturas míticas; atualizadas e rememoradas pelo arquétipo do Paraíso Desejado. Enquanto no Cristianismo se espera a Transcendência Divina, no Comunismo se almeja o quiliasmo marxista; mas ambos retomam e prolongam o papel do Redentor e da tão sonhada Idade de Ouro, com raízes nos grandes mitos escatológicos do mundo asiático mediterrâneo, presentes na Doutrina judaico-cristã e forjado pelo *Manifesto* de Karl Marx. O arquétipo do Justo, o proletariado, os camponeses; o arquétipo do Redentor do sertão, Manuel Salviano; o mito de Idade de Ouro, a sonhada abundância agrícola para o sertão degradado; ganham proporções gigantescas em toda a trama.

Levando em consideração esses aspectos, busca-se analisar a recorrência desses mitos e arquétipos na constituição do sonho paradisíaco no ideário comunista e na Doutrina cristã, assim como eles se apresentam no *corpus*. Para o Partido, o rio São Francisco se torna emblematicamente representativo da bem-aventurança, graças à possibilidade de restauração do solo improdutivo e infértil e de seu longo curso de água a transformar todo território num Reino Comunista. Parte-se da descrição dos mitos paradisíacos – xamânicos, e cristão, anterior à Queda – para averiguar que, semelhante ao que acontece nas grandes religiões, o Comunismo absorveu esse arquétipo através do desejo de seus partidários em destruir os males do Mundo a fim de reconstruir uma sociedade perfeita. Na trama, o retorno dessa imagística onírica se constitui em oposição: os coronéis e grileiros a explorar a terra e enganar os camponeses; a Igreja, pela doutrina

de resignação; e os padres, por sempre estarem do lado dos poderosos. Esses se tornam os obstáculos ao processo revolucionário que concretizaria essa utopia.

Analisando essas forças de coerção no imaginário da trama, depara-se com anúncios apocalícticos que derivam da absorção da escatologia judaico-cristã pelo Comunismo, anteriormente herdada através do monogenismo bíblico, isto é, a influência do poligenismo pagão. Essa leitura permite compreender que tanto no Comunismo quanto no Cristianismo há mitos de regressão ao Caos. Na trama de Callado, o imaginário de cataclismo cósmico compreende a destruição da Igreja e do Governo para a restauração de um Cosmo dirigido pelo Partido. Um retorno do mito escatológico que não recebe influência da Bíblia judaico-cristã, já que os personagens adeptos do Partido eram hostis às bíblias. Trata-se da *síndrome paradisíaca* no inconsciente coletivo, transmitindo paradigmas para as ações do homem. Para Eliade, essa missão escatológica é inesquecível. No Cristianismo é o Éden Perdido, um tempo primordial anterior à Queda; é também a Jerusalém Celeste, um final dos tempos como retorno aos primórdios; ambos inspiram povos, gerações e movimentos políticos como o Comunismo, no desejo de um Paraíso Terrestre.

Na travessia seguinte, sem deixar de fazer relação Comunismo/Cristianismo, torna-se indispensável um estudo de imagens e conjuntos mitológicos que compõe as ideias e planos do intento revolucionário do Partido Comunista. Uma efervescência onírica do imaginário político que “redesenha” a realidade Histórica do Nordeste brasileiro e possibilita a identificação de quatro grandes mitos políticos: a Unidade, a Idade de Ouro, o Complô Demoníaco e o Salvador; manifestados no *corpus* pela influência do numinoso e sob o domínio arquetípico da Sombra.

Consoante Girardet, compreende-se que relatos, anúncios, apelos, desejos e sonhos das personagens escampam à racionalidade aparente da marca da cultura política, pois são seguidos pela nebulosa, complexa e movediça efervescência mitológica. Como resultado, nota-se que o mito da Unidade se revela como impulso de uma nova ordem social no Sertão nordestino, através do frêmito imaginal da beleza fluvial do São Francisco, emanada pela da metáfora do “rio a flambar”. Nessa imagística, a conflagração política é simbolizada pelo álcool e pelo fogo. Numa imaginação da matéria de enfoque bachelardiano, percebe-se a energia psíquica necessária para a profusão escatológica da restauração cósmica comunista de um longo alcance geográfico almejado por Salgado; em contradição com o maldito ponche das extravagâncias e das desordens do poeta Martins,

que coloca em risco os ideais do Partido. O sentido escatológico do fogo também impulsiona a imagem de purificação dos males do mundo, que no Comunismo se restringe aos dignos do Partido, isto é, àqueles que seguem as posições ideológicas; e no Cristianismo, significa está livre do pecado. Mas o mito da Unidade se concretiza a partir do ideário da supremacia camponesa: todos os pobres juntos.

No âmbito do retorno da Idade de Ouro, observa-se que os personagens do Partido demonstram um crescente otimismo em fazer de Juazeiro um lugar de felicidade e bonanças, através de melhores condições para os camponeses da região, assim como também se postulou no *Manifesto*. A Salviano seria dada a incumbência de chefe local a fiscalizar a colheita, numa revelação absoluta do sagrado. A simbólica vegetal na obra acentua a regeneração da vida, através da imagem arquetípica da Grande Mãe; uma imagem fascinante de abundância, propícia a um intenso e profundo otimismo e capaz de gerar uma consagração: os filhos que Salviano sonha em ter com Irma. Toda essa reinvenção simbólica faz parte da tática de Salgado para atrair Salviano para um passado de Luz, comunhão e inocência. A principal oposição Comunismo/Cristianismo nesse mito se revela pela natureza do desejo de um novo Cosmo. O primeiro de ordem material e o segundo espiritual.

Mas é no plano do Complô que nasce a “Operação Canudos”: um núcleo de intento revolucionário que deveria atingir o Norte e Nordeste brasileiro. Por conseguinte, Salgado exerce o papel do Reformador, o Chefe do Partido; enquanto Salviano se torna o escolhido, uma espécie de “mensageiro”, um “ungido” para executar o Plano; o qual é identificado pela imagem temida da Organização, do segredo e do bestiário do complô da mesa dos fundos do boteco do Zeca. A ideia consistia em transformar Salviano numa espécie de beato, um típico fingimento para desmoralizar a Igreja e os padres. Atentando para a atitude das personagens nessa empreitada, focaliza-se uma súbita transformação da personagem Salgado em decorrência do ciúme de João Martins; graças à influência do poderoso arquétipo da *femme fatale* emanado da personagem Ritinha, interferindo no posicionamento dos membros do Partido. A partir desse episódio surge em Salgado uma tensão entre o seu amor por João Martins e a Causa do Partido. Tal recorrência permite reconhecer a figura do Maligno, o Espírito perverso que passa a assolar a mentalidade do líder do Partido. É conduzido pelas forças da Sombra que seus objetivos são modificados. O Partido e Martins são as únicas coisas que passam a lhe importar. Do resto, que a Operação se torne uma carnificina, com Salviano como “bode expiatório”. O Complô

Demoníaco se instaura de modo extremo exatamente quando Salgado muda suas intenções, porém, continua influenciando Salviano através do Reino infernal da mentira. Em oposição a essa “presença diabólica”, a possibilidade de Salviano ser abatido como sangue do Cordeiro o aproxima de uma símile de transubstanciação com o Cristo. O herói como mártir, postos aos cruciais sacrifícios. É nesse episódio que as personagens começam apresentar disparidades. Nessa comparação, depreende-se que, se o Cristianismo é simbolicamente descrito no possível destino reservado a Salviano; o Comunismo se configura cada vez mais como tática das manipulações sombrias de Salgado.

Em outra etapa de investigação, revela-se a intenção de “fabricar” um Salvador reinventado a partir da figura peregrina de Antônio Conselheiro. Uma camuflagem suficientemente propícia a enganar os camponeses na esperança de uma salvação milagrosa espiritual, sem deixar de demonstrar o potencial de líder político, capaz de enfrentar o governo. Esse mito tão poderoso e atrativo, repleto da riqueza do imaginário nordestino, reaparece na obra num processo de heroificação, cujo modelo de profeta messiânico deveria ser protagonizado por Manuel Salviano. Nesse ponto, desvenda-se uma possível e coerente significação metafórica da obra, a partir de uma analogia com o título do romance: a “missão” que Salviano passa assumir na “Operação”. Através da transmutação do beato Conselheiro, evocam-se simultaneamente duas modulações díspares. Do mesmo modo que a figura messiânica de Conselheiro conduz às aspirações de uma vida de abundância na Terra, com um chefe a ordenar o Mundo degradado; a promessa da redenção Celeste não se ofusca; do contrário, vigora com uma atração poderosa. Comunismo e a Doutrina cristã, materialismo e espiritualidade; ambos “encapsulados” na mesma figura messiânica: Salviano em “pele” de Conselheiro.

A partir dessa conjuntura mítica, a trama de Callado começa a ser permeada de um imbricamento de protótipos nordestinos na tentativa desenfreada de Salgado para forjar um modelo condizente com os intentos da “Operação Canudos”; carregado de uma função soteriológica que visasse à construção de um Paraíso Terrestre, mas camuflado pela mística cristã. Inicialmente, emergem a ideia de agrupar as figuras de Padre Cícero do Juazeiro, Antônio Conselheiro e Lampião, na tentativa de criar um misto de beato e revolucionário *vendetta*. Um protótipo ideal da junção do misto profeta-santo-sábio guerreiro; numa conexão entre o messianismo, a luta política e o banditismo edênico como forma de ruptura das relações humanas tradicionais. Esse híbrido se apresenta no intento de Salgado através do paradoxo “iluminado/não iluminado”, capaz de traçar as rotas do Plano

comunista com a vantagem do “escuro” da mística cristã. Em suma, um ímpeto de efervescência mitológica do imaginário político comunista a partir da missão atribuída ao personagem Manuel Salviano por meio de uma camuflagem messiânica.

Diante do exposto, esse estudo esclarece que as ações e investidas das personagens não cessam de instaurar a presença do Sagrado. Semelhante a Javé a formar o homem do barro, Salgado se apresenta determinado em “moldar” o Redentor dos camponeses a partir de figuras históricas, “vivas” no imaginário popular. A figura matriarcal, dotada de sensibilidade diante do sagrado, responsável pela organização da vida religiosa e tendo Terra Mãe como modelo cósmico, inconscientemente se torna objeto da empreitada de Salgado. O objetivo desse revolucionário seria alcançado quando as mulheres dos camponeses se prostrassem diante da figura fascinante do “Redentor”, Manuel Salviano, a fim de demarcar oposição e semear a crise entre os opostos, revertendo então novos adeptos ao Partido. O marceneiro embarca nessa impostura para hipnotizar o povo através da “Boa-Nova” de negação de Deus e do Paraíso Celestial até o do dia de Nossa Senhora da Glória, com a revelação do Plano: a recompensa para o Partido. É nessa hora que o homem aparentemente ateu investe uma clara devoção pelo Sol e, no lugar de atirar um autêntico ímpeto revolucionário, inaugura uma profecia de um futuro paradisíaco através da imaginação da matéria aquática, ao mesmo tempo em que anuncia o apocalipse da face vingativa de Deus a castigar os coronéis e grileiros. Desse modo, intensifica-se ainda mais uma luta contínua entre o apreço pela matéria e os valores do espírito.

Na terceira travessia, depara-se inicialmente com ressonâncias da imagística bíblica nos anseios poéticos do partidário comunista João Martins. Um retorno do mito Adâmico refletido no cenário sertanejo fluvial. Como ato divino da criação artística, esse poeta recorre às metáforas lácteas, ditosas, de aparência leitosa... a ilustrar um amor inolvidável por Ritinha. Numa leitura bachelardiana, o amor imaginário se revela como ilustração de um amor antigo. É também uma invenção do mito cosmogônico comunista que não se mantém inerte as várias formas de sacralização. Essa poética referenciada no cerne do texto prosaico resulta num antropomorfismo das polis, através do emblemático poema “bodas de Petrolina e Juazeiro”.

Nessa análise, a imagística bíblica, recém-descoberta e conexas em sua totalidade, começa a influenciar a execução do Plano de impostura, isto é, o fingimento taumaturgo para desmoralizar a Igreja e os padres. Em associações significativas e diálogos intertextuais, examinam-se os elementos da Bíblia cristã que passam a compor a narrativa

do romance. Uma estrutura imaginativa da qual Frye prefere chamar de universo mitológico. Nas variadas formas de símiles encontradas, identificam-se padrões míticos implícitos na experiência da personagem Salviano, frutos de suas leituras bíblicas para revesti-lo de Redentor, através de uma suposta “máscara” da mística cristã. Nesse quesito, os opostos se manifestam exatamente nas posturas das personagens, Salgado e Salviano, o primeiro, no aprisionamento; e o segundo, na absorção do Verbo Divino. Enquanto um é dominado pelo espírito do Mal e guarda a Palavra de Deus como artefato simbólico de vitória do materialismo; o outro se “alimenta” do arquétipo do profeta Elias, da vida penitente e contemplativa da conexão íntima com Deus, abandonando os protótipos sugeridos pelo líder do Partido. Tais elementos começam a compor um universo mitológico do papel profético e da função soteriológica do proletariado, como o uso do exórdio e da parábola, como fazia o próprio Cristo. Metáforas e símbolos bíblicos passam a compor o material imaginativo para os discursos dessa personagem, a ponto dele se desviar dos objetivos do Plano durante suas pregações. Isso porque a luta pelo direito da terra é tangenciada pela inventiva da parábola do Maneco, mostrando uma relação de pertencimento com o arquétipo materno da Divina Criação.

Ainda no que se refere à falsa atuação messiânica de Salviano, analise-se o que o narrador calladiano denomina de antologia de conversões milagrosas. Um aglomerado de epifanias simbólicas cristãs – “nuvem de ouro”, maná, cruz, entre outros – dotado de materiais propícios a narração de uma conversão cristã de associação significativa com a conversão de Paulo de Tarso, denominada de sauloânica. Tal inventiva é muito similar ao que o Novo Testamento descreve sobre a Segunda Vinda de Cristo. A partir dessa mitificação do marceneiro, instaura-se uma série de acontecimentos milagrosos perfeitamente equivalentes aos milagres de Jesus narrados nos Evangelhos. Em virtude desses episódios, focaliza-se o posicionamento das duas personagens na trama: enquanto Salgado busca descaracterizar a natureza do evento sagrado, através de sua visão materialista do mundo e, do binômio de repúdio à religião e à sua busca de sucesso para o Partido; Salviano se deslumbra diante de todo misticismo que se origina do círculo sagrado, derivado da união da simbologia cristã e de elementos da geografia e cultura do Sertão Nordestino.

Influenciado pela imagística bíblica e, seduzido pelo mistério do Sagrado, manifestado durante sua intrigante travessia como falso Redentor, a personagem Salviano se vê seduzido pela fascinante atração do Eros Divino. É o retorno ao mito de Prometeu ou

mesmo a revelação do arquétipo cristão em sua experiência pessoal. Esse personagem abdica dos intuits revolucionários e se reconcilia com a resignação, visto que o Eros se sobrepõe as forças inventivas do Caos. Um envolvimento profundo com o Amor inolvidável e inefável do mistério da Trindade que sonda as representações coletivas. Nessa experiência emotiva, “prehe” do numinoso, surge no cenário sertanejo o resgate da esperança, graças à ressacralização da vida, por meio da figura arquetípica Redentora que se revela Salviano.

Em virtude disso, na travessia final, descobre-se um processo de conversão dessa personagem que, em virtude de sua natureza, convencionou-se chamar de *mimetismo arquetípico-mitológico*, pois tudo aquilo que a princípio se apresentava como disfarce, uma farsa, uma espécie de camuflagem;, torna-se uma verdade para Salviano e para os camponeses. Isso porque, durante a representação do papel de beato, o papel profético e a função soteriológica de origem judaico-cristã se tornam sua mais profunda assunção. Isso porque Salviano não consegue se manter imune à influência dos poderosos arquétipos cristãos, pois o processo revolucionário político também provocou uma revolução no nível do consciente pessoal. A experiência se torna restauradora e numinosa, orientando o seu ego através de uma reverberação capaz de incidir num processo de mutação na postura política e religiosa; disposta a uma transformação da perspectiva materialista para espiritual, de revolucionário se torna um taumaturgo, antes ateu, agora devoto: uma inversão valorativa de opostos pelo acolhimento, repouso e intimidade da descida arquetípica em taça.

Dessa forma, o personagem calladiano assume um rumo a um transcendentalismo inevitavelmente contraditório à perspectiva revolucionária comunista, desviando-se drasticamente do plano “Operação Canudos” e enveredando por caminhos intrigantes e surpreendentes. Para o leitor atento, alguns indícios expostos podem ser indicativos dessa dubitável transformação: as descobertas e recriações das conversões milagrosas judaico-cristãs com o auxílio do Verbo Divino, o disfarce e farsa de um falso profeta taumaturgo, o inevitável papel redentorístico resultante de sua travessia messiânica junto aos sertanejos juazeirenses e a fascinante atração pelo Sagrado presente no mistério dos supostos milagres. Assim, transforma-se num verdadeiro Redentor Sertanejo, com pregações repletas de imagens vigorosas da promessa de redenção de luminoso valor; ao mesmo tempo em que sentencia, em tom apocalíptico, o destino cruel dos ímpios.

Inevitavelmente, nessa última travessia, convertido ao Cristianismo, a personagem nutre um intenso desejo pelo Transcendental, o que desencadeia uma gama de devaneios que se apresentam na narrativa como epifania do Divino. Assim, é obrigado a resistir às obras do Anticristo, na esperança de alcançar a Jerusalém Celeste. Na realidade, o Comunismo passa a significar o *diabolicus*; e Salgado, o Anticristo. É por meio do complexo de natureza simbólica do sal presente no nome das personagens: **Salgado** e **Salviano**, que se encontra a genuína forma de representação dos opostos: o Bem e o Mal; o sonho regozijador do quiliasmo marxista e a “Boa-Nova” do Reino Celestial. Nessa trama messiânica e apocalíptica, o Comunismo declina e o Cristianismo vigora com a renovação arquetípica da busca do Paraíso Perdido. Salviano se livra das ciladas demoníacas do quiliasmo marxista e “decola” intensamente na espera do Paraíso Celeste, assumindo a condição de mártir, semelhante a Cristo.

Sob tais conjunturas, na tensão proveniente do movimento político e dos mistérios do numinoso, a obra de Callado retoma e enriquece, assim como fez Marx, os grandes mitos escatológicos do mundo asiático e mediterrâneo: o papel do Redentor, do justo a fim de resgatar o Paraíso Perdido; o enriquecimento do mito venerável e toda ideologia messiânica judaico-cristã, como papel profético e a função soteriológica; e o conflito entre o Cristo e o Anticristo, com a vitória do primeiro: a esperança escatológica do fim absoluto da História. Entretanto, no lugar de transformar o estatuto ontológico do Mundo – a partir da sociedade utópica marxista, sem divisão de classes, através do retorno da Idade de Ouro –, a ficção de Callado culmina com a vitória do Cristianismo e o sentido extremamente negativo atribuído ao Comunismo – uma espécie de signo do mal. Uma trama propícia a ressoar modulações de um conflito político, social e religioso, cuja experiência com o Transcendental renova o arquétipo da Sede Paradisiaca numa intensidade que o faz transitar do materialismo à espiritualidade.

Referências



CORPUS

CALLADO, Antonio. **Assunção de Salviano**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

DE ANTONIO CALLADO

CALLADO, Antonio. **Tempo de Arraes**: padres e comunistas na revolução sem violência. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

SOBRE ANTONIO CALLADO

COELHO, João Marcos. **Antonio Callado**. Entrevista. São Paulo: Revista Veja, 14. Jul. 1976.

GOMES, Geam Karlo. **A Madona de Cedro: um diálogo entre literatura e religião**. 113f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

_____. A Teopoética das águas em *Assunção de Salviano*. In: MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO DA SILVA, Eli. **Literatura e os Rastros do Sagrado**. Campina Grande: EdUEPB, 2016.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Antonio Callado**: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1982.

MARTINELLI, Marcos. **Antonio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume; FAI, 2006.

SANDRONI, Laura. **Antonio Callado. Novas Seletas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

LITERÁRIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**. Chronica histórica e de costumes sertanejos sobre acontecimentos de Canudos. Brasília: Senado Federal, 1997.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Volume 1. São Paulo: Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, 1901. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2163. Acesso em 29. fev. 2016.

ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Clássicos Jackson. Trad. J. B. de Melo Souza. EbooksBrasil, 2005. Disponível em: www.ebooksbrasil.org/adobeebook/prometeu.pdf. Acesso em 03. set. 2016.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. Trad. António José de Lima Leitão. eBooksBrasil. Fonte Digital. Digitalização do livro em papel. Volume XIII. Clássicos Jackson W. M. Jackson Inc., Rio, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html>> Acesso em: 25. mar. 2016.

MORE, Thomas. **Utopia**. Clássicos IPRI. Trad. Anah de Melo Franco. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2004.

GERAIS

AGUIAR, Flávio. Ressonâncias da Bíblia na Literatura. In: FRYE. **Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura**. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Denesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A Água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio da Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2013a.

_____. **A chama de uma vela**. Trad. Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1989.

_____. **A Psicanálise do Fogo**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008.

_____. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antônio da Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A terra e o devaneio da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013b.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v.5, 1985.

BÍBLIA DE PROMESSAS. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2006.

BINGEMER, Maria Clara L. A Sedução do Sagrado. In: CALIMAN, Cleto. **A Sedução do Sagrado: O Fenômeno Religioso na Virada de Milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **Cristianismo: o mínimo do mínimo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRYANT, Christopher. **Jung e o Cristianismo**. Trad. Cecília Camargo Batalotti. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

CALASANS, José. **Notícias de Antônio Conselheiro**. Vol. 56. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1969.

CÂMARA DE VEREADORES DE PETROLINA. **História de Petrolina, A Capital do Sertão**. Arquivado desde *o original* em 23 de setembro de 2014. Consultado em 23 de setembro de 2014.

CAMPANELLA, Tommaso. **Cidade do Sol**. Versão para PDF por Marcelo C. Barbão. Ciberfil Literatura Digital, 2002.

CAVALI, Ethom F. **Psicologia e Alquimia: receitas antigas para viver num mundo novo**. Trad. Carlos Augusto L. Salum e Ana Lucia da R. Franco. São Paulo: Cultrix, 2005.

CECHINATO, Pe. Luiz. **Conheça melhor a Bíblia: noções gerais da Bíblia em linguagem popular**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COLLIN, Denis. **Compreender Marx**. Trad. Jaime Classen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CORBETT, Nancy Qualls. **A Prostituta Sagrada: A Face Eterna do Feminino**. Trad. Isa F. Leal Ferreira. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Paulinas, 1990.

CUNHA, Paulo Ribeiro. Utopia e Realidade na Luta Camponesa de Formoso e Trompas. In: STARLING, Heloisa M. Murgel *et al.* **Utopias Agrárias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Portugal: Edições 70, 1963.

_____. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Minerva, 1979.

_____. **Mito do Eterno Retorno**. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mendonça, _____.

_____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

- _____. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013
- _____. **Mitos, Sonhos e Mistérios**. Trad. Samuel Soares. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2000.
- _____. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Origens: História e Sentido na Religião**. Edições 70. Disponível em: <http://www.docfoc.com/mircea-eliade-origens-historia-e-sentido-na-religiaopdf>. Acesso: 23. Set. 2016.
- _____. **Tratado de História das Religiões**. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.
- FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- FERREIRA, Vera e AMAURY, Antonio. **De Virgolino a Lampião**. São Paulo: Ideia Visual, 1999.
- FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Trad. e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- _____. **O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**, Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GRUNSPAN-JASMIM, Élise. **Lampião: Senhor do Sertão: vidas e mortes de um cangaceiro**. Trad. Maria Celeste Franco Faria Marcondes e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2006.
- JOACHIN, Sébastien. **Poética do Imaginário – leitura do mito**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- JUNG, Carl Gustav. **Escritos diversos**. (dos volumes 10 e 11). Trad. Mateus Ramalho Rocha e Lúcia Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.
- _____. **Espiritualidade e Transcendência**. Seleção e edição de Brigitte Dorst. Trad. Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015b.

_____. **Interpretação psicológica do Dogma da Trindade.** Psicologia e religião ocidental e oriental. Trad. Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

_____. **Mysterium Coniunctionis.** Os componentes da coniunctio. Paradoxa. As personificações dos Opostos. Petrópolis: Vozes, 2011a.

_____. **O Homem e seus Símbolos.** Trad. Maria Lúcia Pinho. 3ª ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

_____. **O Homem e seus Símbolos.** Trad. Maria Lúcia Pinho. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., S.D.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Trad. Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. **Presente e Futuro: Civilização em Mudança.** Petrópolis: Vozes, 2013b.

_____. **Resposta a Jó.** Trad. Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2012b.

_____. **Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur.** Trad. Lorena Richter. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **O Sagrado Existe.** São Paulo: Ática, 1994.

LEGROS, Patrick *et al.* **Sociologia do Imaginário.** Trad. De Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÔBO, Lúcio Gusmão. **Conceitos e Verdades.** Ética Política e o Ser Humano. Brasília: Thesaurus, 2001.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no Espelho das Palavras.** Teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. ; BRANDÃO, Eli. O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In: MAGALHÃES, Antonio et al. (orgs). **O demoníaco na literatura.** Campina Grande: EDUEPB, 2012.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARX, ENGELS. **Manifesto Comunista,** p. 59. E-book, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf> Acesso: 23. Set. 2016.

MARX, Karl. **A ideologia alemã.** São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil.** São Paulo: A girafa, 2005.

- MESTERS, Frei Carlos. **Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1971.
- NONATO, Raimundo. **Jesuíno brilhante, o cangaceiro romântico**. Mossoró: Fund. Vingt-um Rosado, Mossoró, 2000.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PATAI, Raphael. **O mito e o Homem Moderno**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PENIDO, M.T.L. **O itinerário místico de São João da Cruz**. Petrópolis: Vozes, 1949.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário, In: _____. **Flores na escrivantina**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.
- RIBEIRO, Maria Goretti. **A Via Crucis da alma: leitura mitopsicológica da trajetória da heroína de “As parceiras”, de Lya Luft**. João Pessoa: UFPB Editora Universitária, 2006.
- RIDLEY, Mark. **Evolução**. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2006.
- SÃO JOÃO DA CRUZ. **A Noite Escura da Alma**. E-book gerado automaticamente. Hadnu, 2014. Acesso: www.kennaz.com.br/baixar/arquivos/14-a-noite-escura-da-alma-arquivo.pdf. Acesso em: 17. Jan. 2017.
- SERVICE, Robert. **Camaradas: uma história do comunismo mundial**. Trad. Milton Chaves Almeida. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015.
- SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- TCHERTKOV, V. P. *et al.* **Materialismo Dialético**. Academia de Ciências da URSS Instituto de Filosofia. Rio de Janeiro: Vitória Ltda, 1955.
- WALKER, Daniel. **Padre Cícero na Berlinda**. Versão digital disponível na internet. Rocket Edition – eBooksBrasil, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/padreciceronaberlinda.html>> Acesso em 07 mar. 2016.
- WEBB, Eugene. **A Pomba Escura – O Sagrado e o Secular na Literatura Moderna**. Trad. Hugo Langone. São Paulo: Realizações, 2012.
- WOLF, Eric. **As guerras camponesas do século XX**. São Paulo: Ed. Global, 1984.

ARTIGOS

BARROS, José D'Assunção. O conceito de alienação no jovem Marx. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 23, n. 1. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a11>> Acesso em: 24. mar. 2016.

KARLO-GOMES, Geam; RIBEIRO, Maria Goretti. Imaginário Comunista x Cristão e seus Ímpetos de Efervescência Onírica em *Assunção de Salviano*, de Antonio Callado. In: ARENDT, João Claudio... et al. (orgs.). **Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. Novas vozes. Novas linguagens. Novas leituras.** [recurso eletrônico] : anais do III Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. v.2 – Trabalhos completos. Caxias do Sul, RS : UCS, 2016.

MALACHIAS, Marcus Vinícius Bolívar. A verdadeira história da dança de São Guido. História. **Cardiofatos. Jornal SBC** Maio e Junho, 2000. Disponível em: <http://www.cardiol.br/publicacao/jornalsbc/39/012.pdf>. Acesso em 24. Set. 2016.

MARTINS, Daniel *et al.* Mimetismo com ênfase em espécies vegetais. **Integração**. Ano X, Nº 36. pp.27-31. Jan. fev. mar. 2004. Disponível em: <http://docplayer.com.br/16683083-Mimetismo-com-enfase-em-especies-vegetais.html>. Acesso: 26. Set. 2016.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Antônio Conselheiro e o mito do salvador. **História, imagens e narrativas**. nº 21. Outubro/novembro/2015. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao21outubro2015/conselheiro-salvador.pdf>. Acesso: 27. Jan. 2015

PISANI, Marília Melo. Sobre o conceito de revolução em Walter Benjamin e Herbert Marcuse. Recordando a Walter Benjamim. Justicia, Historia e Verdad. Escrituras de la Memoria. **III Seminário Internacional Políticas de la Memoria**. Buenos Aires-Argentina: Centro Cultural de Memoria Haroldo Conti, 2010.

RIBEIRO, Maria Goretti. O Arquétipo da Deusa na Vida, na Cultura e na Arte Literária. **Grafos**. João Pessoa, v. 10, n. 1, 2008.

SILVA JÚNIOR, Isaac José da; PEREIRA, Rakel Luciana Azevedo. Influências sebastiânicas no fantástico mundo do imaginário nordestino. **As invenções**. Comunicações orais. Disponível em: < <http://www.unicap.br/armorial/35anos/palavras.html#picaros> > Acesso em 07 mar. 2016.

TOLOVI, Carlos Alberto; BEZERRA; Marlene Duarte. As romarias do Juazeiro do Norte e o mito do Padre Cícero: entre o drama e o lúdico. **Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura**, Ano XI, n. 50. Paulinas, Abril/Maio/Junho 2015. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/as-romarias-do-juazeiro-do-norte-e-o-mito-padre-cicero-entre-o-drama-e-o-ludico/>> Acesso em: 07 mar. 2016.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 40 nº 1, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27066>>. Acesso em: 27. Jan. 2016.

VIER, Reimundo. São Francisco e o Pensamento Medieval. Disponível em: www.saoboaventura.edu.br/galeria/getImage/1/4704001497391750.pdf. Acesso: 16. Jan. 2016.

DICIONÁRIOS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionários de los Símbolos**. Barcelona: Herder, 1986.

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Dicionário escolar. Suplemento Educacional. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

SÍTIOS

CALDAS, Maria Helena. **Alguns fatos marcantes**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/lampiao/pages/cont2.htm>. Acesso em 23. Set. 2016.

SOUZA, Eguinaldo Hélio. **Por que o marxismo odeia o Cristianismo**. Portal Conservador. Disponível em: <<http://portalconservador.com/por-que-o-marxismo-odeia-o-cristianismo/>> Acesso em 10. Abril. 2016.

SUA PESQUISA.COM. **Biografia de Lampião**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/biografias/lampiao.htm>> Acesso em 14. Mar. 2016.